



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

**A GOVERNAMENTALIDADE ATRAVÉS DO DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO
PRÁTICA DE CONDUÇÃO DAS CONDUTAS DOS OUTROS E DE SI NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

MICHELI VERGINIA GHIGGI

Porto Alegre

2016

MICHELI VERGINIA GHIGGI

**A GOVERNAMENTALIDADE ATRAVÉS DO DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO
PRÁTICA DE CONDUÇÃO DAS CONDUTAS DOS OUTROS E DE SI NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Linha de pesquisa: Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos

Orientador: Prof. Dr. Jose Geraldo Soares Damico

Coorientadora: Profa. Dra. Rochele de Q. Loguercio

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Ghiggi, Micheli Verginia

A governamentalidade através do dispositivo esportivo como prática de condução das condutas dos outros e de si na sociedade contemporânea / Micheli Verginia Ghiggi. -- 2016.

208 f.

Orientador: Jose Geraldo Soares Damico.

Coorientadora: Rochele de Quadros Loguercio.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Dispositivo Esportivo. 2. Governamentalidade. 3. Exercitar-se. 4. Sucesso. I. Damico, Jose Geraldo Soares, orient. II. Loguercio, Rochele de Quadros, coorient. III. Título.

MICHELI VERGINIA GHIGGI

**A GOVERNAMENTALIDADE ATRAVÉS DO DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO
PRÁTICA DE CONDUÇÃO DAS CONDUITAS DOS OUTROS E DE SI NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jose Geraldo Soares Damico – UFRGS (orientador)

Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva – FURG

Prof. Dr. Ednaldo da Silva Pereira Filho – Unisinos

Prof. Dr. Santiago Pich – UFSC

*Dedico esta tese ao meu marido
Giovanni e ao nosso pequeno Hector...*

*...e aos que se aventuram no exercício
da produção de pensamento.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jose Geraldo Soares Damico, que me ‘adotou’ e aceitou o desafio de me orientar, mesmo a distância. Damico, obrigada por confiar em mim, obrigada por entrar na minha vida, obrigada por fazer parte da minha história;

À minha coorientadora, Dra. Rochele de Quadros Loguercio, que, além de me acolher com uma vaga de orientação no programa, me presenteou com uma vaga na sua vida e habitará sempre um lindo lugar no meu coração;

Aos queridos professores, membros da banca avaliadora por compartilharem um pouquinho de tamanha sabedoria. Méri, Dinho e Santiago, muito obrigada por aceitarem dividir este momento comigo;

Ao meu marido, Giovanni Trucolo por... tudo;

Ao meu pai, Renato Alfredo Ghiggi, que talvez não saiba o quanto me incentiva quando nunca impede, nunca duvida, simplesmente, ama;

À madrastra Olinda, por cuidar do meu pai;

À minha mãe, Maria Helena Fornari Ghiggi (*in memoriam*), quem deu início à minha vida e orientou meus primeiros passos;

Às minhas irmãs, Renata e Maiara, e à minha afiliada Helena, que sempre estiveram junto comigo, nunca permitiram que eu me sentisse só (méritos ao *WhatsApp* também);

À Bibi, a quem finalmente poderei responder: sim, Vó! Já concluí meus estudos! (pelo menos, por enquanto);

Às famílias que o casamento me trouxe, representadas pelos pais Raul e Cristina; Marilice e Elione;

À Tia Verinha e ao Tio Oscar, que me acolheram com todo conforto e carinho em todas as vindas a Porto Alegre, inclusive na etapa de seleção para ingresso no doutorado, na qualificação e agora na defesa;

Ao amigo Billy, pelo apoio na elaboração deste trabalho e pela amizade que mesmo com o fuso horário não se enfraqueceu. Obrigada, amigo, por sentir comigo as minhas alegrias e compartilhar as tuas;

Aos amigos, em nome dos queridos Gustavo Freitas, Daiana Viacelli, Paula Nunes, Alessandro Curi, Bruno Pastoriza, Josiane Domingues, Renata Teixeira e Gecele Paggi, que deixaram marcas mais evidentes neste percurso;

À Loughborough University (Reino Unido), em nome do professor Richard Giulianotti, e à Universidade do Algarve (Portugal), por terem me recebido de portas abertas, com enorme atenção e dedicação, para a missão científica proporcionada pela PROPG/UFRGS (à qual também agradeço imensamente);

Aos alunos do curso de Educação Física, colegas de trabalho e funcionários da UFMS;

Aos colegas e funcionários do PPGEC, em especial ao Douglas, que fez sempre mais do que suas obrigações para me ajudar;

Ao grupo dos orientandos da Rochele, amigos queridos que sempre me acolheram;

Às instituições UFRGS e UFMS, que me apoiaram na realização de sonhos e, além de me proporcionarem a formação, também me permitiram vivenciar momentos inesquecíveis e conhecer pessoas maravilhosas;

Ao Hector, meu companheirinho, minha paixão, minha alegria, minha vida!

“Não imagine que precise ser triste para ser militante, mesmo se a coisa que combatemos é abominável. É o elo do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária.”

Michel Foucault

RESUMO

Neste trabalho, acompanha-se o movimento de dispersão do dispositivo esportivo, uma ideia de transposição da lógica esportiva para outros domínios da vida. O objeto da pesquisa é o dispositivo esportivo, visto como uma forma de gerenciamento para a vida que produz modos de ser e agir. Optou-se por analisá-lo por meio de três de suas manifestações: as olimpíadas escolares, as biografias motivacionais ou de autoajuda e o Prêmio Jovem Cientista (2012). Para isso, esta tese foi organizada em três artigos, definidos por seções, conforme cada uma das manifestações mencionadas. O objetivo da pesquisa foi analisar como o dispositivo esportivo permeia a vida dos indivíduos, constituindo sujeitos em uma sociedade que os percebe como parte de um jogo com dinâmicas de concorrência, produtividade e autopreparação. A governamentalidade foucaultiana foi a ferramenta teórico-metodológica de análise, possibilitando a problematização das diferentes formas pelas quais os sujeitos são cotidianamente governados. Essa ferramenta pode ser considerada como uma grade de análise onde se passam as relações de poder a serem examinadas para tentar perceber como se conduz a conduta dos sujeitos. Assim, foi possível analisar as tecnologias de governar exercidas sobre os outros e as tecnologias de si que resultam na produção de determinadas subjetividades e na constituição de sujeitos. Foram problematizadas certas verdades, ou discursos tomados como verdadeiros, que funcionam atrelados a sistemas de poder e a manutenção de um *status* verdadeiro (regimes de verdade). O dispositivo esportivo atua como auxiliar na produção de regimes de verdade com a utilização de orientações prescritivas de práticas atreladas ao esporte. Nesse movimento não se constituem verdades, a partir da prática esportiva, apenas para os atletas, treinadores e pessoas envolvidas com a prática esportiva de alto rendimento, mas também para quaisquer sujeitos na vida cotidiana. O dispositivo esportivo possui visibilidade e modos de poder suficientes para funcionar mesmo quando não há a manifestação da prática esportiva. O esporte, nesse contexto, aparece como um vetor para a inserção dos sujeitos em diferentes domínios da sociedade. Percebe-se que, através do dispositivo esportivo, encontrou-se uma forma de poder capaz de fornecer orientações de como alcançar o sucesso em qualquer setor da sociedade. A possibilidade de realizar uma metáfora da vida através do esporte faz com que exemplos do esporte sirvam de modelo para orientar como vencer uma concorrência de trabalho, ensinar alunos na escola ou para educar os filhos. Percebemos que há no dispositivo esportivo algumas características que marcam a orientação para noções muito próximas àquelas identificadas no projeto neoliberal, como a sujeição, o disciplinamento/control e a aceitação das desigualdades pelo (des)merecimento. O modelo esportivo é utilizado pela racionalidade neoliberal, principalmente no que toca as questões da concorrência, do treinamento e da superação. Ressalta-se que o modelo esportivo não atua apenas como auxiliar, mas se apresenta na sociedade contemporânea como uma forma de os sujeitos exercitarem a si mesmos para o alcance das competências exigidas a fim de se obter alguma forma de sucesso. Tal obtenção beneficia a própria governamentalidade neoliberal, que tem na população seu objeto e na economia seu saber mais importante. O problema talvez não esteja no próprio poder, mas nos efeitos de dominação. Naquilo que os próprios governados fazem para governar os outros sujeitos e fazer com que eles conduzam a si próprios de uma maneira específica. Os domínios de intervenção do dispositivo esportivo são muitos e estão a se expandir em diferentes modalidades de produção de sujeitos contemporâneos.

Palavras-chave: Dispositivo esportivo. Exercitar-se. Governamentalidade. Sucesso.

RESUMEN

En este trabajo se acompaña el movimiento de dispersión del dispositivo deportivo, una idea de transposición de la lógica deportiva para otros dominios de la vida. El objeto de la investigación es el dispositivo deportivo, visto como una forma de gestión para la vida que produce modos de ser y actuar. Se optó por analizarlo por medio de tres de sus manifestaciones: las olimpiadas escolares, las biografías motivacionales o de autoayuda y el Premio Joven Científico (2012). Para eso, esta tesis fue organizada en tres artículos, definidos por secciones, conforme cada una de las manifestaciones mencionadas. El objetivo de la investigación fue analizar como el dispositivo deportivo permea la vida de los individuos, constituyendo sujetos en una sociedad que los percibe como parte de un juego con dinámicas de competencia, productividad y auto preparación. La gubernamentalidad foucaultiana fue la herramienta teórico-metodológica de análisis, posibilitando la problematización de las diferentes formas por las cuales los sujetos son cotidianamente gobernados. Esa herramienta puede ser considerada como una reja de análisis donde se pasan las relaciones de poder a ser examinadas para intentar percibir cómo se conduce la conducta de los sujetos. Así, fue posible analizar las tecnologías de gobernar ejercidas sobre los otros y las tecnologías de sí que resultan en la producción de determinadas subjetividades y en la constitución de sujetos. Fueron problematizadas ciertas verdades, o discursos tomados como verdaderos, que funcionan articulados a sistemas de poder y el mantenimiento de un estatus verdadero (régimenes de verdad). El dispositivo deportivo actúa como accesorio en la producción de régimenes de verdad con la utilización de orientaciones prescriptivas de prácticas acopladas al deporte. En ese movimiento no se constituyen verdades, a partir de la práctica deportiva, sólo para los atletas, entrenadores y personas envueltas con la práctica deportiva de alto rendimiento, pero también para cualesquiera sujetos en la vida cotidiana. El dispositivo deportivo posee visibilidad y modos de poder suficientes para su funcionamiento aun cuando no hay la manifestación de la práctica deportiva. El deporte, en ese contexto, surge como un vector para la inserción de los sujetos en diferentes dominios de la sociedad. Se percibe que, a través del dispositivo deportivo se encontró una forma de ser capaz de fornecer orientaciones de cómo lograr éxito en cualquier sector de la sociedad. La posibilidad de celebrar una metáfora de la vida a través del deporte hace que ejemplos deportivos sirvan como modelo para guiar la manera de vencer una competición de trabajo, enseñar estudiantes en la escuela y para educar hijos. Percibimos que hay en el dispositivo deportivo algunas características que marcan la orientación a las nociones muy cerca a las identificadas en el proyecto neoliberal, como el sometimiento, o la disciplina/control y la aceptación de las desigualdades por (des)mérito. El modelo deportivo es utilizado por la racionalidad neoliberal, sobre todo en lo que concierne a las cuestiones de competencia, de la capacitación y de la superación. Cabe señalar que el modelo deportivo no actúa sólo como un auxiliar, pero en la sociedad contemporánea se presenta como una forma de los sujetos ejercitaren a uno mismo para lograr las competencias necesarias para obtener alguna forma de éxito. Tal obtención beneficia la propia gobernabilidad neoliberal, que tiene en la población su objeto y en la economía su saber más importante. El problema tal vez no conste en el propio poder, pero en los efectos de la dominación, en lo que los propios gobernados hacen para gobernar los otros y hacer con que ellos conduzcan a uno mismo de una manera específica. Los dominios de intervención del dispositivo deportivo son muchos y están a si difundir en diferentes modalidades de producción de sujetos contemporáneos.

Palabras clave: dispositivo deportivo. Ejercitarse. Gubernamentalidad. Éxito.

ABSTRACT

In this work, it is accompanied the spreading movement of the sport device, relaying the idea of sports logic to other domains of life. The object of the research is the sport device, seen as a form of management for the life that produces ways of being and acting. It was decided to analyse it through three of its manifestations: the school olympics, motivational or self-help biographies and the Prêmio Jovem Cientista (*Young Scientist Award*, 2012). To do this, this thesis was organised in three articles defined by sections, according to each of the mentioned events. The objective of the research was to analyse how the sport device permeates the lives of individuals, constituting subjects in a society that perceives them as part of a game with competition dynamics, productivity and self preparation. Foucault's governmentality was the theoretical and methodological analysis tool, allowing the questioning of the different ways in which the subjects are routinely ruled. This tool can be considered as an analysis grid where power relations undergo to be examined to try to understand how to conduct the conduct of the subjects. Thus, it was possible to analyse the governing technologies exercised over others and the technologies of themselves that result in the production of certain subjectivity and in constitution of subjects. They were problematised certain truths, or discourses taken as true, that work linked to systems of power and maintaining of a true status (regimes of truth). The sport device acts as an auxiliary in producing regimes of truth through the use of prescriptive guidance of practices linked to the sport. In such movement trues are not constituted, from the sports practice, just for athletes, coaches and people involved with high performance sports activities, but also for any subject in everyday life. The sport device has visibility and modes of power sufficient to operate even when there is no manifestation of the sport. The sport in this context appears as a vector for the insertion of subjects in different fields in society. It can be seen that through the sport device, it was found a form of power that can provide guidance on how to achieve success in any sector of society. The possibility of holding a metaphor for life through sports makes sport examples to serve as models to guide how to overcome a competitive work, teach students at school or to educate children. We realise that there is in the sport device some features that characterise the orientation to very similar ideas to those identified in the neoliberal project as the subjection, the discipline / control and the acceptance of inequality by (de) merit. The sport model is used by neoliberal rationality, especially in regards to issues of competition, training and overcoming. It is noteworthy that the sport model not only serves as an auxiliary, but it is presented in contemporary society as a way to exercise the subjects themselves to the achievement of the skills required in order to obtain some form of success. Such obtaining benefits the neoliberal governmentality itself, which has its object in the population and in the economy it's more important knowledge. The problem may not be in their power itself, but in the domination effects. In what the governed do to govern the other individuals and make them to conduct themselves in a specific way. The sport device fields of intervention are many and they are expanding in different modalities of production of contemporary subjects.

Keywords: Sport device. Exercise oneself. Governmentality. Success.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Inscrições na 1ª fase da OBMEP (2005 e 2014).....	72
Quadro 2 – Títulos que compõem a coleção <i>Na vida como no esporte</i> , organizada por Bernardinho.....	112
Figura 1 – Reportagem sobre o livro <i>Superação</i>	127

LISTA DE SIGLAS

- AEB** – Agência Espacial Brasileira
- Capes** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- Cenpec** – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
- COB** – Comitê Olímpico Brasileiro
- COI** – Comitê Olímpico Internacional
- Consed** – Conselho Nacional de Secretários de Educação
- CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FEI** – Faculdade de Engenharia Industrial
- FNDE** – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- GE** – General Eletric (empresa)
- Impa** – Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada
- INCT-Mat** – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Matemática
- MCTI** – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
- MEC** – Ministério da Educação
- OBA** – Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica
- Obap** – Olimpíada Brasileira de Agropecuária
- OBB** – Olimpíada Brasileira de Biologia
- OBF** – Olimpíada Brasileira de Física
- OBFEP** – Olimpíada Brasileira das Escolas Públicas
- OBG** – Olimpíada Brasileira de Geografia
- OBI** – Olimpíada Brasileira de Informática
- OBL** – Olimpíada Brasileira de Linguística
- OBM** – Olimpíada Brasileira de Matemática
- OBMEP** – Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
- OBQ** – Olimpíada Brasileira de Química
- OBQJr.** – Olimpíada Brasileira de Química Júnior
- OBR** – Olimpíada Brasileira de Robótica
- OBSMA** – Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente
- OC** – Olimpíada do Conhecimento

OLP – Olimpíada de Língua Portuguesa
ONG – Organização não governamental
ONHB – Olimpíada Nacional de História do Brasil
ONO – Olimpíada Brasileira de Oceanografia
PIC – Programa de Iniciação Científica
PICME – Programa de Iniciação Científica e Mestrado
PJC – Prêmio Jovem Cientista
SAB – Sociedade Astronômica Brasileira
SBC – Sociedade Brasileira de Computação
SBM – Sociedade Brasileira de Matemática
Secis – Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social
Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFSJ – Universidade Federal de São João Del-Rei
Undime – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
Unesp – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	16
1	INTRODUÇÃO.....	19
2	QUE CAMINHOS SEGUIR? DAS OPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	27
2.1	Primeiros passos.....	27
2.2	Os cruzamentos: apontamentos teóricos sobre as necessidades de pesquisa...	31
2.3	O discurso como prática fundamental na constituição de sujeitos.....	34
2.4	O encontro com o dispositivo: a identificação de um conceito operatório para pensar a lógica esportiva.....	38
2.5	A governamentalidade foucaultiana como teoria de análise.....	42
2.6	Genealogia, arqueologia, anarqueologia? Não sei qual a minha metodologia!.....	51
Primeira parte - O GOVERNO DOS OUTROS		
3	AS OLIMPÍADAS ESCOLARES COMO PRÁTICA DE GOVERNAMENTO DOS OUTROS ATRAVÉS DO DISPOSITIVO ESPORTIVO.....	57
3.1	Introdução.....	57
3.2	Primeiros passos no rastro de uma conduta esportiva: cercar a dispersão da lógica esportiva e destacar o dispositivo esportivo.....	57
3.3	Procedimentos metodológicos.....	63
3.4	A esportivização dos saberes: as competições escolares como espaços privilegiados para o exercício da governamentalidade (descrição do <i>corpus empírico</i>).....	66
3.5	As olimpíadas escolares: como elas se apresentam.....	70
3.5.1	<i>Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP): somando novos talentos para o Brasil.....</i>	70
3.5.2	<i>Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM).....</i>	73
3.5.3	<i>Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP): escrevendo o futuro.....</i>	74

3.5.4	<i>Olimpíada do Conhecimento (OC): superar seus limites</i>	76
3.5.5	<i>Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA)</i>	77
3.5.6	<i>Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR)</i>	78
3.6	Governamentalidade: a condução das condutas através do dispositivo esportivo, para além da prática dos esportes	79
3.7	Reflexões sobre a utilização das olimpíadas escolares como tecnologia para governar a busca da superação	87
3.8	Considerações finais	94

Segunda parte - O GOVERNO DE SI

4	A VIRTUDE DE GOVERNAR: O DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO ELEMENTO DO GOVERNO DE SI	97
4.1	Introdução	97
4.2	A condução das condutas de si e a relação com o dispositivo esportivo	98
4.3	Apresentação do <i>corpus</i> empírico: as biografias analisadas	102
4.4	Aletas da vida	106
4.5	Vitória e sucesso: a salvação no mundo contemporâneo	118
4.6	A disciplina para a concorrência: a corrida pelo alcance da liderança	129
4.7	O eu empreendedor através do modelo esportivo	137
4.8	Considerações finais	143
5	O PRÊMIO JOVEM CIENTISTA 2012: A <i>EPISTÉME PRAKTIKÉ</i> NO DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO TÉCNICA DE CONVERSÃO A SI...	145
5.1	Introdução	145
5.2	O que é o PJC?	146
5.3	Opções teórico-metodológicas	148
5.4	O que é o kit PJC?	151
5.4.1	<i>Um manual para produzir um jovem cientista</i>	153
5.5	A visibilidade esportiva como elemento de conversão a si	154
5.6	O exemplo do corpo esportivo: o espalhamento das práticas de treinamento (<i>ascese</i>) e preparação (<i>paraskeué</i>)	156
5.6.1	<i>Experts: os legitimados a convencerem através do discurso esportivo</i>	159

5.7	Produção de sujeitos e saberes: à guisa de conclusão.....	161
6	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	164
	REFERÊNCIAS.....	169
	APÊNDICE A – Tabela dos dados de propagação das olimpíadas escolares....	176
	APÊNDICE B – Lista dos alertas criados no Google para recebimento de sinalização das publicações referentes aos temas pesquisados.....	178
	APÊNDICE C – Tabela de análise da biografia de Bernardinho (2006).....	179
	APÊNDICE D – Tabela de análise da biografia de Anderson Silva (2012).....	181
	ANEXO A – Fichas de orientação para a busca do sucesso.....	183
	ANEXO B – Pirâmide do Sucesso.....	188
	ANEXO C – Roda da Excelência.....	189
	ANEXO D – Lista das biografias mais vendidas na seção “esporte e lazer” da loja <i>Amazon</i>.....	190

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa pode ser caracterizada dentro das perspectivas pós-estruturalistas, focalizando o dispositivo esportivo como produtor de verdades e sujeitos na contemporaneidade. O trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, e insere-se em uma área considerada multidisciplinar pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Inserida no contexto do referido programa, a pesquisa pertence à linha de pesquisa denominada *Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos*.

Além da definição de uma área mais específica, a pesquisa localiza-se de forma mais abrangente no campo da educação. Ela assim pode ser situada devido ao tratamento realizado, principalmente quanto à análise dos discursos, considerando-os como estratégias de governamento da população. As técnicas e os discursos que orientam as vidas das pessoas têm o objetivo de torná-las e/ou transformá-las em um tipo específico de sujeito. E, como questiona Tomaz Tadeu da Silva, “não é exatamente nesse empreendimento, no empreendimento de fabricar um determinado tipo de pessoa, que estamos envolvidos todos nós que trabalhamos na educação?” (2001, p. 44).

Quanto à localização acadêmica, pode-se considerar que me inseri na área de Educação em Ciências através de uma das vertentes em Educação Física que se desenvolve a partir de e se relaciona com o campo das Ciências Humanas e Sociais. No âmbito das Ciências Humanas, há uma parcela significativa de professores em Educação Física que se dedicam ao seu estudo como área de conhecimento que se constitui e desenvolve a partir da existência do ser humano e principalmente de sua relação com os outros, através das diferentes formas de linguagem. Assim, tornam-se alvo de suas investigações questões sobre como as pessoas se relacionam com seu passado, com as coisas e com as outras. A partir dessas relações, surgem inúmeras possibilidades de se construir diferentes saberes, para os quais as Ciências Humanas, através da Educação Física e de outras áreas da educação, desenham formas possíveis (FOUCAULT, 1999).

Enquanto professora de Educação Física, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus do Pantanal - Corumbá) e doutoranda, assumo que não foi por acaso que passei a utilizar Foucault como base das minhas referências de pesquisa. Também não foi por acaso que passei a fazer parte desta linha de pesquisa neste programa de pós-graduação. De certa forma, foi através do autor que me inseri no programa e na linha de pesquisa de que

participo hoje, e também através dele que conheci os professores que me orientam no doutorado. Foi em busca da compreensão dos pensamentos gerados a partir do contato com as leituras de Foucault e a vontade de decifrá-lo que me aproximei do estudo das noções e das conexões existentes entre a produção de verdades, dispositivos, discursos, saberes e poderes e as suas implicações na constituição dos sujeitos.

São inúmeras as estratégias e práticas que conduzem os diferentes sujeitos a seguirem um determinado modo de governarem suas vidas a partir de algumas verdades específicas. O esporte, bem como havia me motivado ao ingresso na graduação em Educação Física, também me levou ao interesse em pesquisar como tal prática poderia influenciar na forma como os sujeitos se constituem na sociedade contemporânea. No início da formação, mesmo ainda com poucas possibilidades para que eu pudesse refletir cientificamente sobre o universo esportivo, ele já fazia parte da minha vida, conduzindo minhas experiências e as formas mais particulares de pensar e agir.

A trajetória de contato com o conhecimento e a continuidade na formação modificaram a minha relação com o universo esportivo, tornando-a mais complexa e desconfiada. Houve uma transformação ocorrida durante o mestrado, principalmente motivada pelas relações estabelecidas naquele período. As pessoas que conheci, as conversas, as indicações, as discussões, as provocações fizeram com que eu me encontrasse em uma nova relação teórica que, de forma resumida, se afastava do estruturalismo bourdieusiano e se aproximava do pós-estruturalismo foucaultiano. Talvez eu até me pareça um pouco com a percepção que tenho desta perspectiva teórica, pois, mais do que me dar respostas e me aquietar, ela me causa desconforto e necessidades de novas descobertas.

Quanto à temática da pesquisa, posso mencionar que, entre os meus primeiros sentimentos com a questão do modelo esportivo, estiveram a emoção e a indignação. A emoção – aflorada por momentos marcantes ocorridos no esporte, junto com as falas dos narradores, as músicas de fundo, as imagens e os depoimentos dos atletas – é difícil de conter. Bem como é difícil de conter a indignação pelo fato de o esporte estar sendo dispersado frequentemente como um exemplo a ser seguido por pessoas comuns em suas vidas cotidianas. Uma das cenas que até hoje me incomodam, quando é relembrada desta forma, é a chegada da maratonista suíça Gabriele Andersen nas Olimpíadas de Los Angeles (1984)¹. A história, utilizada por grupos motivacionais, igrejas e empresas (para citar alguns), foi

¹ Vídeo da apresentação do ocorrido realizada por um canal de televisão, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CKTjdXyJuYM>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

relembrada recentemente pelo jornal Folha de S. Paulo, em 3 de agosto de 2014, de onde retiro um pequeno trecho para apresentá-la aqui.

A imagem que ficou, porém, foi a do esforço desesperado da suíça Gabriele Andersen, que entrou no estádio com o corpo em petição de miséria. Desidratada e sofrendo câibras, mal conseguia controlar os movimentos. Mesmo assim, torta e quase desmaiando, completou a prova. Levou cerca de cinco minutos para percorrer a última volta e fechou em 2h48min42, o que lhe valeu o 37º lugar. Não ganhou medalha, mas passou à história como exemplo de determinação.²

Seguirei agora para uma etapa desse percurso de inquietações, já inserido na nova relação teórica mencionada. Possivelmente serão perceptíveis as relações guardadas com as experiências vividas em movimentos de pesquisa e momentos anteriores, pois também me compuseram como pesquisadora e sujeito que pesquisa. Do movimento que será apresentado aqui, espero dar continuidade à produção do conhecimento, guardar as relações teóricas e pessoais geradas e utilizar todo o aprendizado que me foi proporcionado.

² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/08/1495014-maratonista-suica-relembra-chegada-epica-em-los-angeles-1984.shtml>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

1 INTRODUÇÃO

Basta adentrarmos qualquer livraria, seja ela pequena, média, grande ou *mega*, para nos depararmos logo de entrada com aquelas obras mais vendidas, certamente que não por acaso combinam em um primeiro plano a associação entre obras (auto)biográficas com a chamada literatura de autoajuda. Há alguns anos pude perceber outra temática somada às duas anteriores. Trata-se da metáfora esportiva: *Aprenda a ser campeão com lições dos esportes olímpicos* (27/07/2012)³; *Assuma a postura de campeão frente aos desafios da vida*⁴; *Quer ser campeão? Então pense como campeão!* (01/05/2011)⁵; *Como ser um campeão na sua vida* (25/10/2010)⁶. Esses são apenas alguns dos títulos disponíveis e se debruçam sobre praticamente todos os domínios da conduta humana⁷ – cuidados com a saúde, recursos humanos, bem-estar e autoconhecimento, psicologia e motivação, carreira e sucesso profissional, relacionamento amoroso, entre tantos outros.

Os textos apresentam formas de se ter uma personalidade mais equilibrada e pronta para agir em qualquer tipo de dificuldade, através de atitudes inspiradas na “força de vontade” e “superação” dos atletas olímpicos. O texto intitulado *Assuma a postura de campeão frente aos desafios da vida* é ilustrado com uma imagem de um boxeador, com os braços/mãos/luas ao alto enquanto recebe um cinturão por alguma premiação. No texto estão assinaladas as características de um campeão e de um perdedor no boxe. O primeiro possui olhar firme, confiança, cabeça erguida, esbanja saúde e vontade de vencer, já o segundo é desmotivado, desestruturado, inseguro, cabisbaixo e não encara seu adversário de frente. Para a autora, um campeão tira lições das derrotas, aprende com seus erros e se fortalece, “e a isso damos o nome de poder pessoal, aquela enorme força interna que todos nós possuímos, mas que em algumas pessoas se encontra adormecida”.

O título *Quer ser campeão? Então pense como campeão!* refere-se a um texto no qual o autor afirma diversas vezes que apenas o primeiro lugar importa nas competições e na vida, pois o segundo lugar já é o primeiro perdedor. Exemplifica com o relato de uma atleta que afirmou receber a medalha de bronze como se fosse ouro, e diz ser um absurdo uma menina

³ Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/fitness/galerias/15421-aprenda-a-ser-campeao-com-licoes-dos-esportes-olimpicos>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁴ Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=10733>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁵ Disponível em: <<http://www.rhevistarh.com.br/portal/?p=3379>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁶ Disponível em: <<http://www.escolapsicologia.com/vida-de-campeao>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

⁷ Para Foucault (1995, p. 243), a conduta é o ato de conduzir os outros e também a maneira como se deve comportar inserido em um campo de possibilidades. “O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade.”

que muda de cidade ou região para treinar até 10 horas por dia se contentar com o bronze. Se fosse uma atleta russa choraria com a prata, porque perdeu. E relaciona: “enquanto os brasileiros contentarem-se com o ‘quase’ continuaremos sendo um país ‘em desenvolvimento’, nunca um país desenvolvido, VENCEDOR”. No texto, o autor faz-se um questionamento sobre estar sendo muito duro e responde que “Duro é estar desempregado e voltar para casa e ter que convencer sua mulher e filhos a ficarem felizes porque naquela seleção de emprego você ficou em segundo lugar (ou seja, continua desempregado), mas é ‘prata’”⁸.

O último dos títulos apontados no primeiro parágrafo desta seção, *Como ser um campeão na sua vida*, refere-se a uma composição dividida em cinco publicações. Neste caso, o autor trata o campeão não como alguém que precise bater recordes, mas sim pessoas bem-sucedidas que tenham alcançado esse *status* através de um “sentimento interno de bem-estar, felicidade e realização pessoal, [...] um sentimento de autoeficácia e adequação às situações de vida”. Ao longo da publicação, com objetivo motivacional, existem várias orientações para obter o sucesso na vida (vida de campeão, vontade contínua, combatividade perante o fracasso, ações orientadas para a vitória, paixão, impetuosidade, energize-se, reforce-se, a capacidade de agir), utilizando como exemplos diversas histórias e frases de atletas como Carlos Lopes (campeão olímpico da maratona em 1984), Ayrton Senna e Michael Jordan⁹.

Esse conjunto de afirmações para a vida através do exemplo de uma conduta esportiva demonstra a produção de uma crescente lógica discursiva, principalmente direcionada a uma motivação que deve partir de cada um dos sujeitos¹⁰. Tais prescrições parecem orientar movimentos de mudança para alguns sujeitos, tornando-se uma opção ou um estilo de vida em busca de um determinado sucesso na carreira ou no âmbito particular. Considerando a crescente abrangência dessa temática e sua relevância para muitas pessoas, ela constituiu-se um conjunto de dúvidas e questionamentos que suscitaram a problemática desta pesquisa.

Assim, passo a acompanhar um movimento que chamo de *dispersão do dispositivo esportivo*, ou seja, trata-se de uma transposição de certos códigos, máximas, consignas,

⁸ Esse artigo gerou um intenso debate na seção dos comentários (23 ao total) na própria página *on-line*. Em sua maioria, ficaram divididos entre aqueles que concordam e os que discordam do autor, expondo seus motivos e justificativas.

⁹ Todos os comentários para este texto na página agradecem o autor por alguma forma de auxílio que o escrito gerou, como motivação, enriquecimento, melhoras na autoestima e depressão, melhora de atitudes e transformação.

¹⁰ A partir das apropriações de Foucault, entendemos por sujeito aquele que está subjugado, que se torna sujeito a alguém ou alguma coisa, pelo controle e dependência, e, que está preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento.

exclusivos ou próprios do âmbito esportivo, para outros domínios da vida contemporânea. Assim, deixando de constituir verdades apenas sobre atletas, treinadores e pessoas envolvidas com a prática esportiva de alto rendimento, espalha-se para o domínio comum da vida cotidiana. Também já não se fazem presentes apenas em espaços considerados propriamente esportivos, como pistas, quadras, piscinas e campos de treinamento e competições. O dispositivo esportivo parece já se impor em fluxos e intensidades (quantidade e estrutura) suficientes para funcionar mesmo quando não é o esporte propriamente dito que está sendo praticado. Com isso, quero dizer que tenho alimentado a suspeita de que os discursos e enunciados esportivos já não mais prescindem da prática esportiva para sobreviver.

Por lógica esportiva, entende-se um conjunto de práticas orientadoras dentro de uma organização própria. Esse universo é amplamente regrado e controlado; de modo geral, está baseado nos princípios de racionalização, burocratização, treinamento, seleção, domínio do corpo, rendimento, competição e máximo desempenho. Nesse sentido, entendo que a prática esportiva é atravessada ainda por dispositivos de motivação, como conquistar, buscar, alcançar, ter força de vontade e superar limites. Tais dispositivos atuam no sentido de estimular a projeção em direção a um objetivo sempre maior, que na prática esportiva se refere à obtenção do melhor resultado em comparação com os outros e consigo mesmo em uma determinada tarefa (DAMICO, 2012; SILVEIRA; RIGO, 2015; FREITAS, 2009).

Uma das inquietações que moveu este trabalho nasceu da suspeita de que o esporte contemporâneo cada vez mais tem se inserido em diferentes domínios ou campos da sociedade, desde os meios de comunicação ao científico. Noto principalmente que a diversidade de domínios (ciência, escola, trabalho, mídia etc.) tem sido invadida por discursos da lógica esportiva, como o treinamento, a seleção, a preparação, a organização de competições como olimpíadas, o ranqueamento, o recorde e as formas de premiação. A suspeita dessa dispersão suscitou a reflexão acerca da existência de um princípio esportivo, pautado na lógica do esporte de alto rendimento, muitas vezes transmitido por meio de metáforas, utilizado para conduzir modos de vida.

Neste estudo, tratarei de práticas de governo e governamentalidade através do dispositivo esportivo em olimpíadas escolares, livros de autoajuda e no Prêmio Jovem Cientista de 2012. Para isso, defini como objeto de pesquisa justamente a utilização do dispositivo esportivo como uma forma de gerenciamento da vida, que produz modos de ser e agir na sociedade atual. Como em uma colheita, juntei todos os dados que pudessem me ajudar a elaborar e apontar os procedimentos de pesquisa. Fiz da internet, através dos meios de busca *on-line*, minha cesta de informações para a captação e seleção dos materiais a serem

analisados e também para a própria coleta de dados. Na perspectiva de desenvolver esta pesquisa de doutorado, formulei de modo mais abrangente as seguintes questões de pesquisa:

- Como o dispositivo esportivo passou a se proliferar para além do contexto da prática dos esportes e vem se tornando um modelo de gerenciamento e conduta para outras práticas da vida/sociais?
- De que modo diferentes manifestações sociais, de domínios distintos, têm utilizado o modelo esportivo como referência de conduta para a vida?
- Que tipos de sujeito e sociedade se pretende produzir a partir da utilização da conduta esportiva como um exemplo para a vida?

Com relação aos aspectos teórico-metodológicos, a governamentalidade foucaultiana foi minha ferramenta de análise sobre o dispositivo esportivo, e através dela procurei compreender como estamos sendo cotidianamente governados. O conceito de governamentalidade apresenta-se como uma ferramenta de análise que possibilita a problematização das diferentes formas de condução (de si e dos outros). Através dessa ferramenta, é possível analisar as próprias técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si, que resultam na produção de determinadas subjetividades e na constituição de sujeitos.

Foram utilizados determinados fragmentos de diferentes perspectivas foucaultianas, como a arqueologia, a genealogia e a anarqueologia, como inspirações metodológicas que foram delineadas ao longo do detalhamento e da descrição da pesquisa. Nenhuma opção metodológica foi abordada como um manual de metodologia de pesquisa, mas como fontes de inspiração investigativa. Por isso, mais do que tentar enquadrar este trabalho em uma ou outra metodologia de pesquisa, procurei pistas em procedimentos metodológicos já realizados para utilizar suas possíveis aproximações e afastamentos neste empreendimento metodológico.

As análises e as descrições foram motivadas por algo que é fundamental nos estudos discursivos de orientação foucaultiana: a compreensão do modo como os saberes se constituem e formam redes de discursos e enunciados. Em outros termos, trata-se de analisar o feixe de relações que permite localizar e descrever determinadas regras de formação discursiva, em meio à dispersão enunciativa que lhe é característica. Sobretudo quando a análise abarca textos midiáticos, literatura de autoajuda, ou até mesmo certas políticas públicas, essa dispersão se destaca ainda mais, dadas as características prescritivas destas produções discursivas.

As discussões apresentadas nesta tese tomam forma a partir da noção de “enunciado reitor”, desenvolvido por Michel Foucault (2008a), e tem como mote um conjunto de enunciados, alguns descritos acima e que peço licença para reproduzir aqui: *Aprenda a ser campeão com lições dos esportes olímpicos; Assuma a postura de campeão frente aos desafios da vida; Quer ser campeão? Então pense como campeão!; Como ser um campeão na sua vida.*

Os enunciados reitores são, para Foucault, aqueles que se localizam junto à raiz de uma árvore de derivação enunciativa; são os enunciados que regem o funcionamento desta última e que desempenham as regras de uma formação discursiva de modo mais concentrado e abrangente, permitindo, a partir de seu centro organizador, o surgimento de aplicações diversas no desempenho de outros enunciados. Os enunciados reitores são, segundo Foucault, os que

[...] se referem à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecer as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a ser construídos; enfim, os que, constituindo uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores. (ibidem, p. 166).

Na tentativa da sistematização de um movimento de interpretação, essa noção de enunciado reitor permitiu organizar um *corpus* de pesquisa de acordo com o que rege as relações entre enunciados reitores na dispersão de uma cadeia enunciativa. Se, de um modo geral, a análise da função enunciativa permitirá a definição da regularidade que incide nessa função de existência dos enunciados sob uma mesma formação discursiva, o tratamento de enunciados reitores será, especificamente, o ponto que recobrirá o passo para se reconhecer a possibilidade de existência da regularidade, visto que o enunciado reitor se situa justamente na base da árvore de derivação enunciativa.

Outro aspecto que considero importante em pesquisas de inspiração foucaultiana é a problematização de determinadas políticas de verdade e de relações de poder que lhes são correspondentes no exercício de experimentação de certas formas de subjetividade. Para tanto, levar em conta a tríade foucaultiana poder-saber-sujeito, no âmbito de determinadas políticas de verdade e de relações de força, permite tornar visíveis e enunciáveis modos pelos quais os indivíduos podem e devem reconhecer-se como sujeitos do discurso, o que esta pesquisa se propõe a problematizar e analisar.

Na busca por responder às questões de pesquisa, mesmo que de modo contingente, interessado e sem nenhuma pretensão de totalidade, pretendo discutir quanto às formas de

objetivação do sujeito através dos saberes-poderes esportivos, bem como sobre as formas de subjetivação do indivíduo através do dispositivo esportivo. Para isso, foram realizados processos investigativos que demandaram outros conceitos que se tornaram chave: o dispositivo, composto por toda a lógica esportiva que envolve discursos, enunciados, metáforas, tecnologias, imagens etc., e a governamentalidade, o governo de si e dos outros por meio da lógica esportiva (dispositivo).

No decorrer do trabalho, adentrarei diferentes campos de dispersão discursiva, considerados espaços sociais para os quais a lógica esportiva se expandiu no trato com o gerenciamento da vida. Para exemplificar, menciono alguns dos campos aos quais adentrarei, como educação, escola, ciência, trabalho e o domínio do *eu*. Os campos foram elencados a partir dos procedimentos investidos na perseguição da lógica esportiva, que se apresentava cotidianamente na forma dos mais variados enunciados, pertencentes a discursos muito específicos. A *educação* é um campo de análise no qual me introduzirei mais diretamente, através das olimpíadas escolares, e se aproximará ao campo da *ciência*, analisado a partir do Prêmio Jovem Cientista (PJC). As duas análises mencionadas também se aproximam do campo do *trabalho*, que se apresentou permeado pela lógica esportiva, utilizando-a principalmente como gestora das disputas no mercado de trabalho. Por fim, o campo do *eu* foi examinado através de discursos esportivos tratados como exemplos para a vida na condução do governo de si, através de biografias motivacionais.

Este trabalho foi dividido em três seções de análise, e em cada uma delas foi abordado um campo principal de dispersão da lógica esportiva, com um *corpus* empírico diferente. Com isso, uma seção analisará a dispersão do dispositivo esportivo no campo educacional através das olimpíadas escolares; outra abordará a mesma dispersão para o campo do *eu* através das biografias motivacionais; e uma última tratará da dispersão para o campo da ciência por meio da análise do Prêmio Jovem Cientista. Além disso, pode-se observar este texto a partir de uma divisão em duas ênfases, tratando-se do *governo dos outros* na primeira parte (capítulo 3) e do *governo de si* na segunda parte (capítulos 4 e 5).

Na segunda seção, apresentarei as bases teórico-metodológicas deste trabalho, em que procuro delinear os conceitos teórico-metodológicos com os quais o trabalho operou e apontar os caminhos percorridos e os procedimentos de pesquisa. Já no terceiro capítulo (primeira parte), trabalho com a análise do primeiro *corpus* empírico – as olimpíadas escolares. Através da ênfase no governo dos outros, desenvolvo as características da lógica esportiva inserida nos espaços escolares nas diferentes áreas do conhecimento por meio de competições organizadas nos moldes dos eventos esportivos de alto rendimento. Será tratada uma noção de

acontecimento, que considera esse movimento da inserção da lógica esportiva em outros domínios e as produções e transformações decorrentes disso – a esta noção chamarei de *esportivização dos saberes*. Esta etapa tem como *corpus* empírico seis competições escolares e será guiada pelas seguintes questões de pesquisa:

- Como se organizam as competições escolares, a ponto de se apropriarem das características típicas das competições esportivas de alto rendimento?
- Que estratégias e efeitos essas competições têm demonstrado através das manifestações dos sujeitos nelas envolvidos?

No quarto capítulo (segunda parte), abordarei exercícios e técnicas de si que são dispersados pelo discurso da autoajuda, voltados para as práticas esportivas como uma estratégia para a conduta de si e para a conduta do outro na contemporaneidade. O *corpus* empírico foi composto por duas biografias principais e algumas biografias de apoio, todas de sujeitos envolvidos com o esporte de alto rendimento, que funcionam como livros motivacionais ou de autoajuda. As questões que orientaram esta análise foram:

- Como determinados exercícios e técnicas de si passam a ser promovidos e aceitos através do dispositivo esportivo como discursos de autoajuda?
- Como as biografias esportivas podem atuar como práticas constitutivas de sujeitos na sociedade contemporânea?

No capítulo 5, sobre o Prêmio Jovem Cientista de 2012, tratarei da inserção da temática esportiva pela primeira vez em um concurso de pesquisas científicas. O instrumento basilar de análise será o Kit PJC, material didático produzido para orientar os professores das escolas quanto à participação no evento. A intenção desta seção é tratar das técnicas de conversão a si e sua relação com os saberes teóricos e práticos necessários às condutas do governo de si. Então, reflito acerca da edição mencionada do Prêmio Jovem Cientista, que pretendeu selecionar ideias inovadoras para o esporte através de sua tendência prescritiva, direcionada à aquisição de saberes práticos (*epistème praktiké*), considerados fundamentais ao mercado de trabalho e ao sujeito contemporâneo, empreendedor e atleta de si. As questões de pesquisa que nortearam esta etapa do trabalho foram as seguintes:

- Como acontece a aproximação da prática esportiva ao contexto do PJC em 2012?
- Que estratégias de utilização do dispositivo esportivo estão presentes nesta edição da disputa científica?

A ideia que permeia este trabalho é que o dispositivo esportivo e os elementos que o compõem na forma de diferentes manifestações sociais podem constituir uma política de

sociedade. Dentre as formas de manifestação do dispositivo, podem-se citar as olimpíadas escolares, as biografias motivacionais e o Prêmio Jovem Cientista. Meu objetivo é analisar como essas manifestações se apresentam e interferem na vida dos indivíduos, em uma sociedade que percebe os sujeitos como parte de um jogo que possui uma dinâmica de concorrência, produtividade e autopreparação. E ainda como, nesse contexto, o esporte, através de seus preceitos e normas, serviria como um vetor para a inserção dos sujeitos nessas práticas sociais.

Mesmo que pareça agir na contramão do que se vislumbra hoje no país para o seu avanço¹¹, principalmente econômico, convido para esta reflexão a quem possa se interessar. Considero relevante a prática da desconfiança sobre os manifestos cotidianos que nos parecem inquestionáveis, unânimes, universais, por sua eficácia e poder de atrair os sujeitos, geralmente a formas parecidas de pensar e agir. Penso na proposta audaciosa e em longo prazo de criar condições de emergência para outras possibilidades de pensamento, principalmente sobre o uso do modelo esportivo de alto rendimento como referência para a condução da vida.

Assim, esta pesquisa trata da dispersão do dispositivo esportivo para diferentes domínios da vida cotidiana na sociedade contemporânea. Envolvida nesta proposta, dedico-me a colocar em ação o exercício do estranhamento e da problematização sobre a temática da governamentalidade pelo dispositivo esportivo e dos seus desdobramentos, que passarei a discutir a partir de agora.

¹¹ Para Arendt (2009), geralmente o avanço se refere ao crescimento que, na maioria das vezes, se dá através da alta produtividade sem planejamento ambiental, do incentivo à concorrência entre produtores e do consumo alienado e exacerbado desses produtos.

2 QUE CAMINHOS SEGUIR? DAS OPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. (FOUCAULT, 2014, p. 54).

Talvez uma das primeiras dificuldades na elaboração deste trabalho tenha sido justamente compreender que nossos próprios posicionamentos se constituem a partir de determinadas políticas de verdade. Um dos exercícios mais complexos foi a tentativa de olhar de dentro e perceber novas perspectivas, que por vezes assustam por tamanha dominação, antes despercebida, mas por outras dão a esperança de ver alternativas possíveis no pensamento. Novos pensamentos surgem à medida que estranhamos os laços que nos prendem a determinadas formas de conduta, mesmo que não seja possível soltá-los. Perceber que certos laços nem sempre estiveram ali e que não precisam sempre estar, pelo menos não daquela forma, já nos torna mais livres. Mais livres para acreditar, pertencer e produzir novas verdades, na tentativa de perceber e fazer notar os regimes de verdade existentes e criar outros, criar novas possibilidades.

2.1 Primeiros passos

O ponto de partida, para este trabalho de compor de forma escrita parte do esforço empreendido no processo de doutoramento, foi justamente a tentativa de demonstrar os caminhos que escolhi para percorrer esta trajetória. Hannah Arendt (2009) lembra que o processo de pensar nunca se materializaria em objeto sozinho, pois, para que isso aconteça, precisamos, como trabalhadores intelectuais, manifestar nossos pensamentos de forma “braçal”, como qualquer outro trabalhador.

O presente trabalho foi realizado a vários braços, os de quem escreve, de quem lê, de quem apoia, de quem conversa, de quem critica, de quem sugere etc. Ao longo dos quatro anos de trabalho, foram muitas pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o texto, e cada pessoa que estabeleceu algum tipo de conexão, mesmo que indireta, influenciou no pensamento da autora e na escrita do trabalho. Portanto compôs-se uma imensa rede de relações de pensamento ao longo da história do doutorado e da tese que não é possível referenciar cada um dos sujeitos que contribuíram para esta produção textual. Quanto ao processo de produção da pesquisa como um todo, compartilho do pensamento do professor

Roque Moraes¹², sobre nossa participação em uma constante construção social coletiva, onde os argumentos e enunciados nunca são apenas nossos: “Se compreendermos os discursos sociais como construções coletivas, compreenderemos que os argumentos carregam uma polifonia de vozes representando uma diversidade de sujeitos históricos [...]”.

O princípio de tudo, a primeira ideia, os primeiros movimentos de pesquisa transformaram-se e transformaram-me. Estão em algum lugar no meio deste trabalho, onde comecei a dar forma ao texto. Aquelas primeiras vontades de pesquisar foram fundamentais, pois motivaram a continuidade do processo e me conduziram a leituras, pessoas e pensamentos específicos. Muitas das inspirações que surgiram e foram para o caderninho de anotações ainda estão lá, não puderam ser desenvolvidas, pois fugiam do tema, eram grandes demais, pequenas demais, eram *devaneios* ou eu não teria *perna* para investir nelas. A partir das ideias iniciais, surgiram as necessidades de estudar e compreender/explicar conceitos e noções anteriores, bem como ideias e palavras que vieram depois.

Compreender e aceitar a confusão em que eu estava envolvida não foi tarefa das mais fáceis, parecia (talvez ainda pareça!) que tudo estava *dando errado*. Na tentativa de aprender a lidar e resolver a situação, encontrei em alguns autores trechos sobre suas pesquisas que tranquilizam enquanto preocupam. Tranquiliza o fato de imaginar que problemas semelhantes também acontecem com outros estudantes e pesquisadores, mas preocupa, pois se tais dificuldades foram encontradas por grandes autores, então, o que seria de mim? Por exemplo, Bourdieu afirmou que também em suas pesquisas a sucessão de escolhas não se realizou em uma “perfeita transparência epistemológica”, tampouco em plena “lucidez teórica”. Diz ele:

Seria necessário nunca ter feito pesquisa empírica para acreditar ou pretender o contrário [...]. Esta espécie de obscuridade para si mesmo das operações sucessivas [...] parece ser o princípio verdadeiro da fecundidade insubstituível da pesquisa empírica: fazer sem saber completamente o que fazemos, é dar-se uma chance de descobrir no que fizemos alguma coisa que não sabíamos. (BOURDIEU, 201, p.17).

No mesmo sentido, à luz de outra perspectiva teórica, Paraíso (2012) diz que neste processo de confusão é fundamental a leitura, ler para aprender, a partir do entendimento de que esse movimento significa abrir-se para refazer, criar, encontrar as diferenças e trilhar um novo percurso. As leituras podem nos proporcionar conexões imprevistas, inesperadas. Não lemos para descobrir algo, antes encoberto, mas “esperançosos de que essas leituras possam nos estimular a ver algo desconhecido e a mobilizar nosso pensamento” (ibidem, p. 36).

¹² Texto do professor Roque Moraes, disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/textos/texto4.php>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Depois da aceitação de que nem tudo seria tão perfeito quanto previsto no cronograma do projeto de doutorado, foi preciso começar a arrumação do texto em seções e suas subdivisões, e a organização das ideias dentro destas divisões, formando uma imagem geral do trabalho. Tarefa difícil. Logo, senti a necessidade de descrever tais dificuldades, pois elas já são parte do caminho, já eram passos que estava seguindo, e já se iniciava nesta descrição a composição do caminho investigativo, ou seja, da metodologia de pesquisa para o trabalho. Algumas escolhas, como a de compreender a própria metodologia de pesquisa em seu decorrer, só são possíveis quando se assume a intenção de não “considerar a metodologia como um sistema lógico fechado sobre si mesmo, desligado da prática concreta da investigação” (CASTELLS, 1972, p. 496).

Segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2010), nas pesquisas em Ciências Humanas, ainda há uma tentação constante: a tendência de seguir preceitos de métodos de modo a aplicá-los automaticamente e torná-los “receitas de cozinha científica” ou “engenhocas de laboratório”. Isso não significa que para cada análise precisamos criar um método inovador, até porque temos bons exemplos de caminhos metodológicos que podem servir como sugestão para as novas pesquisas. Mas é fundamental que qualquer utilização dos diferentes métodos existentes, por mais comuns que sejam, deve ser repensada em si mesma e em função de cada caso em particular.

Ao mesmo tempo em que percebi, através dos estudos de Foucault, a relevância da compreensão e análise das formas de existência do homem na sociedade através dos saberes produzidos por ele próprio, também entendi que, muitas vezes, a fronteira entre os saberes comuns e a ciência, ambos produzidos pelas pessoas na sociedade, pode ser muito imprecisa, talvez mais em estudos sociológicos do que em outros (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010). Essa proximidade demanda um olhar de constante vigilância epistemológica, para o qual a postura crítica pode ajudar no exercício de desenvolver o pensamento e a escrita deste trabalho. Meu entendimento sobre a postura crítica e, portanto, minha intenção com isso, gira em torno da atitude de realizar a problematização dos discursos que estão sendo tomados como verdadeiros em um dado momento, em uma determinada sociedade.

A problematização de certas verdades ou discursos tomados como verdadeiros é uma das questões que me propus a discutir na presente tese. Trata-se da forma pela qual determinadas práticas (discursivas e não discursivas) buscam ensinar e demarcar nas diferentes relações e posições sociais; certo direcionamento da verdade na forma de um caminho, que deve ser escolhido através do estabelecimento de assertivas verdadeiras, o

caminho correto. Segundo Foucault (2014, p. 54), por verdade pode-se entender “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. A verdade necessariamente funciona atrelada a “sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (ibidem); a essa manutenção de um *status* verdadeiro podemos chamar de “regime da verdade”. Inclusive os sistemas econômicos, como o capitalismo, são produtos de regimes de verdade, cuja formação e cujo desenvolvimento também têm a contribuição de tais sistemas.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (ibidem, p. 54).

Dentre as suspeitas que conduziram a esta pesquisa, foi constante a de que os inúmeros discursos, imagens, histórias etc. que reproduzem a ideia da lógica esportiva estariam atuando como auxiliares na produção de um regime de verdade. A utilização de ferramentas atreladas ao esporte pode possibilitar ou até mesmo produzir formas de sujeição dos indivíduos a tais discursos. A partir do processo de formulação dessa suspeita, passei a consolidar a hipótese de que estaria, então, tratando da análise desses elementos esportivos, discursivos e não discursivos, mais especificamente, da dispersão desses elementos esportivos na sociedade contemporânea.

Mas o que seriam os tais elementos esportivos? São os discursos, mas também os enunciados, as imagens, os sujeitos, as atitudes etc. Na tentativa de encontrar alguma denominação que pudesse abarcar esse conjunto de formas através das quais a lógica esportiva vem atuando sobre os sujeitos na sociedade, cheguei ao conceito de dispositivo em Foucault, e assim utilizarei a noção de dispositivo esportivo. Tal noção, a ser abordada em seguida, atravessa todo o trabalho, pois, como elemento fundamental da pesquisa, foi necessário manter um olhar atento e constante aos indícios de suas ocorrências. Antes de tratar da noção de dispositivo esportivo propriamente, contextualizarei os caminhos percorridos até o encontro com o conceito de dispositivo.

2.2 Os cruzamentos: apontamentos teóricos sobre as necessidades de pesquisa

Esta pesquisa tem encontrado apoio nas teorizações foucaultianas como uma base, um solo conceitual para pensar os objetos de pesquisa. Talvez, antes disso, eu tenha encontrado suporte nas leituras de Foucault para pensar, não simplesmente. Tais leituras têm me acompanhado constantemente, às vezes simultaneamente a outras leituras, e quando digo acompanhado é no sentido mais restrito da palavra. Na cabeceira da cama, em viagens², hotéis, avião, trem... Admito que em alguns desses momentos ele foi apenas um acessório, mas também foi companhia. E quando foi companhia fez pensar, refletir, problematizar, querer transformar.

No entanto é importante enfatizar que, como referencial teórico-metodológico, as leituras só puderam me auxiliar quando de fato comecei a pensar neste trabalho a partir da necessidade e do rigor que o procedimento de pesquisa exige. Em uma metodologia de pesquisa de um trabalho que se considera pós-crítico, necessitamos, afirma Paraíso (2012, p. 41), “ser rigorosas e inventivas porque não temos qualquer grande narrativa ou método que nos prescreva como devemos proceder, não temos qualquer percurso seguro para fazer e nem um lugar aonde chegar”.

De acordo com Gastaldo (2012), os pesquisadores nos estudos pós-críticos se utilizam de referenciais teóricos que pretendem desconstruir discursos e métodos. “Eles e elas propõem-se a examinar o *status quo* para desnaturalizá-lo [...]” (ibidem, p. 9), o que demanda um empreendimento bastante complexo e até mesmo ambicioso de examinar formas diferentes de pensar, falar e agir. A tarefa de mudar as formas de agir está na possibilidade de fazer determinadas práticas sociais de modo diferente. Inclusive, segundo a autora, na tarefa de “remodelar as metodologias de pesquisa para que elas não se constituam como ferramentas de reprodução social” (ibidem, p. 10).

Quanto à delimitação do campo teórico, que tem como solo¹³ conceitual principalmente as teorizações de Foucault, optei por trabalhar com autores ou textos específicos que abordam e, mais do que isso, acreditam, multiplicam e produzem a noção de desconstrução (e construção) das teorias existentes. Autores que se arriscam na experiência de

¹³ Quando utilizo a noção de solo para me referir aos textos de Foucault na produção deste trabalho, acho importante considerar que ele é composto por diferentes elementos e fases de transformação. Esse solo, ao qual me refiro, é composto por uma série de ideias, noções, desconfiças, conhecimentos, leituras e pensamentos sobre teorias de diferentes aportes filosóficos ou correntes de pensamento, inclusive as que antecedem o encontro com esse autor. Essa diversificada e polimorfa composição muitas vezes se apresenta neste trabalho, não através de citações, mas como instrumentos do pensamento.

análise dos “jogos de verdade”¹⁴ (FOUCAULT, 2012, p. 12-16), aquelas disputas entre o verdadeiro e o falso que conduzem sujeitos a escolhas entre o correto e o errado. Da mesma forma, optei por não trabalhar com aqueles autores que produzem algum tipo de doutrinação repleto de certezas e prescrições, pois “sabemos que as doutrinas não nos movem e nem mobilizam nosso pensamento” (PARAÍSO, 2012, p. 36).

Não me apropriei de textos doutrinários como aportes teórico-metodológicos, pois eles sinalizam formas de manifestação e a utilização de instrumentos que demandam certa fidelidade ou, em outras palavras, exigem comportamentos unidirecionais, que podem ser relativos a uma classe, *status* social, raça, nacionalidade, religião, luta ou aceitação. Por outro lado, podemos aproveitar o que as doutrinas nos causam, a inquietação que elas mobilizam para utilizá-las como fonte de dados nos trabalhos de investigação. Podemos utilizar as doutrinas, nas palavras de Paraíso, “como um potencializador de nossas curiosidades e como um motor de nossas inspirações” (ibidem, p. 36).

As doutrinas podem ser capazes de atrelar os indivíduos a determinadas enunciações que, aceitas e reproduzidas, as fortalecem e as diferenciam ainda mais das outras ou de nenhuma, da mesma forma que limita os indivíduos que passam a pertencê-la de conhecerem qualquer outro tipo de enunciação doutrinária ou até mesmo as contrárias aos doutrinamentos. Assim, as doutrinas aproximam e fortalecem cada vez mais a ligação de certos indivíduos entre si, e afastam e os diferenciam de todos os outros (FOUCAULT, 2011).

As investigações que compartilham dessa perspectiva teórica estão menos preocupadas em buscar respostas [...] mais em descrever e problematizar processos por meio dos quais os *significados e saberes específicos são produzidos, no contexto de determinadas redes de poder*, com certas consequências para determinados indivíduos e/ou grupos. (MEYER, 2012, p. 51 – grifo meu).

Ao passo que entendo que os seres humanos estão colocados em relações de produção e significação, que estão enredados o tempo todo em relações de poder, tornou-se inevitável o atravessamento do conceito de poder em minhas análises. Neste estudo, trabalharei com a análise de formas de administração sobre os modos de vida das pessoas como formas de exercício de poder, que tornam os indivíduos sujeitos de um determinado modo de pensar (FOUCAULT, 1995). Por isso, utilizarei a noção de poder como uma chave conceitual que estará presente a todo o momento, auxiliando nos procedimentos de apropriação, análise e descrição dos documentos.

¹⁴ Para Foucault, é através dos jogos de verdade que o homem percebe a si mesmo como sujeito.

Para Foucault (2014), ao lidarmos com a questão do poder, tratamos de algo que não se pode dar ou trocar, mas uma ação que se pode exercer. Além disso, o poder não existe apenas em função da manutenção e reprodução das relações econômicas, mas principalmente em relações de força. Relações estas que têm, na sociedade atual, segundo Meyer (2012), constantemente acometido os corpos dos sujeitos de novas capacidades, sobretudo as de governo e autogoverno. Tais capacidades podem ser ativadas através de técnicas de gestão e autogestão da vida, nas suas diferentes dimensões.

Uma possibilidade de análise do poder, nesse sentido, passará pelo mapeamento e pela descrição dos objetivos perseguidos por aqueles que demonstram exercer este tipo de poder. Analisar as relações de poder demanda, dentre outras tarefas, descrever, compreender e explicar a existência de alguns saberes. Conforme Paraíso (2012), percorrem-se muitas trilhas em busca de pistas, na tentativa de analisar “as manobras, as táticas e os funcionamentos das posições estratégicas que dão efeito de conjunto a determinadas relações de poder em um discurso” (p. 39). Nesse caminho investigativo, torna-se relevante saber que efeitos de poder circulam entre os enunciados que se deseja analisar, qual é seu regime interior de poder, como e por que em certos momentos ele se transforma. Uma questão fundamental é olhar para o que rege os enunciados e a forma como eles se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis (FOUCAULT, 2014).

A partir da noção de acontecimento no estoicismo¹⁵, em Deleuze e em Foucault pode-se encontrar uma forma de olhar para o objeto desta pesquisa, que me pareceu motivadora do ponto de vista de sua fragilidade e reversibilidade. Refiro-me à característica de o acontecimento situar-se entre os enunciados e as práticas que os corpos realizam e não dentro deles. Dessa forma, o acontecimento não pertenceria ao corpo, apenas tocaria a superfície dos corpos. Também não modificaria diretamente os corpos das pessoas, mas seria capaz de realizar afirmações sobre eles, que então os modificam. “O mais profundo é a pele”, dizia Valéry¹⁶. Comentada por Deleuze (1992), é uma linda fórmula que compõe a arte das superfícies. Em Foucault, essa superfície torna-se plano de inscrição, não em oposição a uma noção de profundidade, mas em contraposição aos métodos de interpretação.

Mas, antes, o que seria o acontecimento? Tendo a compreender que seja aquilo que nos cerca invisivelmente, que nos envolve em um determinado momento e faz com que

¹⁵ Este modo de pensar formado na Grécia Antiga, pautado na materialidade/racionalidade do corpo, considera que o acontecimento não modifica os corpos, mas representa o modo através do qual é possível se afirmar algo sobre o corpo. Neste pensamento, as coisas que podem acontecer ou estão acontecendo aos corpos permanecem na sua superfície e devem ser aceitas com serenidade e sabedoria, tanto diante de coisas boas como de tragédias.

¹⁶ Paul Valéry, citado por M. Gauchet, *L'Inconscient Cerebral* (apud DELEUZE, 1992).

possamos pensar e falar sobre determinadas coisas em um tempo específico. Uma série de condições que rodeiam o nosso presente e fazem com que alguns discursos sejam possíveis e tornem-se verdadeiros. Nas palavras de Foucault (2014, p. 73),

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada, mascarada.

Através dos ditos de Foucault, um acontecimento pode ser considerado a irrupção de uma nova regularidade discursiva. Isso faz com que o campo dos acontecimentos discursivos seja um “conjunto sempre finito e efetivamente limitado” das sequências linguísticas que são formuladas em certo período. Sua finitude independe do quão numeráveis, densos e confusos possam ser esses conjuntos de elementos discursivos, mesmo que ultrapassem as capacidades de registro e memória (2008a, p. 30).

Já sabemos que o movimento do acontecimento se realiza através da linguagem que se desdobra infinitamente em efeitos que estão constantemente sendo inscritos na superfície, ou na pele, para utilizar a metáfora de Valéry (op. cit.). Sabemos também que a leitura desses múltiplos acontecimentos é apreendida e transmitida pelas práticas discursivas como uma forma de verdade e que é através dessas formas de verdade que nos constituímos como sujeitos e acreditamos ser isto ou aquilo, e passamos a agir como este ou aquele. Para exemplificar, constantemente podemos observar definições de pessoas que são boas ou más por algum motivo, constata-se um campeão, um empreendedor, um inovador, alguém que age como um vencedor ou um perdedor, pessoas que superam seus limites são tomadas como exemplos a serem seguidos etc.

Tendo em vista que os acontecimentos são tanto apreendidos como transmitidos através dos discursos, torna-se necessário inicialmente compreender a noção conceitual de discurso e diagnosticar os discursos que formam certa base ideal de certos modos de ser e agir, e não de outros. Além de diagnosticar, conforme já mencionei, minha intenção é também problematizar discursos que definem e prescrevem formas corretas de conduzir a vida.

2.3 O discurso como prática fundamental na constituição de sujeitos

Importa demarcar que esta pesquisa não trabalha com a metodologia da análise de discurso, mas se propõe a analisar discursos. O investimento na análise discursiva pode ser considerado um apoio ou uma ferramenta metodológica. A mudança na retirada da preposição

e o acréscimo da letra *s* representam uma diferenciação significativa, pois com essa opção também deixo de lado uma lógica materialista de interpretação baseada na perspectiva estruturalista e invisto na investigação daquilo que é dito (e não dito) a partir da relação, sempre estreita, entre o discurso e o poder.

O discurso será tratado em seu domínio de acontecimento, ou seja, procurando sempre compreender as condições em que os sujeitos estão envolvidos quando pronunciam alguma coisa em um determinado momento e lugar. Para Foucault (2008a), mesmo antes de nos ocuparmos com uma ciência ou com discursos políticos, é importante tratar do contexto, ou seja, de toda uma “população de acontecimentos” no espaço mais amplo do discurso. O autor justifica a relevância de tal atitude, porque assim poderemos ter toda uma “descrição dos acontecimentos discursivos” e partir desse horizonte, para então buscar as unidades que aí se formam.

Para Foucault, o discurso designa, de modo geral, um conjunto de enunciados que, mesmo pertencendo a campos diferentes, obedecem a regras de funcionamento comuns. Portanto ao discurso pode ser atribuída uma função normativa e reguladora que coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas (REVEL, 2005).

O tratamento dado ao trabalho com a análise dos discursos nesta pesquisa não o considerará como algo pronto ou definido, mas uma dinâmica discursiva repleta de peculiaridades – uma ferramenta que se pode utilizar como instrumento para a produção de saberes e sujeitos. Nos escritos de Foucault (2008a, p. 136-137), o discurso

[...] aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

O discurso está longe de ser um “elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica” (ibidem, p. 9-10); ele pode ser considerado um dos principais lugares onde se exercem diferentes formas de poder. Desse modo, o discurso, além de ser uma ferramenta de luta, é também objeto de desejo, é aquilo por que e pelo que se luta, é o poder do qual queremos nos apoderar (FOUCAULT, 2011).

A análise dos discursos que me inspira, realizada por Foucault principalmente em seu pensamento tardio, não é apenas uma análise linguística, mas trata-se de uma problematização sobre as condições de emergência de dispositivos discursivos que criam e sustentam práticas. Para Foucault, investigar os discursos não significava – pelo menos, não na fase mencionada

– somente realizar a descrição de um regime de discursividade e de sua eventual transgressão, mas analisar a relação entre os discursos, as condições históricas, econômicas e políticas de seu aparecimento e de sua formação (REVEL, 2005).

A partir da idade clássica, a linguagem se desenvolve no interior da representação e nesse desdobramento de si mesma que a escava. Doravante, o Texto primeiro se apaga e, com ele, todo o fundo inesgotável de palavras cujo ser mudo estava inscrito nas coisas; só permanece a representação, desenrolando-se nos signos verbais que a manifestam e tornando-se assim *discurso*. (FOUCAULT, 1999, p. 109 – grifo do autor).

Ao procurar compreender como a lógica esportiva poderia ter se espalhado por diferentes campos, mesmo desvinculada da prática do esporte, e qual o significado de tal transposição, notei a utilização de diferentes discursos que se assemelham a discursos relativos ao campo econômico e ao mercado de trabalho, por exemplo. Com isso, coloquei-me inicialmente diante de dois caminhos diferentes para pensar a lógica esportiva. Inserida nas noções de discurso e enunciados, percebi que a lógica esportiva poderia ser produtora de discursos e diferentes enunciados, contribuindo assim para a produção de sujeitos com base na lógica esportiva. Mas, além de produzi-los, a lógica esportiva também estaria servindo a discursos de outros campos que buscam apoio em modelos de estratégias de motivação e individualização dos sujeitos.

Muitas vezes me perdi entre os sentidos do enunciado e do discurso relacionados à ideia de lógica esportiva que estava perseguindo. Pois ora podia afirmar que certas ocorrências eram manifestações do enunciado esportivo, ora considerava-as como relativas ao discurso esportivo. O trabalho então seria identificar os momentos de manifestações de um ou de outro, naqueles campos que considerei que haviam sido invadidos pela lógica esportiva. Compreendo o discurso como um conjunto de enunciados, e que são estes que atuam como modos de objetivação dos sujeitos e em última instância modos de subjetivação dos sujeitos (FOUCAULT, 2008a). Em resumo, até o momento havia trabalhado com duas ideias, ainda dispersas, a de enunciado esportivo e a de discurso esportivo, e mais tarde notei que não eram suficientes para abarcar o conjunto de manifestações esportivas que havia identificado.

Tais pensamentos talvez não fossem necessariamente descartados, pois foram observadas suas características nas manifestações da lógica esportiva analisadas até ali. Segui na busca de mais considerações acerca do discurso, a partir de leituras de Foucault. Na citação que segue, percebe-se a noção de superfície do discurso, como algo que *passa* e toca ao indivíduo através de elementos de veiculação, que se tornam fundamentais para o entendimento da lógica esportiva:

Os discursos disseminam-se pelo tecido social, infiltram-se nas fábricas, nas escolas, nos lares, nos programas televisivos, nas conversas cotidianas, nas universidades, nas academias de ginástica, nos hospícios, nas prisões, nos jogos de videogame, nas marcas e nas campanhas publicitárias, nas páginas dos jornais, *sem limitar-se a nenhuma dessas maquinarias*. Com suas regras internas e externas, os discursos organizam e ordenam os sentidos por onde passam. (FERREIRA; TRAVERSINI, 2013, p. 2010 – grifos meus).

Através desse excerto, parece possível pensar que a lógica esportiva já não se define apenas como um meio de veiculação de discursos, ou maquinarias, como disseram os autores. Penso que se poderia considerá-la enquanto um sistema de ensino, que produz e ensina discursos a um número cada vez maior de sujeitos. Mas ainda assim ela poderia estar também se utilizando de seus poderes-saberes para se apropriar e ser propriedade de certos discursos advindos de outros campos, como a administração, o direito, a medicina, a economia etc. A lógica esportiva possivelmente não seja somente um lugar de ensinar discursos, ela também pode ser produtora de discursos que, da mesma forma, servem a outros veículos discursivos, como a mídia, o *marketing*, as instituições de ensino etc.

Entendo que a dispersão de um discurso é realizada através de determinados enunciados por veículos específicos que promovem a divulgação. De certa forma, os enunciados é que nos atravessam e é com eles que convivemos cotidianamente. Assim, não seria possível elaborar uma análise de um discurso sem tocar nos enunciados que o compõem, ou mesmo analisar, da forma como foi proposta por Foucault, os enunciados sem compreender suas discursividades.

Por isso, a análise dos discursos pode ser realizada a partir da “análise enunciativa”, como registra Fischer (2013). Segundo ela, Foucault pretendeu chegar à complexidade das práticas discursivas e não discursivas no interior das quais se forma um dado objeto, a partir da análise enunciativa. Esse tipo de procedimento “se ocupa de elementos superpostos, plurais, num enredo de enunciados que se cruzam, se reafirmam ou se negam mutuamente, envolvendo inclusive mais de um campo discursivo [...]” (ibidem, p. 5).

Em suma, segui com as duas ideias, mas uma inserida na outra. Percebi que a noção de discurso esportivo – ou seja, a lógica esportiva como produtora de saberes e subjetividades, que está inserida principalmente no campo da prática do esporte (com um fim em si mesma) – de certa forma reproduz discursos que já se encontram na ordem do discurso social. Acredito que, a partir da noção de enunciado esportivo, foi possível me aproximar mais da análise da dispersão da lógica esportiva para outros domínios sociais. Assim, o enunciado esportivo torna-se um potente meio dispersor, por onde perpassam outros discursos de diferentes campos, com os quais a lógica esportiva possui afinidades e aproximações.

Mas ainda assim não havia lugar para identificar manifestações da lógica esportiva, como a utilização de histórias, imagens ou apenas da presença de sujeitos relacionados aos esportes, para exemplificar modelos corretos de conduta para a vida. Por isso, a partir de estudos iniciados com base nos conceitos de discurso e posteriormente de enunciado, em Foucault, passei a perseguir o conceito de dispositivo. Em primeira análise, pareceu que esse conceito melhor representaria minha análise sobre a dispersão da lógica esportiva na contemporaneidade.

2.4 O encontro com o dispositivo: a identificação de um conceito operatório para pensar a lógica esportiva

Pareceu-me ter encontrado nas definições de dispositivo, dentre os conceitos fundamentais de Foucault, um lugar mais acolhedor para a multiplicidade de implicações que já havia observado diante da lógica esportiva em diferentes campos da sociedade. Cabe ressaltar que o dispositivo foi caracterizado como conceito operatório na investigação, pois somente através dele pude perceber o funcionamento da lógica esportiva, inserida nos mecanismos e relações de poder.

Segundo Santos (2012, p. 197), o dispositivo está sempre relacionado a um jogo de poder e a uma ou mais configurações de saber que ele mesmo produz ou que o produzem: “O dispositivo ‘apreende’, ‘estimula’, ‘intensifica’, ‘incita’, ‘forma’, ‘reforça’, ‘encadeia’ corpos, prazeres, discursos, conhecimentos, controles e resistências segundo dadas estratégias de saber-poder”¹⁷.

Por ser um conceito complexo, estudiosos de Foucault, que me ajudaram na compreensão do dispositivo, o perceberam de maneiras diferentes. Para Dreyfus e Rabinow (1995, p. 161), os dispositivos são “as próprias práticas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e organizando-os”. Já Deleuze (1990) considera o dispositivo um conceito operatório multilinear, alicerçado em três eixos, ou nas três dimensões de destaque em Foucault: saber, poder e (produção de modos de) subjetivação. Ambas as compreensões guardam semelhanças, principalmente quanto ao potencial condutor e produtor de sujeitos do dispositivo e também quanto à sua possibilidade de interferir em diferentes direções e quanto à amplitude do seu alcance. Na primeira significação, tem-se o

¹⁷ Santos (2012) se utiliza dos termos mencionados através de uma livre apropriação, realizada a partir da forma como Foucault (1999) apresenta a sexualidade como um dispositivo.

dispositivo como a própria prática de atuação, estratégias e táticas; na segunda, como um conceito que é também instrumento de análise.

De acordo com Agamben (2005), o termo descrito por Foucault como “dispositivo” guarda estreitas relações com o termo “positividade” encontrado em Hegel. Não só guarda relações como possivelmente tenha sido desenvolvido a partir dele, pois podemos notar certa proximidade na definição de positividade, com o que seria o dispositivo para Foucault, que nunca lhe atribuiu uma definição própria, alerta o autor. A positividade seria “elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos [...]” (ibidem, p. 10). Na mesma direção, Foucault viria, a partir da ideia de positividade, a se preocupar com a questão da “relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder” (ibidem, p. 11).

Foucault (2014), quando foi indagado sobre a utilização do dispositivo como um meio técnico de análise, seu sentido e sua função em *História da Sexualidade*, expôs sua intenção de, através desse conceito, demarcar

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (ibidem, p. 364).

É importante e talvez fundamental sublinharmos a função estratégica do dispositivo, pois surge em um determinado momento histórico para responder a uma urgência específica. Após seu surgimento, vem a consolidação de sua existência, através da comprovação de sua funcionalidade, o que Foucault chamou de “sobredeterminação funcional”. O dispositivo passa a orientar cada efeito que surge, seja positivo ou não, desejado ou não, e ajusta esse novo elemento à ordem que conduz seu objetivo estratégico inicial, ou a um processo constante de produção de novos “preenchimentos estratégicos” (ibidem, p. 365).

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. *É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.* (ibidem, p. 367 – grifos meus).

Utilizo o dispositivo esportivo de modo análogo ao que Foucault chamou de dispositivo da sexualidade, em *História da Sexualidade* (a vontade de saber), pois possui

características do poder quanto à “instância da regra” (o que é permitido e proibido); quanto ao “ciclo da interdição”, que no caso esportivo estaria mais próximo de um *ciclo da liberação*, já que o não fazê-lo é a proibição ou a escolha fadada ao castigo da doença, da morte, do insucesso, da solidão, da pobreza etc. Quanto à “lógica da censura”, ficam impossibilitados de ser ouvidos aqueles que pronunciam qualquer fala no sentido contrário ao incentivo da prática esportiva; esse passa a ser inexistente, pois não tem direito a manifestação nenhuma. Quanto à “relação negativa”, que por consequência também produz o que é positivo, diferente do caso da sexualidade, o caso esportivo é pautado na positividade do fazer e na negatividade do não fazer; no primeiro caso seus efeitos são ilimitados para o fazer bem, no segundo para o fazer mal.

A “função estratégica dominante” do dispositivo, indicada por Foucault, também pode ser aplicada ao dispositivo esportivo. Podemos considerar que o dispositivo esportivo tenha emergido como um elemento estimulador de práticas que conduzem os sujeitos ao exercício de si mesmos, ao se exercitar. Além disso, o poder de controle do dispositivo esportivo sobre os sujeitos ocorre por meio de “intervenções capilares” (FOUCAULT, 2011, p. 95), não necessariamente por meio de ordens, leis ou instituições. Mas, de modo geral, o que se pretende é que os sujeitos se sujeitem a tais exercícios, que obedeçam às orientações que normatizam um modo de ser, que passa a ser considerado o correto e ao mesmo tempo outros modos de ser passam a ser incorretos. Tal modo de ser, correto, obediente e submisso às regras demonstradas pelo dispositivo esportivo são continuamente reproduzidas, desde as “instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito” (ibidem, p. 95).

Deleuze (1990) destaca a característica de subjetivação do dispositivo e, como se refere ao dispositivo como “una especie de ovillo o madeja” (p. 155), então uma das linhas deste novelo seria uma “línea de subjetivación” (p. 157). Por sua vez, a linha de subjetivação designa um processo de produção de subjetividades no dispositivo; ela é capaz de delinear ou até mesmo de desenhar novas formas de produção de sujeitos. Todos nós tanto pertencemos a determinados dispositivos como agimos dentro deles. Como afirma Deleuze (ibidem, p. 157), os subjetivados são

[...] tanto los nobles, aquellos que dicen, según Nietzsche, “nosotros los buenos” como los (aunque en otras condiciones) los excluidos, los malos, los pecadores, o bien los ermitaños o bien las comunidades monacales o bien los heréticos: toda una tipología de las formaciones subjetivas en dispositivos móviles.

Sobre a utilização do dispositivo como uma ferramenta analítica, podemos afirmar que ela tanto cabe como assim foi utilizada por Foucault, às pesquisas que pretendem estudar as

técnicas de poder que têm sido orientadas para os indivíduos. Algumas características do dispositivo utilizado por Foucault nos permitiram realizar aproximações com a análise da lógica esportiva contemporânea e assim passar a chamá-lo dispositivo esportivo. Uma das características foi a adequação da ferramenta ao *corpus* de análise, que trata de práticas culturais instrumentais para a formação dos indivíduos tanto como objeto quanto como sujeitos (DREYFUS; RABINOW, 1995).

Para os autores, quando Foucault utiliza o termo técnico dispositivo, suas análises se concentram “exatamente nessas práticas culturais em que o poder e o saber se cruzam, e em que nossa compreensão de indivíduo, de sociedade e das ciências humanas é fabricada” (ibidem, p. 160). O dispositivo pode ser considerado tanto uma grade de análise para compreender o processo e o produto dessa fabricação, bem como as próprias práticas que constituem e organizam os sujeitos. Desse modo, o dispositivo ou, na apropriação aqui realizada, o dispositivo esportivo pode ser utilizado como uma tentativa de apontar o problema da utilização do próprio dispositivo esportivo como forma de direcionamento dos sujeitos a uma conduta verdadeira.

A delimitação dos conceitos a serem trabalhados, a fim de organizar a escrita do texto, não foi tarefa das mais fáceis. Os conceitos foucaultianos possuem certa característica de entrelaçamento, de modo que qualquer escolha poderia implicar a retirada de uma peça fundamental para o desenvolvimento e a compreensão do trabalho. Para o estudo de um domínio específico, como o dispositivo esportivo, composto por diferentes relações de poder, e para a escolha dos instrumentos que permitirão sua análise, importa-me reiteradamente a analítica do poder. Por isso, na tarefa de tomar decisões conceituais, foi preponderante manter o constante pensamento na análise sobre como somos governados, conduzidos e orientados para certas práticas e determinadas atitudes e pensamentos que nos constituem.

Em sociedades ocidentais que já há alguns séculos não apresentam de forma clara o exercício de formas de atuação do poder pautados na repressão, torna-se ainda mais latente a necessidade de analisar as formas de poder que operam na perspectiva de governo: governar e ser governado; perceber o governo dos outros e o governo de modo mais amplo através da administração da vida, que pode ser realizada também pelo Estado. Segundo Rose (2001), é possível pensar que aparentemente podemos nos tornar cada vez mais livres e ao mesmo tempo ter essa liberdade cada vez mais conduzida. Passamos a nos tornar sujeitos de um determinado tipo, que opera sobre si mesmo através de diferentes verdades. Com isso, não podemos dizer que se trata exatamente de uma coação, mas de certa forma trata-se de uma

escolha, que é conduzida pela restrição de possibilidades, e realizada por sujeitos que se percebem livres e capazes de escolher o que dizem ser o melhor para si mesmos.

Portocarrero (2009, p. 237) refere-se a esse sujeito como “sujeito ativo” ou “sujeito moral ativo”, pois a ideia central está na constituição de si mesmo como experiência. Nessa experiência, o sujeito determina “a parte de si mesmo que constitui o objeto de sua prática moral”; “define sua posição em relação ao preceito que respeita” e estabelece “para si mesmo um modo de ser que deverá ter o valor moral de realização de si mesmo” (ibidem, p. 238). Assim, ele deverá agir sobre si mesmo, buscando conhecer-se, aperfeiçoar-se e transformar-se permanentemente. Porém, para isso, haverá múltiplas formas de recomendações de conduta para que se exerça essa liberdade de conduzir a si mesmo de modo adequado. Isso demandará uma série de disputas ou relações de força entre diferentes formas de pensar como os sujeitos ativos devem se conduzir e ser conduzidos, que podemos chamar de formas de governo.

Quanto ao governo, mais especificamente o governo das condutas, de si e dos outros, podemos analisá-lo a partir do conceito de governamentalidade. A governamentalidade caracteriza-se pelas racionalidades políticas ou mentalidades de governo, que tratam com questões populacionais, com o conjunto de pessoas. Ao mesmo tempo, também se refere ao modo como, inserido nesse contexto, cada um lida consigo mesmo através de determinadas práticas (SANTOS, 2012).

Sigo agora para o fechamento da apresentação conceitual sobre as ferramentas utilizadas na metodologia, que também encerram a etapa de delineamento teórico-metodológico da pesquisa. Realizarei, portanto, a descrição da forma como compreendo e opero com o conceito de governamentalidade que, ao longo do trabalho, tornou-se minha principal ferramenta para a análise do dispositivo esportivo.

2.5 A governamentalidade foucaultiana como teoria de análise

Minha tarefa aqui é questionar as técnicas de constituição dos sujeitos que são perpassados pelo dispositivo esportivo, tanto as técnicas de condução dos homens pelos homens como as de condução de si (nós por nós mesmos). Uma análise da governamentalidade pode apontar um campo estratégico de relações de poder e auxiliar na tarefa de perceber as relações de poder de modo não centralizado nas instituições, “para apreendê-lo na sua formação, nas suas conexões, nos seus desenvolvimentos e nos modos como ele se multiplica e se transforma mediante a ação de inúmeros fatores” (DAMICO, 2011, p. 79).

A governamentalidade foucaultiana foi minha ferramenta de análise sobre o dispositivo esportivo e através dela procurei compreender como estamos sendo governados. Para isso, primeiro foi necessário compreender, afinal, o que é a governamentalidade na perspectiva foucaultiana. Foucault descreveu sobre a governamentalidade principalmente nos cursos *Segurança, território, população* – 1977/78 (2008b), *Nascimento da biopolítica* – 1978/79 (2008c) e no texto *Governamentalidade*¹⁸ (2014), embora tenha continuado a utilizar a governamentalidade em seus processos de análise em *Do governo dos vivos* – 1979/80 (2010a)¹⁹, *A hermenêutica do sujeito* – 1981/82 (2010b), *O governo de si e dos outros* – 1982/83 (2010c) e *A coragem da verdade* – 1983/84 (2011).

Na primeira aula do curso *Segurança, território e população* (1978), Foucault apresenta a intenção de começar seu estudo a partir de uma ideia que ainda estava em fase inicial, o biopoder, que ele define como um “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008b, p. 3).

Possivelmente no desenvolvimento da ideia de biopoder tenha surgido a noção de governamentalidade que iria acompanhar o autor nas suas elaborações posteriores, em sua fase tardia, até a sua morte. Isso pode ser observado na descrição das proposições que ele utiliza para pensar a ideia de biopoder, sobretudo em sua quarta indicação, onde trata do discurso imperativo. A prática que decorre do discurso que constantemente nos diz “lute contra isto e desta ou daquela maneira” (ibidem, p. 5) só poderá aparecer inserida em um “campo de forças reais” (ibidem, p. 6). Com isso, o autor diz que o sujeito de tal discurso não poderá criar sozinho a partir de sua própria palavra, pois está imerso em um campo de forças que não se pode controlar²⁰.

Nesse sentido, seria um trabalho para os estudiosos inseridos nesta perspectiva descobrir quais campos de força reais poderiam ser tomados como referência para a realização de uma análise taticamente eficaz. Foucault direcionou-se então para a análise de alguns

¹⁸ O texto *Governamentalidade* foi publicado individualmente em algumas ocasiões, como em *Microfísica do poder* (2014), mas compõe o curso *Segurança, território e população*, correspondendo à aula de 1º de fevereiro de 1978.

¹⁹ Em *Do governo dos vivos*, Foucault utiliza a governamentalidade sob uma nova configuração, qual seja, o encontro entre técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si.

²⁰ Neste mesmo trecho do livro, Foucault diz que já que tem de haver um imperativo, que seja então o imperativo condicional, neste caso se substituiria o “lute” por “se você quiser lutar” (p. 6), e então apresentam-se algumas táticas, linhas de força etc.

mecanismos de segurança, já que a questão da segurança se apresentava naquele momento como um problema de governo. Para o autor,

[...] notável é que, a partir do século XVI e em todo esse período que vai, *grosso modo*, do meado do século XVI ao fim do século XVIII, vemos desenvolver-se, florescer toda uma considerável série de tratados que já não se oferecem exatamente como conselhos ao príncipe, mas que, entre o conselho ao príncipe e o tratado de ciência política, se apresentam como artes de governar. (FOUCAULT, 2008b, p. 118).

A arte de governar referia-se a uma forma de condução da conduta de indivíduos ou grupos de indivíduos. Tratava-se de resolver questões que apareciam como problemas de governos diferentes e múltiplos, como o governo de si (como governar a si mesmo?), o governo das almas, das condutas, das crianças, das comunidades, das famílias, dos doentes etc. “Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros” (idem, 1995, p. 244). O problema do governo, principalmente das almas e das condutas, foi também o problema da pastoral católica e protestante, bem como o governo dos filhos foi/é a grande problemática da pedagogia (idem, 2008b).

A formação desses problemas, ou a percepção de governo como a solução desses problemas, foi aflorada em meio a dois processos simultâneos: o processo de instauração dos Estados territoriais, administrativos e coloniais, ou seja, a fase de transição de uma organização feudal para a estruturação da formação dos Estados; e processo da Reforma e em seguida da Contrarreforma, que questionou o modo como se deveria ser espiritualmente dirigido na terra para alcançar a salvação pessoal em outro plano (ibidem).

Por um lado, movimento de concentração estatal, por outro, de dispersão e dissidência religiosa: é no encontro desses dois movimentos que se coloca, com intensidade particular no século XVI, o problema de como ser governado, por quem, até que ponto, com qual objetivo, com que método etc. (idem, 2014, p. 408).

Parece-nos que já se havia instaurado nesse momento certa sensação de normalidade quanto às práticas de governamento, pois a questão-problema estava em como ser governado e não no próprio governamento. Dentre as múltiplas possibilidades de governar e ser governado que existiram simultaneamente e não cessaram de surgir na sociedade, podem-se destacar algumas em particular que ganharam certo destaque: o governo de si, que pertenceria principalmente ao domínio da moral; a arte de governar pertencente à economia; e o governo do Estado, que pertence à política. Com essa espécie de tipologia das diferentes formas de governo, é possível destacar que o governo de Estado é uma das formas de governar, e não a única e nem a mais eficaz, e que nenhuma delas ocorre de forma isolada das outras (idem, 2008b).

A arte de governar passou a ser a principal forma de governo a partir do século XVIII, sobretudo, em decorrência da expansão monetária e demográfica do período²¹. A possibilidade de sua consolidação esteve ligada, talvez mais especificamente, ao aumento do número de pessoas e, com isso, à emergência do problema da população e à necessidade de governá-la. Com suas regularidades próprias, como número de mortos e nascidos, doentes e acidentes, a estatística iria mostrar que a população comporta efeitos próprios da sua agregação, que são irredutíveis à gestão familiar, como as epidemias, por exemplo, (FOUCAULT, 2008b).

Governar um Estado passou a significar, no século XVIII, o exercício da economia no nível do Estado, e não mais apenas no da família. Essa nova realidade possibilitou afastar definitivamente o modelo de gestão da família e buscar a noção de economia em outros exemplos. À exceção de temas morais e religiosos, a família como modelo de governo desaparece e se torna um elemento interno à população, capaz de apoiar o próprio governo desta. A família deixa de ser modelo e passa a ser instrumento, por meio do qual é possível governar populações, principalmente quanto ao comportamento sexual, à demografia, ao número de filhos etc. Essa instrumentalização da família passa a ser aparente através de campanhas de vacinação, sobre o casamento etc.: uma forma de exercer a economia das riquezas, das condutas coletivas e individuais (vigilância), e do controle, tão atenta quanto a que o pai exercia sobre seus bens e seus familiares (ibidem).

Se governo “é a correta disposição das coisas, das quais alguém se encarrega para conduzi-las a um fim adequado” (ibidem, p. 130), entende-se que os indivíduos também são coisas que devem ser organizadas para determinado fim. O objetivo-fim do governo é a população, ao passo que essa também é seu instrumento de ação/intervenção. Para tal finalidade de intervenção direta nos indivíduos, passou-se a utilizar técnicas e intervenções estratégicas, como campanhas publicitárias, por exemplo. Essa forma de exercício do poder atuaria diretamente sobre a racionalidade dos sujeitos que compõem a população. Ou seja, deixava-se de atuar a partir da racionalidade de um soberano, para atuar a partir da racionalidade de uma espécie de acordo social. Isso significaria, de modo geral, transferir a responsabilidade, que antes era da racionalidade de um soberano, para a racionalidade daqueles que são governados.

²¹ Para Foucault (2008b), até o século XVIII, a arte de governar ficou andando sem sair do lugar, pois possuía um quadro amplo, abstrato e rígido demais, que tinha a soberania como problema e instituição. Por outro lado, possuía um modelo frágil e estreito demais, que era o da família.

Foucault (2008b) chamou a atenção para o deslocamento no significado da palavra economia, que no século XVI designava uma forma de governo, mas no século XVIII denotaria um “nível de realidade, um campo de intervenção para o governo” (p. 127). A partir da economia, compreendo que é originada uma série de estratégias para a conduta dos sujeitos no sentido de otimizar a prática do governo ou a arte de governar. Como introduzir a economia, ou seja, como gerir corretamente os indivíduos, os bens, as riquezas no interior da família, mas no nível da gestão de um Estado? Essa passou a ser a questão orientadora, para a qual a arte de governar busca respostas. E foi a partir da contínua e múltipla rede de relações entre a população, o território e a riqueza (objetivo e instrumento/fim e meio) que se constituiu uma ciência chamada “economia política”, que no campo da intervenção, característica do governo, realiza a intervenção no campo da economia e da população (ibidem).

Apenas para não deixá-la de lado, a disciplina, necessária em regimes de governo anteriores, não só permaneceu presente como nunca havia sido tão importante e valorizada, a partir do momento em que se procurou administrar a população. Em destaque, Foucault descreve que o ato de administrar a população não é somente administrar a massa coletiva através dos fenômenos ou dos resultados estatísticos globais, mas “administrar a população quer dizer administrá-la igualmente em profundidade, administrá-la com sutileza e administrá-la em detalhe” (ibidem, p. 142).

Portocarrero (2009) aponta que um dos perigos na modernidade foi justamente a sutileza com que as normas passaram a fazer parte da vida dos sujeitos, por meio de estratégias sem estrategista aparente, impondo a normalidade. Neste contexto, os exercícios são justamente uma das principais estratégias que fazem com que haja uma transformação interna nos sujeitos. Tanto a ação do outro como as nossas ações sobre nós mesmos pertencem à dimensão da conduta; trata-se de “conduzir os outros, conduzir condutas e ordenar probabilidades, governar” (ibidem, p. 242).

A essa forma de governar, pautada de modo sutil, em orientar ou conduzir as condutas da população, será atribuído o título governamentalidade. Pela palavra, governamentalidade, Foucault designa primeiramente

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (2008b, p. 143).

Também por governamentalidade Foucault entende que pode ser compreendida

[...] a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. (FOUCAULT, 2008b, p. 143-144).

O autor faz ainda uma terceira afirmativa sobre a governamentalidade, que se pode percebê-la como o resultado do processo de governamentalização do Estado administrativo, tornando-o um Estado de governo. Tal Estado governamentalizado tem a população como objeto e utiliza o saber econômico ao seu dispor para exercer o controle sobre os indivíduos através de dispositivos, como o dispositivo de segurança, o dispositivo da sexualidade, o dispositivo do panóptico, dentre outros.

O conceito de governamentalidade apresenta-se como uma ferramenta de análise que possibilita a problematização das diferentes formas de condução (de si e dos outros). Por isso, para a incumbência de tentar compreender melhor o conceito de governamentalidade, socorro-me de Alfredo Veiga-Neto (2002, 2005), principalmente quando se propõe a construir alguns esclarecimentos sobre a leitura das teorizações foucaultianas neste domínio – o autor trata da diferenciação entre o significado de algumas palavras como governo, governo e governamentalidade.

Veiga-Neto defende a utilização das palavras governo e governamentalidade, mesmo que elas não sejam tão usuais em língua portuguesa. Isso porque tais derivações do vocábulo governo, segundo ele, dão conta de uma melhor forma do trabalho com as noções, os conceitos e as teorizações foucaultianas. O uso da palavra governo pode incorrer em certas confusões, já que possui um duplo sentido. Quando utiliza a palavra governo, Foucault o faz justamente para diferenciá-la de governo, o que não se aplica em algumas das traduções realizadas para o português. Por isso, quando tratamos de práticas inspiradas no trabalho de Foucault, que lidam com as formas de organização do poder tanto sob a condução do Estado como das demais práticas de conduta dos outros e de si, falamos de uma forma bastante específica de governo, elaborada pelo próprio autor e melhor denominada governo.

Já a governamentalidade, como já dissemos, foi descrita por Foucault como um tipo de racionalidade da arte de governar que se desenvolveu a partir dos séculos XVII e XVIII, inicialmente exercida de modo privilegiado pelo Estado e em seguida também pelos sujeitos, uns sobre os outros. Mais do que isso, para Veiga-Neto (2002, p. 6),

O projeto de Foucault era não apenas mostrar a matriz da razão política moderna, mas mostrar também de que maneira *da* pastoral cristã, característica da sociedade da lei – Estado de justiça, da Idade Média –, se tinha chegado à sociedade de

regulamento e disciplina – Estado administrativo (nos séculos XV e XVI) – e, desta, à sociedade de polícia, controlada por dispositivos de segurança – Estado de governo. (VEIGA-NETO, 2002, p. 6 – grifos do autor).

Em outras palavras, a proposta de Foucault foi demonstrar como o Estado moderno havia se governamentalizado, através da construção de uma história da governamentalidade. Não somente as práticas de Estado sobre a população, mas também as práticas dos próprios sujeitos, como um princípio que passou a estruturar a sociedade.

Para Foucault (2008c), o poder não pode ser analisado isoladamente, pois ele designa todo um campo de relações que deve ser analisado de modo ampliado. Inserida nesse contexto, a governamentalidade foi proposta para analisar justamente o campo de relações de poder – ou seja, a maneira como se conduz a conduta das pessoas, isto é, a governamentalidade, uma proposta de grade de análise para as relações de poder.

De acordo com Portocarrero (2009), Foucault demonstrou, em sua genealogia sobre o exercício do poder, que as relações de poder não acontecem somente entre parceiros individuais ou coletivos (isoladamente), mas são mais complexas do que isso. Em se tratando de modos de ação de alguns sobre a ação dos outros, estamos falando da dimensão da conduta, que foi progressivamente governamentalizada. Em *A hermenêutica do sujeito* (2010b), a governamentalidade passa a ser definida pelo autor como um campo estratégico de relações de poder não mais restrito ao ambiente político, podendo interferir inclusive no mais íntimo do sujeito. As relações de poder, que antes passavam por um sujeito de direito ou sujeito-identidade, passaram a permear um sujeito que se define na relação de si para consigo mesmo.

Com a introdução da racionalidade política deixando o formato único da Razão de Estado, passou a vigorar a ideia de contrato social que divide a responsabilização do exercício do poder para aqueles que são governados. Isso fortaleceu a importância do sujeito para o exercício do poder e também se tornou importante que o sujeito tivesse uma subjetividade, um eu, um si, uma definição de si pela relação consigo mesmo para utilizar as regras e orientações disponíveis na realização de suas escolhas. De modo geral, a importância do sujeito e de sua subjetividade se dará justamente para fins de dominação, que serão efetivadas pelo próprio exercício do eu (FOUCAULT, 2010a).

A centralidade do sujeito para o exercício do poder fez com que surgissem pouco a pouco diferentes formas de acessar e manifestar a verdade, novas técnicas de si e novos modos de exercitar-se, que Foucault (ibidem) chamou de governo pela verdade: “quanto mais o governo governa pela verdade, no fundo ele irá governar tanto menos. Mais ele indexará sua

ação à verdade, menos ele irá governar no sentido que menos irá tomar decisões que se imporão [...]” (FOUCAULT, 2010a, p. 45). Como disseram Saraiva e Veiga-Neto (2009), o novo alvo do poder é a alma.

De acordo com Portocarrero (2009), com base em seus estudos sobre o pensamento de Foucault, a análise de si é muito difícil, pois não há distinção clara dentre as técnicas observáveis para diferenciar as práticas do governo de si e dos outros. As técnicas do governo de si estão relacionadas às técnicas de conduta dos outros, principalmente quando tratamos de instituições educacionais, como escolas, por exemplo. Neste caso, podemos observar que há um direcionamento para o governo dos outros, ao mesmo tempo em que se ensina a governar a si próprio²².

A própria governamentalidade pode ser considerada o encontro entre as técnicas de dominação que se exercem sobre os outros e as técnicas de si, resultando na produção de subjetividades (soma do efeito do que opera sobre mim e do que eu opero sobre mim mesmo). Com isso, nota-se que não é possível separar, por exemplo, o exercício do governo de si e do governo dos outros, no entanto, para questões de análise, acredito que seja possível dar ênfase a um dos dois tipos de governo de cada vez. Para tal direcionamento no olhar para o governo de si, torna-se relevante a centralidade do eu na observação das práticas de governamentalidade. O questionamento realizado por Foucault, citado abaixo, pode auxiliar nesse direcionamento.

A partir do momento em que o preceito “cuidar de si” ganhou amplitude, generalidade, assumiu o caráter radical e absoluto do “é preciso converter-se a si mesmo”, “é preciso passar a própria vida retornando sobre si e buscando reunir-se a si mesmo”, a partir desse momento, o preceito “converter-se a si” não implicaria a necessidade de transladar, parcialmente ou totalmente, o olhar, a atenção, a agudez do espírito, da direção aos outros e às coisas do mundo para a direção a si mesmo? (2010b, p. 226).

Diante da inerência entre as práticas de governo dos outros (Estado) e do governo do eu (subjetividade), pode-se afirmar que a governamentalidade seria o esforço de produzir sujeitos governáveis através de técnicas como o controle, a normalização e a moldagem de condutas das pessoas (FIMYAR, 2009). Talvez contemporaneamente possamos afirmar que estamos em meio a algum tipo de governamentalidade neoliberal. De acordo com Saraiva e Veiga-Neto (2009), seria uma governamentalidade centrada na competição, atuando sobre os sujeitos de modo a incentivar a competição em um universo onde todos se sentirão livres para participar do jogo econômico. Assim, os sujeitos buscam

²² A primeira parte da presente tese tratou, sobretudo, deste aspecto do governo dos outros, que não está desconectado da prática do governo de si, que é destacado na segunda parte do trabalho.

autopreparar-se para competir, de modo que a sociedade neoliberal, ao mesmo tempo em que produz, consome esta liberdade.

Portocarrero (2009) concorda com Foucault, quando afirma que há uma preocupação cada vez maior com o cuidado de si que tem se espalhado para diferentes e diversos campos de práticas e pensamento, como educação, saúde e ciências. Em um quadro geral de análise sobre a sociedade contemporânea, se poderia afirmar:

As referências a grandes valores desapareceram e foram substituídas por um individualismo da autenticidade ou da abertura para os outros – responsabilidade pessoal ou coletiva. Isto começa nas condutas mais próximas: o cuidado do corpo, da estética, de si. Daí a busca da relação do sujeito consigo, a estima de si supõe o olhar do sujeito sobre si mesmo. O tema da conversão, no sentido da relação de si a si e da construção do sujeito por si mesmo está presente em toda parte. No meu entender, é um importante debate ainda em aberto. (ibidem, p. 247).

A análise da governamentalidade permite problematizar a relação do sujeito com a verdade, como se constrói a experiência formada por um conjunto de práticas exercidas que, ao mesmo tempo em que são práticas de liberdade, também são conduzidas por dispositivos de poder, a exemplo do dispositivo esportivo. Na leitura de Fimyar (2009), quando se utiliza a governamentalidade como ferramenta conceitual de pesquisa, é possível diagnosticar as relações entre as formas de exercício do poder e os processos de subjetivação e subjetificação²³. Também se podem problematizar questões sobre quem governa, o que ou quem é governado e como isso é realizado. Pode-se dizer que estes são estudos da formação de determinadas formas de saber e agir, ou ainda, estudos sobre as formas de produção da verdade.

A governamentalidade neoliberal, bem como a governamentalidade liberal, são exemplos de práticas de governo que racionalizam práticas de conduta da conduta. Elas produzem novas formas de racionalidade sobre o exercício do governo nos níveis do Estado e do eu. As formas de exercício do poder que compuseram a sociedade até a contemporaneidade se inter-relacionam e disputam a subjetivação dos indivíduos através do governo/governo do eu (ibidem).

Ramos do Ó (2009) afirma que a questão em causa, nos estudos da governamentalidade, não é a coerção ou os constrangimentos exercidos sobre sujeitos governados, mas antes a análise de uma “dinâmica onde a liberdade e a autonomia estão cada vez mais presentes” (p. 100). Nesse sentido, uma análise sobre as táticas permite cercar o dispositivo que historicamente vem sendo permeado por procedimentos, reflexões,

²³ A subjetivação refere-se à produção de sujeitos governáveis, e a subjetificação, à produção de uma existência individual (FIMYAR, 2009).

instituições e todo um conjunto de práticas que estabelecem um modo de ser/fazer orientado para objetivos comuns.

A análise da governamentalidade através do dispositivo esportivo colocou-me diante de diferentes técnicas de si e produção de racionalidades para o governo dos sujeitos, mas também de modos muito semelhantes de pensar no verdadeiro. Portanto, mesmo que haja uma pluralidade nas formas de governo, esta é, ainda, certa pluralidade sincronizada (RAMOS DO Ó, 2009). Ao perseguir as práticas de condução das condutas por meio do dispositivo esportivo na sociedade contemporânea, minha tentativa é justamente problematizar esse modelo adequado de acesso da verdade, permeado por discursos imperativos e demais táticas reguladoras e normalizadoras.

2.6 Genealogia, arqueologia, anarqueologia? Não sei qual a minha metodologia!

Optei por tratar nesta subseção de um momento mais individual da pesquisa. Relatarei como a genealogia, a arqueologia e a anarqueologia foucaultianas atuaram no processo de pesquisa, tornando-se inspirações metodológicas. Mesmo sem responderem a uma necessidade, que parecia não corresponder com a perspectiva teórica utilizada, de encontrar uma metodologia que pudesse me confortar, elas me auxiliaram a encontrar os conceitos teórico-metodológicos fundamentais e também a elaborar o delineamento metodológico já apresentado.

Alguns autores costumam organizar a vida acadêmica de Foucault em, pelo menos, três momentos distintos²⁴: o primeiro, quando ele considera a noção de vida como *objeto de saber*, principalmente em suas pesquisas arqueológicas nos anos 1960; o segundo, quando a vida passa a ser analisada como um *objeto de poder-saber*, através de uma genealogia das formas de relações de poder, nos anos 1970; e o terceiro, quando a vida passa a ser investigada como *obra de arte*, no final dos anos 1970 (PORTOCARRERO, 2009).

Essa sistematização das obras de Foucault me auxiliou na descrição dos procedimentos investigativos. Pois, se posso assim dizer, a base de sustentação e inspiração para a construção do traçado metodológico desse processo de investigação passou a tomar forma a partir do contato com esses momentos em que se divide a obra foucaultiana. Procurei olhar para como o autor procedeu em suas investigações, sobretudo no primeiro e no segundo

²⁴ Existem outras formulações, inclusive mais conhecidas, que dividem a obra de Foucault em dois momentos. Uma delas é a divisão entre a arqueologia, 1960, e a genealogia, década de 1970 em diante, sendo que a última fase poderia subdividir-se no que chamam de estética da existência ou ética de si.

momento, como lidou com os métodos de descrição e análise que chamou de arqueologia e genealogia. A partir desse modo de olhar a vida cotidiana, passei a perceber a lógica esportiva como um objeto de saber e como um objeto de poder-saber, suas formas e relações. No terceiro momento da obra do autor, identifiquei a possibilidade de entender essa lógica como um modo de governar-se através das práticas de si, como modificadoras dos sujeitos.

Dessa maneira, a partir da influência da perspectiva arqueológica, procurei analisar os processos de restrição (exclusão) do discurso, ou seja, como alguma coisa se torna possível de ser dita e tomada como verdadeira em determinado momento e sociedade. A partir da fonte genealógica de pesquisa como exemplo, nos meus estudos tentei colocar em prática o descrever-analisar as transformações enunciativas, ao mesmo tempo dispersas, descontínuas e irregulares. A genealogia auxiliou-me na tentativa de apreender, analisar a formação e, principalmente, a dispersão dos discursos e enunciados relacionados à lógica esportiva.

Através das ideias e sugestões que as arqueologias de Foucault nos oferecem, procurei aproximar-me da compreensão da constituição de alguns saberes específicos, que são potencializados e dispersados a partir da lógica esportiva. Seguindo tal inspiração, foram privilegiadas as inter-relações discursivas e suas articulações com as instituições, buscando respostas para como esses saberes aparecem e se transformam. Nas palavras do próprio autor,

O horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois, *uma* ciência, *uma* racionalidade, *uma* mentalidade, *uma* cultura; é um emaranhado de interpositividades cujos limites e pontos de cruzamentos não podem ser fixados de imediato. A arqueologia: uma análise comparativa que não se destina a reduzir a diversidade dos discursos nem a delinear a unidade que deve totalizá-los, mas sim a repartir sua diversidade em figuras diferentes. A comparação arqueológica não tem um efeito unificador, mas multiplicador. (FOUCAULT, 2008a, p. 180 – grifos do autor).

Assim, reforcei ainda o meu propósito de trabalhar com autores que acreditam nas permanentes desconstruções e construções das teorias existentes, que se dispõem ao risco da experiência modificadora de si, e não com os que produzem doutrinamentos prescritivos. Nesse sentido, parecia estar no caminho certo, pois, em concordância com isso, a arqueologia e a genealogia não têm por objetivo fundar uma teoria ou se constituir como sistema, é “o propósito delas realizar análises fragmentárias e transformáveis” (MACHADO, 2014, p. 13).

Passei a estudar alguns procedimentos adotados nas genealogias foucaultianas, como exemplos metodológicos. Portocarrero (2009) considera que o surgimento das análises genealógicas se deu a partir da articulação entre as ciências biológicas, no século XIX, e outros campos de saber e de diferentes práticas. A partir desse movimento, a genealogia torna-se uma forma estudar as relações de força que agem sobre a vida dos indivíduos e das

populações, através da formação do poder disciplinar, exercido sobre o corpo e a alma, e também pela constituição do biopoder.

A partir da terminologia nietzschiana, Foucault chamou de genealogia a análise que pretende explicar a existência dos saberes e suas transformações, situando-os como peças de relações de poder e servindo como dispositivos políticos. Um dos objetivos desse caminho de pesquisa é explicar o aparecimento de saberes a partir das condições de possibilidade que circundam os próprios saberes em determinados períodos e sociedades. Os saberes podem ser considerados como elementos de um dispositivo de natureza estratégica (MACHADO, 2014). Para Foucault (2014, p. 270), a genealogia seria então

[...] um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais – menores, diria talvez Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder, eis o projeto dessas genealogias desordenadas e fragmentárias. Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem dessa discursividade. Isso para situar o projeto geral.

Então é isso que eu quero fazer! A cada descoberta trazida pelas citações de Foucault sobre seus procedimentos metodológicos parecia que seriam perfeitos para a análise dos enunciados e discursos esportivos, que ainda estavam um tanto embaralhados. Ao assinalar o aparecimento do enunciado esportivo em diferentes campos sociais, foi notável que ele continuava a se expandir cotidianamente em notícias, campanhas publicitárias e publicações de livros. Junto com ele, crescia a necessidade de organizar esse cenário tão amplo para enfim olhar e visualizar, ao menos, a elaboração de algum delineamento da pesquisa. Dessa forma, além do encontro com a perspectiva genealógica, pareceu-me que a arqueologia também pudesse caracterizar esse estudo metodologicamente. Teria que estudá-la também.

Continuando minha perturbação metodológica, identifiquei certa proximidade na ideia da lógica esportiva com o que podemos chamar de *materialidade do saber*. A genealogia considera o saber como uma peça de um dispositivo político que, de alguma forma, se articula com a estrutura econômica da sociedade e compõe domínios de saber a partir de práticas políticas disciplinares. Através dessa característica comum, procura-se distinguir e compreender toda uma engrenagem de poder que se estende pela sociedade, pelas vias mais particulares, próximas e concretas, não necessariamente através das instituições, mas também através delas, e toma corpo nas técnicas de dominação. Na análise desses procedimentos, Machado (2014) trata essa forma de poder como algo que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos, ou seja, o seu próprio corpo. Isso porque esse tipo

de poder – o poder disciplinar – está localizado socialmente no mesmo nível do corpo, às vezes tão próximo que se torna difícil percebê-lo. Ele não está sinalizado ou acima dos corpos, mas escorre entre eles e vai sendo absorvido na vida cotidiana, e nesse sentido Foucault o conceituou como um micropoder²⁵, e Guattari como uma micropolítica²⁶.

Sobre a disciplina ou o poder disciplinar, apoiada nos escritos de Machado (2014) sobre a genealogia e o poder em Foucault, percebi que este poderia se tratar de “uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder”. Enfim, é o meio através do qual se pode realizar o controle detalhado das operações do corpo, que permite uma sujeição constante e coloca os corpos em uma relação de “docilidade-utilidade”²⁷. A maquinaria do poder não atua apenas do lado de fora, mas principalmente trabalha no próprio corpo dos homens, produzindo seus comportamentos, fabricando um tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção das sociedades (ibidem, p. 21-22).

Nas palavras de Foucault quanto ao projeto genealógico, percebi que a prática de pesquisa e a escolha metodológica poderiam também representar alguma forma de resistência contra certas formas de dominação:

Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (2014, p. 268).

Com isso, notei que certa forma de ver – crítica, contra efeitos de poder centralizadores – me acompanhava como um desejo de ser manifestado na pesquisa. Os procedimentos críticos de análise relacionam-se principalmente aos “sistemas de recobrimento do discurso”, procurando identificar e sinalizar os princípios de “ordenamento”, “exclusão” e “rarefação” dos discursos (idem, 2011, p. 69).

Então, do contato com os procedimentos metodológicos genealógicos e arqueológicos de Foucault, encontrei diversas pistas investigativas para identificar a caracterização metodológica da pesquisa. Dentre as pistas encontradas nesse caminho, fui carregando

²⁵ Foucault chamou de “microfísica do poder” a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado e minucioso do corpo, como, por exemplo, através de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos (MACHADO, 2014).

²⁶ Deleuze, contrariando uma concepção extremamente linear do poder, cria uma concepção molecular e dinâmica da análise micropolítica. Esse conceito trata de desmistificar o poder, demonstrando seu enraizamento e sua penetração no cotidiano da vida (GUATTARI; ROLNIK, 1982).

²⁷ Para Foucault (2004), a partir da análise de uma “economia-política” dos corpos, podemos notar que não é preciso se acorrentar ou fazer sangrar um corpo, pois mesmo lançando mão de métodos mais “suaves” pode-se trancá-los, corrigi-los ou adestrá-los. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p. 25, 118).

comigo inspirações, como, por exemplo, a inspiração da leitura crítica (ou pós-crítica), que pode ser caracterizada por uma leitura que não está voltada no retorno ao passado, mas no diagnóstico do presente (AVELINO, 2010).

O estudo da governamentalidade foucaultiana como ferramenta trouxe lugares para os meus pensamentos desabrigados, principalmente por sua característica de diagnóstico. Além disso, noto que não há coincidência no encontro com tal ferramenta, pois Ramos do Ó (2009) se refere à governamentalidade como uma noção que tenha atravessado todo o cenário elaborado por Foucault em suas formas de análise, tais como a arqueologia, a genealogia e a ética.

Por fim, para Fimyar (2009, p. 37), “a analítica da governamentalidade examina as práticas de governo em suas complexas relações com as várias formas pelas quais a *verdade* é produzida nas esferas social, cultural e política. Portanto, além de encontrarmos na governamentalidade um potencial crítico problematizador, nela temos a característica de análise de diagnóstico que pode nos possibilitar a abertura para novas formas de pensar sem prescrever como se deve fazer isso.

Primeira parte

O GOVERNO DOS OUTROS

3 AS OLIMPIADAS ESCOLARES COMO PRÁTICA DE GOVERNAMENTO DOS OUTROS ATRAVÉS DO DISPOSITIVO ESPORTIVO

3.1 Introdução

Nessa primeira parte da análise dos dados empíricos, tratarei do que se pode chamar de movimento da *esportivização dos saberes*, que se refere à utilização do dispositivo esportivo para conduzir práticas escolares, como as competições conhecidas por olimpíadas de matemática, física, química etc.²⁸ Pode-se dizer que essa é uma prática que vem sendo realizada constantemente e tem sido reconhecida como um modo legítimo de selecionar sujeitos e estimular a busca pelo sucesso através da conquista de uma medalha na disputa com seus pares. Nesse sentido, também é possível afirmar que tais práticas têm se naturalizado nos cotidianos escolares como um meio de diferenciar alunos com as melhores qualidades específicas para determinado fim, ainda no ensino básico.

Busco a ampliação do diálogo sobre a utilização da lógica esportiva como estratégia de governamentalidade, através do seguinte questionamento: como essas práticas escolares têm se organizado através do modelo esportivo de alto rendimento a ponto de produzir novas formas de ser e de agir na sociedade contemporânea? Cito ainda outras questões que também movimentaram os procedimentos de investigação como desdobramentos da questão principal: como ganham relevância no ambiente escolar e como funcionam a ponto de produzir formas de ser e de agir? Como se organizam a ponto de se apropriarem das características típicas das competições esportivas de alto rendimento? Que possíveis efeitos essas competições têm demonstrado através das manifestações das instituições e dos sujeitos nelas envolvidos?

3.2 Primeiros passos no rastro de uma conduta esportiva: cercar a dispersão da lógica esportiva e destacar o dispositivo esportivo

Desde o surgimento do fenômeno social chamado esporte, talvez já seja possível perceber a emergência de um dispositivo esportivo e sua utilidade, no que tange à necessidade de agir sobre os sujeitos e orientar as formas de conduzirem suas vidas. Esse dispositivo, que irrompe como efeito de uma nova economia de mercado em meados do século XIX, vai sendo

²⁸ Ao longo do trabalho, a referência a esses eventos será realizada, principalmente, através do termo competições escolares, mas essas competições também se denominam por vezes “científicas”, com exceção das competições esportivas. A essa última chamam exclusivamente de competição escolar, mesmo reconhecendo que muitas daquelas chamadas científicas também acontecem no ambiente escolar.

absorvido por políticas de governo (dispersão), e contribui fielmente para o acirramento de certos ideais até os dias de hoje, como o crescimento econômico e a gestão da população.

Para situar de onde venho nesse caminho dos estudos sobre o esporte, demarco que meu ponto de partida foi a concepção de esporte advinda, sobretudo, do princípio do século XX e final do século XIX na Inglaterra (ELIAS; DUNNING, 1992). Essa noção de esporte emergiu em uma sociedade datada e localizada, em um momento propício, quando havia a existência de condições para essa possibilidade, principalmente devido a uma nova ordem social pautada no desenvolvimento econômico através da produção e do consumo. Com isso, já é possível notar que me aproximo das teorias que percebem o esporte a partir de uma ruptura em relação a outras práticas corporais ou manifestações culturais que existiram em outros momentos históricos e sociedades distintas.

A transformação de diversas práticas sociais em esportes esteve envolvida no processo de aumento da regulamentação dos comportamentos dos indivíduos, bem como de maior uniformidade entre eles. Relacionado ao processo de civilização, o surgimento das competições e equipes, de organizações esportivas em geral, pode ter auxiliado no abrandamento da violência na época, pelo menos em espaços coletivos dedicados ao exercício de práticas corporais. Ao olhar de outro modo, como sugere Touraine (2010), nota-se que as práticas esportivas ganharam visibilidade naquele momento e local específico, não apenas pela proximidade com as novas características de comportamento mais controlado da população, mas justamente pela visibilidade atribuída a elas devido ao seu potencial civilizador, que possivelmente já havia sido detectado como um efeito daquelas atividades²⁹.

Naquele mesmo período, a sociedade em processo de industrialização dava início à condução do exercício de práticas direcionadas a atitudes como o *querer sempre mais, vencer*, a constante busca do *enriquecer e crescer*, justificando interesses de minorias, como se fossem de todos os indivíduos. Em 1925, a coluna *Como vencer na vida*, do jornal Folha da Manhã, indicava que era preciso ter “imaginação e otimismo”. Ao mesmo tempo em que, no mesmo jornal, em 2 de abril de 1931, um anúncio pergunta: “Quer vencer na vida?”, então oferece um curso para aprender em pouco tempo a digitar na *machina* perfeitamente com os dez dedos e sem olhar para o teclado. Na coluna *Caminhamos para a Celebridade*, fica evidente que essa expressão significa ganhar ou conseguir dinheiro de alguma forma, pois exemplifica que a palavra *bicho*, do termo *Jogo do Bicho*, também expressa uma forma de se conseguir vencer na vida.

²⁹ Isso porque não só as práticas esportivas surgiram naquele contexto civilizatório, como elas passaram a auxiliá-lo desde então.

Na edição de 28 de fevereiro de 1921 da Folha da Noite, foi publicado um texto chamado *Futebol e nacionalismo*. Nele, o autor F. Vergueiro Steidel faz as seguintes afirmações sobre o futebol:

Não há outro jogo que sirva para demonstrar a decisiva influência da solidariedade dos esforços para a obtenção da vitória; a grande lei da especialização das funções em uma sociedade organizada e a do aproveitamento de aptidões individuais; e mais do que tudo isso para mostrar que o resultado final depende da disciplina e obediência aos que dirigem a luta. (1921, n. 8).

É possível perceber a existência de uma série de enunciados que propõem uma forma de conduzir as vidas dos sujeitos. A partir de ideais de produtividade como pano de fundo, são pulverizadas enunciações como a eficácia dos esforços na obtenção da vitória, a importância da obediência para o alcance do resultado. Há, nessas notas, indícios de uma estratégia de governar que utiliza o empoderamento do próprio sujeito como forma de individualização e a emancipação como resultado desse processo.

O esporte, e mais tarde o dispositivo esportivo, assumiram, dentre outras funções, a de comparar *performances*, sob a conduta de regras fixas e válidas igualmente para todos os competidores, percebendo-os como peças de um mesmo jogo. Nesse contexto, fez-se com que os sujeitos passassem a desejar as mesmas coisas ou coisas muito parecidas, ao mesmo tempo em que, quando não se consegue uma *vitória*, deve-se aceitar que o próprio indivíduo não se esforçou suficientemente para que aquilo acontecesse. Para Saraiva (2005), essa determinação da capacidade produtiva dos indivíduos sempre esteve presente, desde a formação da sociedade capitalista, exigindo e desenvolvendo padrões de rendimento, que consequentemente produzem valores e conduzem nossos comportamentos.

Em sincronia com o contexto social vivido, o modelo do esporte moderno tornou-se a expressão mais séria e valorizada dentre as demais práticas corporais, e vem se tornando relevante também dentre outras práticas sociais, noutros campos, como a educação. De acordo com Bracht (1989, p. 4), quando se refere à apropriação da lógica do esporte nas demais práticas corporais, “a cultura corporal de movimento esportivizou-se”. Nos escritos de Bourdieu (1983), em *Como é possível ser esportivo?*, o autor propõe interrogações em torno do que podemos chamar de acontecimentalização³⁰ do esporte. Para ele, na contemporaneidade as práticas corporais constantemente têm sido esportivizadas, até mesmo aquelas “oriundas de culturas e significações diferentes daquelas que o esporte preconiza: racionalização, burocratização, competitividade etc.” (ibidem, p. 140). Através desses indícios

³⁰ Para Foucault, de modo geral, a acontecimentalização é a análise do acontecimento antes que ele se torne uma verdade.

da esportivização, é possível verificar sua constante positivação através de discursos que apontam o esporte “como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer” (BOURDIEU, 1983, p. 140).

O processo de esportivização pode ser considerado tanto o efeito de transformar uma prática social não esportiva de tal modo que essa passaria a assumir os códigos próprios do esporte (o que defendo nesta tese), como o espalhamento das próprias práticas esportivas em diferentes ambientes sociais com objetivos variados. Assim, segundo González e Fensterseifer, é possível afirmar que na sociedade atual

A esportivização evidencia-se no fenômeno de o esporte inundar todos os espaços do cotidiano, não apenas em seus ícones telespetacularizados, dramas esportivos, suas roupas, sua linguagem, mas também, e *particularmente, com sua lógica de disputa e rendimento, que encharca nossa forma de olhar e sentir o mundo.* (2008, p. 173 – grifo meu).

Ao concordar com a existência de uma lógica própria do esporte, foi possível afirmar que também haviam se esportivizado práticas para além daquelas que poderiam compor a cultura corporal (de movimento)³¹. Assim, considera-se que haja um modelo esportivo ou ainda uma conduta esportiva que teria passado a se manifestar no modo de governar diferentes sujeitos nas mais variadas atividades cotidianas e que ganha cada vez mais visibilidade na sociedade contemporânea, através do que chamo de dispositivo esportivo.

Quando se trata do universo esportivo, é pertinente observar que ele é visibilizado principalmente através do esporte de alto rendimento. Mesmo que a maioria dos indivíduos que exercem alguma prática esportiva não o faça em nível de alto rendimento, ela exerce soberania sobre as demais formas esportivas³². Igualmente, será esse o modelo de propagação do esporte utilizado como exemplo para a condução das condutas. Isso ocorre justamente, e não por acaso, no contexto de sociedade mencionado anteriormente, onde os sujeitos são direcionados a desenvolverem-se com o máximo de “seriedade no envolvimento”, “orientação para os resultados” e “crescente competitividade”, assim como nas práticas esportivas de maior visibilidade (DUNNING, 1992, p. 299).

O esporte assume características do contexto em que está inserido, assim carrega consigo e reproduz os significados e códigos da sociedade contemporânea. Da mesma forma,

³¹ Configuram-se por objetos de estudo da Educação Física temas ou formas de atividades corporais, tais como: jogos, esportes, ginásticas, danças, manifestações folclóricas, lutas, mímica, dentre outras (BRACHT, 1999).

³² Essa prática corporal não possui o mesmo significado em todas as suas possibilidades de expressão. Também são relevantes, porém menos destacados, o esporte escolar, o esporte de lazer, o esporte amador etc. No Brasil, principalmente em meio à realização da Copa do Mundo de futebol masculino (2014), Olimpíadas e Paralimpíadas (2016), as organizações esportivas, instituições públicas e privadas destinam recursos quase exclusivamente para competições de alto rendimento.

produz significados para essa mesma sociedade, interferindo nos seus processos de existência. Essa prática corporal não possui o mesmo significado em todas suas possibilidades de expressão. Porém observam-se – em um grande número dessas expressões – características similares do modelo esportivo de alto rendimento, como a busca por resultados, o máximo rendimento, a busca pela superação de si mesmo e do adversário, a subordinação às regras, a exigência de técnicas, táticas, competências e habilidades cada vez mais especializadas e a constante positividade sobre a tarefa de obter sempre a vitória, e somente ela.

O modelo esportivo de alto rendimento, além de derivar do ideal capitalista, é também a forma que mais serve a tal sistema econômico, pois para sobreviver este necessita de indivíduos que: concorram na busca por resultados; obtenham o máximo rendimento ou produtividade; procurem superar a si mesmos e aos *adversários*; sejam subordinados às regras e a quem as faz sem questioná-las; cumpram as exigências de técnicas, táticas, competências e habilidades cada vez mais especializadas; sejam obedientes; além de emitirem a constante positividade sobre a tarefa de obter sempre a vitória, mesmo que só haja lugar para um indivíduo.

Na crítica social do esporte, o seu papel funcionalista, isto é, a utilização do esporte como estratégia para a busca de eficácia e produtividade no trabalho, tem estado sempre presente. Várias são as abordagens possíveis, passando pela divisão e hierarquização das tarefas esportivas (e laborais), pela mecanização e automatização dos gestos motores, pelo controle e ocupação do tempo livre do trabalhador com atividades esportivas, a fim de garantir sua integridade física (leia-se: produtividade), entre outras. (PIRES, 1998, p. 26).

Conforme as palavras do autor, destaco uma das relações possíveis nesse contexto, a que trata sobre a prática esportiva como um veículo que serve ao mercado de trabalho como estratégia de produtividade. As táticas utilizadas, nas diferentes formas de abordagens que vão desde a hierarquização e divisão das tarefas até a mecanização dos gestos motores como exemplos dos esportes a serem seguidos, são características próprias da lógica esportiva que compõem o dispositivo esportivo.

A partir do cenário no qual se observam características esportivas de acordo com o contexto social, que servem como formas de conduzir os sujeitos, percorro algumas pistas no sentido de espalhar essa análise para além das práticas esportivas. Por isso, neste trabalho opero com a noção de dispositivo esportivo como uma estratégia de governamentalidade, que se utiliza não apenas das práticas esportivas para governar os sujeitos, mas de discursos, enunciados, sujeitos, instituições e demais táticas produzidas a partir dela. Utiliza-se, por exemplo, de maratonas de empreendedorismo, maratonas científicas, maratonas de engenharia e de programação; de olimpíadas escolares de matemática, química, geografia, língua

portuguesa, história, física, biologia; de olimpíadas do conhecimento, WorldSkills³³, Prêmio Jovem Cientista etc.

Para operar no campo da educação, escolhi problematizar a dispersão do dispositivo esportivo em ambientes educacionais escolarizados. Para isso, primeiramente identifiquei o emprego do termo *dispositivo esportivo* em trabalhos anteriores. Este foi utilizado em 2013 na tese de doutorado de Marcelo Moraes e Silva, intitulada *Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)*, referindo-se a um processo de transformação de comportamentos dos habitantes daquela cidade por meio do esporte. Anteriormente, Kátia Rubio havia citado o mesmo termo em seu livro *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*, de 2006, quando se referiu a existência de características próprias do esporte identificadas por Bourdieu (1993) e chamou de “chaves constitutivas do dispositivo esportivo” (p. 70).

Diferentemente dos trabalhos mencionados, entendo que o dispositivo esportivo atravessa a análise da dispersão da lógica esportiva, operando a partir da transposição de certos códigos, máximas, consignas, tidos como exclusivos ou próprios do âmbito esportivo, também para outros domínios da vida contemporânea. Deixa-se, desse modo, de constituir verdades apenas sobre atletas, treinadores e pessoas envolvidas com a prática esportiva de alto rendimento, e se avança sobre uma série de âmbitos, como profissionais, educacionais e até mesmo nas relações pessoais. O dispositivo esportivo parece já se impor em fluxos e intensidades suficientes para funcionar mesmo quando não é o esporte propriamente dito que está sendo praticado. Com isso, levanto a suspeita de que o dispositivo esportivo já não mais prescinde da prática do esporte para ser ativado, para se fazer funcionar, para conduzir sujeitos e para produzir efeitos.

A noção de dispositivo esportivo, apropriada para essa reflexão, deu-se através da percepção de uma lógica esportiva comum, presente em discursos, instituições, enunciados, organizações que não envolvem necessariamente a prática de esportes. Esse conjunto de coisas, mesmo sendo heterogêneo, possui um ponto de contato, do qual é possível iniciar uma trama que se pode compor pela relação desses diferentes elementos que utilizam a lógica esportiva. No que se refere à lógica esportiva, entende-se um conjunto de práticas orientadoras dentro de um universo específico, com uma organização própria.

O universo esportivo é amplamente regrado e controlado. De modo geral, ele está baseado nos princípios de racionalização, burocratização, treinamento, seleção, domínio do

³³ A WorldSkills é uma olimpíada mundial de educação profissional, da qual o Brasil foi sede em 2015, por intermédio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

corpo, rendimento, competição e máximo desempenho. As práticas que utilizam o modelo esportivo são atravessadas ainda por dispositivos motivacionais (conquistar, buscar, alcançar, ter força de vontade, superar limites) que atuam no sentido de estimular a projeção em direção ao objetivo supremo da prática esportiva, que é obter o melhor resultado em comparação com os outros e consigo mesmo em uma determinada tarefa (DAMICO, 2012; SILVEIRA; RIGO, 2013; FREITAS, 2009).

A partir da análise do dispositivo esportivo em sua dispersão por entre os diferentes campos, e mais especificamente sua dispersão inserida no contexto escolar, convencionou-se chamar de *esportivização dos saberes* a estratégia que se utiliza de uma série de práticas organizadas em função do modelo esportivo para a obtenção de um melhor rendimento através da concorrência em atividades escolares. Essas práticas são popularmente conhecidas como olimpíadas científicas, escolares ou do conhecimento³⁴, e vêm se constituindo como um modo reconhecido e legítimo de selecionar sujeitos e estimular a busca pelo máximo rendimento e o almejado sucesso através da conquista dos melhores resultados nas competições.

3.3 Procedimentos metodológicos

Ao operar com a temática das olimpíadas, podem-se considerar pelo menos duas fases distintas quanto às características desse evento: uma anterior ao advento do esporte moderno, e outra posterior. Aquelas práticas que eram realizadas na antiguidade pouco têm a ver com as práticas que passaram a ser exercidas nas olimpíadas durante a modernidade (GUTMANN, 2001; HELAL, 1990). Posto isso, posso localizar este trabalho a partir da expressão moderna de olimpíadas, bem como do esporte moderno, pois opero com uma tendência que considera haver um rompimento no significado das práticas existentes no período que antecede a modernidade e no posterior.

A partir do entendimento moderno da expressão olimpíada, empreendo uma análise sobre como ela tem servido de exemplo para uma versão contemporânea desse evento: as olimpíadas escolares. Estas, por sua vez, estão pautadas nos moldes das olimpíadas esportivas

³⁴ As competições analisadas denominam-se olimpíadas científicas ou olimpíadas do conhecimento, com exceção das competições esportivas que por bastante tempo foram reconhecidas por olimpíadas escolares. Hoje, desde 2012, as competições esportivas passaram a ser denominadas Jogos Escolares da Juventude, possivelmente em concordância com a decisão do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) de barrar a utilização do termo olimpíadas, que só caberia ao próprio comitê.

e têm conduzido não só as olimpíadas esportivas escolares, como as demais áreas do conhecimento ou científicas a seguirem os exemplos esportivos.

Para elencar as olimpíadas que fariam parte do *corpus* de análise desta pesquisa, construí uma ferramenta para estabelecer os critérios de escolha. Os procedimentos realizados foram coletas dos registros de dados, que podem ser chamados de “dados de propagação” das olimpíadas escolares. Primeiramente, realizei um mapeamento³⁵ das olimpíadas escolares existentes no contexto brasileiro e, então, através do site *Google*, que oferece ferramentas de busca³⁶, procurei pelos nomes das olimpíadas que haviam sido citadas no mapeamento.

Observei a quantidade aproximada de resultados relacionados que a busca por uma determinada olimpíada poderia demonstrar³⁷ e esse dado foi considerado um dos critérios de relevância quanto à abrangência ou à propagação daquele termo na rede. Dentro de cada página principal dos eventos foi pesquisado o número de acessos registrados naquele ambiente, que aos poucos vem sendo substituído pelo número de *likes*³⁸ recebidos através da rede social *Facebook*, por isso busquei também essa segunda informação. Um último critério foi a utilização de outras redes sociais para comunicação e divulgação, como *Twitter*, *YouTube*, blogs, *Instagram*, *Flickr*, *Tumblr*, *SoundCloud* e *GooglePlus*. Dentre estes, o mais utilizado foi o *Twitter*, por isso, as contas de cada competição foram acessadas para observar principalmente o número de seguidores, mas também as *hashtags* e os assuntos relacionados. A partir desses dados, foi elaborada uma tabela dos dados de divulgação das olimpíadas escolares (APÊNDICE A), que facilitou a visualização daquilo que chamo de dados de propagação desses eventos.

O critério utilizado, a partir da ferramenta elaborada, foi o de abrangência daqueles dados, ou seja, foi considerado o número de movimentações de participantes envolvidos, para considerar a extensão da atuação de cada evento. Acredito que essas referências podem representar um pouco da dimensão do alcance de seus enunciados, de sua relevante dispersão

³⁵ Utilizei como balizador para busca sobre as olimpíadas a serem analisadas um edital específico para apoio a olimpíadas científicas lançado em 2012, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Foi o edital N° 49/2012, chamada do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social (SECIS), Ministério da Educação (MEC), por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Acrescentei algumas versões, como as destinadas a escolas públicas das Olimpíadas de Matemática e Física, que não estavam entre as dez selecionadas neste edital, mas são bastante conhecidas e reconhecidas. Já a Olimpíada de Biodiversidade e Ciências da Vida para o Ensino Médio recebeu apoio através do referido edital, mas não foi encontrada em nenhum meio de divulgação *on-line*.

³⁶ Trabalhei com o site de buscas mais popular da internet, o *Google*, que pode ser acessado em <<http://www.google.com.br>>.

³⁷ Para isso, foram tomadas algumas medidas restritivas, como a utilização das aspas para envolver o nome de cada evento, e as ferramentas de busca “ao pé da letra”, e em “Português”, oferecidas pelo buscador utilizado.

³⁸ Os *likes* são uma sinalização realizada através de um botão, que representa sua presença naquele local e gosto pelo assunto. No Brasil, a tradução para essa ferramenta é a ação de *curtir*.

e de um grande número de sujeitos envolvidos. É importante ressaltar que também são consideradas relevantes aquelas competições com menor divulgação, pois elas apenas possuem um menor número de registros quanto ao envolvimento e número de participações de pessoas e menor divulgação de suas ações em rede.

Além de acompanhar as olimpíadas em suas redes sociais e sites, também utilizei uma ferramenta de busca do Google chamada *alerta*, a partir da qual é possível sinalizar as temáticas de interesse e receber notificações cada vez que alguma notícia for publicada sobre o assunto. Utilizei 20 sinalizações de alerta no Google e durante o período de um ano recebi diariamente informações sobre qualquer notícia que fosse publicada *on-line* na temática dos alertas (APÊNDICE B).

Alguns *sites* das olimpíadas possuem *links* que remetem a publicações e divulgações na mídia. Os *links* disponibilizados mostram diretamente onde cada competição está citada na mídia e por isso foram muito importantes para o trabalho de coleta de dados. Os principais *links* que acompanhei foram *Imprensa - OBMEP na mídia, sala de imprensa da OBM, OBR na mídia, OBA na mídia, Notícias da OC, Tudo sobre a OBFEP, OBB na mídia, Notícias sobre a OLP e somos notícia*. A Olimpíada Brasileira de Matemática e a de Robótica também disponibilizam *links* para as suas próprias revistas: *Eureka!*, a revista da Olimpíada Brasileira de Matemática, e *Mundo Robótica*, a revista oficial da Olimpíada Brasileira de Robótica.

Assim, tive que elencar algumas olimpíadas para viabilidade da investigação e cheguei a um *corpus* empírico caracterizado por um conjunto de seis olimpíadas: a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), a Olimpíada do Conhecimento (OC), a Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) e a Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR).

Para chegar a esse conjunto definido de olimpíadas a serem analisadas, perpassei ainda outras, nacionais e internacionais. No Brasil, conheci a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), a Olimpíada Brasileira de Física (OBF) e a Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP), a Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB), o Programa Nacional Olimpíadas de Química, a Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (OBSMA), a Olimpíada Brasileira de Agropecuária (OBAP), a Olimpíada de Biodiversidade e Ciências da Vida para o Ensino Médio, a Olimpíada Brasileira de Química Júnior (OBQ Jr.), a Olimpíada Brasileira de Informática (OBI), a Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL), a Olimpíada Brasileira de Geografia (OBG), a Olimpíada Nacional de Oceanografia

(ONO) e os Jogos Escolares da Juventude³⁹. Em um cenário mundial, observei a existência de praticamente todas as modalidades de olimpíadas em suas versões internacionais.

Reforço que a compreensão desses movimentos se dá a partir de uma atitude crítica, observando que os elementos relacionados estão situados em um universo que é composto por sujeitos envolvidos o tempo todo em relações de poder-saber. Os contextos investigados demonstram esse envolvimento de sujeitos através de instituições governamentais, não governamentais, agências de fomento à pesquisa, empresas parceiras/investidoras, famílias, escolas, universidades e mídia. Assumir uma atitude crítica nesse cenário significa observar atentamente as estruturas sobre as quais estão apoiados os dispositivos de poder-saber e realizar um trabalho de contínuas desconstruções e construções, utilizando alguns conceitos principais como ferramentas de trabalho, a saber: dispositivo e governamentalidade.

3.4 A esportivização dos saberes: as competições escolares como espaços privilegiados para o exercício da governamentalidade (descrição do *corpus* empírico)

As olimpíadas escolares têm sido tomadas como uma medida para melhorar a qualidade do ensino nas escolas e conseqüentemente ocasionar melhoria nas condições de vida dos estudantes. Frequentemente, são exaltadas funcionalidades de tais competições, como a melhoria no desempenho do país em práticas que envolvem esses conhecimentos, sobretudo em âmbito internacional. Também são habitualmente visibilizadas, tanto pelo governo estatal como pelas instituições privadas que o compõem, motivações como a projeção no desenvolvimento de jovens talentos, potenciais prestadores de serviço nas áreas de ciência, tecnologia e esportes.

No Brasil, são realizadas anualmente pelo menos 18 modalidades⁴⁰ de olimpíadas escolares, dentre as quais as olimpíadas de Matemática, Física e Língua Portuguesa têm versões exclusivas para escolas públicas desde 2002. As demais olimpíadas são realizadas tanto para participantes de escolas e universidades públicas como privadas. A Olimpíada Brasileira de Matemática foi a primeira a ser realizada no Brasil, em 1979, com inspirações no modelo de olimpíada de matemática húngaro, um dos primeiros do mundo. Todas as

³⁹ Até o ano de 2012 esse evento era chamado de Olimpíadas Escolares e, a partir de 2013, seu nome mudou para Jogos Escolares da Juventude, que continuam a ser organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Também em 2013 o COB notificou extrajudicialmente algumas das olimpíadas científicas pelo uso indevido do substantivo *olimpíada* no nome da competição, sob a justificativa que o termo seria de uso exclusivo do comitê.

⁴⁰ Inseridos no Programa Nacional de Química estão as olimpíadas brasileira, júnior, as internacionais, Norte/Nordeste e as estaduais, mas contabilizei apenas o programa como um todo, considerando ser essa a modalidade da área de química.

modalidades recebem apoio do governo federal e também de institutos, fundações e empresas privadas.

Apesar de termos contabilizado um conjunto significativo de modalidades de olimpíadas brasileiras, as reflexões em torno dessas práticas parecem ser ainda escassas na literatura brasileira. Segundo Rezende e Ostermann (2012), os poucos estudos existentes se detêm a classificações e análises ou à resolução das questões das provas aplicadas. Segundo as autoras, a maioria dos trabalhos encontrados tratou de analisar as resoluções dos problemas sem criticidade e a partir de uma “perspectiva cognitivista da pesquisa em educação científica” (ibidem, p. 247). Esses trabalhos analisados criaram categorias para os erros dos estudantes, atribuindo-os a deficiências na compreensão durante o processo de resolução e ainda criam distinções entre alunos que conseguem ler e compreender os problemas daqueles que não conseguem.

As autoras citadas analisaram um trabalho que traça um paralelo entre a necessidade de preparação para as olimpíadas científicas, assim como nas olimpíadas esportivas, e as comparações entre alunos e atletas e professores e treinadores. As constatações daquele estudo se deram quanto à falta de problematizações e a atitude de se considerar efeitos puramente positivos nessas práticas competitivas, como o desenvolvimento de autonomia e maior interesse desses alunos pela disciplina. Nesse sentido, Rezende e Ostermann (ibidem) ponderam que as olimpíadas escolares de qualquer uma das disciplinas se espelham nas competições esportivas mundiais que visam à seleção de vencedores e perdedores nas diversas modalidades de esporte.

No entanto talvez seja relevante considerar que, quando fortalecemos as comparações, deixamos de lado a tentativa de compreender como se estabelecem essas possibilidades de comparar; ou seja, refletir sobre como se pôde chegar a tal aproximação que passa a comparar alunos e atletas, professores e treinadores etc. Essa percepção nos traz a sensação de que o modelo do esporte de alto rendimento estaria sendo considerado, em uma perspectiva crítica, apenas mais um exemplo ruim. Assim, a problematização das olimpíadas escolares se encerraria com a simples constatação de uma má escolha, ou de um modelo ruim a ser tomado como exemplo.

Com isso, fortaleço meus questionamentos e minhas reflexões, que têm se debruçado exatamente sobre a tentativa de compreender a ligação formada entre o dispositivo esportivo e as demais práticas sociais que, utilizando estratégias semelhantes às do esporte, mobilizam redes de pensamento em meio à sociedade contemporânea e têm produzido campeões da matemática, medalhistas de língua portuguesa, atletas do conhecimento etc.

As características de treinamento, nomenclaturas, organização e estratégias, como espírito de competição e luta por medalhas, são indícios de um dispositivo que tem inundado diversas práticas sociais. O dispositivo esportivo, que produz, mas também é produto da sociedade contemporânea, serve principalmente àquelas práticas que possuem certa facilitação na tarefa de conduzir comportamentos e produzir formas de ser e estar no mundo. A escola pode ser considerada um espaço potente nessa tarefa de conduzir sujeitos, talvez por isso ela ainda seja disputada como um espaço de inserção para diferentes conteúdos e práticas. Percebe-se que as olimpíadas têm se fortalecido como eventos que, além de exemplificar, orientam e normatizam o que se deve saber e fazer para alcançar determinado *status* social e, em alguns casos, acabam realizando o próprio gerenciamento para isso.

O dispositivo esportivo tem se apresentado como um elemento que perpassa diferentes campos de saber-poder, em distintos momentos e espaços da sociedade. Alguns desses campos como a educação, de modo geral, e espaços específicos como a escola se deixam invadir pela lógica esportiva, proposta por diversas frentes (privada, pública, ONGs, projetos religiosos etc.) que investem na visibilidade esportiva, sobretudo de alto rendimento, para, através da utilização de imagens, personagens, mensagens e demais simbolizações características do esporte, convencer os sujeitos envolvidos a seguirem as regras propostas pelo mercado. Mas certas estratégias, como a descoberta de talentos e o caráter competitivo como fator estimulador, são elementos exclusivos da lógica esportiva? Não. São discursos que perpassam essa lógica. Nesse movimento, ganham ainda mais valorização e projeção, já que, inseridas no contexto das atividades esportivas, tais práticas são consideradas inquestionáveis, mais facilmente aceitas e reproduzidas. Assim, pode-se dizer que o dispositivo esportivo tem sido fundamental na tarefa de conduzir condutas, produzir subjetividades.

Frizzo (2013) analisou Jogos Escolares⁴¹ com o intuito de identificar a lógica esportiva integrada ao projeto formativo na escola. O autor olhou especialmente para os mecanismos de manutenção e eliminação que estavam presentes. Em uma de suas conclusões, sugere que possivelmente esse fenômeno de esportivização na escola também se deve às diversas parcerias que as instituições privadas estabelecem com o poder público. As escolas talvez tenham sido as instituições pertencentes ao domínio público que mais tenham sentido os efeitos dessas parcerias, sofrendo inúmeras transformações no sentido de produzir sujeitos que percebam a sociedade como um grande mercado, onde há uma permanente disputa/concorrência por espaços.

⁴¹ Os Jogos Escolares geralmente são as etapas locais e regionais que pré-selecionam as equipes para as Olimpíadas Escolares, hoje denominadas Jogos da Juventude.

Ao mesmo tempo em que as olimpíadas escolares se utilizam de objetivos como os de integração e fortalecimento do trabalho em equipe, também há um discurso que caminha ao lado e diz que cada indivíduo deve ser “o melhor” em comparação com os outros e consigo mesmo. A OBMEP em 2015 anunciava: “Estão abertas as inscrições para a 11ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep), que tem como objetivo estimular o interesse pela área e descobrir talentos”. Essa consideração sobre um composto de objetivos pode sinalizar que as intenções dos órgãos gestores – nesse caso, públicos e privados –, ao realizarem os eventos competitivos nas escolas, estão sincronizadas com um tipo de governamentalidade exercida na sociedade contemporânea, que conduz à competição.

Saraiva e Veiga-Neto (2009) realizaram uma análise dos principais deslocamentos que conduziram a sociedade contemporânea do liberalismo ao neoliberalismo econômico. Uma das diferenças, apontada como marcante pelos autores, é a questão da liberdade, que no sistema neoliberal é “continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição” (ibidem, p. 189). A competição aparece como um princípio de condução do neoliberalismo e desse modo ela estará sempre atuando inserida no conjunto de estratégias de governar da sociedade contemporânea. Com isso, pode-se dizer que

[...] a governamentalidade neoliberal intervirá para maximizar a competição, para produzir liberdade para que todos possam estar no jogo econômico. Dessa maneira, o neoliberalismo constantemente produz e consome liberdade. Isso equivale a dizer que a própria liberdade transforma-se em mais um *objeto de consumo*. (ibidem, p. 189 – grifo dos autores).

Competições como as olimpíadas escolares atuam como práticas educacionais por meio do dispositivo esportivo em intervenções estratégicas para a governamentalidade neoliberal. As competições nos moldes esportivos possuem diferentes objetivos que elas próprias definem para justificar a realização desses eventos. Dentre os objetivos estão “contribuir para a melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas”, “descobrir talentos e formar profissionais de excelência”, “estimular estudantes do ensino fundamental, médio ou técnico às carreiras científico-tecnológicas e promover debates e atualizações no processo de ensino-aprendizagem brasileiro” etc.

Alguns objetivos mais específicos são veiculados como efeitos das olimpíadas escolares. Muitas vezes, eles estão presentes em artigos de divulgação dos eventos na mídia, para demonstrar a eficácia desses eventos e agregar participantes. Observo, dentre esses objetivos mais específicos ou estímulos à participação, a seleção de novos talentos, a ascensão a competições internacionais, a conquista de bolsas de estudos e vagas de empregos. É interessante notar que as competições, no formato de olimpíadas, estão voltadas a um

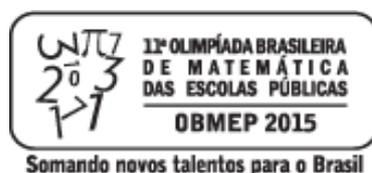
processo de seleção inicial para o mercado de trabalho, para o qual o aluno deve estar preparado e ser capaz de demonstrar potencial, como um atleta em uma competição olímpica.

Na sequência, infiltrar-me-ei no universo de cada olimpíada escolar para descrever ao leitor um pouco deste arsenal de elementos discursivos e não discursivos. Para essa tarefa, utilizarei os documentos que organizam os eventos quantos a suas normas, regras e conteúdos, e os materiais de divulgação das seis edições analisadas (sites, revistas etc.). A maioria dos materiais está disponível *on-line*; outros estiveram por algum período e foram salvos para análise antes que fossem retirados da rede.

3.5 As olimpíadas escolares: como elas se apresentam

Nesta descrição, chamarei a atenção aos logotipos e *slogans*⁴² das olimpíadas, utilizando-os nos títulos das subseções. O logotipo é um símbolo que identifica o evento e o *slogan* é uma pequena frase que pode dizer muito sobre os objetivos das propostas de eventos apresentadas. Cotidianamente, vemos e ouvimos muitas vezes potentes afirmações sobre alguma coisa no formato de *slogans*, e podemos facilmente nos *deixar levar* pela simplicidade das poucas palavras, até mesmo passando a reproduzi-las. A problemática da reprodução sem a compreensão do que está sendo dito não é uma questão de não interpretação textual, tampouco de algo que estaria por trás do enunciado, mas me parece ser a ausência de simplesmente atentar ao que está sendo dito.

3.5.1 Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP): somando novos talentos para o Brasil



A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), cujo *slogan* é “somando novos talentos para o Brasil”, é uma competição que envolve desafios sobre os saberes matemáticos, basicamente resolução de questões, dos alunos do 6º ao 9º ano do

⁴² Um *slogan* é uma frase utilizada para causar certo efeito ser de fácil memorização, ela resume as características de um produto, serviço ou pessoa. Os *slogans* são utilizados como pequenas mensagens que dizem algo sobre alguma coisa, ao mesmo tempo em que produzem aquela própria coisa.

Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino. O evento é organizado em uma prova nacional, realizada em duas fases. A primeira fase caracteriza-se pela aplicação de uma prova objetiva (questões de múltipla escolha), diferenciada por níveis (1, 2 e 3)⁴³. A segunda fase da OBMEP é composta pela aplicação de uma prova discursiva, diferenciada também pelos mesmos três níveis.

As provas da primeira fase são realizadas em cada escola inscrita, aplicadas e corrigidas pelos professores das escolas. Mas as datas de aplicação das provas são definidas e divulgadas pela organização da competição através de um calendário oficial. As correções também seguem as instruções e os gabaritos elaborados pela coordenação da OBMEP. Os resultados dos alunos aptos para a segunda fase e os comprovantes são obrigatoriamente enviados à coordenação do evento, dentro dos prazos estabelecidos em calendário oficial.

Embora as escolas participantes apliquem a prova referente à primeira fase da competição para seus próprios alunos, há pouco envolvimento dos professores com a elaboração e escolha de conteúdos das provas. Apenas alguns professores selecionados ou convidados participam da confecção de provas e da organização do evento; os demais professores de matemática são informados na escola sobre o andamento da competição, junto com os alunos e outros professores. Conforme o regulamento da OBMEP, “Cada escola deverá divulgar amplamente entre seus alunos e professores a realização das provas da OBMEP, o Regulamento e o Material Didático concebido para os professores de matemática exercitarem seus alunos”⁴⁴.

Na segunda fase da OBMEP, as provas são discursivas e aplicadas por fiscais selecionados pela coordenação do evento. Com isso, os professores das escolas não serão mais utilizados como aplicadores de prova, possivelmente com intenção de buscar certa neutralidade no julgamento das questões. No entanto as escolas ainda serão responsáveis pela logística das provas da segunda fase, “viabilizando a participação de seus alunos classificados, [...] auxiliando no deslocamento de seus alunos para os centros de aplicação, de acordo com as orientações da Coordenação Geral da OBMEP”⁴⁵.

Esta olimpíada é realizada pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), recebe financiamento do MEC e do MCTI, com apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). As atividades também são organizadas por professores universitários de

⁴³ Nível 1 – alunos matriculados em 2015 no 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental; nível 2 – alunos matriculados em 2015 no 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental; nível 3 – alunos matriculados em 2015 em qualquer ano do Ensino Médio.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.obmep.org.br/regulamento.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.obmep.org.br/regulamento.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

instituições públicas e privadas, chamados de coordenadores regionais da OBMEP. Existem dois programas de iniciação científica vinculados: o Programa de Iniciação Científica (PIC) do CNPq, que oferece bolsa para os três mil medalhistas por um ano; e Programa de Iniciação Científica e Mestrado (PICME), para estudantes universitários que tenham anteriormente conquistado medalha na OBMEP ou na OBM. O PICME disponibiliza estudos avançados em matemática simultaneamente com a graduação, preparatórios para o mestrado ou mesmo para cursar durante o mestrado⁴⁶. Os estudantes selecionados e que cumprem as atividades do programa também têm direito a uma bolsa do CNPq e, posteriormente, da Capes.

A primeira edição da OBMEP ocorreu em 2005, com a inscrição de mais de 10 milhões de alunos. Em sua 10ª edição, em 2014, teve mais de 18 milhões de inscritos, conforme demonstra o quadro que segue.

Quadro 1 – Inscrições na 1ª fase da OBMEP (2005 e 2014)

OBMEP 2005 - Inscrições 1ª Fase	
Escolas	31.031
Alunos	10.520.831
Municípios	93,5%

OBMEP 2014 - Inscrições 1ª Fase	
Escolas	46.711
Alunos	18.192.526
Municípios	99,41%

Fonte: <http://www.obmep.org.br/obmep_em_numeros.html> Acesso em 25 fev. 2015.

De acordo com o regulamento do evento, os objetivos da OBMEP são: estimular e promover o estudo da matemática entre alunos das escolas públicas; contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica; identificar jovens talentos e incentivar seu ingresso nas áreas científicas e tecnológicas; incentivar o aperfeiçoamento dos professores das escolas públicas, contribuindo para a sua valorização profissional; contribuir para a integração das escolas públicas com as universidades públicas, os institutos de pesquisa e as sociedades científicas; e, por fim, promover a inclusão social por meio da difusão do conhecimento.

⁴⁶ Talvez seja um pouco surpreendente a informação disponibilizada no *link* do PICME no site da OBMEP, de que “é possível também se preparar para o Mestrado em Matemática, que pode até mesmo ser realizado simultaneamente com a Graduação”.

3.5.2 Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)



A OBM também é uma competição de resolução de questões matemáticas, muito parecida com a OBMEP, mas aberta a todos os estudantes do Ensino Fundamental II⁴⁷, Ensino Médio e universitários das escolas públicas e privadas. Ela é realizada pela SBM em parceria com o IMPA, em três fases de provas: uma prova de múltipla escolha, a segunda mista e a terceira discursiva. Para o nível universitário, as provas acontecem apenas em duas etapas discursivas. A OBM possui coordenadores regionais, que são professores de instituições de Ensino Superior, públicas ou privadas, e representantes do evento em cada escola participante.

Os objetivos mencionados pelo próprio evento são: interferir decisivamente na melhoria do ensino de matemática em nosso país, estimulando alunos e professores; descobrir jovens com talento matemático excepcional e colocá-los em contato com matemáticos profissionais e instituições de pesquisa de alto nível, propiciando condições favoráveis para a formação e o desenvolvimento de uma carreira de pesquisa; selecionar os estudantes que representarão o Brasil em competições internacionais de matemática; e organizar no Brasil as competições internacionais de matemática.

A OBM é realizada pela SBM e pelo IMPA⁴⁸ e acontece desde 1979, com diversas alterações em seu formato até hoje, principalmente em 1998, quando foi chamada de nova Olimpíada Brasileira de Matemática. Além de acrescentar alguns objetivos, como o investimento na preparação dos alunos e na melhoria do ensino de matemática, a ideia tradicional de selecionar talentos permaneceu. Um resumo dos seus objetivos pode ser assim descrito: “estimular o estudo da Matemática pelos alunos, desenvolver e aperfeiçoar a capacitação dos professores, influenciar na melhoria do ensino, além de descobrir jovens talentos”⁴⁹.

⁴⁷ A partir do 6º ano.

⁴⁸ O evento recebe apoio de CNPq, MCTI, SECIS, MEC (por intermédio da Capes), FNDE e INCT-Mat.

⁴⁹ Disponível em: <http://www.obm.org.br/opencms/quem_somos/breve_historico>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Sobre a alteração no formato, a publicação número 1 da revista *Eureka*, de 1998, trouxe algumas informações reproduzidas abaixo.

A Olimpíada Brasileira de Matemática será realizada a partir deste ano de 1998 de forma bastante diferente da que vinha sendo praticada nos últimos anos. [...] Antes, a Olimpíada Brasileira de Matemática era principalmente um instrumento para detectar talentos e desenvolvê-los, mas, agora, tem também por objetivo promover em âmbito nacional a melhoria do ensino de Matemática nas escolas, com o desenvolvimento conjunto de alunos e professores.

A Olimpíada Brasileira de Matemática, a partir deste ano, não será apenas uma competição. Para a preparação dos alunos e para o aperfeiçoamento dos professores, a OBM distribuirá aos colégios revistas e cartazes contendo farto material para estudo e pesquisa, dedicados a cada faixa de escolaridade e desenvolvimento dos alunos. A realização das provas é uma finalização (sempre parcial) dessa atividade. (EUREKA, n. 1, 1998, p. 5).

Na edição de 2014 das Olimpíadas de Matemática, inscreveram-se 564.234 candidatos, o que segundo a própria OBM significou um aumento de 180% em relação à edição anterior. Na revista *Eureka* (n. 3, 1998), encontra-se a informação de que em 1998 aproximadamente 40 mil participantes foram inscritos. Isso demonstra que houve um aumento significativo no número de alunos que participam da competição desde aquele ano até hoje.

Sobre a existência de duas olimpíadas brasileiras de matemática, sendo uma exclusivamente para participantes de escolas públicas, penso que exista aí uma tentativa de igualar as condições de competição. Ou seja, considera-se que os alunos de escolas privadas não competiriam em condições de igualdade com aqueles das escolas públicas, pois se correria o risco de disputas desiguais e injustas. Olho dessa forma, porque, na versão brasileira que não é exclusiva para as escolas públicas, admite-se a participação de alunos tanto de escolas públicas quanto privadas, desconsiderando-se aquele cuidado com as condições de igualdade para as disputas. A possibilidade de apenas alunos de escolas públicas vencerem nas duas competições parece ser levada em consideração.

3.5.3 Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP): escrevendo o futuro



A Olimpíada de Língua Portuguesa é um concurso de produção de textos para alunos de escolas públicas, que acontece bianualmente. Podem participar professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. As categorias são poemas (5º e 6º

anos do Ensino Fundamental), memórias (7º e 8º anos do Ensino Fundamental), crônicas (9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio) e artigos de opinião (2º e 3º anos do Ensino Médio). Naquele ano em que não há a realização da olimpíada, são desenvolvidas as chamadas “ações de formação”, presenciais e a distância, estudos e pesquisas, elaboração e produção de recursos e materiais educativos⁵⁰.

Segundo informações coletadas nas mídias da OLP, dentre os seus objetivos está desenvolver ações de formação de professores para contribuir para a melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas brasileiras. Esse evento é realizado pelo MEC e pela Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), e parcerias na execução das ações com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura⁵¹.

Há registros de que em 2004 foram 25 mil professores inscritos. Em 2010, inscreveram-se mais de sete milhões de alunos da Educação Básica, 239 mil professores e mais de 60 mil escolas públicas como participantes da olimpíada: “Foram números recordes”, afirmou a gerente de Educação da Fundação Itaú Social. Em 2012, o programa envolveu todos os estados e mais de 91% dos municípios, foram recebidas 90.391 inscrições de professores, de 40.433 escolas brasileiras e cerca de três milhões de estudantes. Em 2014, o número de inscrições foi a 170.266 turmas, mais de 100 mil professores, 46 mil escolas em 5.014 municípios de todos os estados brasileiros.

As premiações, além das medalhas, são também notebooks e impressoras para alunos e professores. Os professores de alunos com textos considerados vencedores também recebem premiações. Na última edição, em 2014, a temática foi “O lugar onde vivo”, e a categoria de professores escreveu relatos sobre suas experiências no trabalho em sala de aula com as Olimpíadas de Língua Portuguesa.

⁵⁰ Informações disponíveis no site da OLP: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/a-olimpiada/o-que-e-a-olimpiada>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

⁵¹ O Canal Futura foi criado em 1997, é um projeto social de comunicação, educação, de interesse público, gerado e construído por parceiros da iniciativa privada e do terceiro setor. O canal se considera uma televisão “atrativa e educativa”.

3.5.4 Olimpíada do Conhecimento (OC): superar seus limites



A Olimpíada do Conhecimento é uma competição de educação profissional, na qual os alunos têm o desafio de executar tarefas consideradas cotidianas nas empresas, dentro de prazos e padrões internacionais de qualidade. A competição é realizada em quatro dias de provas a cada dois anos, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). Podem participar estudantes de cursos técnicos e de formação profissional do próprio Senai e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Para participarem da etapa nacional, os estudantes do Senai devem ser previamente selecionados em etapas semelhantes da competição nas escolas e nos estados. Segundo informações do evento, “Além de incentivar a dedicação dos estudantes, a Olimpíada do Conhecimento é uma forma de avaliar a qualidade da educação” oferecida pelas instituições participantes⁵².

O desempenho na competição forma um conjunto de indicadores que apontam tendências tecnológicas e mudanças nos perfis profissionais que orientam o Senai na atualização dos currículos nas escolas. Com o bom desempenho dos competidores, a Olimpíada do Conhecimento é hoje uma vitrine da qualidade da educação profissional patrocinada pela indústria brasileira. Os melhores estudantes representam o Brasil no WorldSkills, competição mundial de competência profissional.⁵³

Em 2014, a OC recebeu aproximadamente 674 estudantes, o que representa mais que seis vezes o número de inscritos na primeira edição, realizada em 2001 com 111 competidores. O número de ocupações profissionais (funcionam como modalidades) no torneio também aumentou, passou de 26 em 2001, para 58 em 2014. De acordo com o material de divulgação do evento, essa é a maior competição de educação profissional das Américas e um dos grandes objetivos demonstrados é inserir representantes na *WorldSkills*⁵⁴, maior competição de educação profissional do mundo, sediada em São Paulo no ano de 2015⁵⁵.

⁵² Disponível em: <<http://www.senaiolimpiadas.com.br/a-olimpiada/o-que-e>>. Acesso em: 20 jan. 2016

⁵³ Disponível em <<http://www.oc2014.com.br/a-olimpiada/o-que-e>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

⁵⁴ Competição mundial de habilidades.

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.senaiolimpiadas.com.br/a-olimpiada/historia>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

3.5.5 Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA)



A OBA é organizada anualmente pela Sociedade Astronômica Brasileira (SAB), em parceria com a Agência Espacial Brasileira (AEB). Trata-se de um evento aberto à participação de escolas públicas e privadas, do qual podem participar alunos desde o primeiro ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio, distribuídos em quatro níveis; 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental; 4º e 5º ano do Ensino Fundamental; 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; Ensino Médio. As provas acontecem nas próprias escolas, em uma única fase, e ao final todos os alunos e professores recebem certificado e medalhas. A organização da olimpíada recebe as notas dos alunos e, depois de organizar em ordem de colocação, envia as premiações para as escolas.

A OBA tem como objetivos: fomentar o interesse dos jovens pela Astronomia, Astronáutica e ciências afins, e promover a difusão dos conhecimentos básicos de uma forma lúdica e cooperativa, mobilizando num mutirão nacional, além dos próprios alunos, seus professores, coordenadores pedagógicos, diretores, pais e escolas, planetários, observatórios municipais e particulares, espaços, centros e museus de ciência, associações e clubes de Astronomia, astrônomos profissionais e amadores, e instituições voltadas às atividades aeroespaciais⁵⁶.

Próximo do que se observa nas formas de organização das demais olimpíadas, percebe-se que esta tem um formato um pouco mais simples quanto ao modelo de prova. Cada escola possui um representante da OBA, que será o responsável pela aplicação das provas, constituídas de sete perguntas de Astronomia e três de Astronáutica, com conteúdos definidos por níveis⁵⁷. Em 2014, a OBA teve a participação de 772.257 estudantes e aproximadamente nove mil escolas públicas e particulares de todos os estados. No ano de 2011, havia reunido 803.180 alunos de 9.153 escolas, de todos os estados do país.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.oba.org.br/sisglob/sisglob_arquivos/regulamento%20oba%202016.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2016.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.oba.org.br/site/?p=conteudo&idcat=6&pag=conteudo&m=s#4>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

3.5.6 Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR)



A OBR é uma competição científica sobre a temática da robótica, com aplicação de provas independentes, teóricas e práticas, como o sumô e o futebol de robôs. Os níveis de dificuldade das provas variam conforme o ano de escolaridade. Os organizadores do evento acreditam que a robótica pode estimular os estudantes a seguirem carreiras científico-tecnológicas, identificar jovens talentosos e promover debates e atualizações no processo de ensino-aprendizagem brasileiro. A olimpíada é estruturada em duas modalidades: um primeiro nível que procura se adequar ao público que ainda não tem experiência com robótica; e um nível mais avançado, destinado ao público de escolas que já têm contato com a robótica. Podem participar todos os alunos de escolas públicas ou privadas, do Ensino Fundamental, Médio e Técnico.

Na tela inicial do site da olimpíada de robótica, o visitante é recebido pela figura de um robô, com os dizeres incentivadores, “prepare-se para o futuro”, “supere seus limites”, “seja um vencedor na OBR!”. Assim como as frases, a divulgação do levantamento sobre o número de participações de alunos no evento também pode ser um dado estimulador. A primeira OBR aconteceu em 2007 com a participação de sete mil alunos⁵⁸ e, na edição mais recente, em 2014, houve 70 mil inscritos⁵⁹. Essa olimpíada é realizada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e apoiada por uma série de instituições universitárias, como Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), Centro Universitário da Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), CNPq, MEC, Capes, SECIS, Sociedade Brasileira de Computação (SBC) e Universidade Paulista (Unip), e patrocinada pela empresa *Legó Education*.

⁵⁸ Informações disponíveis na revista *Mundo Robótica*, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.obr.org.br/?page_id=1788>. Acesso em: 22 fev. 2015.

⁵⁹ A título de curiosidade, a primeira edição da revista *Mundo Robótica* traz a informação de que nas primeiras edições eram utilizados os anéis olímpicos como símbolo do evento, no entanto o COI (Comitê Olímpico Internacional) solicitou sua retirada. Então a UFRN desenvolveu o logotipo atual, que são engrenagens formando o mapa do Brasil.

Uma questão foi levantada pela própria OBR para justificar sua existência: por que uma olimpíada de robótica? Acompanhei suas justificativas e selecionei alguns pontos da resposta para reproduzir logo abaixo. Para a organização da OBR, esse evento possui relevância principalmente por ser uma ferramenta educacional e também um formador de recursos humanos. Acredita-se estar contribuindo para o desenvolvimento do país através da robótica e da automação que, segundo eles, seriam duas áreas estratégicas para a qualificação do trabalhador.

A robótica tende a se tornar uma das dez maiores áreas de pesquisa na próxima década. Apesar de ser uma área em franca expansão no mundo, o Brasil tem se situado de forma marginal nessa área, arriscando-se a perder um imenso potencial para a geração de empregos, técnicas, tecnologias e produtos devido, principalmente, à falta de incentivo para a formação de recursos humanos na área.⁶⁰

Sob a ótica da formação de recursos humanos, o evento considera importante incentivar a produção nacional de robôs e estimular a utilização dessas tecnologias robóticas nos ambientes industriais, comerciais e residenciais. Sob o ponto de vista educacional, considera-se a robótica uma tecnologia emergente devido à sua possibilidade de atuação em diversas dimensões, com atividades práticas construtivas. São citados os usos de *kits* robóticos em todas as etapas de ensino escolar, como uma ferramenta didática que caracterizaria uma “mudança de paradigma para o aprendizado baseado na experimentação, trabalho em grupo e motivação do corpo discente”. A utilização dos robôs em sala de aula também é citada como uma iniciativa “inclusora”, digital, tecnológica e social, que poderia ser usada em qualquer disciplina, levando os alunos a se integrarem com a comunidade escolar e com a sociedade.

3.6 Governamentalidade: a condução das condutas através do dispositivo esportivo, para além da prática dos esportes

A partir do século XVI, Foucault descreve que se pôde perceber a formação de uma série de tratados que passaram a indicar uma arte de governar. O governo realizado pelo que chamamos de Estado é apenas uma das formas de se governar, que, de modo geral, atua para controlar e vigiar a população, as riquezas e os comportamentos dos indivíduos. Esse tipo de governo, baseado na administração dos sujeitos, estabelece uma prática econômica na relação entre o Estado e seus habitantes, na qual a tarefa primordial é a de “gerir a casa”.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.obr.org.br/?page_id=9>. Acesso em: 22 fev. 2015.

Podemos compreender que nessa relação há a intenção de se exercer o poder sobre o outro, a partir de um modelo de economia que conduz as coisas para um fim conveniente. Com isso, esse tipo de governo pode ser definido como uma maneira considerada correta de “dispor as coisas”, no entanto não para conduzi-las ao bem comum, “mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar. O que implica [...] uma pluralidade de fins específicos...” (FOUCAULT, 2014, p. 417).

As questões que apareciam naquele período como problemas de governo eram diferentes e múltiplas, como o governo de si mesmo, o governo das almas e das condutas e o governo das crianças. A preocupação com esses problemas foi a florada nesse período, dentre outros motivos, devido à fase de transição de uma organização feudal para a estruturação da formação dos Estados, que

[...] questiona o modo como se quer ser espiritualmente dirigido para alcançar a salvação. Por um lado, movimento de concentração estatal, por outro, de dispersão e dissidência religiosa: é no encontro desses dois movimentos que se coloca, com intensidade particular no século XVI, o problema de como ser governado, por quem, até que ponto, com qual objetivo, com que método etc. (ibidem, p. 408).

Percebe-se que podem existir diversos interesses e formas de governar a si mesmo e aos diferentes sujeitos, especialmente as condutas. As diferentes formas de governar comportam a prática de um exercício de poder que é gerido para atender aos objetivos do próprio governo. Ao passo que se distanciam das questões do bem comum, acabam violando as possibilidades de os indivíduos se posicionarem de outros lugares, de onde poderiam ler o mundo de modo diferente. Ao pensar a sociedade como uma forma de organização estruturada e fixa, os sujeitos estão colocados em lugares de onde não podem se deslocar nem muito pra lá e nem muito pra cá. Assim, pode-se dizer que eles não se colocaram ali para ver o mundo, mas foram colocados nessas posições delimitadas, de onde podem vê-lo parcialmente e a partir de perspectivas específicas. Essa pode ser considerada uma característica (leia-se estratégia) típica das racionalidades de governo que se dizem liberais (incluindo as neoliberais), pois utilizam-se de estratégias capazes de conduzir os indivíduos livres de tal maneira que eles passam a viver suas liberdades de forma apropriada (ROSE, 2001).

Para Rose (ibidem), o governo seria todo o conjunto de programas e estratégias direcionados à conduta das condutas, sejam elas mais ou menos racionalizadas. A partir do que se pode chamar de certa perspectiva de governo, seria possível agir sobre as ações dos outros “em relação a objetivos de prosperidade nacional, harmonia, virtude, prosperidade, ordem social, disciplina, emancipação, autorrealização...” (ibidem, p. 41). Já a racionalização

destas ações refere-se à governamentalidade, quando o governo passa a ser uma atitude de controle ou “gerenciamento calculado” dos sujeitos para que se alcancem certos objetivos desejados (ROSE, 2001, p. 41). Considero que se trata especificamente dessa forma racionalizada de condução das condutas a elaboração de eventos escolares como as competições que esportivizam os saberes, com ênfase no governo dos outros.

As estratégias de governo, sobretudo para o governo dos outros, são colocadas em prática principalmente quando as condutas passam a ser percebidas como problemáticas inseridas em um determinado projeto de governo. No intuito de corrigi-las, controlá-las e orientá-las para a maneira correta, são elaboradas diversas estratégias, principalmente através dos dispositivos de poder que nos rodeiam cotidianamente, como o dispositivo esportivo. A fim de se organizar esse tipo de intervenção, existem modalidades para o governo das condutas, as quais podem ser chamadas de políticas, políticas educacionais, públicas, econômicas, sociais etc.

Os efeitos dessas ações de governar podem ser eficazes para a tarefa de conduzir tanto indivíduos como populações. Por isso, a utilização do dispositivo esportivo pode levar a um determinado tipo de conduta condicionada que serve para a gestão e o controle tanto de grupos de pessoas como das técnicas de si. Desse modo, como já afirmado, não é possível separar a análise da conduta para o governo de si e para o governo dos outros, mas principalmente, por estar neste momento tratando de intervenções que ocorrem em espaços escolarizados, na maioria obrigatórios, pude dar ênfase à análise do governo dos outros.

A prática da governamentalidade por meio do dispositivo esportivo é capaz de conduzir modos de pensar e agir, utilizando táticas de organização, disciplinamento, noções de justiça e valores morais. Com isso, reforça-se a noção de que os sujeitos, mesmo que possuam opções de escolha, têm estas dentro de certo limite de possibilidades e tomam suas decisões baseados em processos de subjetivação anteriores. A prática do exercício do poder sobre o outro demanda uma série de estratégias de controle, dentre as quais as mais eficazes têm sido aquelas que agem de modo sutil, quase como ordenações invisíveis, sobre a população. Elas atravessam o cotidiano dos sujeitos e modificam o rumo de suas vidas sem que, na maioria das vezes, estes as percebam ou as compreendam, no entanto compõem seus pensamentos e contribuem em suas escolhas. Nesse aspecto, adentro um limite bastante sensível entre o governo dos outros e o governo de si, pois as competições escolares, das quais estou tratando, não são obrigatórias quanto à participação dos alunos, todavia ocorrem inseridas em um espaço obrigatório.

Há um discurso sedutor para a participação nas olimpíadas, que ronda os alunos e circula em um espaço de onde eles não podem simplesmente optar por sair. Nesse caso, os estímulos, de modo sutil, fazem com que os sujeitos imersos naquele ambiente considerem a participação nas olimpíadas uma oportunidade, um benefício, um desejo etc. Um aluno de 16 anos que está no 3º período do curso técnico integrado em Informática do IFMS/Corumbá disse ao jornal local: “Decidi participar do grupo porque meu interesse vai além da informática, gosto de explorar áreas como robótica, montagem e programação. Estou animado com a viagem, quero conhecer projetos e estudantes de outros lugares do país”⁶¹. Como se pode observar, o limite é muito sensível para que se possa analisar o governo dos outros e o governo de si, pois o aluno mesmo disse que decidiu participar e justificou alguns de seus motivos. Contudo é importante levarmos em consideração que as olimpíadas escolares têm produzido pensamentos e práticas recorrentes e regulares que surgem justamente nos ambientes escolarizados.

As olimpíadas escolares surgem como uma medida ou política educacional que se utiliza do discurso da melhoria na qualidade do ensino nas escolas, para melhorar o desempenho dos sujeitos em práticas que envolvem diferentes saberes, como criar, calcular, memorizar etc. O investimento nesses eventos, inclusive de empresas privadas, permite supor a existência de interesses que ultrapassariam o desejo de melhoria das condições e o consequente aumento na qualidade do Ensino Básico. Esses incentivos financeiros parecem estar sendo motivados pela projeção no desenvolvimento de jovens talentos, potenciais prestadores de serviço nas áreas de ciências e tecnologias.

Em matéria de capa da revista *Época*, intitulada *Os segredos dos bons alunos*, foi realizada a seguinte afirmação, orientando que “é como um treino de atletismo, com esforço repetitivo” que se pode conquistar um lugar no pódio das olimpíadas de matemática. Nessa perspectiva, a solução para melhorar o desempenho dos alunos seria aprimorar a preparação para as suas participações nas olimpíadas escolares. Para isso, a prescrição é que sejam seguidos os passos das olimpíadas esportivas, bem como são estabelecidas comparações entre alunos e atletas, professores e treinadores.

O estímulo gerado através do modelo esportivo parece também reforçar a ideia de que certos alunos não atingem o desempenho mínimo exigido para participar das competições ou serem premiados por não serem merecedores, pois não se esforçaram suficientemente. Ao passo que se reforça a ideia de que “a vontade de vencer, atingir metas mais altas, destacar-se

⁶¹ Disponível em: <<http://www.correiodecorumba.com.br/?s=noticia&id=19632>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

é um poderoso incentivo para os estudos”, também se reforça que aquele que não se destaca não possui essas vontades e conseqüentemente não será premiado. Só lhes restaria aceitar.

É cada vez mais notável a utilização desses eventos como espaços privilegiados para o governo das condutas, através de uma estratégia de “gerenciamento calculado das questões de cada um e de todos a fim de se alcançar certos objetivos desejáveis” (ROSE, 2001, p. 41). As competições escolares são declaradamente espaços destinados à seleção de talentos e de incentivo à competição, como se pode observar no trecho abaixo:

As Olimpíadas Científicas são consideradas momentos privilegiados para a divulgação científica e para a *descoberta e incentivo de novos talentos*. O caráter *competitivo* estimula a inventividade dos alunos e professores, além de fornecer elementos fundamentais ao Ministério da Educação para avaliar os estudantes brasileiros em relação aos alunos de outros países. Como benefício adicional, muitas olimpíadas incentivam o trabalho em equipe, reforçando hábitos de estudo, o despertar de vocações científicas e os vínculos de cooperação entre equipes de estudantes e professores. (grifos meus)⁶².

Frases como “Os melhores alunos não têm medo do desafio” (ÉPOCA, 08/03/2010) e “matemática não tem segredo, é treino, trabalho e criatividade” (O GLOBO, 22/12/2013) atravessam o cotidiano de reportagens e notícias que são pulverizadas pelos veículos de comunicação. Alguns enunciados chamam mais atenção e chegam a confundir pela semelhança na utilização de elementos característicos do esporte, tais como: “Já temos 30 atletas em treinamento”⁶³ (FOLHA DE S. PAULO, 04/01/2010), ou “Michael Phelps do Sertão”⁶⁴ (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08/02/2009). Nesse mesmo sentido, seguem trechos que demonstram o uso do dispositivo esportivo como elemento estratégico para a construção de condutas esportivas.

Os craques dos números servem de modelo e despertam o interesse de outros alunos pelos saberes científicos. Mas diferentemente de outros craques, como os de futebol, não recebem prêmios milionários, e sim estímulos para estudar. Muitos saem do interior para a capital, onde recebem bolsas de estudos em colégios como o Etapa, onde estudam os medalhistas desta reportagem. (FOLHA DE S. PAULO, 04/01/2010).

Imagine se conseguíssemos descobrir e estimular cientistas na mesma proporção em que têm sido descobertos e estimulados jogadores de futebol, para os quais a nação parece ter um olhar mais atento, capaz de revelar e nutrir talentos. Teríamos o milagre de Santa Isabel – mais garotos revelando inteligência em olimpíadas escolares... servindo de exemplo de sucesso. (FOLHA DE S. PAULO, 20/06/2010).

A equipe verde e amarela é liderada pelos professores Luciano Guimarães Monteiro de Castro, do Rio de Janeiro (RJ) e Carlos Yuzo Shine, de São Paulo (SP), membros

⁶² Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/olimpiadas-cientificas>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

⁶³ Fala de um aluno de 16 anos, medalhista da OBM, que montou um grupo para preparar alunos de escolas públicas para olimpíadas de matemática.

⁶⁴ Esse é o apelido que recebeu um aluno depois da terceira medalha de ouro consecutiva na OBMEP.

da Comissão Nacional de Olimpíadas de Matemática da SBM. Os estudantes tiveram um treinamento intensivo antes da viagem, sob os comandos da equipe técnica da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM). O time somente terá as provas na manhã de sexta-feira (10) e sábado (11), mas chegará em Chiang Mai no início da tarde de quarta-feira (8). “A equipe treinou bastante forte em São Paulo antes da viagem, tendo como objetivo principal acumular e desenvolver habilidades matemáticas. Uma vez que estivermos na Tailândia, tentaremos amenizar os efeitos do fuso horário e adaptarmos ao clima do país o mais rapidamente possível, para que os alunos cheguem ao primeiro dia de prova recuperados da longa viagem”, explicou Carlos Shine. (SALA DE IMPRENSA DA OBM, 2015).⁶⁵

As características de treinamento, especialização, quantificação, nomenclaturas e organização, visíveis nas enunciações apresentadas, são apenas alguns dos indícios da atuação do dispositivo inundando diferentes práticas sociais. A produção de estímulos utilizados no esporte, como o espírito de competição, a luta por medalhas e a contabilização de conquistas através da composição de quadro de medalhas comparativos⁶⁶, demonstram a existência de uma governamentalidade que utiliza elementos comuns ao esporte. A governamentalidade que denuncio é, portanto, ativada pelo dispositivo esportivo, um modo de governar que conduz condutas, produz sujeitos e novas formas de ser e estar no mundo. As olimpíadas escolares funcionam como estratégias que orientam e normatizam o que se deve saber e como se deve ser para alcançar determinado *status* de sucesso e também as formas de gerenciamento para isso.

Percebe-se que a governamentalidade, através do dispositivo esportivo, tem se apresentado como um elemento constituído de diferentes estratégias que podem perpassar diversos campos de saber-poder. As olimpíadas escolares utilizam imagens, personagens, mensagens, métodos e demais simbolizações características e advindas do esporte, sobretudo de alto rendimento, para funcionar como um dispositivo que tem o poder de atrair e convencer sujeitos. A exemplo de como conduzir um indivíduo para ser campeão, exibem-se modelos de treinamento, utilização de técnicas bem-sucedidas, formas de selecionar talentos, imagens de pódios, medalhas, histórias de vitórias e superação etc.

Alguns desses eventos visivelmente investem-se da legitimidade da prática esportiva para a realização de competições como as olimpíadas em espaços escolares. Seu reconhecimento social, muitas vezes, dispensa justificativa ou ajuda a justificar o estímulo à especialização precoce como produtor de resultados “extraordinários”, como é o caso dos

⁶⁵ Disponível em: <http://www.obm.org.br/opencms/material_divulgacao>. Acesso em: 1º ago. 2015.

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.etapa.com.br/ambienteinspirador/resultados>>; <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/minas-domina-ranking-de-municipios-brasileiros-com-melhor-desempenho-na-obmep>>; <<http://www.cgnamidia.com/2015/03/upanema-tem-o-melhor-desempenho-de-sua.html>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

“meninos prodígios”. Medalhistas das olimpíadas de matemática que foram direto do Ensino Médio para o mestrado, considerados exemplos de que “rastrear e lapidar talentos bem cedo pode trazer resultados excepcionais” (VEJA, 19/05/2010).

Como já afirmei, há um lado que se opõe ao cenário de destaque aos talentos e meninos prodígio: este outro lado afasta do cenário os medíocres, os defasados, os incapazes. As olimpíadas escolares atuam neste outro cenário como uma forma de conformar, tanto aqueles que são deixados de lado no processo de ensino, por conta da seleção e treinamento dos “melhores”, como aqueles que foram selecionados. Pois esses acreditam que esta é uma forma única, uma ordem normal e incontestável de se conduzir a organização das coisas (ensino, trabalho, oportunidade etc.). Essa conformação sobre o merecimento de alguns e não de outros já está naturalizada, por exemplo, para o (ao mesmo tempo em que é naturalizada pelo) estudante Lucas Felipe, de 12 anos. É notável quando ele afirma que “Esforço pessoal e estímulo ao talento por meio de dedicação da comunidade escolar são a fórmula para atingir os lugares mais altos do pódio na OBMEP” (FOLHA DE LONDRINA, 18/12/2009).

De acordo com Cláudio Landim, coordenador-geral da OBMEP, “A prova é concebida para detectar alunos talentosos e não alunos que tenham uma boa formação em matemática” (O GLOBO – RJ, 21/01/2013). Na esteira do que afirmou Landim, já é possível observar a atuação dessa tendência em procurar talentos e não alunos bem formados em matemática. Escolas como a de Coruripe (AL) ficaram reconhecidas através da mídia por ter um professor de matemática tomado como exemplo por fazer dos seus alunos “destaques nacionais” como medalhistas da OBMEP. O professor Djalma Nascimento relatou uma de suas estratégias ao jornal: “Procuro talentos nos alunos. Os que têm melhor desempenho são transformados em monitores” (O JORNAL – AL, 28/08/2011).

Tanto o coordenador-geral da OBMEP quanto o professor de matemática em Coruripe percebem a seleção de talentos como uma forma eficaz de vencer e produzir sujeitos de sucesso. Mas eles não são os únicos, pois existem inúmeros discursos que levam a ideia geral de selecionar aqueles sujeitos com melhores competências na execução de determinadas tarefas. Possivelmente essas afirmações em defesa de um processo que seleciona os competentes, e separa os melhores dos piores, seja a própria atuação dos efeitos produzidos pela governamentalidade neoliberal que encontra no dispositivo esportivo uma superfície acolhedora que o fortalece ainda mais.

Para Costa (2009), podemos dizer que a forma de governamentalidade neoliberal que interfere na nossa constituição, no sistema econômico e no agenciamento da educação é ainda aquela que se formou nos EUA, na década de 1960, tendo como principais influências as

análises econômicas da Escola de Chicago e a Teoria do Capital Humano⁶⁷, que usam como referencial a economia de mercado. À medida que as regras econômicas foram se espalhando para outros domínios da vida social, inclusive para o campo educacional, “ganharam um forte poder normativo, instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando sujeitos de direitos em *indivíduos-microempresas* – empreendedores” (COSTA, 2009, p. 172).

De acordo com o autor, a interferência desse tipo de governamentalidade neoliberal é bastante relevante, pois,

[...] além de o mercado funcionar como chave de decifração (*princípio de inteligibilidade*) do que sucede à sociedade e ao comportamento dos indivíduos, ele mesmo generaliza-se em meio a ambos, constituindo-se como (se fosse a) substância ontológica do ‘ser’ social, a forma (e a lógica) mesma desde a qual, com a qual e na qual deveriam funcionar, desenvolver-se e transformar-se as relações e os fenômenos sociais, assim como os comportamentos de cada grupo e de cada indivíduo. (ibidem, p. 174 – grifos do autor).

Trata-se, portanto, de toda uma política econômica que tem como objeto o comportamento humano e a racionalidade interna que o motiva, talvez iniciando pela própria utilização da seleção de talentos como tática para o sucesso nas olimpíadas escolares, motivando os alunos à participação e à aceitação dos processos de concorrência. Como disse César Camacho, diretor do IMPA, a descoberta de talentos foi um dos motivos para a criação das olimpíadas de matemática, que “começou como uma espécie de ‘caça-talentos’” (O GLOBO RJ, 24/01/2015).

O caráter competitivo/meritocrático conduz os sujeitos a perceberem a si mesmos e aos outros em um mundo coordenado por esta lógica. Na escola, por exemplo, eles passam a sentir-se desde o Ensino Básico como trabalhadores em potencial, que necessitam de treinamento e aperfeiçoamento constante para conseguir uma vaga no mercado de trabalho. As olimpíadas escolares atuam exatamente nesse sentido, mantendo constante o imperativo da necessidade de os sujeitos investirem em si mesmos para superar a concorrência. Ou seja, treinar o bastante para vencer o seu adversário, normalmente, como em qualquer outra modalidade esportiva. O estranho é que não estamos falando de uma modalidade esportiva comum, trata-se de uma série de saberes que foram esportivizados justamente para pertencerem a este universo esportivo, onde não se estranha que haja seleção, treinamento, disputa e poucos vencedores.

Na cerimônia de premiação da OBMEP, em 2012, a presidente Dilma Rousseff manifestou total apoio à meritocracia em sua fala, quando disse que “No Brasil de hoje

⁶⁷ A própria noção de capital humano refere-se a um conjunto de habilidades, capacidades, destrezas e competências que pertencem ao humano e adquirem valor de mercado (COSTA, 2009).

queremos que o sucesso venha da meritocracia. Hoje aqui é uma celebração da meritocracia. Ninguém perguntou aqui quem era o pai, a mãe e de onde veio [o aluno premiado]” (G1, 27/08/2012).

Pergunto-me se alguém não deveria ter lhes perguntado de onde vêm e quem são seus pais? Mas parece que não, pois pelo visto o que importa realmente são as competências que estes sujeitos possuem, em última instância avaliada pelo mérito de ser medalhista. As competências a serem aprendidas, exercitadas e avaliadas pela meritocracia não são quaisquer competências, mas sim aquelas definidas, demarcadas e disseminadas como as que possuem maior valor para o mercado, e por isso merecem tal investimento e apreciação.

Através da visibilidade esportiva, os discursos da governamentalidade neoliberal ganham ainda mais valorização e projeção na sociedade. Utiliza-se todo um aparato esportivo inspirado nas atividades esportivas de alto rendimento, para estimular a participação, a adesão e a aceitação a esse modo de conduzir sujeitos. O empréstimo da legitimidade do nome olimpíadas, por exemplo, já a torna fortalecida pelo seu apelo social, capacidade de envolver e ao mesmo tempo extrair dedicação e demonstrar resultados em curto prazo. Uma olimpíada é capaz de reforçar a ideia de que todos possuem as mesmas condições para vencer a disputa, por isso todos devem dedicar-se sobremaneira à especialização, à preparação e ao treinamento de habilidades. Procura-se tornar aceitável, mesmo no Ensino Básico, que a seleção de alguns sujeitos em detrimento de outros faz parte de uma concorrência legítima e natural, pois nas disputas esportivas nem todos podem alcançar o lugar mais alto do pódio.

3.7 Reflexões sobre a utilização das olimpíadas escolares como tecnologia para governar a busca da superação

Através da elaboração de relações conceituais e empíricas, busquei reforçar o entendimento de que o modelo esportivo dispersado para a área de ensino, como a de matemática, por exemplo, tem sido um meio de atuação do exercício de poder sobre a população. A partir das características que ele pode assumir em diferentes espaços e seu potencial de ação sobre distintos grupos sociais, o modelo esportivo pode ser caracterizado como um dispositivo de poder, o dispositivo esportivo. Estão presentes na ideia de dispositivo esportivo, com a qual este texto vem operando, pelo menos duas possibilidades de intervenção para o governo das condutas como estratégia de governamentalidade.

A utilização do esporte como um dispositivo para a governamentalidade toma o esporte como exemplo, inclusive como metáfora, e não mais apenas as práticas esportivas

como instrumento capaz de controlar e guiar os corpos. Através dos seus símbolos, histórias, personagens e marcas como estratégias de intervenção, inseridos em um conjunto de ações e programas, as táticas são direcionadas para cumprir certos objetivos econômico-sociais. Dentre essas táticas, podem-se mencionar novamente o treinamento, a especialização, a exigência de dedicação para a obtenção de resultados e a premiação como compensação de esforços.

No contexto das olimpíadas escolares, são utilizados exemplos como demonstração de como se deve ser, ou seja, modelos a serem seguidos. Observei alguns relatos nas mídias das próprias olimpíadas, de casos de alunos capazes de estudar matemática por mais de 10 horas por dia para competir em uma olimpíada⁶⁸ ou ainda o exemplo daqueles que não deixam o laboratório nem para comer às vésperas de uma competição⁶⁹. Segundo João Canalle, coordenador da Olimpíada Brasileira de Física, “os vencedores gostam de competir e estudar e, para eles, a preparação para um evento competitivo nunca é um fardo” (FOLHA DE S. PAULO, 04/01/2010). Ao passo que um aluno deseja ser vencedor (e quem não desejaria?), a partir da fala de Canalle, ele poderá entender que um dos requisitos para isso é ter gosto pela competição e também nunca considerar a preparação um fardo, mesmo que sejam 10 horas ou que ele precise ficar sem comer por algum período.

Na grade da governamentalidade, podemos considerar que o dispositivo esportivo atua como uma forma de exercício do poder sobre a condução da conduta dos sujeitos. Esses sujeitos (nós) passam a perceberem-se como vencedores ou perdedores, inseridos em todo um esquema social que faz com que os indivíduos se sintam inteiramente responsáveis por suas conquistas ou fracassos, mesmo quando se trata da aprendizagem. A ideia permanente de que devemos ser imbatíveis, incansáveis, invencíveis faz com que também nos consideremos inferiorizados, culpados e condenados por errar, perder ou não conseguir.

No artigo *A olimpíada do século XXI*, publicado no Jornal O Globo – RJ (09/10/2008) e escrito por Sérgio Machado Rezende e Fernando Haddad⁷⁰, presencia-se a afirmação de que a história dos homens pode ser boa ou má. Mas os autores defendem que o lado bom está sempre tentando superar o mau, e nesse caso as olimpíadas servem como um exemplo do que seria o bem, e a própria superação do bem sobre o mal.

⁶⁸ Folha de S. Paulo, 04/01/2010. Disponível em: <<http://www.cmpa.tche.br/index.php/noticias/24380>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

⁶⁹ Revista Veja, 09/07/2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saber/sb0401201001.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

⁷⁰ Ambos são políticos brasileiros, Sérgio Machado Rezende foi ministro de Ciência e Tecnologia e é também professor; Fernando Haddad é atual prefeito da cidade de São Paulo e, em 2008, quando foi escrito o texto, era ministro da Educação.

Os Jogos Olímpicos desde a Grécia Antiga marcam a *vitória do bem*, o espetáculo fascinante da *superação de esforços*, para *soldar alma sã e corpo são*. Suas medalhas de ouro, prata e bronze premiam justamente o empenho de *superar capacidades físicas*, em que a *concentração mental é essencial* (O GLOBO – RJ, 09/10/2008, p. 7 – grifos meus).

Dicotomias como mente-corpo e bem-mal aparecem como práticas discursivas que se destacam pela potencialidade na constituição de verdades e sujeitos na sociedade. O que significa ser do bem, superar esforços e capacidades físicas na sociedade atual? Quais são as orientações atuais para conquistar o objetivo da sanidade do corpo e da mente? Pode-se empreender tal análise a partir das formas como os enunciados se apresentam e constituem todo um “aparato pedagógico”, que indica a luta do *bem* contra o *mal*, criando formas de controle e governo desses sujeitos. Esses enunciados buscam indicar modos de como as pessoas devem ser e o que devem fazer, portanto, que rumos devem tomar em suas vidas (o certo), considerando que um caminho diferente daquele considerado correto será o caminho errado (DAMICO, 2011, p. 146).

No artigo de Rezende e Haddad, as “Olimpíadas de Ciência”⁷¹ são consideradas destaque do século XXI por estarem centradas no “avanço intensivo e na superação das capacidades intelectuais”, principalmente dos jovens. Tais pretensões diretamente relacionadas entre si, como a superação das capacidades e o avanço intensivo, não aparecem por acaso no cenário do chamado “século da informação e do conhecimento”. Pode-se ver com certa clareza a sincronia de pretensões presentes em uma competição esportiva como as olimpíadas, e uma sociedade que se pretende sempre mais produtiva. A utilização da lógica de funcionamento de uma competição olímpica reforça constantemente a ideia da necessidade de superação das capacidades de cada indivíduo, principalmente quando se afirma que, “no final, claro, tudo depende de cada estudante”. A noção de *avanço*, ou melhor, de uma infinita busca pelo avanço, passa a permear os sujeitos como a única possibilidade de conduzir suas vidas.

No referido texto, escrito pelos ex-ministros, são exaltadas a mobilização de cerca de 18 milhões de jovens para as olimpíadas de matemática e a atuação de 120 mil professores como voluntários na organização desses alunos. Para os autores da notícia, a atitude dos professores se justifica porque eles “sabem muito bem o quanto tudo isso é importante para todos”. Embora o texto seja imperativo e escrito para produzir efeitos como comover e motivar/convencer o leitor (quem sabe um futuro voluntário), não temos certeza de que seja tão fácil identificar o quanto tudo isso é importante para nós.

⁷¹ O artigo traz como destaque e único exemplo a OBMEP.

A ambição que estimula a disseminação da ideia de superação das capacidades e busca pelo avanço, pela testagem de capacidades dos alunos na área de matemática através da olimpíada, é dita “vital para o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico do país” (O GLOBO – RJ, 09/10/2008). Na mesma direção, a diretora da OBMEP, Suely Druk, afirma que a competição só traz benefícios, pois “a vontade de vencer, atingir metas mais altas, destacar-se é um poderoso incentivo para os estudos” (ÉPOCA, 08/03/2010).

Para Traversini e Bello (2009), é fundamental que nos debruçemos sobre a reflexão da relevância que têm adquirido na atualidade, por exemplo, os números e as medidas nas ações governamentais, a ponto de produzirem normas, estratégias e ações para gerir, no sentido da produtividade, as condutas coletivas e individuais dos sujeitos. A ideia de crescer, destacar-se, buscar mais, avançar também significa aumentar as marcas e os índices, que tanto servem aos sujeitos como ao Estado. Bem como afirmou o autor na citação que tomo de empréstimo do texto de Traversini e Bello (2009)

Governa-se, e governar é controlar, administrar, influenciar, monitorar, fiscalizar, dirigir, regular; vigia-se, ordena-se, disciplina-se, enfim, norteiam-se as condutas dos homens; assim sendo, todos governam (seja o pai, o patrão, o mestre, o amante, seja o Estado). (SENRA, 2005, p. 58 apud TRAVERSINI; BELLO, 2009, p. 141).

O dispositivo esportivo – e neste caso especificamente as olimpíadas – apresenta-se como uma tecnologia de governo, pois através dele é possível moldar, instrumentalizar e normalizar as condutas dos indivíduos, bem como de parcela da população. Esse tipo de organização para a conduta geralmente se utiliza de programas realizados em parceria com empresas para gerir a vida dos sujeitos e fomentar a autogestão da vida e a autossustentabilidade de comunidades, escolas etc. A partir dessa racionalidade política contemporânea, que podemos chamar de governamentalidade neoliberal, objetiva-se conduzir as condutas de si e dos outros, “administrando-as de modo a responsabilizar cada um pelo seu destino e otimizar os índices de saúde, de educação e de desenvolvimento do país com vistas a diminuir a dependência do Estado e também figurar no topo dos *rankings* internacionais” (TRAVERSINI; BELLO, 2009, p. 143).

As afirmações, ou seja, os discursos imperativos, repetidos e dispersados, coadunam com o que emerge das falas de sujeitos que participam como competidores nas olimpíadas. É o caso de Willian, primeiro integrante da família a ingressar em uma universidade. Ele afirma que seu exemplo “faz com que outras pessoas vejam que é possível crescer”. Para o aluno, através de sua participação na OBMEP, ele foi estimulado, se tornou mais confiante,

melhorou sua autoestima e frequentou o PIC na UFMG, o que determinou sua inserção na faculdade (O GLOBO – RJ, 04/03/2013).

Na Olimpíada do Conhecimento, casos de pessoas com deficiência que participaram da competição foram propagados como modelos de superação a serem seguidos. Sob o título *Pessoas com deficiência dão exemplo de superação na Olimpíada do Conhecimento 2015*, o Jornal ExpressoMT (23/01/2016)⁷² divulga as histórias vivenciadas por uma concorrente surda, outra cega e um cadeirante. Na sequência, destaco trechos da notícia em que há falas dos próprios sujeitos, reforçando a necessidade de buscar a constante superação.

O deficiente físico, Jones Carlos Bento, também virou referência dentro da Olimpíada ao competir na ocupação de Mecânica Automotiva. Mesmo usando uma cadeira de rodas, Bento garante que as dificuldades dele, durante as provas, são as mesmas dos demais estudantes. “A pressão do tempo e os imprevistos que surgem sempre são complicados de lidar, mas o mais bacana é a gente se superar sempre e ter autocontrole”, explicou.

Cristhine é professora de Libras [...] Detalhista, cuidadosa e bastante competente, a jovem é um orgulho para professores e amigos. Uma das inspirações dela é o medalhista de ouro do Senai-MT na Olimpíada do Conhecimento, etapa nacional, realizada em 2014, Pedro Severino, que também é surdo. “Começamos isso juntos, mas ele foi para a Olimpíada e eu dediquei um tempo para outras coisas, agora é a minha vez de buscar uma medalha. Ele me ajuda muito aqui. Temos uma união e uma troca muito grande. Quero orgulhá-lo assim como ele me orgulhou”, afirma ela, ao garantir que vai lutar pela medalha de ouro.

O lema olímpico *Citius, Altius, Fortius*⁷³, vinculado à criação do Comitê Olímpico Internacional em 1894, assemelha-se às afirmações citadas sobre as olimpíadas escolares por estarem em um mesmo grupo de enunciados, que estimulam a busca pelo desenvolvimento sem limites. Ehrenberg (2010) identificou em enunciados próximos a estes a construção do perfil de um estilo de homem, que reúne as tradições do ideal competitivo do esporte, somado a um modelo de empreendedorismo para a ascensão social – os chamados de “atletas da ascensão social” (ibidem, p. 46).

O ex-presidente Lula, em 2009, na premiação das olimpíadas de matemática, disse aos medalhistas que aquele era “um dia de glória”, pois via estampado nos olhos daqueles jovens “a grandeza do futuro do nosso país” (O GLOBO – RJ, 16/04/2009). Na trama dos enunciados sobre as olimpíadas de matemática, há certa regularidade no que é dito sobre crescer e avançar, relacionado ao desenvolvimento econômico do país. Nas falas dos indivíduos, esses dizeres são apropriados para as condições de vida de cada um, reforçando a ideia do culto à *performance* individual como solução para os problemas econômicos de todos

⁷² Disponível em: <http://www.expressomt.com.br/matogrosso/pessoas-com-deficiencia-dao-exemplo-de-superacao-na-olimpiada-do-conhe-136216.html> Acesso em 20 jan. 2016

⁷³ “Mais rápido, mais alto, mais forte”.

e do país. Na mesma direção, o doutor em matemática Seme Gebara disse à revista Veja que “Cultivar o talento dos jovens é crucial para o desenvolvimento de qualquer país” (19/05/2010)⁷⁴, quando foi convidado a opinar sobre o recrutamento de jovens talentos nas olimpíadas de matemática.

Está explícito que, nessas competições, existe a intenção de formar grupos seletos, competitivos e produtivos de jovens alunos ainda no Ensino Básico, medalhistas de ouro, prata e bronze. Esses alunos já serão encaminhados a frequentarem algum projeto de iniciação científica quando ingressarem nas universidades (ou ainda antes), a fim de que seja dada continuidade na orientação dos seus estudos e ainda prepará-los para cursar a pós-graduação (ou a graduação)⁷⁵. Esses seletos grupos se caracterizam por reunir jovens de habilidades e desempenho destacados quando comparados a outros jovens. Para o exemplar ex-aluno do IMPA, economista, professor da Universidade de Columbia nos EUA, o envolvimento de milhões de jovens nas olimpíadas de matemática “terá impacto positivo sobre o desempenho educacional dessa geração, que estará mais preparada para se tornar uma força produtiva inovadora” (VEJA, 03/12/2014).

Mesmo sabendo que nem todos os jovens competidores nas olimpíadas ganharão medalhas, quando o ex-aluno aborda o desempenho educacional de toda uma geração, ele refere-se à dimensão dos efeitos que estão sendo gerados. Ao estimular os alunos a competirem, a desejarem a vitória e a prepararem-se para isso, está sendo produzida toda uma *geração* de sujeitos mais competentes, inseridos no modelo de sujeito competente criado pela própria competição, como tecnologia de governo de uma determinada racionalidade política, a governamentalidade neoliberal.

As formas de preparação da força produtiva são orientadas com base nos caminhos percorridos por aqueles que já foram medalhistas. A exemplo disso, temos uma fórmula da conquista de medalhas, desenvolvida pelo professor Geraldo Pereira, reconhecido por levar seus alunos às finais das olimpíadas. Sua fórmula: “somar talentos, dividir informações, diminuir a falta de confiança dos nossos alunos e multiplicar nossas conquistas” (G1 ZONA DA MATA, 17/12/2013). A partir da utilização dessa orientação como um modelo para a

⁷⁴ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/prodigios-matematica-561132.shtml>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

⁷⁵ Não necessariamente nesta ordem, como já visto anteriormente, o ingresso no mestrado sem graduação já foi permitido a jovens medalhistas da olimpíada de matemática que hoje tentam reconhecer na justiça seus títulos de mestres. Os três jovens foram diretamente para o mestrado, após o Ensino Médio e não obtiveram o reconhecimento legal dos mestrados por não possuírem a graduação, exigida pelo MEC para obtenção de títulos de pós-graduação. Hoje eles estão fazendo a graduação para validarem seus mestrados, um deles já concluiu o doutorado (23 anos) e outro (21 anos) ainda cursava o doutorado em 2010 (VEJA – RJ, 19/05/2010).

obtenção de resultados, percebe-se que a responsabilização sobre a produtividade, ou sobre a colocação no *ranking* das olimpíadas, é direcionada aos alunos e aos professores das escolas. A ideia de que um aluno deve sempre se superar condiciona a possibilidade da conquista de premiações à sua própria vontade, ao seu esforço e à sua confiança; capacidades que são somadas à capacidade de elaboração de estratégias para estimular esse aluno, que devem partir dos seus professores.

Nem sempre foi tão comum falar-se em treino no lugar de estudo, tampouco atleta em substituição a aluno, ou treinador para referir-se ao professor, sobretudo nas áreas de ensino de matemática, língua portuguesa, física etc. No entanto é cada vez mais comum e naturalizado o uso do exemplo da conduta esportiva na seleção, na preparação e no direcionamento da vida de jovens estudantes. Os medalhistas de ouro, prata e bronze da OBMEP, por exemplo, são premiados com uma bolsa de iniciação científica no valor de R\$ 100,00, para frequentar as aulas do PIC. Para isso, muitos alunos precisam deixar as cidades onde moram, pois essas aulas ocorrem em 170 cidades-polo, geralmente onde há um centro universitário. Para possibilitar a permanência desses alunos longe de suas residências, o programa oferece moradia, transporte e alimentação, segundo o diretor do IMPA e coordenador da OBMEP Cláudio Landin (O GLOBO – RJ, 04/03/2013).

Com isso, minha intenção foi pensar nessa ideia de selecionar e preparar jovens, envolvendo instituições interessadas nesse investimento, que pode ser inovadora na seleção de talentos em matemática, física etc., mas já é uma prática bastante conhecida na área do esporte de alto rendimento. Essa e outras táticas de governamentalidade atuam sobre a racionalidade daqueles sobre os quais o próprio poder é exercido, como se houvesse um acordo. Os sujeitos são conquistados, seduzidos, antes mesmo de refletirem sobre o que desejam realizar em suas vidas (nem sempre há essa possibilidade). Assim como, desde sua seleção, os talentos esportivos têm suas condutas orientadas para a produção de um atleta de alto rendimento competitivo e vencedor, tal estratégia – ainda inovadora na área de matemática – tem sido utilizada para produzir novos talentos do mercado de trabalho.

Por fim, gostaria de considerar, como tenho tentado fazer em alguns momentos do texto, sobre aqueles que não vencem, aqueles que permanecem em um nível intermediário na competição, ou seja, até conseguem participar mas não se tornam medalhistas. Segundo o ex-aluno do IMPA, citado anteriormente, no caso desses alunos, as medalhas atuam como uma “boia de salvamento” que pode fazer muita diferença. Esses alunos recebem uma medalha de menção honrosa “justamente pelo estímulo que representam”, o estímulo de persistência e também o modelo de como não se deve ser, na tentativa de alavancar ainda mais a

performance dos jovens vencedores (VEJA, 03/12/2014). Ainda, por fim, esse grupo de jovens parece ser visto como uma composição secundária de jovens que poderão ser produtivos para alguma coisa, mas ainda não são suficientemente úteis para as atuais necessidades do mercado. Ainda assim, a situação desses jovens é melhor do que a daqueles alunos que não chegam a participar das olimpíadas, por falta de interesse ou falta de dedicação. De acordo com tal lógica, estes não serão salvos⁷⁶.

3.8 Considerações finais

Neste trabalho, busco a ampliação do diálogo sobre a utilização do dispositivo esportivo como uma estratégia de governamentalidade. Para isso, foi fundamental perseguir as respostas para o questionamento que pairou sobre todo o processo de escrita: como essas práticas escolares têm se organizado através do modelo da lógica esportiva de alto rendimento a ponto de produzir novas formas de ser e agir na sociedade contemporânea?

A partir da análise da dispersão do dispositivo esportivo, para além da prática esportiva, foi possível refletir sobre como essa estratégia tem se efetivado em práticas de orientação para a conduta dos sujeitos através de competições escolares como as olimpíadas. Para esse processo, foram observadas as ocorrências presentes nos discursos midiáticos propagados sobre as olimpíadas selecionadas. As informações coletadas foram processadas na esteira da governamentalidade, considerada uma forma de exercício do poder sobre a condução da conduta dos sujeitos.

Observou-se que o dispositivo esportivo, composto por inúmeros enunciados, discursos, estratégias, táticas, instituições etc., é produto da sociedade em que vivemos, bem como é uma das peças na engrenagem da governamentalidade neoliberal, pois auxilia na produção e manutenção dos propósitos orientados pela economia de mercado. O dispositivo esportivo, uma das tecnologias de governo da governamentalidade neoliberal, tanto propõe quanto assume características do contexto em que está inserida. Assim carrega consigo os significados e códigos da sociedade contemporânea, da mesma forma que produz significados para essa mesma sociedade, agindo nos seus processos de existência e manutenção.

O dispositivo esportivo demonstrou ser uma ferramenta com vasto potencial para o alcance dos objetivos, sobretudo socioeconômicos, desta sociedade. A utilização do modelo esportivo na conduta de sujeitos reforça ideias como a de responsabilização e conformação

⁷⁶ No item 4.5 desta tese realizo uma discussão sobre a salvação no mundo contemporâneo.

dos indivíduos, percebidos na naturalização da desigualdade de oportunidades. Através das olimpíadas escolares são demonstrados exemplos de fórmulas corretas, através do treinamento, especialização, máxima dedicação para a obtenção de resultados cada vez melhores, e a premiação como recompensa, para se alcançar conquistas e o sucesso. A não obtenção do sucesso esperado é tratada como um desvio motivado pelo não cumprimento da fórmula prescrita, por isso as consequências são atribuídas individualmente e aceitas como incapacidades naturais.

Dentre as atitudes mais indicadas nesse manual de comportamento que se completa a cada notícia sobre as olimpíadas, são comuns questões como a autoconfiança ou acreditar em si mesmos, trabalhar ou treinar incansavelmente, ter coragem e desafiar, superar as dificuldades, ser criativo, conquistar, crescer, ter força de vontade, esforçar-se, tornar-se um vencedor, não ter limites, empenhar-se, dedicar-se etc.⁷⁷ Ao trilharem esse caminho, os sujeitos podem ficar tranquilos quanto ao alcance do sucesso, a obtenção dos melhores resultados e o bom desempenho, pois estes fazem parte de uma certeza prometida. Ao passo que o insucesso também está garantido para aqueles com caminhos desviantes. Mas qual é o motivo para esses desviantes não desejarem o sucesso?

O incentivo à manutenção e ao fortalecimento do ideal de culto à *performance* é uma das formas de cumprir os objetivos que se tem para o aumento da produtividade no país. As olimpíadas escolares servem a esse propósito, ao selecionar e formar seletos grupos de jovens talentosos, competitivos e produtivos ainda no Ensino Básico, nas áreas tecnológicas e científicas. Esses jovens são selecionados e capturados, muitos já com vínculos empresariais durante a formação, e assim são envolvidos em certo tipo de contrato que parece bom, inclusive para a parte mais frágil.

⁷⁷ Essas expressões estão no conjunto de notícias analisadas sobre as olimpíadas selecionadas.

Segunda parte

O GOVERNO DE SI

4 A VIRTUDE DE GOVERNAR: O DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO ELEMENTO DO GOVERNO DE SI

4.1 Introdução

Na sequência, tratarei de exercícios e técnicas de si que são acionados pelos discursos da autoajuda, voltados para as práticas esportivas, como uma estratégia para a conduta de si e para a conduta do outro na contemporaneidade. Meu *corpus* empírico foi composto por biografias de sujeitos envolvidos com o esporte de alto rendimento que funcionam como livros motivacionais ou de autoajuda. Uma das questões que têm orientado esse processo de análise é: como determinadas estratégias do dispositivo esportivo tornam-se exercícios e técnicas de si através de discursos de autoajuda? Na direção da busca pela compreensão desse questionamento, abordarei aquilo que Foucault chamou de “tecnologias do eu”, ou “mecanismos de auto-orientação”, que conduzem os indivíduos a pensar, compreender e julgar a si mesmos, através dos livros de autoajuda, ainda imbricado naquilo que considero ser uma ação de governo das condutas por meio do dispositivo esportivo.

Na atualidade já se pode considerar comum a visibilização da trajetória de atletas, histórias de vida e algumas atitudes mais específicas, como indicadores de desempenho, ou seja, como exemplos a serem seguidos. Muitos atletas conhecidos por suas *performances* têm sua imagem vinculada a campanhas sociais e marketing de produtos, esportivos ou não. Sua presença cada vez mais frequente faz com que constantemente estejamos imersos em inúmeras manifestações sociais com características esportivas. Assim, a sinalização da lógica esportiva pode ser observada cotidianamente em situações e ambientes que há algum tempo não seriam considerados próprios ou pertencentes a esse contexto.

Para tanto, organizei esta etapa do trabalho de modo a, num primeiro momento, apresentar as características dos procedimentos de condução das condutas dos sujeitos por meio do dispositivo esportivo, neste caso, as biografias. Em seguida, abordarei uma das temáticas que emergiram das biografias como discurso motivacional orientador das tecnologias de si que transformaram os sujeitos em atletas, não somente na prática de esportes, mas atletas nas mais diferentes situações da vida.

A vitória e o sucesso serão tratados como elementos contemporâneos de conversão dos sujeitos a si mesmos, utilizados no direcionamento das condutas para o alcance da salvação. A própria ideia de salvação será discutida em sua relação com a conquista do sucesso e o caminho tortuoso que deve ser seguido sem desvios de conduta por quem deseja ser um

vencedor. Para a perseguição desse caminho, são necessários certos tipos de comportamentos adequados, como a disciplina para superar os adversários devido à concorrência e a ameaça constante que eles podem oferecer em qualquer situação. Por fim, realizarei algumas reflexões quanto ao modelo de sujeito que tem se delineado diante de tantas orientações de como se deve ser, o sujeito empreendedor de si mesmo – sujeito esse que utiliza as táticas esportivas para aprender, treinar, autogerir-se, competir, superar, vencer e, finalmente, alcançar o sucesso.

4.2 A condução das condutas de si e a relação com o dispositivo esportivo

Quanto ao discurso imperativo que consiste em dizer “lute contra isso e desta ou daquela maneira”, pois bem, parece-me que é um discurso bem ligeiro, quando é feito a partir de uma instituição qualquer de ensino ou, até, simplesmente numa folha de papel. Como quer que seja, a dimensão do que se tem a fazer só pode aparecer, parece-me, no interior de um campo de forças reais, isto é, um campo de forças que nunca um sujeito falante pode criar sozinho e a partir da sua palavra; é um campo de forças que não se pode de maneira nenhuma controlar nem fazer valer no interior desse discurso. (FOUCAULT, 2008b, p. 5-6).

Nesse trecho que compõe a aula inicial de Michel Foucault no curso *Segurança, território, população*, de 1978, o autor relata uma de suas percepções sobre o discurso imperativo, que ordena, indica, aconselha, orienta. Segundo ele, a manifestação nesse sentido só ocorre porque existe uma batalha real, uma disputa em um campo de forças entre sujeitos, que não podemos controlar do interior desses discursos.

Tais discursos, de ordem e caráter imperativo, demonstram a indicação de uma série de atitudes e posicionamentos considerados corretos, que vem geralmente desacompanhada de opções que possibilitariam uma escolha. Mas, ao mesmo tempo, essa indicação vem acompanhada de diversos acordos ou táticas condicionantes, que induzem os sujeitos a uma determinada *escolha* específica. Assim lhes é oferecida a promessa de ganho de recompensas para quem fizer a tal escolha correta, e assim também são demonstradas as consequências indesejáveis para quem não seguir a opção recomendada. Alguns exemplos dessas recompensas prometidas podem ser emprego, família, saúde, dinheiro, bens etc.; no caso de uma conduta contrária, as consequências seriam desemprego, pobreza, envolvimento com crime e drogas, solidão etc.

São muitos os relatos de atletas famosos (ou não) e de outras pessoas infames (ou não) em *sites* e *blogs* que tratam sobre a prática esportiva e o seu poder de salvação. Em um *blog*

chamado *Só o esporte salva*⁷⁸, o professor de Educação Física Argeu Pedroso escreveu que o esporte não apenas serve para “inclusão social” como “ele de fato salva vidas”. O professor segue em seu texto, explicando que o esporte tem poder de recuperação, “não somente de jovens desencaminhados socialmente”, mas também pelos cuidados da saúde através da prática de “atividade física”. Segundo ele, o Estado gasta em excesso com presídios e “custos de medicação e internações médicas [...] em função de sedentarismo”, quando poderia tornar o Brasil uma potência olímpica e um país desenvolvido.

Através das afirmações sobre o poder salvacionista dos esportes, nota-se que a prática esportiva é considerada um caminho correto – mais do que isso, ela foi metaforizada. Tornou-se exemplo de vida no mundo contemporâneo, mundo em que, predominantemente, os sujeitos são orientados a gerir suas próprias vidas, mas não de qualquer forma. Na sociedade atual tem predominado, já há bastante tempo, uma forma específica de conduzir os sujeitos, pautada em preceitos não apenas de ordem moral, mas principalmente de ordem econômica.

A partir do século XVIII, governar um Estado passou a ser fundamentalmente aplicar a economia na sua organização, o mesmo que administrá-lo economicamente. Ou seja, exercer sobre os habitantes, as riquezas e as condutas dos sujeitos, formas de vigilância e controle para conduzi-los a um fim adequado – no caso, lucrativo. Portanto, governar economicamente (FOUCAULT, 2008b).

O exercício do poder, mencionado através de Foucault na citação que abre este item, faz parte de qualquer tentativa de conduzir a uma manifestação específica de verdade. As manifestações de verdade atuam em um campo de forças que, sobretudo através do discurso ou do dispositivo (no qual o discurso está inserido), convence os indivíduos a ser de uma determinada forma, diferente de outras, no modo de pensar, agir, desejar, sentir etc. O poder econômico vem predominando esse campo de forças nos últimos séculos, e podemos dizer que ele estaria em certa vantagem na disputa pela conquista de sujeitos governados.

Foucault (1995), em *O sujeito e o poder*, expõe a ideia de que o Estado moderno limitou as possibilidades do ser e agir dos indivíduos a uma condição. Trata-se da individualidade submetida ao conjunto de mecanismos do próprio Estado. Nessa direção, podemos suspeitar que a sociedade contemporânea vem aprimorando a individualização dos sujeitos, ao ponto de estes sentirem a necessidade de buscar aprimorar as formas pelas quais devem se autogovernar. Os indivíduos devem se auto-organizar, precisam autogerir suas vidas

⁷⁸ Disponível em: <<http://soesportesalva.blogspot.com.br/2014/03/o-esporte-salva-coluna-do-professor.html>>. Acesso em: 20 set. 2015.

pessoal, profissional etc., percebendo o outro como seu concorrente e/ou seu avaliador/julgador, numa relação empresarial.

Com essas novas exigências, também surgem novas funções, como a do *coaching*⁷⁹ e a figura do *manager* (gerente). Através de Carvalho (2012), trago para esta discussão as contribuições sobre a ideia do *manager* (gerente), dos autores Boltanski e Chiapello (2009). Segundo eles, essa expressão é utilizada a partir da década de 1990 para destacar as qualidades daqueles sujeitos que estão sincronizados ao sistema econômico capitalista. O *manager* deve estar sempre preparado para situações de incerteza e complexidade e preparado para agir sozinho em situações inesperadas. “Os *managers* não procuram dirigir nem dar ordens; não esperam ordens da direção para aplicá-las” (ibidem, p. 107).

No trato com a produção de uma história das formas pelas quais os seres humanos tornaram-se sujeitos, Foucault investiga as relações de poder. Dentre estas, destaco a “da administração sobre os modos de vida das pessoas”, administração que, segundo Foucault (1995), foi exercida pelo Estado sobre os indivíduos. Contudo uma das complexidades existentes na atualidade já se encontra no fato de não sabermos exatamente quem ou o que é esse Estado do qual falamos hoje. Parece-nos que há atualmente um envolvimento importante de empresas/empresários no cenário dos três domínios (Executivo, Legislativo, Judiciário) que governam nosso Estado. Essa consideração possivelmente será importante para a compreensão de algumas questões que serão tratadas mais adiante.

Existem algumas características específicas que demarcam esse tipo específico de exercício do poder, orientado para o fortalecimento do próprio poder econômico, como a individualização dos sujeitos, por exemplo. Rose (1988) aponta para um direcionamento contemporâneo voltado à “administração do eu”, percebida na redução de práticas consideradas privadas e no aumento das táticas de governar, inclusive aquilo que os indivíduos podem considerar mais íntimo.

Conforme Rose (ibidem, p. 31), as práticas de governo da população permanecem, acumulando estratégias de conduta que passam pela instrumentalização da família e do mais íntimo de cada sujeito: “as capacidades pessoais e subjetivas dos cidadãos têm sido incorporadas aos objetivos e aspirações dos poderes públicos”. Assim, através de técnicas que

⁷⁹ “O profissional de *coaching* atua como um estimulador externo que desperta o potencial interno de outras pessoas, usando uma combinação de flexibilidade, insight, perseverança, estratégias, ferramentas pautadas em uma metodologia de eficácia comprovada... o *coach* (profissional) acompanha seu *coachee* (cliente), demonstrando interesse genuíno (às vezes chamado de carisma) para apoiar os seus clientes de *coaching* (*coachees*) a acessar seus recursos internos e externos e, com isso, melhorar seu desempenho.” Disponível em: <<http://www.slacoaching.com.br/o-que-e-coaching>>. Acesso em: 27 out. 2015.

parecem formas sutis de governar, os indivíduos, por mais livres que possam sentir-se, são intensivamente conduzidos (ROSE, 1988).

De acordo com Foucault (2008b), a população é o fim e o instrumento do governo, ela é ao mesmo tempo sujeito e objeto de poder, pois o exercício do poder age sobre ela e através dela para o alcance de um determinado objetivo. Esse objetivo, por sua vez, está centrado contemporaneamente na economia financeira e no direcionamento das práticas dos sujeitos para a produção de rendimentos e o aumento da produtividade. Há uma série de orientações que perpassam o nosso cotidiano, indicando o caminho da vitória e do sucesso, pautados em um regime de verdade que aponta justamente para esses objetivos.

Assim como afirmou Ronaldo Nazário de Lima (2012, p. 11), no prefácio da biografia de Anderson Silva, “o sucesso não acontece por acaso. Anderson passou por todo tipo de dificuldade e provação. Podia ter escolhido o caminho errado mais de uma vez. A vida o testou em diversas ocasiões”. Nessa afirmação, Ronaldo *Fenômeno*, como foi apelidado o ex-jogador de futebol com notável visibilidade midiática, diz que o lutador poderia ter escolhido o caminho errado, pois afirma que a escolha do envolvimento com o esporte foi o caminho correto. Além disso, Anderson Silva precisou passar por dificuldades, para superá-las e obter o sucesso. Com isso, notam-se duas atitudes enfáticas e primordiais: a escolha do caminho correto e a superação das dificuldades para a obtenção do sucesso.

Alain Ehrenberg (2010) reflete sobre as afirmativas que hoje em dia dizem ao indivíduo comum que ele não deve mais ser acomodado, mas deve afirmar sua individualidade procedendo à ação. Exige-se que esse indivíduo contemporâneo tome atitudes, seja ativo, independentemente de suas condições financeiras, sociais ou até de saúde. Provavelmente muitos já ouviram a seguinte frase: seja o protagonista da sua própria história!⁸⁰ Frases como essa levam os sujeitos a uma compreensão de que haverá dentro de cada um as motivações que os próprios sujeitos necessitam para alcançar a vitória e o sucesso. Assim, percebemos um ponto importante, no qual parece que a prática esportiva tem um papel exemplar fundamental: a ação. Para Ehrenberg, “A prática esportiva e a linguagem do esporte penetraram a tal ponto em todos os poros da sociedade que está em via de se tornar uma passagem obrigatória para os valores da ação” (2010, p. 10).

Na tarefa de analisar como o dispositivo esportivo poderia estar interferindo na condução das condutas de si, dizendo aos sujeitos como eles devem ser, identifica-se um conjunto de tecnologias, discursivas e não discursivas, dispersadas através do dispositivo

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.leilnavarro.com.br/blog/2010/07/quem-e-o-protagonista-da-sua-historia>>. Acesso em: 25 jan. 2016

esportivo. As tecnologias de governo ou também os procedimentos de poder identificados nesta pesquisa foram principalmente a superação e a transformação; a disciplina; a motivação e a concorrência; o merecimento; e a liderança. Tais tecnologias são constantemente ativadas nas biografias analisadas, justamente como orientações prescritivas para que os sujeitos conduzam adequadamente suas condutas, a partir do modelo esportivo.

A lógica esportiva, através do dispositivo esportivo, tem participado do governo⁸¹ das subjetividades e da administração do eu dos sujeitos. Compartilho a afirmação de Rose (1988), na qual o autor diz que somos intensivamente governados, e mesmo os nossos mais íntimos pensamentos e sentimentos ou a mais secreta de nossas ações está socialmente organizada e administrada. Nesse caminho, trabalho com a ideia de que essa regulação, de modo geral, não está centralizada em apenas uma razão ou causa específica. Por isso também não possui um único agente controlador que detenha esse poder exclusivo de governar os sujeitos. Próximo a isso, Tomaz Tadeu da Silva (1994, p. 252) sugere:

A regulação e o governo dos sujeitos e das populações são mecanismos necessários para “canalizar” suas capacidades para objetivos produtivos, no sentido de utilidade para o poder. Mas essa regulação e governo não estão necessariamente centralizados em qualquer instituição específica, como o Estado, por exemplo. O que caracteriza a sociedade contemporânea é precisamente o caráter difuso desses mecanismos de regulação e controle, dispersos que estão em uma ampla série de instituições e dispositivos da vida cotidiana.

Para a compreensão dessas tecnologias de gerenciamento dos sujeitos através do dispositivo esportivo como prática de governo, trabalho com as táticas apresentadas de maneira recorrente nas biografias analisadas. Principalmente através da conceitualização de governamentalidade elaborada por Foucault, trato de problematizar a constituição das subjetividades contemporâneas, a partir da lógica esportiva como prática de gerenciamento para a vida, por meio do dispositivo esportivo.

4.3 Apresentação do *corpus* empírico: as biografias analisadas

A construção do *corpus* empírico inicia-se a partir de certo desconforto com os discursos imperativos que, como afirmou Foucault, insistem em nos dizer o que fazer e como fazer. Pode-se chamar esse ato prescritivo de discursos de autoajuda, pois são discursos que

⁸¹ Para Rose (1988, p. 33), o termo governo descreve uma “forma de buscar a realização de fins sociais e políticos através da ação, de uma maneira calculada, sobre as forças, atividades e relações dos indivíduos que constituem a população”.

mobilizam práticas orientadas. Defini as biografias⁸² como fontes documentais para o desenvolvimento desta pesquisa, pois percebi neste tipo de narrativa, pelo menos naquelas relacionadas ao campo esportivo, uma série de discursos imperativos que promovem e divulgam o exercício de técnicas específicas de condução dos indivíduos, por eles mesmos.

Quanto ao exercício, podemos defini-lo com o auxílio de Sloterdijk (2009) através de Brüseke (2011), como operações que conservam ou melhoram a qualificação dos indivíduos para que realizem novamente aquela operação. Ou seja, certo tipo de treinamento indicado para quaisquer indivíduos, com talvez um único pré-requisito: que estes estejam convencidos da proposta que justifica o exercício indicado. Para Brüseke (ibidem, p. 163), “exercitar-se exige uma postura ascética, necessária para garantir as energias que os permanentes esforços de se aproximar do ideal e de evitar a decadência consomem”.

Dora Marín-Díaz (2012) trabalhou em sua tese de doutorado com os livros de autoajuda como mobilizadores de práticas educativas. Segundo a autora, esses livros orientam através de técnicas que convencem de seu exercício principalmente pela finalidade prometida, que é a conquista do sucesso e da felicidade. Nos discursos de autoajuda, o alcance dessa conquista dependerá da ação de cada indivíduo, que está sob a responsabilidade de cada um. “Assim, cada sujeito é compelido a resolver, com ações que dirige sobre si mesmo, as situações e problemas nos quais se encontra envolvido no mundo atual” (ibidem, p. 19).

Os livros de autoajuda podem ser considerados superfícies de emergência para a percepção das práticas de governamentalidade que são mobilizadas através do dispositivo esportivo. Percebe-se nos discursos de autoajuda que a característica da individualização é reforçada na orientação de técnicas pautadas na condução do sujeito por ele mesmo.

Os livros de autoajuda, tanto quanto os discursos educativos institucionalizados, ainda que díspares nas suas condições de produção, na sua aceitação e no seu reconhecimento pelas comunidades acadêmicas e científicas, permitem perceber o funcionamento de práticas dirigidas para o autogoverno, isto é, para a condução da própria conduta, evidenciando um privilégio nas práticas de individualização que, parecem-me, orienta as ações formativas contemporâneas. (ibidem, p. 20).

Para cumprir a tarefa à qual me propus, utilizei como base duas biografias principais, além de algumas biografias de apoio, todas de sujeitos envolvidos com o esporte de alto rendimento. As biografias principais utilizadas são desenvolvidas mediante as experiências de vida dos sujeitos: uma traz um exemplo de sucesso baseado na competência; e a outra, na superação. Percebo que as biografias são elementos que compõem o dispositivo esportivo e

⁸² Nas grandes livrarias, como a Saraiva, as biografias correspondem a até 40% do faturamento. Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/47/artigo236379-1.asp>>. Acesso em: 30 out. 2015.

têm sido articuladas, desde a ideia de sua elaboração até as estratégias de divulgação, para agirem como livros orientadores e motivacionais, repletos de discursos imperativos e prescritivos, para que os sujeitos se dediquem a melhorar a si mesmos, como livros de autoajuda. Os livros utilizados como fontes principais de análise serão a biografia de Bernardinho⁸³, treinador de voleibol profissional de alto rendimento, e a biografia de Anderson Silva, praticante de artes marciais, ex-campeão peso médio do UFC e atualmente lutador da modalidade MMA (*Mixed Martial Arts*)⁸⁴.

O autor da primeira biografia que analisei, Bernardinho, tornou-se reconhecido por suas atuações vitoriosas no trabalho como treinador da seleção brasileira feminina de voleibol e, principalmente, da seleção masculina, onde ainda atua. Em seu livro *Transformando suor em ouro*, o treinador conta a história da sua própria vida como um exemplo de sucesso que pode ser seguido por qualquer pessoa. Bernardinho considera-se “obstinado, persistente, perfeccionista e motivador”, e acredita que há uma fórmula simples para o sucesso, que se resume à soma de trabalho e talento.

Quando vai a empresas dar suas palestras, a razão dos aplausos frequentes é uma só: as lições do Bernardinho se aplicam a qualquer setor da atividade humana. Ele se tornou aos poucos o símbolo da liderança moderna. Democrático, franco, aberto, mas seguro no momento de decidir. Há muitas frases ditas pelo Bernardinho que merecem ser guardadas para nossa reflexão. Certamente neste livro você irá encontrar várias delas. Algumas simples, outras complexas, mas todas com um conteúdo que resume, em pequenas doses de sabedoria, o segredo de tanto sucesso. (LEME, 2006, contracapa)⁸⁵.

A segunda obra analisada foi escrita pelo jornalista Eduardo Ohata a partir do relato biográfico de Anderson Silva, intitulada *Anderson Spider⁸⁶ Silva: o relato de um campeão nos ringues da vida⁸⁷*. Sua história é contada a partir da duplicidade do sentido da palavra *luta* e destaca uma ideia de superação pelo contexto da vida do lutador, que passou dificuldades, principalmente devido à pobreza. Sua história de vida é utilizada como exemplo de superação por meio da persistência, com a contribuição de características como a simplicidade, o carisma e certa fragilidade (na voz, no jeito etc.).

⁸³ Bernardo Rocha de Rezende. Escrita por ele mesmo, por isso pode ser denominada autobiografia.

⁸⁴ No Brasil, a modalidade foi traduzida pelo nome Artes Marciais Mistas e manteve-se a mesma sigla do original em inglês.

⁸⁵ Prefácio do livro de Bernardinho, escrito pelo jornalista e escritor João Pedro Paes Leme. O texto também é utilizado na contracapa e como descrição para divulgação nas lojas *on-line*..

⁸⁶ O lutador foi apelidado de *Aranha* por ter sido fã do super-herói Homem-Aranha desde a infância.

⁸⁷ É interessante relatar que, quando este livro foi comprado, em dezembro de 2014, ele custou aproximadamente R\$ 30,00. Após alguns meses, em fevereiro de 2015, e após o seu envolvimento com o uso de substâncias não permitidas para atletas de MMA, o mesmo exemplar passou a custar cerca de R\$ 8,00

O esporte brasileiro não conhecia um ídolo internacional da envergadura de Anderson Silva desde os tempos de Ayrton Senna e Gustavo Kuerten. Dono de um carisma único, o Aranha foge ao estereótipo do lutador truculento e falastrão. É tranquilo e infalível como Bruce Lee. Suave como um monge budista, é capaz de produzir os nocautes mais espetaculares do UFC e, minutos depois, se curvar em reverência aos adversários. Impávido como Muhammad Ali, não dispensa máscaras nem cremes faciais. Intimida os adversários com o olhar e acolhe os fãs com delicadeza. A voz é de quem sussurra um segredo no ouvido. Por falar em segredos, aqui estão todos eles. Em depoimento ao jornalista Eduardo Ohata, Anderson Silva mostra que a vida pode ser tão perigosa quanto um grande combate. É impossível não reverenciar o ídolo que nocauteou o destino e se tornou um campeão nos ringues e na vida. (OHATA, 2012, contracapa)⁸⁸.

A escolha especificamente por essas duas biografias motivacionais se justifica pela popularidade, pois estamos diante de dois exemplares de ampla circulação, fator que interfere no quanto esses discursos mobilizam e orientam as práticas de sujeitos. A biografia de Bernardinho se mantém desde que foi lançada entre as mais lidas, de acordo com a lista da *Amazon*⁸⁹. Já a biografia do Anderson Silva teve uma queda em sua colocação nessa mesma lista desde a data em que a selecionei até hoje. Um dos fatores pode ter sido o momento que o atleta vivenciava, de reconhecimento e visibilidade midiática e a posterior virada sofrida após derrotas em duas lutas e um resultado positivo no exame realizado para aferir o uso de drogas proibidas.

Dentre as biografias utilizadas como apoio, as quais foram surgindo a partir das duas primeiras que considerei referenciais de base, está a biografia do ex-jogador de vôlei Giba, intitulada *Giba neles!*, em menção à frase utilizada por Galvão Bueno, nas transmissões dos jogos da seleção brasileira de vôlei na Rede Globo de Televisão. Também examinei os quatro livros da coleção *Na vida como no esporte*, organizada por Bernardinho.

Minhas análises percorreram as leituras das biografias, perseguindo as ocorrências dos procedimentos de condução das condutas de si. Para melhor visualização da forma como realizei a análise, elaborei uma tabela para cada uma das duas principais biografias analisadas, anexadas ao final do trabalho (APÊNDICES C e D).

Em meu percurso, identifiquei, principalmente na primeira biografia, questões sobre o gerenciamento da vida pautado na produção de um eu empreendedor, através do modelo esportivo. Na segunda, percebi o exemplo da superação individual de dificuldades como pobreza, preconceito, criminalidade, drogas, lesões etc., também pautado no modelo esportivo como uma prática de salvação individual. Os sujeitos produzidos por esses discursos devem exercitar-se de acordo com as orientações descritas nas biografias para alcançar os diferentes

⁸⁸ Apresentação do livro escrita pelo autor e utilizada na contracapa e como descrição nos *sites* de venda.

⁸⁹ Empresa multinacional de comércio eletrônico, sediada nos Estados Unidos.

objetivos; por isso, de modo geral, podem ser chamados de atletas da vida, sobre os quais passo a falar a partir de agora.

4.4 Atletas da vida

Espero também que este livro o inspire a abraçar a busca da excelência, uma filosofia de vida que me norteia e me anima desde pequeno. Assim como tento fazer com os jogadores, gostaria de ajudá-lo a sair da sua zona de conforto, a descobrir o seu imenso potencial de contribuição e a encarar cada dia como uma oportunidade de dar o melhor de si mesmo. (BERNARDINHO, 2006, p. 18).

O trecho citado acima é conteúdo do livro de Bernardinho e demonstra parte do que está colocado em suas falas e textos sobre o modo como ele percebe o mundo e como acha que os outros devem percebê-lo. Esse modo não necessariamente deve ser compreendido como uma prática projetada para obtenção de efeitos planejados, mas talvez esteja mais próximo do que Foucault (2010) denominou “aleurgia”. O exercício do poder é sempre acompanhado de uma manifestação de verdade. O que Foucault chamou de aleurgia é um conjunto de procedimentos, verbais ou não, pelos quais se coloca o que é verdadeiro por oposição ao falso. “Poder-se-ia chamar aleurgia esse conjunto de procedimentos e dizer que não existe exercício de poder sem qualquer coisa como uma aleurgia” (ibidem, p. 36). Por isso, além de analisar os discursos que fazem parte de um determinado regime de verdade, seria interessante também analisar, nas suas condições e nas suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, manifesta-se, ou seja, representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade (ibidem).

Tudo aquilo que se chama conhecimento, quer dizer, a produção da verdade na consciência dos indivíduos pelos procedimentos lógicos e experimentais, não é, depois de tudo, mais que uma das formas possíveis de aleurgia. A ciência, o conhecimento objetivo, é somente um momento possível de todas essas formas pelas quais se pode manifestar o verdadeiro. (ibidem, p. 36).

Percebi nas biografias analisadas uma dessas formas pelas quais se manifesta o verdadeiro e o governo de si mesmo por uma determinada verdade. Através do estudo da noção de governo, Foucault chegou à compreensão de uma maneira específica de governar: o liberalismo contemporâneo. Nesse mesmo sentido, Dora-Marín (2012), em sua tese, elaborou articulações possíveis entre os discursos educacionais e as estratégias do governo político neoliberal e estratégias de governo ético.

A partir dessas constatações, identifico nossa aproximação com essas formas de governar através do dispositivo esportivo, principalmente na relação com o neoliberalismo como arte de governar e o governo ético e moral, como a prática da obediência, por

exemplo, presente na análise das biografias. Quanto ao governmentação ética, é possível destacar questões de merecimento, para o qual as técnicas são direcionadas ao cumprimento de orientações como ser bom e fazer o bem, saber perdoar, não guardar rancor ou mágoa, desejar o bem das pessoas (mesmo a quem for injusto), não ter espírito de revanche e não ser vingativo (SILVA, 2012). Ou seja, aquele que optar por esse tipo de comportamento será um sujeito que merecerá o sucesso, a vitória, enfim, as recompensas da vida.

A arte de governar neoliberal pode ser identificada principalmente pelas práticas orientadas para a individualização centralizadas na competência dos indivíduos, o que caracteriza uma busca pela melhoria das capacidades individuais dos seres humanos como forma de aprimoramento do capital humano para o desenvolvimento do próprio neoliberalismo. Dentre as técnicas orientadas para isso estão a disciplina, a coragem, a humildade, a determinação, a seriedade, a força interior etc. (BERNARDINHO, 2006)⁹⁰.

Embora ainda se exija certa dose de coragem e força dos sujeitos contemporâneos, não se buscam mais heróis com característica de destaque em meio à multidão. Principalmente na modernidade, os indivíduos precisavam de um herói/ídolo para admirar, mas hoje apenas isso não basta. Por mais que ainda haja a produção constante da imagem de *heróis* do cotidiano, percebe-se que a prática contemporânea exige que se passe de um estágio contemplativo à ação. O herói, agora não mais tão diferente ou distante do sujeito comum, deve servir de inspiração e ao mesmo tempo incentivar seus seguidores a, além de admirar, colocar em prática suas atitudes, agindo por si mesmos.

Podemos citar dentre os considerados heróis da contemporaneidade inúmeros atletas⁹¹ e empresários⁹², mas não quaisquer – apenas os bem-sucedidos. Entre os esportistas, Ayrton Senna, Pelé, Guga, o próprio Bernardinho, Oscar Schmidt, Hortência e até Ronaldo *Fenômeno*. Entre os empreendedores, alguns mais conhecidos por seus nomes – como Washington Olivetto, Eike Batista e Roberto Justus – e outros pelos nomes de suas criações, como Abilio Diniz (presidente do conselho administrativo do Grupo Pão de Açúcar), Luiz

⁹⁰ Nos anexos ao final deste trabalho estão alguns dos modelos de gestão utilizados por Bernardinho para orientar as condutas, a Pirâmide do Sucesso (Anexo B) e a Roda da Excelência (Anexo C).

⁹¹ Exemplos de divulgação dos atletas e empreendedores heróis disponíveis em: <<http://esportefinal.cartacapital.com.br/top-10-os-maiores-herois-do-esporte-brasileiro>>; <<http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/fotos/iluminados-conheca-os-grandes-herois-do-esporte-mundial>>; <<https://endeavor.org.br/as-8-historias-de-empreendedorismo-mais-inspiradoras-de-2014>>; <<https://www.napratica.org.br/confira-a-historia-de-sete-grandes-empreendedores-brasileiros>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

⁹² Ao pesquisar sobre a questão levantada pelo autor Alain Ehrenberg é surpreendente perceber como são comuns os textos midiáticos *on-line* que conduzem a produção da imagem do empreendedor-herói. Disponíveis em: <<http://revistapegn.globo.com/Startups/noticia/2015/02/por-que-os-empreendedores-tambem-sao-herois.html>>; <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/o-mito-do-empreendedor-heroi/59543>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Seabra (sócio-fundador da Natura) e Hernan Kazah (criador do Mercado Livre). Estas personalidades citadas fazem parte de um grupo de vitoriosos, medalhistas, famosos e enriquecidos personagens que devem ser exemplos aos demais sujeitos, inseridos sobretudo no modelo que represento neste trabalho, através da biografia de Bernardinho.

Ainda há outro grupo, para o qual percebo certa aproximação com a biografia de Anderson Silva, composto por indivíduos que também servem de exemplo, não tanto por suas medalhas ou carreiras de sucesso reconhecido, mas por motivos como a determinação e a superação. Cito pelo menos três casos: 1) aqueles não medalhistas que enfrentaram algum desafio e puderam superá-lo, como Vanderlei Cordeiro de Lima, maratonista brasileiro que nas Olimpíadas de Atenas em 2004 foi interceptado por um Irlandês e “ainda assim, ele consegue chegar em terceiro lugar mostrando ser um brasileiro que não desiste nunca!”⁹³; 2) o sujeito que “mesmo pobre tenha sido honesto”, a exemplo dos vários gariis que trabalhando já encontraram cheques, pertences ou carteiras e devolveram aos seus donos⁹⁴; 3) aquele sujeito que, mesmo pobre, não tenha se “acomodado” diante da situação com ideias criativas e inovadoras e tenha conseguido “vencer na vida”. Quanto a este último caso, cito dois exemplos: Wilson Fernandes Silva, dono de um carrinho de pipoca que mesmo tendo ficado inválido por conta de um braço eletrocutado deu Ensino Superior e uma casa própria para cada um dos 11 filhos; e Aguinaldo Alves Ribeiro, fabricante de pamonha que nunca fez empréstimo, tem 45 funcionários e pretende viajar para Nova York. Ambos nunca completaram os estudos escolares e têm suas histórias relatadas sob o enunciado: “Eles venceram, mas tinham tudo para dar errado”⁹⁵.

Mais do que heróis, as biografias trazem orientações de como devemos ser e o que devemos fazer para nos tronar “atletas da vida”. Atletas, não mais heróis. Com a figura do atleta se ganha mais proximidade com o realizável, trazendo as técnicas e os sujeitos para o campo da ação, do executável. A noção do ser atleta há muito tempo vem se tornando uma das principais formas de ser/estar (agir) na sociedade, no entanto é na sociedade contemporânea que ela irá penetrar em diversos campos, como empresarial, público, escolar, científico, familiar etc.

⁹³ Nas diversas reportagens realizadas com e sobre o maratonista, ele é chamado de herói do esporte pela conquista do bronze “com sabor de ouro”, além do fato de ter perdoado o irlandês. Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4CstT76PWaU>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=zBYufdDIORE>>. Acesso em: 24 set. 2015.

⁹⁴ Diversas notícias como esta podem ser encontradas em: <https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=gari+encontra+dinheiro+e+devolve>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁹⁵ Disponível em <<http://revistadeciframe.com/2010/03/17/eles-venceram-mas-tinham-tudo-para-dar-errado>>. Acesso em: 15 out. 2015.

Para contextualizar historicamente a ideia do ser atleta na sociedade, pode-se tomá-la como prática operatória do si sobre si mesmo, e a isso se pode chamar de ascese. O acompanhamento das modificações na significação da ascese possibilitou a construção de uma melhor percepção sobre a produção do atleta para o exercício das técnicas de si na conduta dos sujeitos desde a antiguidade. A concepção moderna de ascese, por exemplo, sofreu uma alteração relevante em relação à forma como era compreendida na antiguidade, pois passou-se a entendê-la como uma forma de renúncia de si em prol de um objetivo exterior, pertencente à governamentalidade. A ascese moderna passou a conduzir à sujeição dos sujeitos e não mais à sua constituição como fim último em si mesmo e para si mesmo, que era uma característica da ascese antiga (FOUCAULT, 2010).

Esse entendimento de uma divisão no significado de ascese nos possibilita compreender melhor as relações estabelecidas entre a sabedoria e o atletismo, ou entre o sábio e o atleta. Na primeira significação de ascese, no período da antiguidade clássica o atleta passou a ser um tipo de referência para o exercício de práticas preparatórias para algo que possa lhe acontecer na vida. Já a segunda significação de ascese, na modernidade, pode ser representada pelo atleta cristão que deve sempre superar a si mesmo a ponto de renunciar a si. Talvez a característica mais importante desse atleta, para minha análise sobre os dias de hoje, seja a de que o atleta cristão terá um inimigo, o pecado, cuja vitória dependerá apenas de si próprio. “O atleta antigo é um atleta do acontecimento. Já o cristão é um atleta de si mesmo” (ibidem, p. 287).

Parece que tenho me aproximado da compreensão de uma relação das técnicas de si com a conduta esportiva como uma das formas de exercitar-se na sociedade contemporânea. É instigante a observação de que poucas vezes pesquisadores tenham se debruçado sobre essa investigação na atualidade, tendo em vista que essa relação das técnicas de si com a conduta atlética antiga foi e continua a ser uma forma relevante de persuadir sujeitos, bem como as técnicas de si através do exercício da conduta esportiva moderna e contemporânea.

A descrição de Foucault (ibidem) sobre o atleta antigo e cristão em *A hermenêutica do sujeito* auxilia na tarefa de compreender melhor o atleta contemporâneo. A construção de um sujeito atleta se dá por meio dos discursos que definem o que significa ser esse sujeito. Para ser um atleta – e, mais do que isso, para ser um bom atleta – é preciso, além de seguir orientações ditas e escritas, repeti-las para si mesmo em exercícios cotidianos.

Esses discursos pronunciados repetidamente são capazes de tornar sujeitos produtos de uma determinada verdade, orientando e prescrevendo suas ações, constituindo “princípios aceitáveis de comportamento” (ibidem, p. 288). Esse discurso pode ser apresentado em frases

que, ao mesmo tempo em que dizem a verdade, também prescrevem o que precisa ser feito, como o exemplo do excerto a seguir:

O atleta que corre no estádio corre diante de milhares de pessoas. Ele precisa correr “de tal maneira” que venha alcançar o “prêmio”. O atleta precisa ter disciplina, ter dedicação, precisa obedecer a regras, ter constância, precisa treinar muito e amar o que faz.

Na corrida espiritual, todos que iniciam e terminam a corrida, ganham o prêmio. Mas isso não significa dizer que a corrida é fácil. O atleta cristão corre para vencer e para ganhar uma coroa incorruptível e eterna. Essa corrida não é fácil, e a conquista da vitória, também não. A corrida cristã é cheia de esforços e dedicação. O atleta cristão também precisa ter disciplina espiritual, dedicar-se a Deus, obedecer à Palavra e ser constante na fé cristã. A corrida espiritual é algo sério, mas todo atleta cristão pode ser um campeão.

Como e onde você está correndo? Você corre para ser um vencedor? Você está correndo para ganhar um prêmio eterno? Muitos entram na corrida, mas nunca vencem. Você pode ser um vencedor. Permita-se a ser treinado e preparado para ser um vencedor. Deixe Jesus Cristo ser o seu Mestre, seu Treinador e Companheiro em todas as corridas. Seja um atleta verdadeiramente Cristão. Seja um vencedor!⁹⁶.

Esses discursos são persuasivos, pois, além de dizer o que é verdadeiro e o que se deve fazer, conduzem à convicção e ao próprio ato. Esse meio de conduta que parece sutil, pois não necessariamente se apresenta como uma ordem ou uma obrigação, possui o que Foucault denominou “eficácia indutora” (FOUCAULT, 2010, p. 288). A partir do momento em que os discursos se instalam nos sujeitos e passam atuar sobre seus corpos, estes irão agir como que espontaneamente, aparentando ser livres. Liberdade que Silva (1998) chamou de “liberdade regulada” e Rose (1988) de “governo da alma”.

Através da figura do atleta, é possível conduzir a uma série de exercícios, como a dedicação, a obediência, a disciplina, o treinamento etc., como se observa no excerto acima e também no próximo. Em ambos também se visualiza que o processo de persuasão está bastante reforçado na recompensa, que é a vitória, a salvação. Para isso, palavras como campeão, prêmio, pódio, medalha de ouro são metaforizadas e passam a significar ou auxiliar na significação da recompensa para aqueles que escolherem esse caminho que está sendo indicado.

A Bíblia diz em 1Co.9:25 ”Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível.” Um atleta só conquista o pódio depois de muito treino, de muito sacrifício, muita renúncia e horas e horas de dedicação para tal mérito. Ele se domina pelo desejo de vencer e alcançar a Medalha de Ouro, contudo a Palavra de Deus nos chama a atenção para o prêmio daquele que corre com Cristo a carreira da fé. O prêmio é uma coroa incorruptível, se referindo a Eterna Salvação. Aquilo que dinheiro algum pode comprar. Nada supera esse prêmio. Por isso, vale apenas todo esforço para fazer a vontade de Deus.⁹⁷

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.pibc.org.br/mensagens/mensagens/as-olimpiadas-e-o-atleta-cristao-parte-i>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

⁹⁷ Disponível em: <<http://estudos.gospelmais.com.br/o-atleta-cristao.html>> acesso em 02 nov. 2015.

Esse tipo de discurso imperativo se torna inscrito no sujeito e conduz seus comportamentos cotidianos, pois eles são o próprio exercício do poder sobre os sujeitos através de uma determinada manifestação da verdade. Nesse ponto, talvez seja importante reforçar a noção de dispositivo com qual estou operando. Já que o dispositivo pode ser caracterizado pelas técnicas e estratégias (as formas) pelas quais o poder assujeita os indivíduos, e tenho encontrado indícios de que essas formas têm sido conduzidas, sobretudo na contemporaneidade, em grande medida pelo modelo esportivo, permanecemos respaldados para denominar dispositivo esportivo aquilo que, de modo geral, um sujeito precisa para tornar-se o atleta da vida, que ele deve ser.

De acordo com Brüseke (2011, p. 164), entre o final do século XIX e o início do XX, alguns dos ideais ascéticos que conduziam as bases morais retornaram como “expressão da descoberta e valorização do corpo humano”. Nesse retorno, destacou-se o atletismo, como forma de reativar as técnicas de superação e competição com o outro, envolvido no mesmo “projeto de autossuperação”. Portanto percebe-se que o atletismo retorna como um elemento do dispositivo esportivo para reforçar e elaborar novas técnicas de condução dos sujeitos, como superação de si e do outro (concorrência).

Na biografia de Bernardinho (2006), uma das táticas discursivas utilizadas no processo de assujeitamento de indivíduos é a transposição do discurso esportivo para a vida cotidiana. O autor refere-se aos seus pais como seus primeiros treinadores e seus filhos do primeiro casamento como sua primeira equipe, e a segunda esposa e os filhos do segundo casamento como “grandes reforços”.

A partir da noção de transposição do discurso esportivo para a prática cotidiana, há indícios da dispersão da lógica esportiva na sociedade contemporânea, que já não prescindiria mais da prática esportiva para existir. Seja por influência do que aconteceu com a noção de atletismo/atleta na sociedade antiga, seja pela proximidade ou talvez pela utilidade dos objetivos esportivos em relação à economia, o dispositivo esportivo tem se apresentado no cotidiano de atletas e não atletas, seja de praticantes eventuais de esportes ou não.

Isso fica ainda mais claro, no prefácio do livro, escrito pelo jornalista João Pedro Paes Leme, quando traz a seguinte afirmação: “as lições do Bernardinho se aplicam a qualquer setor da atividade humana” (2006, p. 14). Destaca-se o funcionamento de suas lições vitoriosas no mundo empresarial, para qual o livro traz certo investimento e do qual falarei na próxima seção.

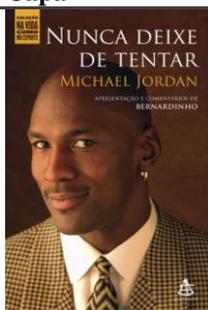
“No vôlei como na vida”. Essa é uma frase dita e afirmada ao longo da biografia. Sob esse enunciado, encontram-se inclusive quadros ao final de cada capítulo do livro, com um

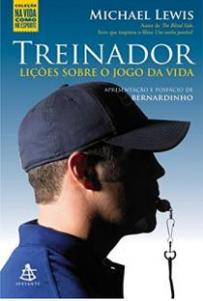
resumo das orientações que devem ser seguidas na busca pelo sucesso (ANEXO A). Com isso, o autor deseja transmitir para o leitor que os princípios utilizados na prática esportiva do voleibol são os mesmos que podemos utilizar como princípios de vida. São eles: “a necessidade de identificar talentos”, “manter as pessoas motivadas”, “comprometer-se com o desenvolvimento de cada membro do grupo”, “criar um espírito de equipe que torne o desempenho do time muito superior à mera soma dos talentos individuais” (BERNARDINHO, 2006, p. 17).

Para que obtenhamos sucesso nos princípios elencados por Bernardinho, o autor traz uma série de técnicas/estratégias que devemos seguir para angariar bons resultados na vida. Para ser o que consideramos um atleta da vida, devemos superar problemas que são os mesmos que ele enfrenta como treinador de equipes de vôlei de alta *performance*, já que o ambiente profissional está cada vez mais competitivo. Nesse caso, através de suas orientações, aprenderemos a superar esses problemas, como “trilhar os caminhos da vitória”, “encarar os desafios e pressões” e, o mais importante segundo o autor, aprenderemos “o que fazer para permanecer no topo” (ibidem, p. 17).

Além dos livros que Bernardinho escreveu, *Transformando suor em ouro* (2006) e *Cartas a um jovem atleta* (2007), ele também organizou uma pequena coleção chamada *Na vida como no esporte*, composta por quatro livros apresentados pelo próprio treinador, como segue na tabela abaixo (com grifos meus).

Quadro 2 – Títulos que compõem a coleção *Na vida como no esporte*, organizada por Bernardinho

Nº	Título	Resumo (por Bernardinho)	Capa
01	<i>Nunca deixe de tentar:</i> <i>Michael Jordan</i>	Este é o primeiro título da coleção <i>Na vida como no esporte</i> , que revela os princípios nos quais grandes atletas e treinadores pautaram suas trajetórias e mostra como esses valores transcendem o universo esportivo e podem ser aplicados à vida pessoal e profissional. Organizada pelo técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, Bernardinho, a série abre com o depoimento de Michael Jordan sobre sua busca pela excelência e os fundamentos que nortearam sua brilhante carreira. De forma simples e direta, Jordan ressalta a importância de fixar metas, manter o foco e não se deixar paralisar pelo medo, e conta como sempre encarou o fracasso como combustível para novas tentativas. O comprometimento, a determinação, o espírito de equipe, a capacidade de liderança e a extrema dedicação do jogador à prática dos fundamentos são analisados, ponto a ponto, por Bernardinho ao longo do livro. <i>Nunca deixe de tentar</i> vai servir de inspiração para todos aqueles que desejam atingir seus objetivos e realizar seus sonhos, sem se intimidar com a pressão permanente por resultados em um mundo cada vez mais competitivo.	

02	<p><i>Treinador: lições sobre o jogo da vida</i></p>	<p><i>Treinador</i> é a história de um verdadeiro professor e sua missão: transformar e preparar jovens por meio dos valores do esporte. Ao lembrar seus tempos de jogador sob o comando do temido Fitz, Michael Lewis demonstra respeito e gratidão por tudo aquilo que o técnico representou para sua vida e a de tantos outros ex-alunos.</p> <p>Durão e extremamente dedicado, Fitz sempre trabalhou para incutir nos jovens o valor da disciplina e acreditava na preparação permanente e na perseverança como ingredientes fundamentais para se atingir o sucesso. Ele provocava e instigava seus garotos para que não se acomodassem nem desistissem diante dos desafios.</p> <p>Toda essa trajetória é contada por um ex-aluno que teve sua vida transformada pelas lições que aprendeu com o mestre. O jovem que vivia arrumando encrenca com os professores se tornou autor de vários <i>best-sellers</i>, entre eles <i>The Blind Side</i>, que foi adaptado para o cinema com o título <i>Um sonho possível</i> e rendeu a Sandra Bullock o Oscar de Melhor Atriz.</p> <p>Feliz daquele que, como Lewis, soube tirar proveito da convivência com alguém como Fitz. Muitos só reconhecem tardiamente a importância fundamental dessa pessoa para seu crescimento pessoal e profissional – alguém que fez o que era certo sem se importar em agradar ou ser conveniente, que orientou seus aprendizes com paixão, que se esforçou para extrair o máximo da capacidade deles e a quem hoje querem imitar na relação com seus próprios filhos, alunos, colaboradores e atletas. A todos esses mestres anônimos, a nossa gratidão.</p>	
03	<p><i>Jogando para vencer: a filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos</i></p>	<p>John Wooden é conhecido como o treinador que levou o time de basquetebol da UCLA a 88 vitórias consecutivas e à conquista de 10 campeonatos nacionais, sete deles em sequência.</p> <p>Mas o que poucos sabem é que o homem que obteve esses resultados impressionantes nunca acreditou que o placar seria a medida de seu sucesso. Para Wooden, sucesso é “a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial”. Colocar essa ideia em prática foi seu diferencial. Ao fazer com que seus times buscassem algo além de vencer, ele na verdade os transformou em vencedores.</p> <p><i>Jogando para vencer</i>, terceiro título da coleção <i>Na vida como no esporte</i>, organizada pelo técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, Bernardinho, apresenta a filosofia de John Wooden e sua Pirâmide do Sucesso. Ao longo do livro, o treinador brasileiro conta como foi influenciado pelos princípios de Wooden e aprofunda as questões mais importantes abordadas por ele.</p> <p>Nas palavras de Wooden e nos depoimentos daqueles que fizeram parte de sua história vemos o homem que priorizou o caráter, o bom senso e a retidão, se dedicou ao trabalho, à família e aos fundamentos do basquete e se tornou referência no esporte e na vida.</p> <p>Mais do que uma obra sobre um grande nome do esporte, <i>Jogando para vencer</i> é a transposição para o papel da sabedoria de um homem que optou por ser íntegro em todos os aspectos da vida.</p>	

04	<p><i>Fora do comum: lições de integridade, ética e coragem de um dos maiores treinadores de futebol americano</i></p>	<p>Nenhum outro livro representa tão bem o espírito dessa coleção quanto <i>Fora do comum</i>. Escrito por um dos maiores técnicos de futebol americano, ele fala sobre a essência da vida, valores humanos, a força da fé e a importância de se liderar pelo exemplo.</p> <p>Tony Dungy possui uma retidão de caráter admirável e conquistou os maiores títulos do esporte sem jamais se deixar seduzir pelo caminho mais fácil. É muito comum atletas ficarem deslumbrados com a fama e o dinheiro e acabarem metendo os pés pelas mãos.</p> <p>Ao longo de todos esses anos como técnico de voleibol, já testemunhei diversas situações em que jovens de talento seguiam o caminho errado. E o motivo disso, na maioria das vezes, era a simples falta de bons exemplos e orientação.</p> <p>Assim, a narrativa de Tony Dungy é um convite à reflexão sobre a profunda influência que treinadores, líderes e pais exercem nos jovens. Eles nos veem como modelo, portanto precisamos ensinar que nosso valor como pessoa não é medido pelas vitórias, mas pelos princípios que nos impulsionam a alcançá-las.</p> <p>Mas não pense que tamanha preocupação com a moral resulta em falta de vontade de vencer. Pelo contrário. Dungy é um campeão de recordes e acumulou diversos prêmios ao longo de sua bem-sucedida carreira. Extremamente exigente em campo, sabe muito bem o que esperar de cada jogador. Disciplina, responsabilidade e comprometimento são algumas de suas palavras-chave.</p> <p><i>Fora do comum</i> é um verdadeiro manual de conduta, um livro que transcende o universo esportivo e nos faz pensar em nosso papel na sociedade: mostrar que ética, respeito, humildade e autoaperfeiçoamento são as bases da realização.</p>	
----	--	--	---

Fonte: a autora (2016)

Além das referências ao modelo esportivo como exemplo de conduta para a vida, destacam-se as noções que se referem a vencer, “chegar ao topo”, “conquistar a vitória/sucesso”, pois elas nos imprimem a ideia de que devemos ser melhores do que outra pessoa, ideia essa que cabe tanto às competições esportivas quanto à concorrência por um emprego ou pela venda de um produto, serviço etc.

Pode-se destacar que a ideia transformada em vontade de chegar ao topo não analisa custos, apenas benefícios, e que o desejo de chegar ao topo não mede nem esforços e nem as atitudes a serem tomadas durante o percurso a caminho do topo. A exemplo disso, na biografia do ex-jogador Giba, ele conta sobre a polêmica derrota de propósito, da seleção brasileira para a seleção da Bulgária, no mundial de 2010, a fim de ficar com o segundo lugar na chave e estrategicamente enfrentar um caminho mais tranquilo até a final. Sobre isso, Giba afirmou: “O que fizemos para chegar até ali pouco importava. A medalha de ouro estava no peito” (GIBA; MONTES, 2015, p. 165).

Ao mesmo tempo em que os autores das biografias trazem orientações para a vida em equipe, mesmo que seja contraditório, eles também fazem orientações para a superação do outro, considerado um concorrente. Talvez não seja tão contraditório se pensarmos que o interesse dos autores parece estar mais voltado à orientação do trabalho em equipe para o aumento da produtividade, do que a alguma preocupação com a relação entre indivíduos. Noto que já é possível perceber efeitos desse pensamento que conduz a atingir a meta, o topo a qualquer preço (não me refiro a valores monetários, pois estes, sim, são bem calculados) em ambientes de estudo e trabalho.

Carvalho (2012), em uma pesquisa com acadêmicos de um curso de pedagogia, identificou nas narrativas dos alunos as afirmações que suas conquistas são decorrentes de investimentos pessoais e superações individuais. As questões coletivas de aprendizado e diálogo foram consideradas insignificantes diante da importância atribuída ao esforço individual em busca de oportunidades. Nesse sentido, os próprios colegas são percebidos como concorrentes, e as ações combativas são consideradas instrumentos para a obtenção do sucesso.

Na corrente do que afirma Carvalho (*ibidem*) e com base nas orientações de Bernardinho (2006), sugere-se que a condução das condutas tem se encaminhado para orientar técnicas individuais de superação do outro (e de si mesmo) como oponente em uma disputa. Ao passo que, quando esse indivíduo conquista seu espaço, sua vaga, em uma determinada equipe ou grupo, ele deve fazer o possível para permanecer (no topo), então será necessário lançar mão das técnicas de “sobrevivência” e então ativar seu “espírito de equipe”.

Essa noção de espírito de equipe e trabalho em equipe apresentada na biografia por vezes se confunde com a noção de coletividade, por exemplo, quando Leme (o jornalista) afirma que Bernardinho é um divisor de águas em um país que precisa aprender a importância da cooperação e solidariedade. Parece que a noção apresentada ali está mais próxima daquilo que Bauman (2010) afirmou ironicamente como qualidade do aspirante a algum emprego, ser autodisciplinado. Portanto, para pertencer e se manter em um grupo ou equipe de trabalho, devemos demonstrar habilidades de convivência em grupo, paciência, criatividade (entre outras), para vender a si mesmo a fim de enriquecer a qualidade do grupo de trabalho. Talvez seja algum tipo de convivência cínica, no sentido moderno da palavra.

Max Weber (2004) trouxe para a discussão da ascensão no capitalismo uma aproximação àquilo que estou chamando de transposição da lógica esportiva para a vida cotidiana. Em sua compreensão, o estímulo a considerar o trabalho como algo semelhante a uma prática esportiva pode ter resolvido o problema de certa ausência de sentido no trabalho.

A partir do momento em que não se pode remeter diretamente o “cumprimento do dever profissional” aos valores espirituais supremos da cultura – ou que, vice-versa, também não se pode mais experimentá-lo subjetivamente como uma simples coerção econômica –, aí então o indivíduo de hoje quase sempre renuncia a lhe dar uma interpretação de sentido [...] a ambição de lucro tende a associar-se a paixões puramente agonísticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo. (WEBER, 2004, p. 165-166).

A partir da afirmação do autor, procuro refletir sobre o significado da expressão “lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo”, escrita em 1905. Nesse sentido, pode-se pensar nos escritos de Bourdieu (1983), quando disse que as práticas corporais estavam constantemente sendo esportivizadas. Mas o autor não se referia a práticas corporais como o trabalho, por exemplo, mas sim a atividades como jogos populares ou outras formas de lazer e entretenimento. A menção de Weber ao caráter esportivo parece muito mais uma forma de se referir a certa atividade recreativa, desprovida de seriedade, talvez mecanizada ou meramente técnica, do que uma referência ao caráter racionalizado, burocratizado e competitivo do esporte, que foi observado por Bourdieu.

Em 1971, Norbert Elias descreveu que o termo esporte ainda era utilizado sem um significado específico, pois poderia designar uma série de confrontos, jogos e exercícios de gêneros variados. Segundo o autor, por muito tempo se falou em esporte nesse sentido mais amplo, enquanto se passava a utilizar o sentido mais restrito, específico ao tipo de práticas que designam o esporte que conhecemos hoje (ELIAS, 1992). Esse processo, que podemos chamar de esportivização, bem como os autores o fizeram (BOURDIEU, 1983; ELIAS, 1992), fez com que Elias questionasse sua singularidade. Seria possível o esporte possuir orientações tão particulares como aquelas observadas na organização e estrutura do trabalho que nos possibilitam compreender o processo de industrialização, por exemplo?

Elias (ibidem) identificou que tanto o esporte como o trabalho no período pós-industrialização possuem características únicas que os distinguem de outros tipos de práticas semelhantes em outros períodos. Como tal, o autor sugere e também se debruça a investigar e explicar as características que tornam essas atividades de destaque na sociedade contemporânea. Nessa esteira, Bourdieu (1983) pôde afirmar, anos mais tarde, discursos que apontam o esporte como uma forma de produzir sujeitos de coragem e de virilidade. Assim, a lógica esportiva seria capaz de “formar o caráter” e provocar a constante vontade de vencer (ibidem, p. 140).

De certa forma, há uma sequência de escritos relevantes com o objetivo de compreender o esporte e os processos de esportivização na sociedade. No entanto ainda em Bourdieu encontra-se uma ideia de dispositivo esportivo que compreende apenas as atividades

relacionadas à prática esportiva. Nos textos que encontrei na busca por referências ao dispositivo esportivo, também não observei a noção com a qual trabalho aqui, qual seja, a de dispositivo esportivo como elemento que tenha, na atualidade, se desconectado da necessidade de haver prática esportiva para a sua existência. Em outras palavras, o dispositivo esportivo não mais necessita que haja a prática esportiva para atuar sobre os indivíduos.

Próximo a isso, encontrei apoio em Ehrenberg (2010), que, mesmo não utilizando a noção de dispositivo esportivo – pois ele se dedica à análise do culto à *performance* na sociedade contemporânea –, chega à ideia de “multiplicação dos usos não esportivos do esporte” ou “esporte fora do esporte”. Segundo o autor, junto com a esportivização da aventura, estes são os propulsores de práticas contemporâneas baseadas no conformismo da “justa desigualdade” presente na competição esportiva, e na preparação para lidar com a “imprevisibilidade” e o “risco” necessários à prática das atividades de aventura (ibidem, p. 16).

Bernardinho (2006) demonstra, através do exemplo de atletas e ex-atletas que trabalham em comunidades carentes, que o esporte possui “cunho absolutamente democrático” (p. 207) e deve ter seus valores e princípios associados ao processo de educação. Esse caráter democrático constantemente atribuído ao esporte nos indica uma ideia de liberdade, livre acesso ou, em outras palavras, que qualquer um pode praticar. No entanto é importante problematizar a própria especificidade da democracia. Avelino (2011) demonstra que Foucault questionou as técnicas de coerção utilizadas pelo regime de poder democrático como forma de indexação do exercício do poder sobre a subjetividade dos governados. Uma das técnicas que atravessa a prática de coerção dos sujeitos é a obediência, da qual tratarei mais adiante; por enquanto tentarei chegar à questão da cidadania.

Parece-me que o “cunho democrático” citado por Bernardinho (2006) caminha na direção do entendimento do esporte como uma prática de subjetivação da democracia. A condução da governamentalidade na democracia está pautada na elaboração de modelos para a produção de sujeitos através de enunciados que expressam o desejável, o bom, o correto (AVELINO, 2011). Assim, a análise da democracia não recai sobre sua dimensão institucional, mas sim sobre certa questão de moralidade exigida para a conduta dos sujeitos.

Talvez uma das questões mais relevantes para este estudo, contextualizada a afirmação de Bernardinho, seja uma característica específica da democracia, que consiste em sua necessidade de governar sujeitos para que acreditem na própria democracia. De acordo com Avelino (ibidem, p. 99), os discursos sobre a participação democrática consideram que os sujeitos sejam “incapazes de se rebelarem contra a exploração e desigualdade, que não agem

em seu próprio interesse e que, portanto, não exercem sua liberdade política”. Assim, a governamentalidade das democracias liberais tem maior interesse na produção social de cidadãos do que na autonomia e direitos individuais. A democracia é “um modo de governar ligado não a instituições e organizações violentas ou ao poder do Estado, mas assegurando a complacência voluntária dos cidadãos” (AVELINO, 2011, p. 23).

Pode-se considerar que ser um atleta da vida exige um exercício constante de execução de determinadas técnicas. Para tanto é preciso estar sempre em busca de determinados elementos, como vitória, superação, disciplina, concorrência etc. Já inserido nessa configuração, é necessário exercitar técnicas segundo as quais os sujeitos ascenderão a tais conquistas, como obediência, trabalho, treinamento, perseverança, determinação etc.⁹⁸

Dentre os atributos a serem alcançados pelos futuros atletas da vida, na segunda biografia analisada me deparei com orientações para não desistir, esforçar-se, dedicar-se ao máximo; ter qualidades boas, como ser despojado, relaxado e humilde; ter como valores que devem inspirar a humildade, o despojamento, o respeito à natureza e ao próximo; fazer qualquer coisa bem feita; ter disciplina, paciência, honra, determinação, superação e humildade – orientações como essas se repetem em textos e falas de atletas e ex-atletas ou treinadores no nosso cotidiano. Minhas análises têm observado que esses são enunciados envolvidos na produção de determinadas verdades, inseridas naquilo que Foucault considerou jogos de verdade, ou seja, “um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não” (2004a, p. 282).

Um conjunto de verdades sobre os benefícios generalizados da produtividade, do empreendedorismo e da concorrência, por exemplo, tem conduzido a constituição de novos sujeitos. Esses sujeitos acreditam no exercício de si mesmos e tomam por referência o modelo esportivo como uma forma de alcançar o sucesso na vida. Por sua vez, a obtenção de sucesso paira em nossas vidas como um objetivo comum que todos precisam e devem alcançar, como uma espécie de salvação contemporânea.

4.5 Vitória e sucesso: a salvação no mundo contemporâneo

O governo tem um propósito, que é de organizar as coisas (sujeitos, territórios e objetos) tendo em vista um fim específico, considerado correto e adequado. Para Foucault

⁹⁸ Todas essas palavras, que expressam o conjunto de elementos e técnicas de si para tornar-se um atleta da vida, foram retiradas das biografias analisadas.

(2008b), na soberania, era o soberano quem propunha esse fim, que será o bem comum e a salvação de todos. Da soberania ao governo houve um deslocamento no modo pelo qual os sujeitos são subjetivados, que vai da obediência às leis impostas, ao processo de produção de relações de sujeição que fabricam sujeitos, central na elaboração de estratégias de governo. No entanto algumas características da soberania, como a ideia da salvação e a obediência, ainda estão presentes na contemporaneidade em muitos discursos, como no discurso esportivo.

A partir do entendimento de soberania como uma forma de poder que conduz à sujeição dos indivíduos, ou seja, centralizada na questão das relações de poder, é possível analisar questões características que permanecem do principado ao parlamento. Isso que podemos chamar de poder soberano se caracteriza na atualidade como uma das formas de operação das relações de dominação. Nesse caso,

[...] tratar-se-ia de ressaltar as relações de dominação e de deixá-las valer em sua multiplicidade, em sua diferença, em sua especificidade ou em sua reversibilidade: não procurar, por conseguinte, uma espécie de soberania fonte dos poderes; ao contrário, mostrar como os diferentes operadores de dominação se apoiam uns nos outros, remetem uns aos outros, em certo número de casos se fortalecem e convergem, noutros casos se negam ou tendem a anular-se. (idem, 1999, p. 51).

A teoria da soberania procura constituir um ciclo de produção dos sujeitos pelos próprios sujeitos, fazendo com que estes se percebam como indivíduos autônomos, naturalmente possuidores de direitos e capacidades, e assim possam colocar-se na posição de sujeitos em uma relação de poder. Foucault (ibidem) diz que a soberania é a teoria que estabelece a relação política do sujeito com o próprio sujeito. Será possivelmente essa relação, centralizada no sujeito, conduzida por diferentes estratégias a fim de que o sujeito de certa forma se sinta mais livre para escolher suas relações de dominação, o elemento que atravessará períodos de tempo e que Foucault denominará governamentalidade. A partir dessa compreensão, tornar-se-á mais importante o processo de fabricação dos sujeitos do que a gênese do soberano.

Volto à questão dos elementos da soberania que identifiquei através das análises das biografias: a salvação, o bem comum e a obediência. Sobre o bem comum, sabe-se que ele existirá quando ou enquanto todos os súditos obedecerem rigorosamente às leis, cumprirem com os encargos que lhes foram atribuídos, praticarem corretamente os ofícios aos quais se dedicam e respeitarem a ordem estabelecida. Ou seja, o bem comum é “essencialmente a obediência à lei, à lei do soberano sobre esta terra ou a lei do soberano absoluto, Deus” (idem, 2008b, p. 131).

Para Foucault (2008b), o propósito da soberania é circular, pois remete ao próprio exercício da soberania: “o bem é a obediência à lei, logo o bem que a soberania se propõe é que as pessoas obedeçam a soberania” (p. 131). A característica de poder circular demonstrada através da soberania não cessou com a diminuição das formas de governo centralizadas em um indivíduo soberano, como a monarquia, por exemplo. Continuamos a presenciar esse círculo da soberania, ou melhor, de poder soberano, em relação a ele mesmo, no principado em relação a ele mesmo, no parlamento em relação a ele mesmo, nos aparelhos de governo em relação a eles mesmos.

As relações políticas são também relações de força, de dominação e de poder, por isso Foucault propõe discutir a questão da guerra como forma de analisar relações de poder e técnicas de dominação. O autor questiona se devemos compreender um estado de guerra permanente, já que estamos constantemente subjugados aos discursos de paz, ordem, riqueza, sob a autoridade do Estado, dos aparelhos do Estado, das leis etc. Pois, então, até que ponto ordens às quais estamos submetidos cotidianamente não são ordens de batalha? Foucault pôde concluir que “a política é a guerra continuada por outros meios” (1999, p. 55).

Dentre os meios citados, pode-se considerar que existem diversas estratégias de batalha, como as táticas e técnicas que nos orientam a enfrentar o dia a dia como pequenas batalhas, pequenos confrontos, dos quais devemos sair vencedores. A prática discursiva com elementos de guerra ainda é muito potente no cotidiano atual, tais como a adjetivação de “guerreiro” atribuída a pessoas que passam por algum processo de dificuldade e saem dele vitoriosos, ou mesmo a metaforização da vida como uma guerra.

Temos, de fato, de ser os eruditos das batalhas, porque a guerra não terminou, as batalhas decisivas ainda estão se preparando, a própria batalha decisiva, temos de vencê-la. Isto quer dizer que os inimigos que estão à nossa frente continuam a ameaçar-nos, e não poderemos chegar ao termo da guerra por algo como uma reconciliação ou uma pacificação, mas somente na medida em que formos efetivamente vencedores. (ibidem, p. 60).

O excerto de Foucault demonstra esse tipo de discurso orientado para a guerra e, mais do que isso, voltado para o enfrentamento vitorioso da guerra. Tal discurso perpassa o nosso cotidiano e a partir dele os sujeitos podem sentir a necessidade de estar sempre preparados para um possível enfrentamento, não de uma guerra no sentido literal, mas no seu sentido metafórico. A vida é compreendida como uma guerra composta por diversas batalhas, que devemos vencer.

O discurso esportivo adota como estratégia o discurso metaforizado da guerra e prescreve técnicas que prometem *fazer vencer e tornar-se alguém*. Os discursos de vitória

passam do dizível ao visível através da materialização em exemplos personificados e produtos da ordem de manuais, principalmente inspirados naqueles que “venceram” e hoje “são alguém na vida”, pressupondo que seria possível não o ser: meninos e meninas pobres que venceram na vida, a exemplo de Ronaldo *Fenômeno*, Ronaldinho Gaúcho, Anderson Silva, Daiane dos Santos, Cafú etc.

Dentre os diversos elementos que compõem o dispositivo esportivo, o discurso da salvação como uma forma de vencer é bastante recorrente. O poder da salvação que já foi atribuído a outros setores, como a educação, por exemplo, vem sendo frequentemente também imputado ao esporte. Nota-se a presença de enunciados voltados à exaltação das características de salvação do esporte, principalmente para jovens considerados pobres e sem perspectivas de futuro devido à própria pobreza. Portanto percebe-se que um dos significados contemporâneos da salvação é a aquisição de capital, bem como a conquista da sobrevivência, não apenas na guerra, mas no confronto com o crime, as drogas, o desemprego e outros *perigos*.

Na concepção da prática esportiva, sobretudo no envolvimento com projetos sociais de esporte, há certo entendimento de que um jovem pobre não teria outra opção além de se envolver com o crime se não houvesse a sua inserção em alguma prática esportiva, estabelecendo assim um tipo de relação de causa e consequência. Nesse panorama, o enunciado esportivo também seria utilizado para coibir essas práticas a partir da perspectiva do controle social. O “caráter mítico, quase religioso de ‘salvação’”, capaz de solucionar diversas questões sociais, representa a “obtenção do consenso e repolitização para o não enfrentamento crítico do atual estado de coisas” (MELO, 2005, p. 104).

Além disso, como observou Damico (2011), não é por acaso que a maioria dos projetos ou ações sociais tem como um de seus objetivos a diminuição da violência e está instalada em periferias urbanas, em comunidades marginalizadas. Isso ocorre porque as políticas sociais possuem um caráter normalizador e de ordenamento que pode ser chamado de racionalidade governamental. Os projetos sociais organizam-se a partir de estratégias de segurança pública e geralmente são instalados em ambientes considerados problemáticos, criminalizados, pois são habitados por considerados “grupos perigosos da sociedade” (ibidem, p. 153).

Para salvar os indivíduos dessa situação, gerada pela própria organização da sociedade, sugerem-se projetos sociais, muitos deles esportivos, propostos por atletas e ex-

atletas. As biografias de Gustavo Kuerten⁹⁹, Ayrton Senna¹⁰⁰, Lionel Messi¹⁰¹ e Cafú¹⁰² têm algo em comum: descrevem histórias de sacrifício, dificuldades que tiveram de superar para vencer na vida. Como exemplos, podemos citar os casos de Messi, o qual, com estatura muito baixa para ser jogador de futebol, precisou de tratamento para crescer, e o também famoso caso de Cafú, que foi rejeitado em alguns processos seletivos de clubes de futebol (também conhecidos como *peneiras*) para anos mais tarde ser capitão da seleção brasileira devido à sua persistência.

Dentre os 100 títulos mais vendidos na categoria *biografias* do departamento *esporte e lazer* da loja *Amazon*, analisei alguns títulos e resumos que demonstram a tendência das biografias esportivas serem manuais de orientação para vencer na vida. A biografia *Lições de garra, fé e sucesso*, de Vitor Belfort, com o prefácio de Bernardinho, conta os princípios que o lutador utiliza, as estratégias que “desenvolveu nas lutas da vida” e como se tornou um exemplo de vitória no octógono e nos negócios.

Apesar de a obra ser baseada na vida do atleta, o livro não é uma biografia. Vitor dá ao texto um caráter motivacional, com o objetivo de ajudar os leitores a entender que, se a vida é repleta de lutas, é sempre possível encontrar o caminho para a vitória, e que esse trajeto passa por valores muito mais elevados que o cinturão dourado. (BELFORT, 2012, sinopse).¹⁰³

A prática da escrita biográfica como um discurso imperativo, um modelo de vida a ser seguido, demonstra a utilização do dispositivo esportivo em uma espécie de projeto de salvação. A estratégia da salvação através da orientação para o seguimento daquilo que está escrito nas biografias caracteriza a formação de uma nova subjetividade. Esse tipo de administração sobre os modos de vida das pessoas é justamente a forma do poder que faz dos indivíduos “sujeitos”, principalmente por tornarem-se “presos à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Não posso deixar de mencionar uma antiga tecnologia de poder, advinda das instituições cristãs, ainda muito presente no cotidiano: o poder pastoral. De acordo com Foucault, a organização do cristianismo em igrejas fez postular um princípio de gestão dos indivíduos como pastores, sujeitos que podem servir ao próximo por suas qualidades

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.igk.org.br>>. Acesso em: 27 out. 2015.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://www.institutoayrtonenna.org.br>>. Acesso em: 27 out. 2015.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://www.fundacionleomessi.org>>. Acesso em: 27 out. 2015.

¹⁰² Disponível em: <<http://fundacaocafu.org.br/site>>. Acesso em: 27 out. 2015.

¹⁰³ Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/vitor-belfort-17478996>>. Acesso em: 30 jan. 2016. Em algumas livrarias, o livro é comercializado com um resumo diferente, como segue: “Apesar de a obra ser baseada na vida do atleta, não será uma biografia. O livro tem caráter motivacional, com objetivo de ajudar os leitores a entender que a vida é repleta de lutas e que é possível superar os obstáculos e vencer.”

religiosas. O poder pastoral possui algumas características específicas, que também se podem chamar de estratégias de poder:

- 1) É uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo.
- 2) O poder pastoral não é apenas uma forma de poder que comanda; deve também estar preparado para se sacrificar pela vida e pela salvação do rebanho. Portanto, é diferente do poder real que exige um sacrifício de seus súditos para salvar o trono.
- 3) É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida.
- 4) Finalmente, esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la. (FOUCAULT, 1995, p. 237).

Quando se trata do envolvimento das questões referentes à lógica esportiva e ao poder pastoral, nota-se que existem sujeitos que necessitam da salvação e outros que são o próprio exemplo da salvação, pois já foram salvos. Neste segundo caso, percebe-se o fortalecimento da questão do sucesso, que também guarda em sua trajetória algum percurso necessariamente relacionado à salvação, mesmo que aquele indivíduo tenha tido uma boa condição financeira na vida. Para estes, a salvação estaria presente na superação de uma doença ou lesão, problemas familiares etc.

No dispositivo esportivo, encontrou-se uma forma de poder capaz de fornecer orientações de como alcançar o sucesso em qualquer setor da sociedade. Tais orientações ocorrem a partir de códigos próprios do esporte de alto rendimento, como a competição, a comparação entre rendimentos e recordes, a regulamentação rígida, a busca pela vitória e a racionalização de meios e técnicas. Este sucesso estaria diretamente relacionado ao potencial de demonstração de superioridade nas disputas entre diferentes pessoas ou grupos, que são representados por um modelo de atleta exemplar¹⁰⁴.

Esse quadro de envolvimento do dispositivo esportivo com a finalidade de salvação e/ou para o sucesso através do esporte está cada vez mais sendo dispersado para outros domínios além do esportivo. Quando esses símbolos e códigos próprios do esporte passam a ser apropriados em outros âmbitos, pode-se perceber aquilo que se chama processo de esportivização, não apenas em práticas corporais voltadas para os jogos, mas também nas relações de trabalho e no cuidado com a própria vida.

A salvação parece-me um ato discursivo que conduz os sujeitos a vincularem-se a ele por meio de técnicas e exercícios orientados à sua proteção. O poder pastoral é uma forma de

¹⁰⁴ No campo esportivo, denomina-se atleta o praticante de esporte que compete em nível de alto rendimento, no entanto atualmente esse termo é também utilizado para designar um aluno que compete em sua escola ou até mesmo uma pessoa que simplesmente pratica corrida aos finais de semana.

poder orientado para a salvação e está ligado a uma determinada produção de verdade (FOUCAULT, 1995). Nesse envolvimento, o máximo de liberdade que caberia aos sujeitos seria a escolha entre o caminho da salvação ou o seu oposto, que, mesmo sem saber exatamente para onde ele poderá levar, entende-se que é um lado ruim, obscuro, de sofrimento.

A presença das características do poder pastoral na utilização do dispositivo esportivo como forma de governamentalidade na conduta contemporânea permite compreender que o modelo esportivo orienta para o caminho da salvação – portanto uma nova forma de subjetivação, de produção da verdade, pautada em uma versão atualizada de poder pastoral. A salvação, no sentido moderno da palavra, já não estaria mais apenas relacionada à salvação em outro mundo, mas a este mundo, possível de ser conquistada pela “saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida), segurança, proteção contra acidentes” (ibidem, p. 238).

A biografia de Bernardinho (2006) tem como princípio a orientação para o sucesso, para vencer na vida, em qualquer setor da sociedade. Para isso, ele propõe uma fórmula que afirma ser simples e, ao mesmo tempo, a essência da transformação das derrotas em vitórias: “Sucesso é o resultado da soma de talento e determinação” (p. 190). A fórmula do treinador é complementada com a orientação para o exercício da “preparação” (p. 50), que segundo ele seria o segredo do sucesso.

Nas afirmações de Bernardinho, a importância da preparação ou do treinamento prevalece sobre o talento. Talvez haja aí a influência da própria história de vida do treinador, não tão bem-sucedido como jogador. As afirmações sobre a importância do treinamento perpassam a biografia e as falas de Bernardinho constantemente, como observou Leme na introdução do livro: “Sempre percebi uma lógica elementar na sua mente: é melhor lapidar até a exaustão o talento médio (e determinado) do que tentar polir o diamante preguiçoso que não deseja polimento” (2006, p. 14).

Com isso, quero introduzir um ponto importante, pois se trata da questão da individualização e da culpabilização do indivíduo através da ideia comum sobre a dependência exclusiva de si mesmo para a obtenção da salvação de modo geral, incluindo as ideias de sucesso e vitória. Na aula de 24 de fevereiro de 1982, sobretudo na segunda hora, Michel Foucault fornece elementos para a compreensão dessas questões através da “ascese, enquanto exercício de si sobre si” (2010a, p. 281).

Com base em diálogos da antiguidade grega e romana, Foucault (ibidem) inicia a reflexão sobre a ascese pela aquisição da virtude, que demanda um saber prático (*epistème praktiké*) e um saber teórico (*epistème theoretiké*). O saber prático é aquele que se adquire

com treinamento e com esforço, e segundo o autor seria tão indispensável quanto o saber teórico. Talvez hoje possamos pensar que o saber prático não só teria se tornado tão indispensável quanto o teórico, como se tornou mais indispensável do que ele. Podemos dizer que há certa ênfase contemporânea na aquisição do saber prático, que exige treinamento e está baseado na técnica.

De acordo com Peter Sloterdijk (2009 apud BRÜSEKE, 2011), é comum ouvirmos de nossos professores, *personal trainers* e conselheiros de dietas frases imperativas indicando que devemos mudar. A busca por um estado superior em relação à condição atual dos indivíduos faz com que estes busquem cotidianamente a superação. Para Sloterdijk, a busca da superação ocorre através da prática de exercícios, e realizamos estes exercícios porque sentimos uma “tensão vertical” (ibidem, p. 163).

Para explicar a ideia de tensão vertical, Sloterdijk trabalha com a existência de dois polos, um positivo e um negativo, que exercem influência sobre os homens, orientando as direções que esses devem seguir. Isso pouco difere da ideia de governamentalidade foucaultiana, com a qual estou trabalhando, pois a tensão vertical parece muito próxima da condução das condutas dos sujeitos, dita de outro modo. Um ponto importante que aproximará as duas ideias está na afirmação de que o “exercitar-se exige uma postura ascética” (ibidem, p. 163).

Nesse ponto, Sloterdijk é influenciado por Nietzsche, que, em *Genealogia da Moral*, traz “a ascese como base de todas as culturas religiosas e suas condutas morais” (ibidem, p. 164). Os ideais ascéticos permanecem presentes nas sociedades, mas sofrem uma série de deslocamentos em seu significado; passam, por exemplo, a expressar a valorização e a descoberta do corpo humano, no início do século XX.

Para Foucault (2010a), a ascese é uma forma de ligar o sujeito à verdade. Para isso, são desenvolvidas inúmeras técnicas que exigem treinamento e dedicação, portanto, o exercício das técnicas que levarão o sujeito ao alcance da salvação ou a forma contemporânea da salvação, o sucesso. Quando se utiliza o modelo do atleta, pode-se compreender que há no desafio do jogo ou da modalidade praticada uma simulação da própria vida, quando se acompanha o processo por completo, da iniciação à vitória, passando pelos importantes procedimentos de preparação, treinamento e dedicação do atleta, que o levará ao alcance da vitória, representação do sucesso/salvação.

Segundo Sloterdijk (2009 apud BRÜSEKE, 2011), a vida de exercícios baseada nas experiências atléticas seria uma resposta ao questionamento de Nietzsche sobre os valores que orientariam a vida após o aumento da descrença nos deuses. Entendo que a predominância dos

esportes sobre as demais formas de práticas corporais na contemporaneidade manifesta também uma nova forma de apropriação do modelo do “bom atleta”.

O treinamento do bom atleta deve ser, portanto, o treinamento em alguns *movimentos elementares*, mas suficientemente gerais e eficazes para que possam ser adaptados a todas as circunstâncias, e para que possamos – sob a condição de serem também suficientemente simples e bem adquiridos – deles dispor sempre que necessário. É essa aprendizagem de alguns movimentos elementares, necessários e suficientes para qualquer circunstância possível, que constitui o bom treinamento, a boa ascese. (FOUCAULT, 2010a, p. 286-287 – grifo meu).

Considero que os “movimentos elementares” aos quais Foucault se refere poderiam ser substituídos pelos *princípios da lógica esportiva*. Afinal, estamos diante de um quadro de orientação para a vida esportiva, pautada nas características mais específicas desta prática corporal reconhecida pela seleção e especialização de talentos, institucionalização e racionalização de técnicas e equipamentos, concorrência e competitividade em relação ao outro e a si (exemplo da quebra de recordes próprios) e, por fim, pela ideia de que a vitória compensará cada esforço, dedicação e sacrifícios envolvidos no processo, que serão denominados superação.

Em uma de minhas viagens durante a escrita da tese, sentei-me na poltrona do avião e peguei a revista da companhia aérea no bolsão da poltrona. Folheando a revista, deparei-me com uma reportagem, na seção *4 cantos/Literatura*, intitulada *Espírito vencedor*, que tratava da divulgação de um livro chamado *Superação*. Naquele momento, percebi como os enunciados se entrelaçavam, pois as ideias de superação, vitória, competição, atletas, esportes, apresentam-se constantemente vinculadas umas às outras. A reportagem bilíngue (português-inglês) foi produzida com o objetivo de estimular a compra do referido livro através da descrição de alguns trechos, como duas histórias dentre as que compõem o livro. “O livro *Superação* retrata em imagens e textos a trajetória de atletas brasileiros de esportes pouco populares que vão lutar por medalhas nos jogos olímpicos do Rio” (AZUL MAGAZINE, 09/2015, p. 36).

O pequeno texto da reportagem fala das histórias de dedicação de esportistas brasileiros que irão disputar as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016 presentes no livro. Nas palavras ditas por André Carrano, sócio da editora ID Cultural, os atletas “São pessoas que, por mais que tenham um dom nato, tiveram que abdicar da família e da infância para conseguir um lugar nas Olimpíadas. Para muitos o grande objetivo é apenas participar do evento, e não necessariamente levar uma medalha” (ibidem, p. 36).

Figura 1 – Reportagem sobre o livro *Superação*

Fonte: Azul Magazine, setembro 2015

O enunciado da importância da participação, mesmo acima da conquista de medalha, aumenta o campo de atuação do discurso esportivo, pois mesmo aqueles que não se sentem capazes de vencer poderão se dedicar, com base no modelo esportivo. A possibilidade da derrota também traz o atleta para mais próximo dos sujeitos comuns, fazendo com que o exemplo esteja baseado, não mais na ação de heróis, mas sim de sujeitos comuns, como o próprio leitor. Desse modo, a ascense aumenta suas condições de possibilidade de existência na sociedade, indicando caminhos cada vez mais singulares para o alcance da vitória, do sucesso, da salvação.

Um último enfoque que gostaria de dar é a uma das formas de salvação presentes nas biografias: a obediência. Ela aparece como uma prática de governo, sobretudo no livro de Anderson Silva, quando trata de questões relacionadas a certo comportamento obediente que devemos ter diante de grupos de pessoas, como familiares e pessoas mais velhas, por exemplo. Nesse sentido, identifica-se que a obediência é uma das orientações para quem deseja alcançar o sucesso. O lutador (Anderson Silva) relata uma experiência no Carandiru, quando acompanhou sua mãe a uma visita ao seu padrasto. A partir dessa experiência, que segundo ele o fez mal, decidiu levar os filhos a uma delegacia para ver os presos e lhes dar uma lição: “Isso é o que acontece com quem não obedece pai e mãe. Ou com quem tem a chance de ir para a escola e não quer estudar. Essas pessoas acabam aqui” (SILVA, 2012, p. 17).

A obediência foi justamente uma das questões que perpassaram a reflexão foucaultiana sobre a analítica do poder. No trecho acima, extraído da biografia de Anderson Silva, a prisão foi considerada uma consequência da falta de obediência daqueles indivíduos, que agora estariam presos porque realizaram escolhas erradas na vida. Percebe-se que há uma orientação para o caminho correto, a verdade, e há outro caminho para aqueles que optarem por não seguir a orientação correta. O problema da prisão, por exemplo, seria para todos, simplesmente uma questão de escolhas.

Em suma, a indexação do poder só será possível se a racionalidade do governado estiver de algum modo ajustada ou disposta para a produção da obediência: a produção de racionalidades suficientemente obedientes aos objetivos do poder e um problema político historicamente importante: “a arte de governar está inteiramente na capacidade de fazer-se obedecer”¹⁰⁵. Deste modo, a racionalidade do governado não pode ser produto do acaso, resultado espontâneo de processos que escapam ao exercício do poder; ao contrário, é preciso que a racionalidade do governado seja suficientemente suscitada, provocada e motivada pela e para a obediência. (AVELINO, 2010, p. 21-22).

Para que funcione, a indexação do poder precisa que a racionalidade daqueles sobre os quais o poder é exercido seja “orientada, determinada, direcionada, organizada” (ibidem, p. 21), ou seja, a obediência só é possível a partir da produção de tecnologias de si. Segundo Avelino, Foucault compreendia racionalidades como “os conjuntos de prescrições calculadas e razoáveis que organizam instituições, distribuem espaços e regulamentam comportamentos” (ibidem, p. 22), e dessa forma acabam por produzir sujeitos a partir dos efeitos que conseguem estabelecer sobre suas realidades.

Para Foucault, o princípio da obediência surge no cristianismo através da ideia de obediência a Deus e aos que a ele representam. Desse modo, um dos deslocamentos ocorridos na história do ascetismo se dá a partir da ideia de obediência ao outro para ter acesso à verdadeira vida, em outro mundo. A vinculação do princípio de uma outra vida em outro mundo como a verdadeira vida gerou subjetividades, produziu sujeitos com base em um novo regime de verdade.

A diferença entre o ascetismo cristão e outras formas que puderam prepará-lo e precedê-lo deve ser posta nesta dupla relação: relação com outro mundo a que teríamos acesso graças a esse ascetismo e princípio de obediência ao outro (obediência ao outro neste mundo, obediência ao outro que é ao mesmo tempo obediência a Deus e aos homens que o representam). E é assim que veríamos se esboçar um novo estilo de relação consigo, um novo tipo de relações de poder, um outro regime de verdade. (FOUCAULT, 2011, p. 283).

¹⁰⁵ Nota do autor: SENELLART, M. (2006). *As artes de governar*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, p. 37.

Seria possível pensar o dispositivo esportivo inserido nesse tipo de relações de poder, nesse novo regime de verdade a que Foucault se refere? Seria possível, ainda, pensar no dispositivo esportivo inserido em um novo regime de verdade que pretende a salvação ainda neste mundo, através do sucesso?

Estão presentes, nas histórias de vida de pessoas envolvidas com o esporte, questões relativas ao merecimento ou não ao alcance do sucesso, pois se considera que aqueles que agem de maneira correta, fazem o bem, perdoam, são justos etc. tornam-se merecedores das conquistas e do sucesso. “Fui tachado de arrogante, prepotente, disseram que não merecia ser campeão” (SILVA, 2012, p. 121). Nota-se que existe um julgamento realizado a partir da execução ou não dos exercícios que pertencem a um determinado regime de verdade, que tem o poder de definir quem é merecedor ou não de alguma coisa.

Além das condições de possibilidade que a ascese cristã ainda possui para permanecer atuando nos dias de hoje, temos também uma ascese esportiva com um fim em si mesma, que oferece o alcance do sucesso, nossa salvação contemporânea. Pode-se considerar que existem formas de obediência diferentes, sejam formas de dominação mais direcionadas ao outro, como a disciplina, por exemplo, uma forma de controle e regulação social, ou o próprio controle social, que envolve certa liberdade de escolha sobre as formas de dominação existentes. No entanto entendo que ambas são orientadas, conduzidas e governadas principalmente por discursos que demonstram as possíveis consequências de cada escolha.

4.6 A disciplina para a concorrência: a corrida pelo alcance da liderança

Não sei se conseguiria falar de disciplina sem tocar na questão da docilidade, levantada por Foucault em *Vigiar e punir* (2004b). A partir da percepção do corpo como alvo e objeto de poder, podemos compreendê-lo como algo manipulável, que se pode treinar e modelar. Contudo, diferentemente de um objeto qualquer, ele responde a esses estímulos, pois obedece, aprende as habilidades e ainda é capaz de reproduzi-las por conta própria. Nas palavras do autor, “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (ibidem, p. 118).

A escala, o objeto, a modalidade são os métodos que diferenciaram a disciplina que passou a ser exercida nos séculos XVII e XVIII, diferente das formas anteriores que se apropriavam dos corpos. A escala consiste em exercer o controle sobre os corpos de maneira individual e detalhada, em seus movimentos, gestos, atitudes e agilidade. O objeto seria a economia, a eficácia do corpo através dos seus movimentos, que pode ser conquistada por

meio do exercício. Por último, a modalidade implica uma coerção constante, que paira todo o tempo, sobre todos os espaços e está presente em todos os movimentos. A esses métodos de controle sobre as operações do corpo que tornam o corpo útil a um determinado projeto de sociedade e ao mesmo tempo dócil, Foucault (2004b) chamou de disciplinas.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (ibidem, p. 119).

Para Foucault (2004b), através de certa elegância, que lhe é própria, a disciplina pode estabelecer uma relação de dominação sem utilizar a força bruta e mesmo assim conseguir efeitos de utilidade. Esse mecanismo disciplinar viria a ser muito útil ao período de industrialização de algumas sociedades, que, de acordo com Paula Sibilia (2002), passaram a desenvolver uma série de dispositivos voltados a moldar os corpos e as subjetividades dos indivíduos. Nesse sentido, para Foucault (2004b, p. 119),

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Os dispositivos que modelam, produzem técnicas e orientam exercícios voltados à eficácia os corpos não pararam de surgir na modernidade – eles continuam presentes na contemporaneidade. Talvez em época anterior fossem mais facilmente identificáveis enquanto instituições escolares, militares, prisionais, hospitalares etc. Mas se hoje não estão mais tão fortalecidos por não possuírem um nome próprio que os identifique, não quer dizer que não estejam atuando cotidianamente na produção de sujeitos disciplinados e controlados, ou seja, (auto)governados.

Os dispositivos, tal como o dispositivo esportivo, com o qual tenho tratado aqui, promovem o que Sibilia (2002, p. 31) chamou de “autopolicimento generalizado”, pois cumprem seus objetivos de normalizar os sujeitos, pela sua própria sujeição às normas. Nesse ponto, podemos identificar o dispositivo esportivo como um dispositivo de biopoder, porque “focaliza diretamente a vida, administrando-a e modelando-a com vistas à adequação à normalidade” (ibidem, p. 31). Segundo a autora, nas sociedades industrializadas, o biopoder

está direcionado à conversão dos corpos em força produtiva, corpos comparados a máquinas, devendo ser tão eficazes e incansáveis quanto elas.

Então, qual seria o sentido da utilização do modelo dos corpos esportivos na sociedade atual? Não seriam mais do que belos exemplares de máquinas altamente produtivas e eficazes? Como estratégia de biopoder, torna-se mais acessível aos indivíduos comuns o exemplo de um corpo esportivo, mas ainda pautado na metáfora inspiradora das máquinas? Essa aproximação com os indivíduos ocorre, sobretudo quando esse corpo esportivo é exposto através de um histórico de fragilidades e suscetibilidades colocadas como pontos de superação em suas vidas?

As histórias de dificuldades, fracassos e insucessos como doenças, derrotas e sofrimentos ocorridos na vida de atletas e treinadores tornaram-se exemplos de superação e são utilizadas para orientar como as pessoas devem agir diante de situações parecidas. Os relatos de dramas na vida são uma característica comum nas biografias de pessoas envolvidas com o esporte. A pobreza e a predestinação de Anderson Silva para o envolvimento com a criminalidade, certa falta de algumas habilidades para Bernardinho como jogador, a leucemia de Giba aos quatro meses de idade e um acidente de carro na juventude são alguns exemplos.

Mais uma vez, estamos diante de exemplos de superação, mas nesse momento para enfatizar a relação que estabelecem com a questão da disciplina, considerada nas biografias uma fórmula para a superação e para o sucesso. Bernardinho menciona que a disciplina é a ponte que liga os sonhos às realizações, e atribui a autoria da frase ao jogador de futebol americano Pat Tillman (LEWIS, 2010). Para essa mesma biografia, intitulada *Treinador: lições sobre o jogo da vida*, Bernardinho escreve o posfácio e a apresentação, onde escreve sobre seus exemplos de treinadores, como Fitz, que trabalhava para incutir nos jovens o valor da disciplina¹⁰⁶.

A presença da disciplina como estratégia de controle, que compõe o dispositivo esportivo, pode nos levar a compreender a disciplina como uma estratégia contemporânea próxima à obediência, no entanto não mais tão fortemente relacionada ao poder pastoral e talvez relacionada mais diretamente ao poder neoliberal. Para essa reflexão, realizarei uma breve retomada ao princípio do conceito de governamentalidade foucaultiana, identificado entre o fim do feudalismo e o início do capitalismo a partir do século XV.

¹⁰⁶ O livro *Treinador: lições sobre o jogo da vida* foi escrito pelo jornalista Michael Lewis e conta a história da vida do treinador Fitz. O livro faz parte da coleção *Na vida como no esporte*, organizada por Bernardinho, que escreve as apresentações de todas as biografias, realiza comentários e um posfácio.

De acordo com Veiga-Neto (2000), o deslocamento ocorrido naquele período, da ênfase da soberania sobre o território para a ênfase da soberania sobre a população, produziu um desvio na arte de governar o Estado. Os princípios que antes eram voltados ao governante (soberano) foram direcionados ao Estado. Segundo esses novos princípios, o mais importante seria a segurança e o desenvolvimento do Estado, compreendido principalmente por sua população. Para a compreensão deste contexto, Foucault propõe o conceito de governamentalidade que “aponta para uma razão ou tática de governo, uma racionalidade governamental que descobre a economia e que faz da população o seu principal objeto” (VEIGA-NETO, 2000, p. 180).

Uma análise da governamentalidade e seus dispositivos na atualidade pode demonstrar o que Veiga-Neto (2000) já havia apontado como novas formas de governamentalização. Para isso, torna-se fundamental a análise das características já identificadas acerca da disciplina e do biopoder no período moderno, quando emergem novos saberes necessários ao que se considerava um bom governo de Estado, como a economia de governo, através da qual se podem obter os melhores resultados com o mínimo de esforços. A crítica à Razão de Estado constitui uma ideia liberal de que governar demais, ou de perto demais, seria muito oneroso e desgastante.

Na esteira das ideias liberais como arte de governar, seguem surgindo novas proposições de governo, como o liberalismo norte-americano, que mais tarde deu origem ao neoliberalismo. Tal ideia pretendia afastar o Estado das decisões relativas à economia e ainda organizar a vida social a partir da lógica de mercado. Dispositivos são gerados para conduzir as práticas decorrentes de estratégias da governamentalidade liberal e neoliberal, e passam a produzir sujeitos a partir de noções como a sujeição, o disciplinamento e a desigualdade social.

Na sociedade atual, percebemos que o disciplinamento dos sujeitos tem apontado para a formação de um sujeito vencedor, considerado de sucesso. A disciplina aparece na biografia de Bernardinho acompanhada de técnicas para o autodisciplinamento: dentre elas, estão a perseverança, a motivação, a determinação, a seriedade, a força interior e o merecimento (ou a busca por ele). Em uma das passagens do livro, Bernardinho aponta que “o merecimento é um sentimento bom, alentador, construtivo. É o que permite que se diga: ‘Eu mereci o que conquistei porque fiz por onde, preparei-me, trabalhei honestamente, fui disciplinado, consciente, sério e cultivei hábitos compatíveis com o que faço’” (2006, p. 34).

A disciplina está colocada em diversos discursos pertencentes ao dispositivo esportivo como uma das formas de merecimento, este relacionado ao sucesso. Acredita-se que as

pessoas disciplinadas, que escolhem o caminho da disciplina, serão pessoas de sucesso por merecimento, tanto na relação direta com as questões de obtenção de habilidades, condicionamento etc., como em uma relação não tão direta, que envolve um merecimento definido por algo oculto. O merecimento atrelado a algum tipo de poder oculto seria uma forma de julgamento supremo realizado por não humanos, como Deus ou o Diabo, por exemplo.

Alguém lá em cima gosta de mim é o título de um dos capítulos da biografia de Anderson Silva, afirmação que reforça que alguém (oculto) seria capaz de definir quem é merecedor ou não de vitórias (sucesso). Em tom de desabafo, o lutador também relatou que em sua trajetória foi “tachado de arrogante, prepotente, disseram que não merecia ser campeão” (2012, p. 121). Nesta última afirmação, cabe destacar que aqueles adjetivos relacionados desqualificam a condição de merecedor, enquanto os seus opostos o qualificariam.

Os adjetivos que qualificam um merecedor já se encontram estabelecidos na sociedade onde estamos inseridos, com algumas variações ao longo de nossas vidas, inserções e exclusões, mas que não alteram o sentido das condutas as quais somos orientados a seguir para uma vida “correta”. Ao longo de nossas vidas, aprendemos a buscar determinadas qualidades e nos afastar de outras, para isso os mecanismos de disciplinamento se demonstraram eficazes, tanto inseridos em instituições como no próprio cuidado de si. As atitudes tomadas pelos sujeitos que se enquadram naquelas consideradas incorretas acabam por desqualificar aquele sujeito da condição de merecedor do sucesso.

Para esse sujeito, caberão as consequências destinadas a quem “escolhe” um caminho que foi tido como incorreto. Tais consequências são aquelas pequenas punições que Foucault apontou como micropenalidades, percebidas na modernidade, sobretudo em instituições como exército e escola¹⁰⁷. Há algum tempo esse tipo de atitude punitiva já rompeu as barreiras institucionais construídas na modernidade, pois não necessitamos de alguém exterior para julgar ou aplicar uma penalidade; nós mesmos sabemos as consequências a serem enfrentadas de acordo com nossas condutas. As micropenalidades citadas por Foucault (2004b) estavam atreladas a certos desvios de um tipo de conduta considerada adequada como, por exemplo,

[...] do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “in-corretas”, gestos não

¹⁰⁷ De acordo com Foucault (2004b), quando se referia ao exemplo escolar como instituição disciplinadora-punitiva, pela palavra punição devemos compreender tudo o que é capaz de fazer com que as crianças percebam e sintam o erro que cometeram.

conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 2004b, p. 149).

Quando falo sobre a ocorrência de um transbordamento das atitudes disciplinares, refiro-me ao próprio efeito disciplinador que, produzido em grande parte dentro de instituições modernas, já não precisa delas para disciplinar os sujeitos. Os sujeitos já são o próprio efeito da sociedade que disciplina e que controla. Ao longo desse processo foi utilizada uma série de procedimentos que aos poucos se tornaram sutis, desde o “castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações” (ibidem, p. 149). Nas palavras do autor, tratou se de

[...] ao mesmo tempo (de) tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (ibidem, p. 149).

Para Foucault, são passíveis de penalizações aqueles que agem no campo infinito do “não conforme” (ibidem, p. 149). Esta é a maneira específica de punir que a disciplina traz consigo: classifica como passível de penalidade tudo o que está em desacordo com a regra. Também é capaz de fazer com que o sujeito se autocondene, se estiver agindo fora de determinada normalidade produzida através de orientações e modelos do correto. Tal condenação do sujeito por si mesmo pode permitir que ele aceite o sofrimento (insucesso) como resultado de seu desvio em alguma parte do processo, portanto julga-se não merecedor.

Como indiquei anteriormente, existem pelo menos duas possibilidades discursivas, aparentes nas biografias, de merecer o sucesso por meio da disciplina: a primeira refere-se a uma crença ou um sujeito oculto que faz com que o sujeito disciplinado receba uma recompensa pelo seu esforço; e a outra é mais próxima do que poderíamos chamar de reconhecimento, diretamente relacionado aos resultados do próprio trabalho realizado. A partir dessa segunda compreensão, pode-se abordar uma técnica utilizada com frequência para impulsionar a produtividade, que é a concorrência.

Um dos discursos que perpassa o dispositivo esportivo é o da concorrência, produzida na disputa pela conquista do sucesso, seja ele uma vaga de emprego ou na universidade, seja um cargo de liderança ou uma promoção. A nova possibilidade de uma metáfora da vida, como a das disputas esportivas utilizadas na vida cotidiana, faz com que personagens do esporte exemplifiquem como devemos fazer para vencer em uma situação de trabalho, por exemplo. Para Bernardinho (2006), tanto no vôlei como no tênis, esportes que possuem uma rede para separar os adversários, não há como impedir fisicamente que seu oponente jogue.

Portanto a única forma de superá-lo é sendo mais eficiente que ele, e o mesmo ocorre no mundo corporativo, pois “não há como impedir que seu concorrente produza resultados. A única forma de vencê-lo é sendo mais eficiente nas próprias ações e ocupando espaços, caso contrário, ele o fará” (BERNARDINHO, 2006, p. 67).

Através dessa técnica, passamos a perceber o outro como nosso adversário, um oponente do cotidiano que devemos superar a fim de vencê-lo na comparação e também quando houver o enfrentamento. Ou seja, devemos treinar e nos dedicar para ser melhores do que o outro, qualquer um, o vizinho, o amigo, o colega etc. “Os colegas tornam-se concorrentes, e as atitudes combativas são utilizadas como instrumentos para a obtenção do sucesso” (OLIVEIRA, 2012, p. 491). Como nas modalidades esportivas, o outro pode ser meu concorrente, de modo que os dois concordem com essa situação, como um acordo ou contrato. Tal aproximação pode auxiliar na explicação para o uso de modelos esportivos, principalmente na prática do convencimento da preparação para a concorrência, bem como na aceitação para o exercício da concorrência, e na crença nesta específica estratégia como única forma de qualificar o mercado de trabalho.

Para Bernardinho (2006), os jogadores reservas de uma equipe também possuem relevância, e essa estaria atrelada ao próprio incentivo que essa situação dá para aqueles considerados melhores, pois estes não podem descansar com medo de perderem seus lugares para aqueles. O treinador, com inspiração na biografia de Earvin *Magic* Johnson (ex-jogador de basquete norte-americano), afirma que os reservas de uma equipe são importantes porque desafiam diariamente os titulares a serem melhores. A partir desse entendimento, nota-se que algumas pessoas, menos habilidosas, seriam parte de todo um esquema que estimula ainda mais aqueles que já possuem melhores condições/oportunidades, por meio da ameaça constante de perderem seus lugares.

Aqueles que conquistam alguma das formas consideradas de sucesso na nossa sociedade são reconhecidos como merecedores, e aqueles que não conquistaram são considerados maus exemplos, ou exemplos de como não devemos ser. No trecho do livro que inicia com a frase “O sucesso tem muitos pais, mas o fracasso é quase órfão”, Bernardinho descreve algumas características de maus exemplos, os perdedores, ou que não mereceram o sucesso. Dentre elas estão o “ego inflado”, a “ vaidade” (ibidem, p. 136) e a falta de empenho no processo de preparação; mais adiante descreve ainda que “o brilho no olhar”, “a paixão” e “a força interior” são essenciais para os vencedores, portanto, quando não se tem isso, há que se aceitar a derrota.

Essas afirmações atuam no sentido de orientar os sujeitos a agirem dessa determinada maneira para serem vencedores. Mas ao agir exatamente do modo prescrito, haverá a certeza de sermos vencedores? Não. Pois será nesse momento que precisaremos nos dedicar mais ainda, afinal, “a acomodação – a tal armadilha do sucesso” (BERNARDINHO, 2006, p. 127) pode nos desviar da rota, do caminho do sucesso. Inserido nesse mesmo discurso que reproduz, Bernardinho afirma que precisamos estar sempre crescendo, que é necessário “provocar, desafiar, instigar, buscar nada menos que o máximo [...]. Só isso faz crescer” (ibidem, p. 197). No entanto, e se nos perguntarmos como saberemos qual é o máximo? Ou todos poderemos alcançar o sucesso prometido? De certa forma, com essa problematização não estaríamos resistindo a essa condução dos sujeitos que promete o sucesso pelo trabalho e não pode cumprir com o prometido?

Bernardinho prescreve a dor para os atletas de alto rendimento. Segundo ele, “é preciso sentir-se confortável na dor do treinamento, no cansaço e na tensão que recaem sobre qualquer um antes de uma grande competição” (ibidem, p. 198-199). Nessa ideia, está presente a aceitação do sofrimento como um sentimento que faz com que o merecimento se aproxime. As situações de “inconformismo”, “eterna insatisfação” e “desconforto” podem “tirar o melhor das pessoas” (ibidem, p. 199). Mesmo que não tenha esse sentido na intenção do autor, devo me atrever a concordar com a última afirmação, no sentido de que isso seja capaz de deixar as pessoas sem o que elas possuem de melhor. Mas ainda assim será necessário perguntar: o que as pessoas possuem de melhor na sociedade em que vivemos?

A reflexão sobre a comparação do sofrimento de atletas inseridos nos esportes de alto rendimento aos esforços de pessoas na luta cotidiana pela sobrevivência sugere que, mesmo que possamos vincular alguns elementos, ainda assim no esporte existirão condições específicas que definem os enfrentamentos, como a premissa da igualdade de condições entre atletas de uma mesma categoria. As relações de deslocamento do modelo esportivo para a vida cotidiana, ou seja, a atuação do dispositivo esportivo fora da prática esportiva pode convencer pessoas ao sofrimento como prática normativa na busca incessante por algo que não sabemos ao certo o que é, nem onde está. No trecho que transcrevo abaixo, presente na biografia de Michael Lewis (jornalista), podemos perceber um pouco da atuação do dispositivo esportivo no processo de convencimento:

Eu não era um atleta nato. Tive de trabalhar duro. Era o único jogador titular cuja média de pontos era mais baixa do que a média das minhas notas na escola. Estava no penúltimo ano do ensino médio – no primeiro conquistáramos o campeonato estadual – e ninguém achava que nosso desempenho fosse lá essas coisas. Tínhamos acabado de ficar com o segundo lugar no torneio John Ehret e fizemos uma longa e

silenciosa viagem de ônibus para casa, porque todos nos sentíamos intimidados pela presença de Fitz. Quando voltamos ao ginásio, ele estava caladão, tilintando as moedas no bolso, como costumava fazer. Segurava nosso troféu de vice-campeões. “Vocês sabem o que eu penso sobre esse segundo lugar?”, perguntou. “É isso que eu penso sobre o segundo lugar.” E jogou o troféu no chão com toda a força. Nós nos encolhemos e protegemos nossos olhos por causa dos pedacinhos que voaram em todas as direções. O boneco que estava plantado no topo do troféu foi parar no colo do cara do meu lado. Adorei aquele momento. Pegamos o boneco e o colocamos em cima do ar-condicionado. Antes de cada jogo, tocávamos nele ao sair do vestiário. O segundo lugar também não era nosso objetivo... Ainda penso em Fitz. Nos momentos em que sinto que estou fraquejando na disciplina, sempre me lembro dele. (LEWIS, 2010, p. 36-37).

O segundo lugar não serve. Devemos acreditar que há apenas um lugar para aqueles que se esforçam, se comprometem, se dedicam: o primeiro lugar. Escolhi esse trecho, pois denota o poder de convencimento não apenas do treinador sobre seus atletas universitários, mas principalmente do convencimento que esse texto pode ser capaz de efetuar ao produzir sujeitos que dessa história tiram lições para a vida. Não se trata de uma apropriação ao acaso, mas de uma apropriação direcionada, dirigida, conduzida a ser realizada, pois não é por acaso que o autor escolhe esse trecho, para o livro intitulado *Treinador: lições sobre o jogo da vida*, que compõe a coleção organizada por Bernardinho, chamada *Na vida como no esporte*.

No dispositivo esportivo, algumas características marcam a orientação para noções muito próximas àquelas identificadas no projeto neoliberal (sujeição, disciplinamento e desigualdade social). Mas, além disso, identificam-se constantes estratégias de renovação para a condução dos sujeitos na orientação das técnicas de governamentalidade contemporâneas. A orientação para o empreendedorismo, por exemplo, pode ser considerada uma das estratégias para a conduta dos sujeitos, composta de uma série de técnicas, dentre as quais se percebe a presença do dispositivo esportivo.

4.7 O eu empreendedor através do modelo esportivo

No *regime empresa*: as novas maneiras de tratar o dinheiro, os produtos e os homens, que já não passam pela antiga forma-fábrica. São exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação. (DELEUZE, 1992, p. 229 – grifo do autor).

De modo geral, tratarei aqui da articulação de dois discursos, o esportivo e o empresarial. Na relação entre eles, encontram-se algumas semelhanças, como a premissa de que para ser bem-sucedido naquilo que o sujeito faz deve haver uma conduta de excelência, dentro do que é estabelecido para cada campo, como exemplar. Em ambos os discursos, todos

os sujeitos têm possibilidades de ascender ao sucesso, que será construído pelo mérito de cada um mediante ou dependendo de suas performances.

A figura do empreendedor passou a ser tratada como modelo de vida porque envolve a “tomada de riscos” em uma sociedade considerada instável e propõe a “concorrência” entre os indivíduos como uma forma justa de competição. A ação empreendedora é considerada uma “via real do sucesso” (EHRENBERG, 2010, p. 13). Portanto é justamente na ação empreendedora que o modelo esportivo passa a fazer parte da vida empresarial, com o auxílio de atletas e treinadores bem-sucedidos no esporte, considerados exemplos de sucesso e superação.

Na autobiografia, Bernardinho (2006) descreve sua constatação sobre a aproximação entre o esporte e a empresa, e a caracteriza como “forte”, mesmo demonstrando certa incerteza sobre os motivos desta relação. Segundo o treinador, existe “sinergia” entre a escola e a empresa, principalmente quanto ao uso de conceitos, ideias e comportamentos. Nas palavras dele, “é curioso perceber a apropriação até mesmo da terminologia técnica. Cada vez mais as empresas querem ter *coaches* entre seus colaboradores, enquanto o esporte amplia a concepção do técnico chamando-o de *manager*” (ibidem, p. 67).

Ainda que Bernardinho considere curiosa a aproximação entre empresa e esporte, suas falas e comparações denotam uma relação de união entre dois segmentos que pensam (agem) de modos semelhantes. Ou seja, tanto a empresa, de modo geral, como o esporte, em sua veia performática, possuem objetivos semelhantes e produzem programas de estratégias para o alcance dos objetivos de modos também semelhantes. No entanto, como empresas e modalidades esportivas passam a ter objetivos e propostas tão semelhantes a ponto de unirem-se para alcançá-los? Como práticas aparentemente tão distintas chegaram a tal aproximação?

Para uma tentativa de resposta à pergunta elaborada, inicialmente tratarei da referida aproximação através de elementos mencionados por Bernardinho (ibidem), isto é, as figuras do *coach* e do *manager*. Em seguida, abordarei a questão do sujeito empreendedor ou, como mencionei no título desta seção, do eu empreendedor, ou ainda, como alguns autores têm denominado, tratarei da cultura gestionária de vida. Essas apropriações, de certa forma, convergem para as reflexões foucaultianas sobre o governo de si, porém voltadas a uma tecnologia específica contemporânea: o empreendedorismo.

Pode-se dizer que *coach* e *manager* são duas profissões que emergem de uma sociedade voltada a uma forma específica de gestão empresarial, mais flexível, como o centro das possibilidades para o desenvolvimento econômico. Os autores Boltanski e Chiapello (2009, p. 83) chamaram essa nova forma de organização empresarial e da economia de “novo

espírito do capitalismo”. A transformação ocorrida na área de gestão empresarial, principalmente na década de 1990, foi analisada pelos autores mencionados através de materiais produzidos para orientar um novo modelo de gestão empresarial, inserido definitivamente como nova forma de conduta das empresas para um melhor desenvolvimento do capitalismo.

[...] os textos dos anos 90 têm como principal alvo de contraste as grandes organizações hierarquizadas e planificadas. A crítica às práticas e aos hábitos antigos, apresentados como ultrapassados, é o modo como se dá a relação entre passado e presente nessa literatura sem memória. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 91).

A nova forma de gerir as empresas ficou reconhecida por ser mais flexível, sem papéis de chefia claramente delimitados. Para isso, os trabalhadores passaram a ter a necessidade de possuir determinadas qualidades, como a criatividade, ter iniciativa e serem flexíveis. Nessas condições, para a empresa passa a ser fundamental a busca pela superação da concorrência e o atendimento ao interesse dos clientes. Isso levou a uma transformação que permitiu o início de uma busca incessante pela renovação, adaptação e mudança constantes (ibidem).

O uso da concorrência passa a ter grande importância estratégica, pois através do discurso do desemprego e das crises econômicas é possível o convencimento dos sujeitos à aceitação de um trabalho desvalorizado e à normalização de disputas impiedosas por uma vaga de trabalho ou de liderança. A concorrência passa a ser entendida como um meio normal de selecionar pessoas, apenas os melhores, que disputam entre si as “oportunidades” oferecidas pelo mercado de trabalho.

Inseridos nessa nova configuração, os sujeitos precisam demonstrar suas novas habilidades para conquistar um lugar e/ou um lugar de destaque. Uma das principais características do novo chefe, o coordenador de um grupo, projeto ou equipe, será a capacidade gerir as pessoas sem comandar. Ou seja, os novos trabalhadores deverão se autogerir e autocontrolar sob a orientação do seu líder, todos pautados pelas técnicas vinculadas ao novo modelo de gestão (concorrência, flexibilização, inovação etc.). A avaliação sobre o alcance do objetivo desejado pode ser realizada pelo próprio trabalhador, já que será realizada pela análise do desempenho (ibidem).

Diante desse cenário, percebem-se as condições de possibilidade para a emergência da função do *coach*, o treinador que irá prestar um serviço de acompanhamento direcionado às necessidades de cada indivíduo, para que estes possam desenvolver todo seu potencial. Da mesma forma, as condições contemporâneas de organização empresarial possibilitaram o surgimento do *manager*, que se trata mais de uma qualidade do que uma função. O *manager* é

aquele sujeito que demonstra ser um excelente gerenciador de sujeitos, capaz de se adaptar em diferentes grupos e ambientes de instabilidade. Os *managers* não dão ordens nem esperam ordens da direção para agir; eles tomam decisões, têm iniciativa e criatividade, além de manter bons relacionamentos com as pessoas e ter disponibilidade de tempo e deslocamento.

Boltanski e Chiapello (2009) reuniram alguns sinônimos que podem designar os *managers*, como, por exemplo, “animadores de equipe”, “catalisadores”, “visionários”, “inspiradores”, “heróis” ou “atletas da empresa”. Diante dos escritos mencionados, relembro a afirmação de Bernardinho (2006) sobre a sinergia entre a empresa e o esporte, tem-se então uma configuração composta por treinadores e atletas da empresa, bem como gerentes e empreendedores do esporte.

Embora já tenha sido mencionado que as práticas empresariais e esportivas sejam visivelmente diferenciadas, também já é possível observar algumas semelhanças. Principalmente em se tratando das técnicas utilizadas para fortalecer as estratégias da gestão empresarial contemporânea, nota-se que técnicas esportivas de alto rendimento podem contribuir com a *performance* dos trabalhadores na empresa, assim como contribui para a *performance* dos atletas nas diferentes modalidades esportivas.

Bernardinho (ibidem) fala sobre como devemos conduzir nossas vidas para alcançar o sucesso, através da disciplina, por exemplo, e como ser e se manter um líder. Um dos quesitos levantados, necessários a um líder, é a capacidade de convencer os outros, principalmente através de suas próprias atitudes. O líder deve ser escolhido/aceito pelos outros para essa função pelo exemplo que oferece a um determinado grupo. Exemplo de determinação, capacidade de se superar, não desistir, seguir em frente apesar dos obstáculos – estas são as orientações mencionadas por Bernardinho como requisitos para que um indivíduo seja considerado e eleito um líder.

“Ser líder é dar o exemplo para que os outros saibam como se faz e se esforcem para repetir a tarefa no mesmo nível ou ainda melhor. Essa é a única liderança que se sustenta com o tempo” (ibidem, p. 114). As palavras de Bernardinho reforçam a característica da gestão contemporânea pautada no gerenciamento e não no comando das pessoas, bem como demonstra que a liderança não depende de algum tipo de popularidade, mas sim do exemplo pelo desempenho. Um dos exemplos de liderança em sua biografia vem da seleção feminina de vôlei, quando descreve o momento em que precisou escolher uma capitã para a equipe.

Sua dúvida estava entre legitimar a capitã atual ou escolher uma nova capitã. Segundo o treinador, se a capitã tiver sido escolhida pelas demais jogadoras, o correto seria mantê-la na função. Ao observar a capitã nos treinamentos, Bernardinho percebeu que ela ia para o

banheiro com muita frequência e então descobriu que aquela jogadora “era tão consumida pelo ritmo do treinamento que vomitava nos intervalos. Passava mal, saía, voltava enfraquecida, mas não desistia”. Naquele momento, ficou claro para o treinador o motivo da liderança daquela jogadora, pois ela representava “um exemplo de determinação, de capacidade de se superar” (BERNARDINHO, 2006, p. 62).

Para Boltanski e Chiapello (2009), a ideia do líder é um dos pontos fundamentais da configuração empresarial. O líder deve ter boas estratégias (que funcionem), saber transmiti-las e convencer outros sujeitos a assumirem a sua proposta, aderirem ao seu projeto. Mas o papel de líder não está restrito, pelo menos discursivamente, a um grupo específico de pessoas; pelo contrário, todas as pessoas são encorajadas a serem líderes. Com isso, produzem-se inúmeros sujeitos dotados de capacidades características de um líder, como a competência para múltiplas e simultâneas tarefas, em constante busca pelo aperfeiçoamento e especialização, facilmente adaptáveis a diferentes ambientes, bem relacionados e, principalmente, capazes de se autogerirem.

Percebe-se que o potencial educativo e convincente do esporte pode auxiliar na tarefa de produzir estes novos sujeitos necessários a um projeto de sociedade empreendedora. Algumas das características necessárias ao atleta de alto rendimento bem-sucedido no esporte também podem ser eficazes em sujeitos envolvidos em outras profissões, empregos, estudantes ou mesmo para aqueles que não possuem vínculos institucionais. O modo de ser, a exemplo de um atleta, faz com que sujeitos se tornem, cada vez mais, os únicos responsáveis pelas suas lutas cotidianas.

Segundo Ehrenberg (2010), as condições de possibilidade da atuação dos esportes sobre a sociedade (francesa) se deram na mudança de atitudes em relação ao sucesso social e nos modos de ação empreendedora. Nessa segunda influência, atuou principalmente sobre as concepções de políticas gestionárias, enquanto deu nova forma às políticas demissionais e de reinserção profissional. Sobre essa aventura empreendedora que se tornou a vida em sociedade, o autor questiona a falta de reparos e acesso aos meios institucionais que possibilitariam aos sujeitos enfrentá-la em condições menos desiguais.

Se para ser “o melhor” eu só dependesse de mim mesmo, por que eu não o seria, já que as histórias nos mostram que o resultado é satisfatório ao seguir as orientações de conduta para o sucesso? Os sucessos do empreendedor e do atleta representam uma via do sucesso individualizado, que representa a conhecida frase “querer é poder” ou a mais conhecida ainda “quem quer consegue”; juntos, eles têm um poder (de convencimento) ainda maior sobre o objeto disputado, que é a vida (o corpo).

Nesse sentido, os sujeitos devem organizar suas vidas para obter a máxima eficiência de si mesmos. A partir dos pressupostos apresentados por Carvalho (2012, p. 471) para a vida contemporânea, percebe-se como essa organização da vida pode estar pautada no modelo de gestão empresarial:

[...] tornar a vida um plano de carreira; tornar a si mesmo como capital; capitalizar conhecimentos; transformar as aprendizagens em investimentos; estabelecer uma contabilidade existencial; exercer a liberdade de movimento; diferenciar-se dos concorrentes; exercer o empreendedorismo; ser adaptável, móvel e flexível; ser capaz de perceber novas oportunidades; tornar-se manager da própria vida [...].

Ficam evidentes nesses pressupostos algumas características, requisitos para a sobrevivência (sucesso) na sociedade contemporânea, que aponto por sua emergência da análise das biografias, sobretudo na de Bernardinho. Dentre elas, a concorrência, a transformação, a disciplina e a liderança, desafios nos quais os sujeitos precisam destacar-se para o alcance do sucesso, objetivo comum. Para cada um desses desafios, existem orientações de como se deve enfrentá-los; são técnicas que cada um deverá executar da melhor maneira. Por outro lado, um resultado negativo é rapidamente justificado pela falta de dedicação individual ao exercício das técnicas indicadas.

A partir da análise das técnicas utilizadas para a conversão dos sujeitos a si mesmos, Foucault (2010a) apresenta como *epistème praktiké* o saber fundamentalmente prático que só pode ser adquirido através do treinamento, como se fizéssemos certo tipo de ginástica. Para isso, será preciso ter “esforço, zelo, treinamento”, e é isso que nos irá nos autorizar a possuir um saber prático que será tão importante quanto o saber teórico (p. 282). As habilidades técnicas não podem ser adquiridas sem o exercício, bem como não se pode viver uma vida baseada na técnica sem uma ascese, ou seja, uma prática da verdade ou uma forma de ligar o sujeito à verdade, como princípio do treinamento de si por si mesmo.

A estratégia da concorrência, para o mercado de trabalho, parece ser uma forma de conduzir a conduta dos sujeitos de modo que estes busquem por si próprios o aprimoramento das técnicas para o trabalho. Desse modo, somente aqueles que já possuem determinadas habilidades serão escolhidos para atuar no mercado de trabalho. A lógica de mercado me parece a própria ascese contemporânea voltada à lógica do empreendedorismo, onde primeiramente os trabalhadores devem qualificar a si mesmos para conseguir uma vaga de emprego, geralmente chamada de oportunidade.

Deparamo-nos com um antigo problema, de os saberes teóricos e práticos estarem voltados para a condução das condutas dos sujeitos ao exercício de si mesmos na preparação de um sujeito adequado ao mercado de trabalho. Isso já foi apontado por Foucault (2008b)

como um problema que extrapolava as questões econômicas, os objetos, comportamentos ou condutas de mercado e passou a invadir os casamentos, a família, a escola e a criminalidade. Esse problema pôde ser resumido através da imagem do *Homo oeconomicus* (homem econômico), que passou a ser visto em todos os sujeitos que pudessem ser identificados com as qualidades que compõem o objeto da análise econômica. Tais qualidades seriam aquelas já mencionadas, que implicam “uma alocação ótima de recursos raros a fins alternativos” (FOUCAULTM 2008b, p. 366). A partir dessa definição do que seria a base do modelo econômico, Foucault (2008b) identificou a possibilidade de uma generalização do objeto econômico, que vai considerar toda conduta estratégica que leve ao alcance de objetivos com utilização de recursos restritos, um modelo econômico, por sua conduta racional.

Diante das considerações colocadas, questiono-me quanto à utilização do modelo esportivo como auxiliar do modelo econômico, principalmente quando se trata de concorrência, mercado de trabalho e características do trabalhador. No entanto também reflito sobre as medidas em que há certa invasão do homem econômico nos esportes, ao mesmo tempo em que o homem esportivo adentra o campo econômico. Não se pode afirmar o quanto uma esfera invade mais a outra, mas, diante do que foi apontado, é possível perceber que há um deslocamento mais evidente e recente da atuação esportiva sobre o mercado econômico. Dessa forma, o esporte surge não apenas como auxiliar, mas como uma nova ascense da *epistéme praktiké* contemporânea.

4.8 Considerações finais

Nesta seção, procurarei problematizar a utilização dos discursos de caráter imperativo que demonstram a indicação de uma série de atitudes e posicionamentos considerados corretos, que devem ser exercitados pelos próprios sujeitos. A prática do exercício do poder está presente em qualquer tentativa de conduzir sujeitos a uma manifestação específica de verdade. As manifestações de verdade aqui observadas atuam através do dispositivo esportivo na tentativa de convencer os indivíduos a ser, pensar, agir, desejar, sentir, fazer etc. de uma determinada maneira, especificamente através do exercício de si mesmos.

Destaco que notei duas atitudes enfatizadas constantemente e de relevância primordial aos que querem seguir o caminho da vitória: seguir com disciplina na trilha do caminho correto (sem desvios) e superar as dificuldades para a obtenção do sucesso. Para isso (disciplina e superação), é necessário manter um determinado tipo de comportamento – a ação –, para o qual parece que a prática esportiva tem um papel exemplar fundamental. A prática

esportiva e sua metaforização permitem que os sujeitos sejam conduzidos aos valores da ação, principalmente ao serem convencidos de que apenas por meio da ação conseguirão conquistar qualquer coisa em suas vidas.

Para analisar como o dispositivo esportivo estaria interferindo na forma como os indivíduos conduzem suas próprias vidas, dizendo-lhes como eles devem ser, identifiquei um conjunto de tecnologias de governar, como a superação e a transformação, a disciplina, a motivação e a concorrência, o merecimento e a liderança. Tais tecnologias são constantemente ativadas nas biografias analisadas, como prescrições para a conduta de si, a partir do modelo esportivo.

A governamentalidade neoliberal ainda aparece como uma das principais condutoras da individualização centralizada na valoração de competências. O conjunto de verdades que a compõem e a sustentam conduz à constituição de sujeitos crentes no exercício de si mesmos como forma de alcançar o sucesso na vida. Para isso, o modelo esportivo é tomado como referência para a prática do exercitar-se, através do conjunto de elementos que formam o dispositivo esportivo. Ainda há inúmeras formas de exercício do poder por meio do dispositivo esportivo que podem ser analisadas, seus efeitos, suas estratégias e técnicas, seja através da governamentalidade ou de outras ferramentas de análise.

No dispositivo esportivo analisado nesta seção através das biografias, foram identificadas algumas características que demonstram estratégias presentes no projeto de governamentalidade neoliberal. Dentre elas, a sujeição dos indivíduos a alguma forma de exercício do poder prescritivo, o disciplinamento dos corpos e das vidas com a finalidade de percorrer um caminho correto e alcançar o topo desejado, e a aceitação da desigualdade social como forma de merecimento de alguns. Também se observaram estratégias renovadas para a condução dos sujeitos na orientação das técnicas de si na governamentalidade contemporânea, como a orientação para o empreendedorismo.

Por fim, diante das considerações realizadas, é possível perceber certo uso mais evidente do dispositivo esportivo sobre o mercado econômico, principalmente sobre a utilização do modelo esportivo como auxiliar do modelo econômico, com suas técnicas para a conversão dos sujeitos a si mesmos ou tecnologias de governar que produzem sujeitos dedicados à preparação de si por si mesmos. Sujeitos autotreinados para atuarem em um mercado de trabalho que está alicerçado em tecnologias de concorrência e seleção.

5 O PRÊMIO JOVEM CIENTISTA 2012: A *EPISTÉME PRAKTIKÉ* NO DISPOSITIVO ESPORTIVO COMO TÉCNICA DE CONVERSÃO A SI

5.1 Introdução

A intenção desta seção é contextualizar as condições que possibilitaram uma virada para si mesmo na história do pensamento social a partir de levantamentos encontrados nas aulas de Foucault em 1982 (2010a). Em seguida, tratar das técnicas de conversão a si e sua relação com os saberes teóricos e, sobretudo práticos necessários às condutas do governo de si. Por conseguinte, iniciar a relação pretendida, que reflete acerca de uma edição do Prêmio Jovem Cientista, que pretendeu selecionar ideias inovadoras para o esporte através de sua tendência orientadora direcionada à aquisição de saberes práticos (*epistème praktiké*), considerados fundamentais ao mercado de trabalho e ao sujeito contemporâneo, empreendedor e atleta de si.

O Prêmio Jovem Cientista (PJC), do ano de 2012, trouxe um assunto inédito dentre as áreas temáticas trabalhadas em anos anteriores¹⁰⁸, a *Inovação Tecnológica nos Esportes*, o que me levou à continuidade dos pensamentos sobre como a lógica esportiva tem se apresentado de forma abrangente na sociedade, lançando seus tentáculos sobre as diferentes áreas de atuação social como a arte, a literatura, o cinema, a ciência etc. Nesta análise e seção, tratarei mais especificamente do tentáculo esportivo que se lança sobre a área da ciência, na tentativa de compreender um pouco melhor essa relação. Encontrei no PJC características de uma condução das condutas através do dispositivo esportivo, e meu objetivo aqui é analisar os indícios da governamentalidade esportiva no PJC 2012.

¹⁰⁸ 25ª Edição (2011): Cidades Sustentáveis; 24ª Edição (2009/2010): Energia e Meio Ambiente: Soluções para o Futuro; 23ª Edição (2007/2008): Educação para Reduzir as Desigualdades Sociais; 22ª Edição (2006): Gestão Sustentável da Biodiversidade: Desafio do Milênio; 21ª Edição (2005): Sangue: Fluido da Vida; 20ª Edição (2004): Produção de Alimentos – Busca de Soluções para a Fome; 19ª Edição (2003): Água: Fonte de Vida; 18ª Edição (2002): Energia Elétrica: Geração, Transmissão, Distribuição e Uso Racional; 17ª Edição (2001): Novas Metodologias para a Educação; 16ª Edição (1999/2000): Saúde da População: Controle da Infecção Hospitalar; 15ª Edição (1998): Oceanos: Fonte de Alimentos; 14ª Edição (1997): Novos Equipamentos, Aparelhos e Utensílios para Pessoas Portadoras de Deficiências; 13ª Edição (1996): Qualidade e Produtividade na Agricultura; 12ª Edição (1995): Qualidade e Produtividade na Construção Civil; 11ª Edição (1993/1994): Saúde da População: Controle de Endemias; 10ª Edição (1992): Qualidade dos Alimentos e Saúde do Homem; 9ª Edição (1991): Gerenciamento da Qualidade: o Caminho para a Modernização; 8ª Edição (1990): Reciclagem de Rejeitos Industriais; 7ª Edição (1989) Conservar Energia: um Desafio dos Anos 90; 6ª Edição (1988): Novos Materiais contra a Corrosão em Aços de Baixa Liga; 5ª Edição (1985): Alimentos de Consumo Popular: Produção e Conservação; 4ª Edição (1984): Química de Produtos Naturais; 3ª Edição (1983): Agricultura: Controle Biológico; 2ª Edição (1982): Energia: Fontes Alternativas e Conservação; 1ª Edição (1981): Telecomunicações.

Para isso, lanço meu olhar sobre a edição de 2012 do prêmio, especialmente através do Kit PJC¹⁰⁹, um material de apoio pedagógico disponibilizado exclusivamente para a categoria estudante de Ensino Médio. Também utilizo como aporte empírico notícias sobre o evento e informações disponibilizadas através do *site* e das redes sociais. Assumo a intenção de olhar para os discursos que entrecruzam o dispositivo esportivo contemporâneo e a produção científica, inseridos no contexto do PJC 2012.

5.2 O que é o PJC?

O Prêmio Jovem Cientista foi criado em 1981, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma das principais agências de fomento às pesquisas científicas no Brasil. Posteriormente, algumas empresas agregaram-se ao evento, como a Fundação Roberto Marinho¹¹⁰, a Gerdau e a *General Electric* (GE)¹¹¹. O objetivo geral do PJC é “estimular a pesquisa, revelar talentos e reconhecer estudantes e pesquisadores que apresentam soluções inovadoras para os problemas brasileiros”, segundo descrição do próprio prêmio, utilizada como identificação no perfil do *Twitter* em 2015¹¹².

Esse prêmio existe há 34 anos, completados em 2015, ao longo dos quais foram realizadas 27 edições¹¹³, com mais de 19 mil trabalhos inscritos, e 185 estudantes e pesquisadores premiados com bolsas de estudos. Anualmente, cerca de 5.500 instituições de ensino e pesquisa e 32 mil escolas de Ensino Médio são mobilizadas para seu processo de divulgação. Nas 27 edições do prêmio, a área de formação mais envolvida nas temáticas e também com o maior número de vencedores foi a de Engenharias e Computação (59), seguida pelas Ciências Biológicas e da Saúde (38), Ciências Exatas e da Terra (17), por fim, Ciências Humanas e Sociais (14) e Ciências Agrícolas (9). Nesse levantamento, consideram-se apenas

¹⁰⁹ O Kit PJC esteve disponível para *download* no site do evento até o lançamento do novo tema do prêmio, no ano seguinte. Nele estão contidos 12 arquivos que constituem um exemplar de livro didático ou manual pedagógico, com instruções para a elaboração dos trabalhos a serem submetidos.

¹¹⁰ A Fundação Roberto Marinho é uma instituição privada sem fins lucrativos que pertence às Organizações Globo e desenvolve projetos sociais educacionais, com sede no Rio de Janeiro. A Gerdau é uma empresa siderúrgica, sediada em Porto Alegre. A GE é uma multinacional norte-americana de serviços de tecnologia.

¹¹¹ Atualmente há uma nova empresa patrocinadora, a BG Brasil, produtora privada de óleo e gás no país, integrante do BG Group, companhia que atua nas áreas de exploração e produção de óleo e gás e de gás natural liquefeito em mais de 20 países. A BG Brasil aparentemente ocupou o lugar que era da GE, que esteve de 2011 a 2013, mas já não está mais na lista de patrocinadores.

¹¹² Disponível em: <<https://twitter.com/jovemcientista>>. Usuário: @jovemcientista.

¹¹³ No período de 1981 a 2011, o PJC realizou 25 edições, das quais 22 tiveram periodicidade anual; em três edições, o prêmio foi bienal: 16ª edição (1999/2000), 23ª edição (2007/2008) e 24ª edição (2009/2010); em dois anos não houve a realização do prêmio (1986 e 1987). Disponível em: <<http://www.jovemcientista.cnpq.br>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

as categorias graduando e graduado, e os dados vêm de uma publicação editada no final de 2011, *30 anos revelando talentos e impulsionando a pesquisa*.

Na categoria de nível médio, a temática mais concorrida até hoje foi na 25ª edição (Cidades Sustentáveis) com dois mil alunos inscritos, seguida pelas edições 24ª (Energia e Meio Ambiente: Soluções para o Futuro), com 1.800, e 22ª (Gestão Sustentável da Biodiversidade: Desafio do Milênio), com 2.400 inscritos. Os alunos que já venceram essa última categoria têm entre 15 e 26 anos de idade, sendo que a faixa etária com maior número de ganhadores está entre 16 a 18 anos. A maioria desses jovens premiados são mulheres (53%). Chamou-me a atenção a informação de que na categoria graduando o número de mulheres vencedoras cai para 39%, e entre os graduados cai ainda mais, para 32,8%. Não aprofundarei a análise desses dados, mas trago-os para pensar em motivos e até indicar possíveis investigações sobre possibilidades que levam à redução e ao próprio levantamento desses números. Considerando que os levantamentos são feitos apenas entre os vencedores, não há informações relativas aos participantes das edições do prêmio.

O PJC é subdividido em quatro categorias: estudante do Ensino Médio¹¹⁴, estudante do Ensino Superior¹¹⁵, graduado¹¹⁶ e mérito institucional¹¹⁷. As linhas de pesquisa nas quais os participantes devem se inserir são predefinidas; na edição de 2012, na categoria estudante do Ensino Médio, os estudantes optaram entre cinco subtemas, que compuseram o tema gerador, a Inovação Tecnológica nos Esportes: 1) Educação e cidadania para os esportes; 2) Cuidados com a saúde e nutrição nos esportes; 3) Aplicação e desenvolvimento de materiais esportivos; 4) Gestão e instalação de infraestruturas esportivas; 5) Tecnologia da informação para os esportes¹¹⁸.

¹¹⁴ Podem concorrer alunos matriculados em escolas públicas ou privadas do Ensino Médio e em escolas técnicas, com menos de 25 anos até a data limite para inscrições.

¹¹⁵ Podem concorrer estudantes dos cursos de graduação e que tenham menos de 30 anos.

¹¹⁶ Pode concorrer quem já concluiu o curso de graduação, com menos de 40 anos.

¹¹⁷ Serão premiadas uma instituição de Ensino Superior e outra de Ensino Médio, com o maior número de trabalhos com mérito científico.

¹¹⁸ Para as categorias graduado e estudante do Ensino Superior, as linhas de pesquisa são: 1) Gestão esportiva empreendedora e inovadora; 2) Gestão e desenvolvimento de ferramentas em marketing do esporte; 3) Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas ao esporte, tais como: tecnologias de jogos digitais, internet, softwares, comunicação digital multiuso de alta velocidade etc.; 4) Gestão de instalações e equipamentos esportivos e desenvolvimento de ferramentas essenciais para a sustentabilidade dos espaços esportivos; 5) Materiais sustentáveis, eficientes e duráveis para a infraestrutura e edificações esportivas; 6) Tecnologias têxteis com a geração de “tecidos inteligentes” aplicados aos esportes; 7) Produtos inovadores em tecnologia e design de vestuários esportivos; 8) Inovações em nutrição de atletas e desportistas, tais como: novos métodos de avaliação física e a manipulação dietética para obter maior rendimento; inovações em relação a suplementos nutricionais; 9) Recursos tecnológicos para diagnóstico, tratamento e reabilitação de lesões esportivas em atletas de alto desempenho; 10) Relações dos megaeventos esportivos com a educação, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável.

5.3 Opções teórico-metodológicas

Como mencionei inicialmente, nesta seção utilizo levantamentos encontrados nas aulas de Foucault, do curso ministrado em 1982 no *Collège de France*, que foram transcritas e publicadas no livro *A hermenêutica do sujeito* (2010a). Assim, a intenção foi contextualizar as condições que possibilitaram uma virada para si mesmo na história do pensamento social a partir da conversão dos sujeitos a si. E utilizar tal contextualização para refletir sobre o uso de técnicas de conversão a si e sua relação com os saberes teóricos e principalmente com os saberes práticos necessários às condutas do governo de si e dos outros na contemporaneidade – tudo isso através do olhar sobre o PJC e a utilização do dispositivo esportivo para a produção de sujeitos cientistas e novas tecnologias.

A prática de si funde-se com a própria arte de viver, e pode-se falar em arte de si mesmo como sinônimo da arte de viver. De acordo com Foucault (*ibidem*), pode-se considerar esta ocorrência a partir do início do período imperial (início do século XIX) com a desvinculação da prática de si em relação à pedagogia e em relação à atividade política. Nessa relação em que “cuida-se de si para si”, o imperador pôde encontrar um dos princípios da soberania e, a partir dessa relação de autofinalidade, pode-se passar a pensar a noção de salvação (*ibidem*, p. 186).

Através desta modificação na forma de pensar a vida, voltamo-nos a nós mesmos em todas as atitudes, e o nosso eu passa a ser o centro de todas as ações. Foucault considera a noção de conversão, retorno a si ou volta para si mesmo uma das tecnologias do eu mais importantes que o Ocidente já conheceu. “Trata-se, antes, de uma liberação no interior desse eixo de imanência, liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para alcançarmos, enfim, aquilo que podemos dominar” (*ibidem*, p. 189). A partir de uma interpretação da cultura de si na cultura romana e helenística, isso significa nos afastarmos daquilo que não depende de nós e nos direcionarmos àquilo que depende. Assim, voltados para si e direcionados ao que podemos conquistar, devemos exercer o treinamento de técnicas que podem nos conduzir às tais conquistas. E, então, acredita-se que é possível conseguir conquistar tudo o que se deseja, e aquilo que ainda não foi conquistado deve estar em projeto de dominação.

Nesse ponto de transformação, o exercício, a prática, o treinamento, a ascese baseados em técnicas passam a ser mais importantes na produção dos sujeitos do que a aquisição do conhecimento. O saber técnico ou prático será a base da constituição dos sujeitos contemporâneos; para a obtenção do sucesso, estes devem colocar em si e para si mesmos os

objetivos a serem executados. Para isso, será necessário um tipo de disciplina que faz com que os indivíduos se voltem a si mesmos, o que significa que ao mesmo tempo devem deixar de perceber o que acontece ao seu redor, com os outros e com o mundo (FOUCAULT, 2010).

“Trata-se, muito mais, de convocar a uma concentração teleológica” (ibidem, p. 199), pois não se trata de olhar para si de modo a analisar-se profundamente, compreender-se ou refletir sobre si e sua própria vida. A convocação do olhar para si está pautada na busca por um objetivo traçado pelo próprio indivíduo, de acordo com o que ele acredita ser necessário para si mesmo, e que ele mesmo deverá alcançar. Para isso não poderá se desviar durante o percurso com distrações, vontades ou desejos considerados menos importantes. De acordo com Foucault (ibidem), o que nos separa de tal objetivo será nossa consciência, vigilância e atenção constante em alcançá-lo. Pensamentos e atitudes devem estar voltados a um único propósito, como um atleta em treinamento para disputar uma prova, pois sua concentração deve estar unicamente voltada à meta a ser alcançada.

Também não se trata de ser apenas um atleta, mas de ser um bom atleta, um atleta que não desvia seu olhar do caminho planejado. Um bom atleta necessita, antes de conhecer diferentes gestos, conhecer aqueles gestos que lhe serão mais úteis e saber executá-los com maestria e automatismo. Nesse ponto, Foucault observou a presença do critério da utilidade, pois há uma restrição quanto às possibilidades de aprendizado em nome do treinamento de algumas técnicas específicas. Em suma, pode-se afirmar que o modelo do atleta cria uma estratégia pautada na orientação de saber o que é útil e de modo a ter o pleno domínio de uma prática específica. Nas palavras de Foucault, “Negligenciamos todos os conhecimentos que são como aqueles gestos mais ou menos acrobáticos que poderíamos aprender, inteiramente inúteis e sem utilização possível nos combates reais da vida” (ibidem, p. 207).

Na aula de 17 de fevereiro de 1982, Foucault (ibidem) afirma que a ideia de conversão a si trata-se definitivamente de um deslocamento do sujeito em relação a si mesmo, que exige do próprio indivíduo a elaboração de um traçado (meta), esforço para cumpri-la e o constante movimento (exercitar-se). Embora este tenha sido um tema recorrente na modernidade, é importante apontar que ele é composto por fragmentos de períodos históricos em diferentes culturas, como na antiguidade helenística e romana.

Sua modificação efetiva para mais próximo do que podemos perceber hoje possivelmente tenha ocorrido com o surgimento de uma nova arte de governar em torno da Razão de Estado. Com isso, o autor percebe que houve uma mudança no direcionamento da conduta dos sujeitos, que passa a ser exercida pela atividade de governo. Assim, deixa-se

transparecer a distinção e ao mesmo tempo a composição de uma trama de noções entre poder, governamentalidade, governo de si e governo dos outros e relação de si para consigo.

A partir destas combinações de noções e da nova composição de Estado, passa-se a produzir conhecimentos verdadeiros, que sejam pertinentes às transformações, modificações e melhorias dos sujeitos. “[...] se diz o que é verdadeiro e o que é preciso fazer, um discurso que desvela a verdade e que prescreve” (FOUCAULT, 2010a, p. 216), considerada a importante diferença do período antigo para o moderno e contemporâneo. Naquele período o sujeito deveria ser afetado pela verdade de modo que aquilo o modificasse, já nestes tempos mais recentes o sujeito torna-se objeto de um determinado discurso verdadeiro.

A ascese foi considerada por Foucault uma prática de incorporação do sujeito a um dizer verdadeiro, ou seja, uma prática que opera fora do conhecimento para a conversão do sujeito a si. A ascese é capaz de desenvolver suas próprias técnicas para o alcance de uma determinada verdade – ela “é na realidade uma prática da verdade” e também “é uma maneira de ligar o sujeito à verdade” (ibidem, p. 283). Mas para chegar à constituição de uma relação plena de si consigo, a ascese utiliza como tática ou instrumento a constituição de uma preparação do sujeito para os acontecimentos da vida (*paraskeué*). Trata-se de preparar o indivíduo para um futuro desconhecido, incerto e imprevisível, pronto para algo que possa vir a acontecer; próximo ao que foi tratado na seção anterior, tratar-se-ia de produzir um *manager* da vida contemporânea e empreendedora através da *paraskeué*.

Quando falamos do exercício, de exercitar-se – ou seja, da ascese, e inserida na prática da ascese a utilização da ferramenta da *paraskeué*, a preparação para situações que poderão ocorrer ou não –, nos aproximamos das características do atleta empreendedor propostas pelos inúmeros projetos que utilizam os esportes como exemplos para a vida de qualquer sujeito, em qualquer situação da vida. Parece haver uma orientação geral para os indivíduos, que é treinar e estar preparado para qualquer situação. Do mesmo modo que isso se aplica aos treinamentos esportivos, que preparam para situações adversas durante uma disputa, como chuva, dor etc. (mesmo sem saber se isso ocorrerá ou não), há uma orientação para que todos os indivíduos, atletas ou não, se preparem de modo semelhante para a vida.

O bom atleta, portanto, é aquele que pratica a ascese e possui *paraskeué* suficiente. Nas palavras de Foucault, “O problema é que o atleta é aquele, portanto, que se dota de frases efetivamente ouvidas ou lidas, por ele efetivamente memoradas, re-pronunciadas, escritas e reescritas” (ibidem, p. 288). E geralmente são frases que foram ditas por um mestre, ídolo ou treinador, frases que ele ouviu de alguém em quem acredita, frases que pronunciou repetidamente e principalmente, frases que o atleta diz a si mesmo. Notadamente, os discursos

não são meras palavras pronunciadas, pois se organizam de modo a propor, palavras que se organizam de forma sedutora em uma proposta.

Os discursos contemporâneos carregados pelo dispositivo esportivo do qual estou tratando são fundados em uma dada racionalidade, pronunciam o verdadeiro e prescrevem o que deve ser feito. Não são apenas palavras: são discursos convincentes, persuasivos, que não apenas mostram o que é verdadeiro, mas também indicam ou ordenam o que os sujeitos devem fazer. “São persuasivos no sentido em que acarretam não somente a convicção, mas também os próprios atos” (FOUCAULT, 2010a, p. 288) daqueles que se tornam objetos de tais discursos. O poder de convencimento ou, nas palavras do autor, a “eficácia indutora” (ibidem, p. 288) dos discursos esportivos é tão perigosamente sutil que pode conduzir os sujeitos de modo que estes se sintam livres por certa escolha de pertencerem àquele discurso.

Dito isso, é possível percebermos práticas de *ascese/paraskeuê* contemporâneas, que ligam os sujeitos a uma determinada verdade? Como essas práticas chegam aos indivíduos e tornam-se formas de conduta para a vida? É possível que o dispositivo esportivo seja uma ferramenta para auxiliar na preparação e no treinamento dos indivíduos para a vida? Como já mencionei ao longo do texto, percebem-se no PJC as características de uma condução das condutas através do dispositivo esportivo. Portanto, analiso os indícios da governamentalidade esportiva também no PJC 2012.

5.4 O que é o kit PJC?

Para orientar a construção dos trabalhos, o PJC desenvolveu um *kit* que funciona como um livro didático. Nele, estão descritas informações sobre cada uma das temáticas em capítulos específicos, vinculados a planos de aula e fichas de atividades que compõem o material e devem orientar os professores na prática em sala de aula. O Kit PJC é destinado à categoria estudantes de Ensino Médio e pretende conduzi-los desde a escolha do tema até a elaboração do projeto de pesquisa. Para isso, ele é direcionado aos professores, na forma de manual, com indicações de conteúdos e instruções didático-pedagógicas concentradas na temática do prêmio.

Na subdivisão desse material, percebe-se a escolha da instituição organizadora, mais por temáticas de pesquisa de áreas que fazem contato com o esporte do que temáticas do próprio esporte, tais como cidadania, nutrição, saúde, equipamentos, gestão, inovação tecnológica e tecnologia da informação, aplicados aos esportes. Trata-se aqui do que é

considerado conhecimento útil, que se pode relacionar ao esporte e desta relação extrair o conhecimento que será tratado como uma verdade prescritiva.

Sobre o caráter utilitário que percebo ter sido atribuído ao esporte no âmbito do PJC, nota-se que ele é comumente citado como “instrumento”, “ferramenta”, “meio”, “caminho” do qual se “faz uso”, “para chegar lá”¹¹⁹. O esporte não é tratado como uma ferramenta útil e acessível apenas aos atletas, ou seja, não se trata somente dos esportes de alto rendimento, mas também de outras apropriações da prática esportiva, como no lazer e na escola, por exemplo, sempre de forma aplicada. A utilização do esporte de alto rendimento guarda indicativos de sua utilidade principalmente relacionada a estratégias de convencimento, direcionadas ao objetivo da conversão dos sujeitos à prática das diferentes técnicas de si, a partir de uma concentração teleológica exemplificada pelo esporte.

O esporte é uma atividade de crescente interesse para a sociedade e um campo propício para a inovação tecnológica. Essa via de mão dupla é ainda mais atraente diante dos grandes eventos que ocorrerão no Brasil nos próximos anos como a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos e muitos outros eventos preparatórios. A demanda por resultados no esporte competitivo propicia o desenvolvimento de conhecimentos e tecnologias que podem beneficiar a população como um todo: atletas e não atletas. A área de ciência e tecnologia brasileira está sendo chamada a participar desta grande mobilização, alinhada com as novas prioridades governamentais de incentivo à inovação tecnológica.¹²⁰

O Kit PJC busca incentivar, mesmo àqueles que não são atletas, a perceberem os poderes do esporte, demonstrando aos sujeitos *comuns* o quanto é importante a busca da superação dos seus limites corporais. E, como Foucault observa, é “nessa trajetória de si para si, que devemos concentrar toda a nossa atenção” (2010a, p. 200). O esporte é um dispositivo que pode incentivar e convencer à manutenção da prática de olhar para si que converte os sujeitos a si mesmos e desloca seus olhares do outro e do mundo para dentro de si próprio.

Com criatividade, dedicação e persistência, é possível contrariar prognósticos médicos pessimistas e superar limites para alcançar uma marca desejada. As experiências esportivas podem nos ajudar a superar obstáculos, a cooperar com os companheiros, a desenvolver autocontrole e a persistir diante da derrota. (KIT PJC 2012, p. 45).

Os objetivos dessa temática e da produção do material didático no formato apresentado parecem estar colocados a partir de um momento bem específico, quando se reforça a importância dos assuntos esportivos por ocasião da realização dos megaeventos esportivos de grande repercussão mundial e que estão acontecendo no Brasil (2014-2016). Ao

¹¹⁹ Estes são apenas alguns dos termos que podem ser facilmente encontrados no Kit Pedagógico 2012. Os exemplos citados nesse trecho encontram-se, respectivamente, nas páginas: 38, 42, 42, 56, 42 e 56.

¹²⁰ Disponível em: <<http://www.jovemcientista.cnpq.br>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

mesmo tempo em que se afirma o grande potencial brasileiro na aplicação da ciência e da tecnologia nos esportes, atenta-se que para receber esses eventos é preciso criar ainda mais mecanismos de incentivo e fortalecimento da pesquisa brasileira, para garantir o protagonismo do país nesses momentos (KIT PJC, 2012).

Além dos propósitos já mencionados, também estão colocadas intenções de mercado, visando à aproximação das pesquisas com os meios de produção, sobretudo as empresas. Como não poderia ficar de fora, o discurso sobre o legado, ou seja, o conjunto de conhecimentos, estruturas, produções e invenções que nos restarão após a passagem dos eventos esportivos, foi trazido à tona como justificativa, prevendo que “as parcerias desenvolvidas, entre ciência e esportes, podem gerar novos produtos e até novos nichos de mercado” (ibidem, p. 124).

No encerramento do material didático, afirma-se que, neste momento – em referência à realização dos megaeventos esportivos –, apenas a produção de pesquisas não basta. Pois se necessita de urgência no desenvolvimento dessas pesquisas, tendo em vista que o Brasil está ainda carente destas tecnologias e muito atrás de outros países, como Reino Unido, Austrália e Estados Unidos.

5.4.1 *Um manual para produzir um jovem cientista*

Meu primeiro passo metodológico foi coletar qualquer material que falasse sobre o PJC 2012. A iniciativa planejada foi da coleta *on-line* desses dados, no entanto alguns colegas, professores e secretários, que sabiam da temática deste trabalho, me presentearam com os cartazes recebidos por escolas e universidades. Diante de cartas, cartazes, material didático (*kit*), gráficos, fichas de atividades, glossário, caderno do professor, planos de aula, regulamento e um levantamento dos últimos 30 anos do PJC, passei às primeiras leituras¹²¹. Nesse primeiro movimento, direcionei meu olhar a temas, sujeitos e estratégias que estavam sendo colocados. Percebi que o *kit* era a peça fundamental da edição, e os cadernos e planos de aula eram seus desdobramentos, por isso centralizei minhas atenções nesse documento.

A partir das leituras e demarcações sobre os elementos discursivos atrelados ao dispositivo esportivo, percebi que existem algumas estratégias presentes no *kit* para a orientação da conduta dos sujeitos. A primeira delas é a forma de organização do material,

¹²¹ Em meu acervo, somaram-se 21 arquivos sobre o PJC. Tendo em vista que as edições do prêmio acontecem anualmente, eu precisava coletar o máximo de material possível naquele ano de 2012, caso contrário poderia perder o acesso à maioria deles. Conforme previsto, os documentos relativos a 2012 saíram do ar no ano seguinte; desde então, tenho trabalhado com o acervo previamente formado.

que demonstra a intenção de produzir um jovem cientista a partir do prêmio, com dicas e todo o “passo a passo” necessário para se colocar em prática essa receita. A segunda é a ideia pulverizada de que o atleta é “super”, alguém que está sempre *superando* limites, dificuldades, desafios, necessidades etc. A terceira e última estratégia seria a tomada do corpo do atleta como exemplo de aprimoramento, treinamento e preparação em busca do melhor desempenho. Trato estas como estratégias de utilização do dispositivo esportivo para a produção de jovens cientistas na disputa do PJC 2012.

5.5 A visibilidade esportiva como elemento de conversão a si

O *kit* de orientação para a competição que premia alguns jovens cientistas, não por acaso, traz logo em seu primeiro capítulo o título *Educação e cidadania nos esportes*. Nele estão descritos alguns exemplos de superação no esporte, procurando comprovar a relevância da utilização da temática esportiva em tom de convencimento.

O espírito de superação perdura como um dos valores morais mais preciosos do esporte. É um termo recorrente na história de atletas de todas as partes do mundo, nas mais variadas modalidades esportivas. O que faz um atleta romper barreiras, alcançando o que às vezes parece ser impossível, é um conjunto de fatores técnicos, físicos, materiais e psicológicos que, *quando bem trabalhados*, ampliam muito os seus limites. Vamos conhecer alguns casos? (KIT PJC, 2012, p. 43 – grifo meu).

Digo “não por acaso”, pois no primeiro capítulo a intenção é envolver os leitores e torná-los convencidos a executar a prática orientada pelo manual (*kit*). Logo nesse primeiro tema aplicado ao esporte, a cidadania, pode-se notar que não é preciso ter talentos notáveis, nem mesmo praticar esportes para se sentir como atletas. Segundo o texto citado acima, o mais importante é possuir o “espírito de superação”, que, aliado ao treinamento e à preparação, pode nos tornar bons atletas.

Os casos aos quais no primeiro capítulo se faz referência são de pessoas com doenças graves ou vítimas de acidentes, com idade avançada, crianças “excluídas” em suas infâncias por alguma característica impeditiva para a prática esportiva, ou seja, consideradas fora dos padrões de normalidade ou aceitação para ser um atleta de alto rendimento. A referida superação está presente nos casos em que sujeitos tenham insistido em enfrentar as adversidades, e tenham conquistado medalhas e até representado seus países em grandes eventos esportivos. Esses sujeitos passam a ser considerados vitoriosos, e suas histórias de vida tornam-se exemplos para a prática da superação, que só é possível mediante treinamento e preparação.

A noção de superação através do dispositivo esportivo está atrelada às grandes conquistas, ao número de vitórias, à evolução de um ser inferior a um ser superior, mais rápido, mais forte, capaz de fazer parte de um seleto grupo de competidores. O que mais me chama atenção é que esse modelo de vida esportiva não serve mais apenas como exemplo para os atletas de alto rendimento, mas para a vida, como afirma a atleta Fabiana Murer¹²² no material de apoio:

Todos esses detalhes nos mostram que, mesmo nos esportes individuais, o atleta nunca está sozinho. Ele tem uma equipe ao seu lado, cada um fazendo sua parte, cada um com uma responsabilidade. E tem toda a tecnologia para ajudá-lo a ir sempre mais adiante, mais longe, mais alto, mais rápido, quebrando novos recordes ou não, mas sempre compartilhando os resultados com todo mundo. Por tudo isso, volto a dizer: *o esporte é um bom caminho de vida!* (KIT PJC, 2012, p. 7 – grifo meu).

A noção de superação dos limites possivelmente mantém vínculos estreitos com o pensamento inaugurado entre os séculos XVII e XVIII, que envolve uma visão de homem cujo corpo seria equiparável a uma máquina. Para Sibília (2006), isso ocorreu paralelamente ao processo de mecanização do mundo, avanços da tecnociência, do racionalismo e do capitalismo industrial. Inseridos nesta noção, não há limites para o aprimoramento do corpo e para a busca de melhorias no desempenho humano.

Vivenciamos na atualidade um processo que ultrapassa, ou pretende ultrapassar, os limites *naturais* de seleção na procura por talentos esportivos. Essa busca passa a ser também de ordem tecnológica à procura das melhores e mais recentes formas de extrair a máxima eficiência dos corpos pré-selecionados. Essas formas vão desde equipamentos e métodos de treinamento a roupas de competição e medicamentos. Mas quando se fala sobre o atleta ainda há uma noção de essência esportiva, na qual essa prática é considerada pura e livre de julgamentos, o que fortalece a positividade da utilização do enunciado esportivo nos diferentes discursos para os quais ele serve.

As formas contemporâneas de pensar o esporte de rendimento como um modelo criam discursos e saberes que produzem novas formas de subjetivação, novas maneiras de ser e desejar. São também dispositivos de poder que, nesse caso, possuem maior ênfase na prática do controle do que na disciplina dos sujeitos, e ao mesmo tempo utilizam-se de abordagens convincentes que se revelam cada vez mais potentes.

¹²² O prefácio do *kit* foi assinado pela atleta Fabiana Murer, praticante do atletismo na modalidade do salto com vara. Logo abaixo do nome da atleta, no início do texto, estão descritos os motivos que possivelmente a habilitam a ser autora daquele prefácio: “medalha de ouro no salto com vara no Mundial de Atletismo 2011, em Daegu, Coreia do Sul, com 4,85 metros e melhor atleta em 2010 e 2011 no Prêmio Brasil Olímpico”.

Antes e depois dos grandes eventos esportivos, estaremos mais aptos a preparar nossos atletas? Seremos mais capazes de gerenciar grandes eventos e estádios ou teremos apreendido novas estratégias de marketing? Novas tecnologias da informação e comunicação aplicáveis ao esporte terão sido propostas e testadas? Teremos, até lá, formulado e implementado um modelo integrado de desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação nos esportes? Teremos desenvolvido no país alguma metodologia, tecnologia ou produto capaz de treinar melhor, ensinar melhor, avaliar melhor, alimentar melhor ou recuperar melhor um atleta olímpico ou paraolímpico?

E o cidadão, a pessoa com deficiência, as crianças, as donas de casa, os sedentários e os idosos estarão mais motivados a praticar o esporte ou a atividade física? E saberão como fazê-lo de maneira cientificamente fundamentada? Teremos avançado no conhecimento de como o esporte pode beneficiar (ou prejudicar, eventualmente) nossa saúde ou bem-estar? Entenderemos com mais profundidade o impacto dos grandes eventos sobre as cidades, a economia ou o meio ambiente?

A pesquisa brasileira, nas diferentes áreas do conhecimento, e notadamente naquelas com interface com o esporte, está sendo desafiada a dar respostas a essas perguntas e a outras associadas ao tema. Muitas, certamente, já foram formuladas e respondidas em nossas universidades e centros de pesquisa. Queremos conhecê-las e divulgá-las! (SITE DO PJC, 2012 – 26ª edição)¹²³

Os questionamentos citados ajudam a pensar no modo como esses problemas estão sendo produzidos na direção de posicionar os sujeitos escolares de determinados jeitos, ou seja, a partir de certas representações ligadas à solução de problemas. Além da problemática do nível de *baixo rendimento* da tecnologia esportiva no Brasil, pelo menos para competir nos megaeventos com outros países, coloca-se a problematização de questões de outras ordens que poderiam ser solucionadas a partir da lógica esportiva (saúde, economia, meio ambiente).

5.6 O exemplo do corpo esportivo: o espalhamento das práticas de treinamento (ascese) e preparação (*paraskeué*)

Ao vasculhar o *kit*, proposto para os concorrentes da categoria Ensino Médio, um objetivo comum presente nas diferentes linhas de pesquisa parece bastante claro: desenvolver novas tecnologias para melhorar o desempenho do país nos megaeventos esportivos que foram realizados ou estão em vias de acontecer – sobretudo Olimpíadas e Paralimpíadas (2016) e Copa do Mundo de futebol masculino (2014).

A busca pelo bom desempenho não está atrelada somente aos atletas e a suas marcas individuais (medidas de tempo, distância, altura etc.), mas também a um grupo de pessoas que podem desenvolver possibilidades de melhorias para a obtenção daquelas marcas, como cientistas de diferentes áreas (fisiologistas, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, engenheiros etc.). Os sujeitos que trabalham no desenvolvimento de tecnologias capazes de aprimorar o desempenho dos atletas também têm suas práticas tomadas como exemplos de conduta.

¹²³ Disponível em: <<http://www.jovemcientista.cnpq.br>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Dentre os países citados no *kit*, considerados potências mundiais no esporte, o modelo inglês é destacado e tomado como exemplo. Seus princípios são “trabalhar em parceria com o esporte para melhorar o desempenho através da ciência do esporte e do apoio médico de alta qualidade aos atletas de elite, por meio de uma rede de especialistas e instalações” (KIT PJC, 2012, p. 124). Os envolvidos nestes projetos possuem relevância equivalente à do atleta que executa os gestos esportivos, desde a busca de um sujeito com perfil desejado para um determinado esporte, ou seja, a seleção de atletas, até o desenvolvimento de uma roupa e/ou calçado específico para cada modalidade.

O desenvolvimento de materiais esportivos ganha lugar de destaque no material didático, a fim de demonstrar que o desempenho de um sujeito atleta, de alto rendimento ou não, pode ser ainda melhorado através do desenvolvimento de novas tecnologias. Além disso, a temática também incentiva a exploração de um novo nicho de mercado. Um capítulo inteiro é dedicado à exaltação sobre a relevância e a diferença no desempenho que um equipamento tecnológico esportivo pode proporcionar:

Com a evolução tecnológica das práticas esportivas, ciências antes distantes umas das outras agora se unem na busca de soluções para garantir *mais conforto, segurança e desempenho aos praticantes, profissionais e atletas, durante a execução de suas atividades físicas*. Materiais e design são elementos fundamentais dessa evolução, pois permitem criar produtos esportivos – roupas, calçados, equipamentos – adequados às necessidades dos usuários, conforme as normas e diretrizes de cada modalidade [...]. Os produtos alcançam o sucesso com uma combinação entre o bom projeto técnico e o projeto industrial criativo, na qual os materiais e os processos são usados para garantir a funcionalidade, a usabilidade e a satisfação na compra. O material escolhido, portanto, deve adequar-se perfeitamente ao conjunto de atributos esperados pelo equipamento esportivo, como a forma almejada, o enquadramento nos padrões e regras da modalidade esportiva e o bom desempenho, sem esquecer o respeito ao meio ambiente. (ibidem, p. 70 – grifo meu).

A área de tecnologias da informação também é abordada no *kit* como temática indicada para o desenvolvimento de pesquisas. O incentivo à produção na área traz diversas contextualizações e exemplificações de sua eficácia para a melhoria do desempenho nos esportes. Algumas citações afirmam que a utilização das tecnologias da informação também é relevante para os não atletas, o que reforça minha desconfiança acerca do espalhamento do dispositivo esportivo:

A tecnologia da informação pode melhorar o desempenho de atletas, a prevenção de lesões, a geração de conteúdo para entretenimento, auxiliar os sistemas de arbitragem e estatísticas, dentre muitas outras aplicações. *A demanda por resultados no esporte competitivo propicia o desenvolvimento de tecnologias da informação que podem beneficiar a população como um todo, atletas e não atletas*. (ibidem, p. 88 – grifo meu).

No caso dos não atletas, as tecnologias da informação são sugeridas para utilização como parte de objetivos particulares, executados pelo próprio sujeito, que podem estar vinculados aos desejos, à satisfação, à melhoria da saúde etc. Nesse caso, há uma forma de controle sendo exercida sobre os sujeitos, de forma sutil, através do dispositivo esportivo, que mobiliza a percepção da necessidade de um dever, cuja responsabilidade recai sobre cada sujeito a partir do cuidado de si.

Já o sujeito que exerce a profissão de atleta, quando selecionado, passa a ser regido por um poder disciplinar, menos sutil, que é exercido também pelo outro. O atleta passa a se alimentar, treinar, vestir, conforme o que é produzido e desenvolvido para aquele esporte, a fim de obter o seu máximo desempenho corporal e um pouco mais. A atleta Fabiana Murer conta que precisa do acompanhamento constante de uma nutricionista e precisa seguir algumas prescrições de ingestão de carboidratos à risca. Ela diz que não consegue tomar os isotônicos na forma líquida, então usa carboidrato em gel. “Nos meses que antecedem as competições, [...] preciso ingerir carboidratos de uma em uma hora, além de me hidratar muito bem. Então, tomo primeiro o gel e depois bebo a água” (KIT PJC, 2012, p. 3).

Por meio da governamentalidade esportiva, percebe-se a orientação para a execução de práticas para o exercício de si que nem sempre são agradáveis, mas devem ser superadas. Alguns exercícios demandam o esforço contínuo, um treinamento constante, além da realização de cuidados com o próprio corpo que se assemelham à manutenção de uma máquina. Os corpos considerados reguláveis e aprimoráveis nos esportes de alta *performance* podem ser comparados a máquinas, com períodos de manutenção e sempre em funcionamento, como coloca Sibilía (2006, p. 108): “Um mecanismo de carne e ossos, habitado por uma entidade misteriosa com características vagamente divinas: chame-se alma, mente ou consciência, é um ‘fantasma’ capaz de animar aquela carcaça toscamente material – o corpo”.

Talvez o que mais me preocupe na ocorrência do espalhamento da governamentalidade esportiva para os sujeitos comuns, ou seja, do dispositivo esportivo como uma forma de condução da conduta para a vida cotidiana, seja aquilo que ainda há pouco mencionei através das palavras de Foucault (2010a, p. 288): “O problema é que o atleta é aquele, portanto, que se dota de frases efetivamente ouvidas ou lidas, por ele efetivamente lembradas, re-pronunciadas, escritas e reescritas. São lições do mestre, frases que ouviu frases que disse, que disse a si mesmo”.

No *kit*, percebe-se a legitimidade atribuída a atletas ou ex-atletas e treinadores para abordarem os assuntos relacionados aos esportes. Eles são os mestres que pronunciam as

orientações em seus discursos persuasivos. Mas não são quaisquer sujeitos, pois isso dependerá das suas conquistas em competições, principalmente em grandes eventos. Somente assim eles se tornam habilitados para darem sugestões, dicas e conselhos de conduta a fim de que os demais sujeitos possam alcançar o mesmo sucesso que eles nas competições esportivas e na vida cotidiana. A própria legitimação dos sujeitos que podem pronunciar discursos orientadores dependerá dos saberes práticos que possuem e do poder que lhes foi atribuído através da conquista dos melhores desempenhos e maiores premiações. Nesse mesmo sentido, ainda há a conseqüente visibilidade, principalmente midiática, gerada para aqueles considerados campeões, de qualquer ordem que pode aumentar ainda mais sua legitimidade discursiva.

5.6.1 Experts: os legitimados a convencerem através do discurso esportivo

Início com uma citação que nos ajuda a pensar: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2011, p. 9). Com isso, quero levantar a possibilidade de compreender quem são os sujeitos que interagem com os discursos esportivos. Ou melhor, compreender quem são os sujeitos que pronunciam tais discursos e, mais do que isso, quem são os sujeitos capazes de convencer à prática do exercitar-se através de discursos orientadores. Gostaria de reconhecer quem são os sujeitos anônimos que dizem, quando Deleuze (1998, p. 64) fala que “primeiro é um DIZ-SE, murmúrio anônimo no qual posições são apontadas para sujeitos possíveis: ‘um grande zumbido incessante e desordenado do discurso’”.

Diante de inúmeros dispositivos de governo presentes na contemporaneidade, têm se destacado as políticas que tratam da expertise do eu ou expertise da subjetividade (ROSE, 1988). Pode-se considerar que esse novo domínio tenha possibilitado a geração de uma gama de *experts*¹²⁴ capazes de sugerir, afirmar, diagnosticar e prescrever como deve ser o eu de cada um de nós. Igualmente, tem se percebido em atletas, ex-atletas e treinadores de esportes a possibilidade – e principalmente têm-se lhes sido atribuída a visibilidade e a legitimidade – de que nos ensinam sobre a administração de nossas vidas através do dispositivo esportivo.

¹²⁴ Nikolas Rose denominou-os “engenheiros da alma humana” (1988, p. 32).

Como sugere Weinstein (1993), existem pelo menos duas formas de expertise, uma epistêmica e outra performática, que basicamente se distinguem por “saber de que”, ou saber-saber, e “saber como”, ou saber-fazer. Assim, um *expert* epistêmico deve ser capaz de oferecer fortes justificativas para uma série de proposições dentro de um domínio específico, e um *expert* performático deve ser capaz de executar bem as habilidades que também pertencem a um domínio específico. No entanto um *expert* epistêmico não precisa ser capaz de executar bem as habilidades que explica, tampouco um *expert* performático precisa saber explicar como executa suas habilidades.

As transformações sempre necessárias, exigidas através do incentivo à prática do exercitar-se, perpassam inclusive o campo científico pelo auxílio da ferramenta esportiva. Mesmo que as pesquisas sejam pensadas por *experts* epistemológicos (pesquisadores, professores etc.), o modo de execução no desenvolvimento destas pesquisas também tem sido gerido sob influência do dispositivo esportivo. Os peritos em esportes, aqueles profissionais que possuem o domínio da prática (treinadores esportivos, *personal trainers*, professores, instrutores etc.), orientam quanto às formas de execução das atividades na vida, inclusive no trabalho, em relacionamentos, na família e em outros âmbitos.

Temos, então, um sistema circular onde mesmo a produção de conhecimento está sob a influência de um modo de ser esportivo, sob o domínio dos *experts* da prática. Os peritos em esportes possuem relevância nos diferentes domínios, ao tratarem das tarefas de condução e controle da sociedade que se apresentam como mais eficazes atualmente. Essas tarefas incluem o constante exercício de si mesmo direcionado ao treinamento e à preparação dos sujeitos para as diferentes atividades da vida, onde os *experts* nos esportes se demonstram bem-sucedidos através da aquisição de resultados.

Ao se referir aos *sistemas experts*¹²⁵, Giddens (1991) trata de sistemas considerados de excelência técnica ou competência profissional que conduzem grandes áreas de funcionamento da sociedade em que vivemos, tanto material como social. Esses profissionais, os *experts*, são consultados periodicamente, portanto suas orientações ou discursos persuasivos estão integrados e atrelados aos sistemas sociais, influenciando diretamente no que fazemos cotidianamente¹²⁶.

Os *experts* têm uma relevância muito grande nos modos de vida da sociedade contemporânea e atuam com impacto profundo no mundo. Apoiamo-nos, confiamos

¹²⁵ *Experts knowledge* no original. Podemos encontrar em algumas traduções ainda o termo “sistemas peritos”.

¹²⁶ Como exemplo, o autor descreve que, mesmo conhecendo muito pouco sobre os códigos utilizados por um arquiteto na construção de nossas casas, temos fé no que ele fez. A fé não é tanto pela sua competência, mas sim na legitimidade do conhecimento perito que ele aplica (1991, p. 30).

constantemente no que dizem estes indivíduos para que nos ajudem a levar vidas mais saudáveis e seguras (WEINSTEIN, 1993). Para a pessoa leiga, ou para o sujeito objeto de discursos, “a confiança em sistemas peritos não depende nem de uma plena iniciação nestes processos nem do domínio do conhecimento que eles produzem. A confiança é inevitavelmente, em parte, um artigo de ‘fé’” (GIDDENS, 1991, p. 31). Para este autor, há um elemento pragmático na “fé”, pautado nas experiências relatadas de que tais sistemas geralmente funcionam, e assim produz-se ou aumenta-se a esperança de que eles realmente o façam.

5.7 Produção de sujeitos e saberes: à guisa de conclusão

Neste trabalho, procurei analisar o PJC de 2012, que trouxe um assunto em destaque na sociedade contemporânea, mas incomum nesse tipo de evento: a utilização da tecnologia nos esportes. Assumi a intenção de pensar os discursos inseridos no contexto do PJC 2012, dispersados através do dispositivo esportivo e, assim, refleti sobre a utilização das noções que compõem as práticas esportivas. A partir da tematização do esporte, percebi os diferentes discursos que têm sido visibilizados através dessa edição do prêmio. Além disso, foram visibilizadas através do PJC 2012 algumas formas de abordagem da temática esportiva, como, por exemplo, quem pode falar (*experts* da prática esportiva) e como se fala (tom prescritivo) sobre a prática esportiva como um modelo de conduta para a vida.

Não é minha intenção dizer *como deveria ser feito*, mas procurei levantar possibilidades de pensar sobre esse evento e não deixar que ele simplesmente passe por nós, ou até mesmo diga por nós. Acredito tratar-se de uma intervenção bastante emblemática para ser ignorada. A intenção também não foi trabalhar para modificar os objetivos do PJC, mesmo que por vezes eu discorde do papel ao qual ele se propõe; a ideia foi elaborar uma análise em torno do problema da governamentalidade esportiva e do uso de tecnologias para o governo de si, o cuidado si e o governo dos outros. A partir do que o próprio PJC diz, reflito que não é apenas o evento que tem produzido saberes e sujeitos, mas esse prêmio é também um efeito da própria sociedade contemporânea.

Na medida em que lança um tema relevante para a população brasileira, o PJC também estabelece a comunicação entre a comunidade científica e a sociedade: por um lado, a sociedade dá contexto ao prêmio, na medida em que os temas escolhidos têm origem nos problemas sociais sinalizados em programas de governo; por outro lado, a transferência de resultados efetivos para a sociedade ou a transformação em produtos, políticas ou regulamentações, dá concretude à pesquisa. [...]. Ao identificar resultados de pesquisa e pesquisadores aptos a contribuir para a busca de

soluções para determinados problemas nacionais, o prêmio fortalece tanto as políticas de governo, quanto induz a elaboração e a implementação de novas políticas públicas. (KIT PJC, 2012, p. 50-51).

De forma mais localizada, o PJC interfere diretamente na rotina das escolas que participam da categoria Ensino Médio. As atividades de produção das pesquisas direcionadas ao prêmio são realizadas nas próprias escolas pelos alunos, junto com seus professores orientadores. Como não poderia ser diferente, esses trabalhos são executados no período de aula e os orientadores são os professores de classes regulares, portanto pode-se dizer que a dedicação ao prêmio também compõe parte do currículo escolar. Esse envolvimento também ocorre em outros níveis do prêmio, como graduandos e graduados bastante motivados pela premiação¹²⁷. Há um investimento razoável realizado em torno do evento: apenas em premiações, somavam-se 600 mil reais em 2012, e foram 800 mil reais em 2015, entre dinheiro, *laptops* e bolsas de estudo.

Ao lançar um tema e suas linhas de pesquisa, o prêmio sinaliza para a relevância das questões e estimula os pesquisadores dos diversos níveis de formação a oferecerem ideias e soluções aos problemas a serem enfrentados. Temas aglutinadores de várias áreas do conhecimento permitem análises sob diferentes perspectivas e conduzem ao entendimento cada vez mais profundo do problema. O prêmio dá visibilidade aos pesquisadores e às pesquisas que estão em pauta no país, atraindo outros pesquisadores e abrindo portas para novos contatos. O processo gera uma ampla reflexão nos diversos setores e entre atores da sociedade: comunidade científica, estudantes e professores do Ensino Médio, governo e população em geral. (KIT PJC, 2012, p. 48).

No excerto acima, é trazida a relevância do PJC, com destaque à sua utilidade e ao seu alcance dentre os diferentes sujeitos envolvidos, e ainda os que poderão ser atravessados pelas intencionalidades colocadas nesse evento e os efeitos que serão produzidos a partir dele. Assim, torna-se ainda mais importante a produção de questionamentos sobre esse movimento gerado a partir da mobilização em torno do PJC. Penso que serão bem-vindas novas produções tanto sobre essa edição do prêmio, como de outras.

O direcionamento do prêmio, o modo como ele está organizado e também como tem utilizado a motivação esportiva como exemplo de conduta fazem-me refletir em relação aos discursos gerados sobre o que é *não dito*, ou seja, produzem-se também efeitos sobre aqueles que não vencem as disputas, não superam os desafios e não são os *melhores*. E do mesmo modo que são produzidas relações dos efeitos de sucesso com a execução do exercício ou práticas de si orientadas, também são gerados os mesmos efeitos para explicar a causa do

¹²⁷ Não encontrei registros sobre os valores especificamente repassados por cada um dos apoiadores do evento, que em 2012 foram Gerdau, GE e Fundação Roberto Marinho (instituições privadas) e CNPq, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Governo Federal (instituições públicas).

insucesso. Esta estaria diretamente relacionada à não execução das práticas de si ou a má execução das práticas orientadas para a formação de um bom atleta da vida.

No PJC 2012, o esporte foi percebido como um potente meio para a transmissão de saberes e discursos. O prêmio procurou construir vinculações do modelo esportivo à vida cotidiana através de qualidades como a noção de produtividade, superação das capacidades humanas e bom desempenho. Tais características esportivas estão atreladas aos desafios, às disputas e ao alcance de conquistas na vida, como no trabalho e/ou na escola e universidade, como em uma competição esportiva.

6 CONSIDERAÇÕES GERAIS

- O senhor está muito distante de Sartre, que nos dizia: “O poder é o mal”.
- Sim, e frequentemente me atribuíram essa ideia, que está muito distante do que penso. O poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos. Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto, em que as coisas poderão se inverter, não é o mal; isso faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas: a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de êthos, de prática de si e de liberdade. (FOUCAULT, 2004a, p. 284-285).

Com o sentimento de não ter terminado completamente, mas com a necessidade de encontrar um formato final para esta tese, apresentarei agora algumas considerações sobre o trabalho como um todo, que chamo de considerações gerais. Foram quatro anos de estudos, leituras, pesquisas, concursos, mudanças, enfim... Parecia muito tempo, afinal eram quatro anos pela frente. Quatro anos seria muito tempo se a vida pudesse parar e nos esperar, se os desafios, as vontades e as dificuldades aguardassem pacientemente por aquele *depois da tese*.

Apresento aqui as reflexões sobre o processo de acompanhamento de um movimento que chamei de *dispersão do dispositivo esportivo*, ou seja, a transposição da lógica esportiva para outros domínios da vida contemporânea. Com esse movimento, considerei que a lógica esportiva deixou de constituir verdades apenas para atletas, treinadores e pessoas envolvidas com a prática esportiva de alto rendimento. Hoje, a partir da lógica esportiva, constituem-se verdades também para os mais diferentes domínios da vida cotidiana. O dispositivo esportivo aparece de tal forma na sociedade, com tanta visibilidade e poder, que já não funciona mais exclusivamente quando o esporte, propriamente dito, está sendo praticado.

Neste estudo, tratei da atuação do dispositivo esportivo através da governamentalidade foucaultiana como ferramenta teórico-metodológica. Meu objeto de pesquisa, o dispositivo esportivo, foi percebido como uma forma de gerenciamento para a vida que produz modos de ser e agir na sociedade atual, identificado em manifestações como as olimpíadas escolares, os livros de autoajuda relacionados ao esporte e o Prêmio Jovem Cientista 2012. Assim, discuti sobre as formas de subjetivação dos indivíduos através das diferentes manifestações do dispositivo esportivo.

Foi necessário realizar a problematização de certas verdades, ou de discursos tomados como verdadeiros, ou ainda das formas pelas quais determinadas práticas ensinam e demarcam relações e posições sociais. São as verdades que funcionam atreladas a sistemas de poder e à manutenção de um *status* verdadeiro (regimes de verdade) que procurei problematizar. Verdades como as que estão inseridas nas noções de capitalismo, liberalismo e neoliberalismo, que são também produtos de regimes de verdade. A partir do exercício problematizador, observei que o dispositivo esportivo atua na produção de regimes de verdade principalmente com a utilização de orientações prescritivas de práticas atreladas ao esporte, ou seja, formas de exercitar-se que produzem modos de sujeição dos indivíduos que tomam tais discursos como verdadeiros.

O dispositivo esportivo, operacionalizado através das olimpíadas, biografias e do Prêmio Jovem Cientista, apresenta-se como uma tecnologia de governo, pois através dele é possível moldar, instrumentalizar e normalizar as condutas dos indivíduos. A partir da análise da dispersão desse dispositivo, para além da prática esportiva, foi possível refletir sobre como essa estratégia tem se efetivado em práticas de orientação para a conduta dos sujeitos. Observei que os inúmeros enunciados, discursos, estratégias, táticas, instituições etc. são produtos da sociedade em que vivemos, bem como são as próprias peças na engrenagem da governamentalidade neoliberal, pois auxiliam na produção e manutenção dos propósitos orientados pela economia de mercado.

As tecnologias de governo analisadas – olimpíadas escolares, biografias esportivas e PJC 2012 – demonstraram-se ferramentas com vasto potencial para o alcance dos objetivos de governar sujeitos, sobretudo em direção a metas socioeconômicas. A utilização do modelo esportivo para a conduta de sujeitos reforça ideias como a de responsabilização e conformação dos indivíduos percebidos na naturalização e consequente aceitação da desigualdade de oportunidades, não só no mercado de trabalho, mas também quanto ao descanso, ao conforto, à família etc.

Conforme apresentei ao longo do trabalho, a lógica esportiva participa tanto do governo dos outros como do governo de si, desdobrando-se em múltiplas e diferentes estratégias de governo. Com isso, ficou mais perceptível a ideia de que a regulação através das práticas de governo não está centralizada em apenas uma razão ou causa específica e, principalmente, que não possui um único agente controlador que detém o poder exclusivo de governar os sujeitos. Foi possível perceber a existência de diferentes formas de governar em direção a propósitos semelhantes, sobretudo relacionados à governamentalidade neoliberal.

Em meu percurso, identifiquei questões sobre o gerenciamento da vida pautado na produção de sujeitos que devem exercitar-se a fim de manterem-se preparados para as diferentes situações da vida. As formas de preparação e as competências a serem aprendidas são guiadas geralmente para situações de trabalho exigidas pelo mercado. Ser um campeão nas olimpíadas escolares, um atleta da vida ou empreendedor de si mesmo, ou um jovem cientista premiado, são formas de demonstrar as aptidões de sujeitos produzidos em atividades constantes de esforço e superação individual. Tal superação beneficia a própria governamentalidade neoliberal, que tem a população como seu objeto, a ser tornado produto, e a economia como seu saber mais importante, a ser aprendido, cultivado e desenvolvido pelos mesmos sujeitos. Assim, os sujeitos produzidos por essas tecnologias passam a exercitar-se de acordo com as orientações transmitidas pelos modelos de sucesso, a fim de alcançarem diferentes objetivos de uma doutrina econômica, como se fossem os objetivos de suas vidas – esses sujeitos são os atletas da vida.

Percebi que o dispositivo esportivo é uma forma de poder capaz de fornecer orientações de como os sujeitos devem conduzir suas vidas em qualquer setor da sociedade, sempre direcionados à ideia de buscar o sucesso, dentro do que se normatizou ser o sucesso. Já é possível notar, inclusive, que aquilo que se chama de processo de esportivização não serve mais apenas para se referir às práticas da cultura corporal, mas serve também às relações de trabalho e até ao cuidado com a própria vida. A possibilidade de realizar uma metáfora da vida através do esporte faz com que exemplos do esporte sirvam de modelo para conduzir como se deve fazer para vencer em uma situação de trabalho, ou para educar filhos, por exemplo.

Algumas características marcam a orientação para noções muito próximas àquelas identificadas no projeto neoliberal, como a sujeição, o disciplinamento e o controle, a aceitação das desigualdades pelo merecimento ou a culpabilização do indivíduo, a aquisição permanente de habilidades e o treinamento constante. Nota-se que os modelos esportivizados são utilizados em estratégias para o desenvolvimento econômico, principalmente nos quesitos concorrência, treinamento e superação. Ressaltei que o modelo esportivo não atua apenas como um auxiliar, mas age na sociedade contemporânea como uma nova forma do exercício de si mesmo (*ascese*) para o alcance dos conhecimentos técnicos (*episteme praktiké*) exigidos para ingressar e permanecer no mercado de trabalho (sobrevivência).

Ao longo deste trabalho, procurei demonstrar manifestações que eram enfatizadas constantemente nos elementos do dispositivo esportivo analisados: a orientação de seguir com disciplina na trilha do caminho correto (sem desvios) e a orientação de superar as dificuldades

(sejam quais forem), para a obtenção do sucesso. É possível notar que, para se alcançar isso, será necessário manter um determinado tipo de comportamento pautado na ação, para o qual o exemplo e a crença na lógica esportiva têm um papel fundamental. A prática esportiva e a sua metaforização permitem que os sujeitos sejam conduzidos aos valores da ação, principalmente ao serem convencidos de que por meio da ação – ou seja, do exercício de si mesmos – conseguirão conquistar qualquer coisa em suas vidas.

A governamentalidade neoliberal aparece como uma das principais condutoras da individualização centralizada na valoração de competências. O conjunto de verdades que a compõem e a sustentam conduz à constituição de sujeitos crentes no exercício de si mesmos como forma de alcançar o sucesso na vida. Para isso, o modelo esportivo é tomado como referência para a prática do exercitar-se. Durante minha perseguição às manifestações do dispositivo esportivo, ficou evidente a existência de uma orientação geral para que os indivíduos treinem e estejam preparados para qualquer situação. Assim como um atleta se prepara para uma competição esportiva de alto rendimento, todos os indivíduos devem se preparar para enfrentar as diferentes situações da vida, e vencer em todos os casos.

A análise da governamentalidade colocou-me diante de diferentes tecnologias de governar, a si mesmo e aos outros, que conduzem a um modo muito semelhante de pensar no verdadeiro. Também foram observadas formas semelhantes de ser e agir, e ainda de defender estas verdades como as formas corretas de conduzir a vida. Portanto um dos efeitos visíveis é o reconhecimento dos sujeitos nas manifestações e a apropriação das práticas do dispositivo esportivo, tomadas para si como verdades.

Os discursos, as práticas, os sujeitos, as imagens que compõem o dispositivo esportivo são fundados na razão, pronunciam o verdadeiro e prescrevem o que os sujeitos devem fazer de suas vidas e como isso deve ser feito. Não são meramente palavras ou gestos; são práticas convincentes, persuasivas, que não apenas mostram o que é verdadeiro, mas também indicam, ordenam e conduzem os sujeitos até a prática da verdade. O poder de convencimento do dispositivo esportivo é tão perigosamente sutil que conduz os sujeitos e os envolve de tal forma que estes se sentem parte daqueles mecanismos e livres por terem realizado uma escolha, ou melhor, a escolha correta.

Utilizando as palavras de Foucault na epígrafe acima, encerro este trabalho levantando certo clima de continuidade. O problema, como o autor diz, não está no poder. O poder não é o mal e não é ruim em si mesmo. O problema está nos efeitos de dominação, naquilo que os sujeitos, os próprios governados, fazem para governar os outros sujeitos e fazer com que eles conduzam a si próprios de uma maneira específica. A análise das formas de dominação e seus

efeitos são importantes, pois podem nos permitir apontar para o caminho das possibilidades, múltiplas, na investigação, na tarefa de ensinar, aprender, transmitir, conversar etc., e assim, quem sabe, contribuir para o surgimento de novas perspectivas para pensar a disposição da vida.

Inúmeras são as formas de exercício do poder por meio do dispositivo esportivo que ainda podem ser analisadas, através da governamentalidade ou de outras ferramentas teórico-metodológicas. Posso afirmar que utilização da governamentalidade me desafiou a olhar e tentar compreender o emaranhado de estratégias e relações presentes em nosso cotidiano. Isso pode nos levar a questionar os mecanismos de organização e os meios de circulação da verdade, mesmo que estes pareçam inabaláveis.

Os domínios de intervenção do dispositivo esportivo são muitos e estão a se expandir em diferentes modalidades de produção de sujeitos contemporâneos. Portanto há muitas relações de poder carentes de reflexões, questionamentos e problematizações sobre os processos de produção de significados e saberes específicos, que resultam em efeitos para determinados indivíduos. Nunca foi minha pretensão, nem de longe, esgotar este assunto aqui, muito pelo contrário. Espero ter suscitado outras possibilidades de reflexão também na mesma temática, a partir dos esforços empreendidos neste trabalho.

REFERÊNCIAS¹²⁸

AVELINO, Nildo. Apresentação: Foucault e a anarqueologia dos saberes. In: FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980: excertos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010. p. 7-27.

_____. Governamentalidade e democracia liberal: novas abordagens em Teoria Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 81-107, jul. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BELFORT, Vitor. **Vitor Belfort: lições de garra, fé e sucesso**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2012. Prefácio de Bernardinho.

BERNARDINHO (Bernardo Rocha de Rezende). **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

_____. **Cartas a um jovem atleta**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2007.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983. p. 136-153.

_____. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

_____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRACHT, Valter. Esporte e poder. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., Brasília, 1989. **Anais...** Curitiba: CBCE, 1989.

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2016.

¹²⁸ Para a elaboração dos referenciais, utilizei o Mecanismo Online para Referências (MORE), disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/inicio>>.

BRUSEKE, Franz J. Uma vida de exercícios: a antropotécnica de Peter Sloterdijk. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 163-174, fev. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2015.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Empreendedorismo, autocrítica e flexibilidade: problematizando traços da cultura gestonária de vida nos discursos de pedagogos em formação. **Currículo Sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 470-498, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/index.htm>>. Acesso em: 28 set. 2015.

CASTELLS, Manuel. As novas fronteiras do método sociológico. **Análise Social**, Lisboa, v. 9, n. 3-4, p. 493-525, 1972.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 171-186, 2009.

DAMICO, Jose Geraldo Soares. **Juventudes governadas**: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e Grigny Centre (França). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. Como olhar e pensar o corpo jovem. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 153-164, ago. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622012000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2016.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-163.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Foucault**. Lisboa: Vega, 1998.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUNGY, Tony; WHITAKER, Nathan. **Fora do comum**: lições sobre integridade, ética e coragem de um dos maiores treinadores de futebol americano. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. (Coleção na vida como no esporte). Apresentação de Bernardinho.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/17016/24330>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

FIMYAR, Olena. Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 35-56, 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013. v. 1. p. 123-151.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264 - 287.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004b.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. (Coleção tópicos).

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c. (Coleção tópicos).

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010b.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **História da sexualidade (II): o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2012.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Gustavo da Silva. **Espírito de seleção: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2009.

FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 163-180, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/38628>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar E. Estermann; PARAÍSO,

Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 9-14.

GIBA (Gilberto Amauri Godoy Filho); MONTES, Luiz Paulo. **Giba Neles!** São Paulo: Globo, 2015.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

JORDAN, Michael. **Nunca deixe de tentar**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. (Coleção na vida como no esporte). Apresentação e comentários de Bernardinho.

KIT PJC. **Material de Recurso Pedagógico**. 2012. Disponível em: <<http://www.jovemcientista.cnpq.br>>. Acesso em: 4 abr. 2013.

LEME, João Pedro Paes. O descobridor de virtudes (prefácio). In: BERNARDINHO (Bernardo Rocha de Rezende). **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 13-15.

LEWIS, Michael. **Treinador: lições sobre o jogo da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010. (Coleção na vida como no esporte). Apresentação e posfácio de Bernardinho.

LIMA, Ronaldo Nazário de. Na teia do Aranha (prefácio). In: SILVA, Anderson. **Anderson Spider Silva: o relato de um campeão nos ringues da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Depoimento a Eduardo Ohata. p. 11-12.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 7-34.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: _____; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 47-61.

MELO, Marcelo Paula de. A Vila Olímpica da Maré e as políticas públicas de esporte no Rio de Janeiro: um debate sobre a relação lazer, esporte e escola. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 89-106, dez. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2884>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

OHATA, Eduardo. (Apresentação). In: SILVA, Anderson. **Anderson Spider Silva: o relato de um campeão nos ringues da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Depoimento a Eduardo Ohata.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar E. Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 23-45.

PIRES, Guilherme de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física**, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

PORTOCARRERO, Vera. **As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

PREMIO JOVEM CIENTISTA. **30 anos revelando talentos e impulsionando a pesquisa**. 2012. Disponível em: <<http://www.jovemcientista.cnpq.br>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

RAMOS DO Ó, Jorge. A governamentalidade e a história da escola moderna: outras conexões investigativas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago., p. 97-118, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

REZENDE, Flávia; OSTERMANN, Fernanda. Olimpíadas de ciências: uma prática em questão. **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132012000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2015.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 30-45.

_____. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 34-57, jan./jun. 2001.

RUBIO, Katia. **Medalhistas olímpicos brasileiros: histórias, memórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. O dispositivo de (bio) medicalização, as neurociências & o currículo na produção de corpos medicalizados na escola contemporânea. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; VILELA, Rita Amélia; SALES, Shirlei Rezende (Orgs.). **Desafios contemporâneos sobre currículo e escola básica**. Curitiba: CRV, 2012. v. 1, p. 181-204.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187-201, maio/ago. 2009.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2005.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital). **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 6, 2006.

SILVA, Anderson. **Anderson Spider Silva**: o relato de um campeão nos ringues da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Depoimento a Eduardo Ohata. Prefácio de Ronaldo Nazário de Lima.

SILVA, Marcelo Moraes e. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar**: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**: estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Pedagogia e autoajuda: o que a sua autoestima tem a ver com o poder. In: SCHIMIDT, Sarai (Org.). **Educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 41-44.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; RIGO, Luiz Carlos. O programa passaporte biológico: considerações sobre o governo dos atletas. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 495-506, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/48211/34227>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

SLOTERDIJK, Peter. **Has de cambiar tu vida**. Valencia: Pre-Textos, 2012.

TRAVERSINI, Clarice Salete; BELLO, Samuel Edmundo López. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia para governar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 135-152, maio/ago. 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar de outro modo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetivações. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000. p. 179-217.

_____. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-34.

_____. Governo ou governmento. **Currículo sem Fronteiras**, v. 5, n. 2, p. 79-85, jul./dez. 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEINSTEIN, B. D. What is an expert? **Theoretical Medicine**, v. 14, p. 57-73, 1993.

WOODEN, John. **Jogando para vencer**: a filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2010. (Coleção na vida como no esporte). Apresentação e comentários de Bernardinho.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Tabela dos dados de propagação das olimpíadas escolares

		Resultados de busca ¹²⁹	Acessos/cadastrados no site de cada olimpíada	Seguidores no Twitter	Curtidas (likes)
1	Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) < http://www.obm.org.br/ope ncms > © 2000-2014 Associação Olimpíada Brasileira de Matemática (AOBM). Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)” Aproximadamente 13.400 resultados	Não informado	Encontrado como assunto, mas não como usuário da rede	3.100
2	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) < http://www.obmep.org.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)” Aproximadamente 71.400 resultados	Não informado	Encontrados cinco perfis não oficiais	35.995
3	Olimpíada de Língua Portuguesa < https://www.escrevendoofuturo.org.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada de Língua Portuguesa” Aproximadamente 341.000 resultados	254.099 usuários cadastrados	2.478 (participa desde abril de 2010) @OlimpiadaLP	15.552
4	Olimpíada do Conhecimento < http://www.senaiolimpiadas.com.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada do Conhecimento” Aproximadamente 192.000 resultados	Não informado	7.235 (participa desde agosto de 2009) @SENAI_Olimpiada	95.463
5	Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) < http://www.olimpiadadehistoria.com.br/6-olimpiada/inicio/index > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)” Aproximadamente 2.890 resultados	Não informado	312 (tempo de participação da rede não informado) @ONHB_UNICAMP	63.615
6	Olimpíada Brasileira de Física (OBF) < http://www.sbfisica.org.br/v1/olimpiada > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Física (OBF)” Aproximadamente 6.910 resultados	Não informado	1.149 (participa desde maio de 2009) @obfisica	Não informado
7	Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP) < http://www.sbfisica.org.br/~obfep > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP)” Aproximadamente 1.760 resultados	Não informado	Encontrado como assunto, mas não como usuário da rede	Não informado

¹²⁹ Fonte/busgador: <<http://www.google.com.br>>; ferramentas de pesquisa: (1) em Português; (2) ao pé da letra.

8	Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB) < http://www.anbiojovem.org.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB)” Aproximadamente 2.100 resultados	Não informado	Encontrado como assunto, mas não como usuário da rede (informações vinculadas ao usuário Conselho Federal de Biologia @CFBio, com utilização de #Olimpiadasbiologia)	749
9	Programa Nacional Olimpíadas de Química (brasileira, júnior, norte/nordeste internacionais, estaduais) < http://www.obquimica.org > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Programa Nacional Olimpíadas de Química” Aproximadamente 2.710 resultados	1.103.126 visualizações	Encontrados apenas usuários de etapas estaduais @obquimica @oqdors	4.010
10	Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (OBSMA) < http://www.olimpiada.fiocruz.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (OBSMA)” Aproximadamente 1.410 resultados	Não informado	441 (participa desde novembro de 2008) @obsma	2.154
11	Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR) < http://www.obr.org.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR)” Aproximadamente 8.450 resultados	181.288 visualizações	Encontrado como assunto, mas não como usuário da rede	2.157
12	Olimpíada Brasileira de Agropecuária (OBAP) < http://www.obap.agr.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Agropecuária (OBAP)” Aproximadamente 2.870 resultados	Não informado	Informações vinculadas ao usuário Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSULDEMINAS @pppisulmg	1.423
13	Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) < http://www.oba.org.br/site > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA)” Aproximadamente 19.300 resultados	8.199.797 acessos desde 10/01/2009	Encontrado como assunto, mas não como usuário da rede	13.803
14	Olimpíada de Biodiversidade e Ciências da Vida para o Ensino Médio Sítio não encontrado	Descritor: “Olimpíada Brasileira de Biodiversidade e Ciências da Vida” 5 resultados	Não encontrado	Não encontrado	Não encontrado
15	Jogos Escolares da Juventude < http://jogosescolares.cob.org.br > Acesso em: 12 fev. 2015.	Descritor: “olimpíadas escolares” Aproximadamente 225.000 resultados	Não informado	6.881 (participa desde agosto de 2009) @JogosEscolares	45.404

APÊNDICE B – Lista dos alertas criados no Google para recebimento de sinalização das publicações referentes aos temas pesquisados

Monitorar a Web para ver conteúdo novo e interessante

🔍 Criar um alerta sobre...

Meus alertas (20) 

"Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)"		
Jogos Escolares da Juventude		
Olimpíada Brasileira de Agropecuária (OBAP)		
Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astro...		
Olimpíada Brasileira de Biologia		
Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB)		
Olimpíada Brasileira de Física (OBF)		
Olimpíada Brasileira de Física das Escolas ...		
Olimpíada brasileira de matemática das es...		
Olimpíada Brasileira de Robótica		
Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR)		
Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambi...		
Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambi...		
Olimpíada de Biodiversidade e Ciências da ...		
Olimpíada de Língua Portuguesa		
Olimpíada do Conhecimento		
Olimpíada Nacional em História do Brasil		
Olimpíada Nacional em História do Brasil (...)		
Programa Nacional Olimpíadas de Química		

APÊNDICE C – Tabela de análise da biografia de Bernardinho (2006)

Categorias	Convencimento	Técnica/orientação	Excertos
Atletas da vida	Transposição do discurso esportivo para a vida cotidiana/comum.	Trilhar caminhos para a vitória, encarar os desafios e pressões, e o mais importante... se manter no topo.	Aos meus “primeiros treinadores”, Condorcet e Maria Ângela [pais], a minha primeira equipe – Rodrigo, Guilherme, Patrícia e Eduardo [irmãos] – e aos grandes reforços Fernanda, Bruno, Júlia e Vitória [segunda esposa e filhos do primeiro e segundo casamento]. <u>No vôlei como na vida</u> valem os mesmos princípios... O objetivo é associar os valores e os princípios esportivos ao processo de educação. Talvez por seu cunho absolutamente democrático, o esporte suscita em muitos de seus praticantes a necessidade de compartilhar suas experiências com outros.
Sucesso/vitória	Manutenção do esforço coletivo somado à orientação do talento individual, que desorientado pode fracassar.	TRABALHO + TALENTO = SUCESSO “fazedor de craques”. Esgotamento “físico e mental” para alcançar o merecimento. Buscar experiências bem-sucedidas em diferentes áreas, como estratégias, projetos e gestão de pessoas. PIRÂMIDE DO SUCESSO	É melhor lapidar até a exaustão o talento médio (e determinado) do que tentar polir o diamante preguiçoso que não deseja polimento. O objetivo maior de quem treina uma equipe é desenvolver talentos. Só chegaremos à vitória se nos entregarmos como um verdadeiro time ao treinamento, à preparação, ou seja, a educação.
Transformação/superação	O objeto de domínio são as pessoas, a serem conduzidas biopoliticamente. OBJETIVO FIM: TRANSFORMAR PESSOAS/BRASIL	Cooperação, solidariedade, trabalho em equipe, cumplicidade, ética, respeito, vontade, disposição, disciplina, talento	Espero que este livro inspire a busca da excelência, uma filosofia de vida que me norteia e me anima desde pequeno. Assim como tento fazer com os jogadores, gostaria de ajudá-lo a sair da zona de conforto, a descobrir no seu imenso potencial de contribuição e a encarar cada dia como uma oportunidade de dar o melhor de si mesmo.
Disciplina	Lemas positivistas que influenciaram sua vida: “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim; prever para prover etc.”	Lições de perseverança e motivação (aprendeu com as bambuzadas levadas do mestre de Judô). Determinação, seriedade e força interior.	O merecimento é um sentimento bom [para quem merece dentro do que foi estabelecido], alentador, construtivo. É o que permite que se diga: “eu mereci o que conquistei porque fiz por onde, preparei-me, trabalhei honestamente, fui disciplinado, consciente, sério e cultivei hábitos compatíveis com o que faço”. O que também é simples. Não tinham grande talento, mas sabiam perseverar [sobre a geração de prata].

Concorrência	A relevância daqueles que não conseguem alcançar os espaços destacados e ditos de merecimentos servem a todo o esquema para empurrar, estimular aqueles com melhores condições e oportunidades, através da ameaça de que podem perder seus lugares.	A preparação, a entrega irrestrita ao aperfeiçoamento físico e técnico (quase sempre demandando sacrifícios), estes sim deveriam ser os primeiros pensamentos de todo jovem atleta. Sem isso, os bens e todo o resto não passam de um sonho. MERECIMENTO	Os reservas de uma equipe são importantes porque desafiam diariamente os titulares a serem melhores. No vôlei/tênis... não há contato físico, pois a rede separa os adversários e, portanto, não há como impedir que o seu oponente jogue. A única forma de superá-lo é sendo mais eficiente que ele. [...] O mesmo acontece no mundo corporativo: não há como impedir que seu concorrente produza resultados. A única forma de vencê-lo é sendo mais eficiente nas próprias ações e ocupando espaços, caso contrário ele o fará. [E a solidariedade?] Ninguém treinou tanto, ninguém merece mais que nós... e certamente ninguém acordou mais cedo.
Liderança	Deve ser eleita pelos outros, e por isso deverá convencê-los através de atitudes.	Exemplo de determinação, capacidade de se superar. Não desistir, seguir em frente apesar dos obstáculos. EXEMPLO	Ser líder é dar o exemplo para que os outros saibam como se faz e se esforcem para repetir a tarefa no mesmo nível ou ainda melhor. Essa é a única liderança que se sustenta com o tempo.
Roda da excelência/ escala de valores	Convencimento e motivação.	Acreditar em si mesmo e em seus colaboradores [subordinados]. Desafiar, superar-se. Ser melhor do que os outros que estão à sua volta [seus companheiros].	Teoria da profecia autorrealizável: quanto mais as pessoas acreditam em uma coisa, quanto mais elas se dedicam, mais elas podem influenciar no seu acontecimento. A busca permanente de excelência prevalece como nossa grande missão. O questionamento constante – sob a ótica dos elementos da Roda de Excelência ou da Escala de Valores gerará crescimento.

APÊNDICE D – Tabela de análise da biografia de Anderson Silva (2012)

Categorias	Argumentação	Técnica/orientação	Excertos
Atletas da vida	Identificação com as dificuldades do ídolo/outro.	<p>Não desistir, se esforçar, dedicar o máximo.</p> <p>Qualidades boas: despojado, relaxado e humilde.</p> <p>Valores que devem nos inspirar: humildade, despojamento, respeito à natureza e ao próximo.</p> <p>Fazer qualquer coisa bem feita.</p> <p>Disciplina, paciência, honra, determinação, superação, humildade, respeito ao próximo.</p>	<p>Campeão nos ringues da vida.</p> <p>Parceria vencedora</p> <p>“A vida é como uma luta. Perde-se um round, mas sempre é possível encontrar o golpe perfeito e finalizar o combate.”</p> <p>“A vida golpeia abaixo da cintura”</p> <p>O sucesso nos ringues não se repetia na vida pessoal.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Um nocaute fora dos ringues (morte da tia). - Agora vestindo a camisa de empresário (Ronaldo Fenômeno). - Marca Anderson Silva. - Meus amigos se espantam quando dão de cara com fotos minhas em capas de revistas, apontado como “homem do ano”, dando orientações de autoajuda ou dicas de investimentos financeiros. <p>Ou mesmo quando me veem na TV em programas de auditório, ou num videoclipe, ou numa aparição relâmpago em telenovela.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se faço alguma coisa, quero fazer bem feita, seja servir um cliente na lanchonete, lavar o chão ou lutar no UFC. - Não terei ambição de formar outro grande campeão. Meu desejo será formar outros bons homens. Sonho com uma academia para transmitir conhecimento... não a luta pela luta. - Um aluno pode ser médico, jogador de futebol, policial e até atleta de MMA... o que vale é ter em mente os valores mais elevados de um ser humano. - Não sou um cara perfeito... mas venci a luta mais importante da minha vida: eu me tornei um homem do qual meus filhos podem se orgulhar.
Sucesso/vitória	Uma questão de escolhas. Exemplos bons e maus.	<p>Estudar, obedecer (pai, mãe, tios).</p> <p>Não ter tempo ocioso.</p> <p>Capacidade, talento e competência.</p> <p>Vontade.</p> <p>Garra, vontade de vencer, instinto de não desistir nunca e não se abalar com nada.</p> <p>Tenacidade, negação permanente da derrota, fé inabalável na própria capacidade de superação e de reação.</p> <p>Percepção, perseverança, vontade interior de triunfar.</p> <p>Força da mente.</p> <p>Não comer bobagem, não sair à noite, focar.</p> <p>Trabalho muito duro, dedicação total.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Sucesso não acontece por acaso”. - “Kalyl lutou pela vida como um guerreiro. E venceu.” (bebê) - Meu consolo era pensar que havia conseguido provar minha capacidade, talento e competência. Quem tem, tem, quem não tem, não tem e você tem, repetia pra mim mesmo. - Minha ideia era seguir para os EUA, nem que fosse montar um lava rápido por lá (insucesso). - Meu trabalho é alcançar o melhor resultado: vencer. - Sua trajetória de superação no esporte, seu talento e sua dedicação são inspirações para qualquer atleta (Ronaldo Fenômeno). - O que você quer? A gente chegou até aqui, o que você quer daqui pra frente? - Fico apreensivo quando assisto documentários que retratam atletas que não souberam desenhar um futuro. Garrincha, que morreu sem nada. Mike Tyson, que teve grandes oportunidades, mas, por não poder contar com as pessoas certas, perdeu tudo.

Transformação/ superação	Qualquer um pode conseguir. Mudar para melhor.	Vencer dificuldade, provação. Querer sempre mais. Buscar por si mesmo. Não se conformar. Melhorar sempre. Fazer o impossível. Correr atrás e trabalhar duro.	<ul style="list-style-type: none"> - A descoberta dos superpoderes. - Aquela noite foi um divisor de águas. Marcou uma reviravolta na minha maneira de pensar, na minha autoestima, na minha autoconfiança. - Posso ser mais do que isso, posso ser muito mais, me convenci. - Não sou perfeito, mas acordo todos os dias e tento ser melhor do que sou. - Não sou o melhor, mas consigo fazer o que muita gente acha impossível. - Quem imaginaria que um dia um negro, que começou praticamente do nada, mobilizaria um país inteiro como naquela luta?
Disciplina	A disciplina será a solução.	Deixar os problemas de lado por um objetivo. Não questionar quem tem <i>status</i> superior.	Como lutar com um problema na cabeça? O negócio é focar e ser disciplinado. Sempre fui muito disciplinado na relação com meus mestres. Como já disse, não costumo questioná-los.
Motivação	Existem pessoas em situações piores.	Fazer o que gosta. Ser agradecido pelo que é/tem.	A minha maior motivação é saber que posso fazer o que amo. É acordar todos os dias, olhar para o meu corpo e pensar que sou fisicamente perfeito, não tenho problemas de saúde, sou capaz de correr, gritar, pular, enxergo bem, ouço bem. Essa é a maior motivação que um ser humano pode ter.
Merecimento	Existe algo invisível que tem o poder de definir que é merecedor ou não. O sofrimento será recompensado.	Ser bom e fazer o bem. Saber perdoar. Não guardar rancor/mágoa. Desejar o bem das pessoas, mesmo a quem foi injusto, não ter espírito de revanche. Não ser vingativo.	<ul style="list-style-type: none"> - Alguém lá em cima gosta de mim. - Fui tachado de arrogante, prepotente, disseram que não merecia ser campeão.

ANEXO A – Fichas de orientação para a busca do sucesso¹³⁰

NO VÔLEI COMO NA VIDA
<p>COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA INSTRUÇÃO NO DESENVOLVIMENTO CULTURAL E PROFISSIONAL.</p> <p>DEDICAR-SE COM OBSTINAÇÃO, NA BUSCA DE UM OBJETIVO.</p> <p>ENTENDER A PAIXÃO COMO FATOR ESSENCIAL DE MOTIVAÇÃO.</p> <p>SUPERAR AS LIMITAÇÕES PESSOAIS PELA DISCIPLINA.</p> <p>NUNCA ESQUECER QUE A VAIDADE É INIMIGA DO ESPÍRITO DE EQUIPE.</p> <p>BUSCAR O "BRILHO DA VITÓRIA" NO OLHAR DE SEUS COLABORADORES.</p>

NO VÔLEI COMO NA VIDA
<p>TRABALHAR A PERSEVERANÇA, A OBSTINAÇÃO, NÃO DESISTINDO NEM RECUANDO DIANTE DE OBSTÁCULOS. (Algumas pessoas com essas características obtiveram ótimos resultados – não tinham um grande talento, mas souberam perseverar.)</p> <p>DESENVOLVER O SENSO DE OBSERVAÇÃO. (Tirar proveito dos momentos em que estiver no "banco de reservas".)</p> <p>ENTENDER QUE O SENTIDO DE COLETIVIDADE É MAIS IMPORTANTE DO QUE EVENTUAIS CENTELHAS INDIVIDUAIS.</p> <p>COMBATER O DESPÉRDICIO DE TALENTO. (Lutar contra a acomodação desafiando os limites preestabelecidos.)</p> <p>FALHE AO PLANEJAR E ESTARÁ PLANEJANDO FALHAR.</p> <p>MONITORAR CONSTANTEMENTE SUA VAIDADE. (A vaidade é um grande obstáculo na busca do crescimento e na formação do verdadeiro time.)</p>

¹³⁰ As fichas foram retiradas da autobiografia de Bernardinho. BERNARDINHO (Bernardo Rocha de Rezende). **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 39, 55, 75, 95, 107, 123, 147, 163, 179, 203.

NO VÔLEI COMO NA VIDA

**TREINAR AO NÍVEL EXTREMO SIGNIFICA DESENVOLVER
AO MÁXIMO SUA CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO.**

**DETECTAR E DESENVOLVER TALENTOS É UMA DAS
PRINCIPAIS ATRIBUIÇÕES DO LÍDER.**

(“Muito mais do que ensinar, é ajudar a aprender.”)

**ESTUDAR, LER, OBSERVAR, QUESTIONAR
CONSTITUEM O PROCESSO DE PREPARAÇÃO.**

**ASSUMIR O DESAFIO DE, AO ENCONTRAR UM
TIME PRONTO, CONQUISTAR AS PESSOAS E FAZER
DELAS O “SEU” TIME.**

**LEMBRAR-SE SEMPRE DE QUE O TALENTO,
POR SI SÓ, NÃO BASTA.**

(É preciso ter espírito de equipe, de união, a tal energia coletiva que leva à vitória.)

**BOAS PERFORMANCES DEPENDEM DE
CONTEÚDO (FRUTO DA PREPARAÇÃO) +
ENTÚSIASMO (FRUTO DA PAIXÃO).**

NO VÔLEI COMO NA VIDA

ENCARAR OS DESAFIOS COMO GRANDES OPORTUNIDADES.

**NÃO PROMETER O QUE NÃO PODE
OU NÃO PRETENDE CUMPRIR.**

(A frustração é contraproducente, desagregadora.)

**ENTENDER A IMPORTÂNCIA DE TODAS AS PEÇAS,
MESMO AS “CONSIDERADAS” MENOS IMPORTANTES.**

CRIAR METAS IDEAIS.

(Estabelecendo passos intermediários sem deixar de manter o foco no objetivo final.)

**ACREDITAR NA FORÇA TRANSFORMADORA
DO EFEITO PIGMALIÃO.**

(Quanto mais o chefe mostrar que acredita no potencial de seus colaboradores e se dedicar a eles, maior será sua produtividade.)

NÃO ROTULAR AS PESSOAS.

(Motivadas e agradecidas por terem uma “segunda chance”, elas podem nos surpreender.)

**CONCENTRAR-SE NO CONDICIONAMENTO,
NOS FUNDAMENTOS E NA UNIÃO PARA A FORMAÇÃO
DE UMA EQUIPE VITORIOSA.**

NO VÔLEI COMO NA VIDA

TRABALHAR PARA FORTALECER A PARTE
EMOCIONAL, DE FORMA A NÃO PERDER O FOCO
NA EXECUÇÃO DE UMA TAREFA.

(Quando provocado pela concorrência.)

TENTAR ENTENDER OS PORQUÊS
DE UMA DERROTA, ASSUMIR SUAS
RESPONSABILIDADES E SEGUIR EM FRENTE.

(Essa é a melhor forma de lidar com a derrota.)

INCONFORMISMO, INSATISFAÇÃO – SEM ISSO,
NÃO SE DÁ UM PASSO À FRENTE.

NÃO EXISTEM ATALHOS PARA O SUCESSO, MAS O
TRABALHO INTENSO É A ESTRADA MAIS CURTA.

ERRAR NA FORMA É ACEITÁVEL,
MAS NUNCA NA INTENÇÃO.

O QUESTIONAMENTO É UMA GRANDE FONTE DE
CRESCIMENTO, E O CRESCIMENTO PERMANENTE,
UMA GRANDE FONTE DE SATISFAÇÃO.

NO VÔLEI COMO NA VIDA

ENTENDER A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM EQUIPE
(TEAM WORK).

INCENTIVAR LIDERANÇAS.

MANTER A MOTIVAÇÃO SEMPRE ELEVADA.

PERSEVERAR E BUSCAR SE SUPERAR CONSTANTEMENTE.

TRABALHAR O COMPROMETIMENTO E A
CUMPLICIDADE ENTRE AS PEÇAS DA
“GRANDE ENGRENAGEM”.

DISCIPLINA E ÉTICA SÃO HÁBITOS QUE PERPETUAM
OS BONS RESULTADOS.

(“Disciplina é o cimento moral que de um caos faz um bloco.”
Mal. Leitão de Carvalho)

NO VÔLEI COMO NA VIDA

ENTENDER QUE A CONDIÇÃO DE FAVORITISMO
ATRIBUÍDA A NÓS POR OUTROS DEVE SERVIR
COMO SINAL DE ALERTA.

(Redobrar a atenção com os detalhes da preparação.)

SABER QUE AS VITÓRIAS DO PASSADO SÓ
GARANTEM UMA COISA: GRANDES EXPECTATIVAS E
MAIORES RESPONSABILIDADES.

CRIAR ZONAS DE DESCONFORTO PARA AFUGENTAR
A ARMADILHA DO SUCESSO E TESTAR O
COMPROMETIMENTO DOS VITORIOSOS.

NO VÔLEI COMO NA VIDA

CONSCIENTIZAR-SE DE QUE O VERDADEIRO CAMPEÃO
CONTROLA A VAIDADE PARA QUE, COMO UM
AUTÊNTICO *TEAM PLAYER*, ELEVE O NÍVEL DE
ATUAÇÃO DE TODOS À SUA VOLTA.

UM TRABALHO DE PREPARAÇÃO METICULOSO
É O CAMINHO MAIS CURTO PARA A VITÓRIA.

É IMPORTANTE QUE OS "PRIMEIROS DA CLASSE" SE
PREPAREM COM A MESMA INTENSIDADE DAQUELES
QUE OS PERSEGUEM, CASO CONTRÁRIO SERÃO
ALCANÇADOS E PROVAVELMENTE ULTRAPASSADOS.

NO VÔLEI COMO NA VIDA

OPTAR PELAS PESSOAS CERTAS E NÃO PELAS MAIS TALENTOSAS.

FOCAR NO TRABALHO DE EQUIPE.

FOMENTAR AS LIDERANÇAS NO GRUPO.

TREINAMENTO EXTREMO.

(Nada substitui o treinamento.)

BUSCAR O EQUILÍBRIO ENTRE COBRANÇAS E
CONDIÇÕES EXTERNAS.

ATENÇÃO AO SUCESSO E SUAS ARMADILHAS.

BUSCAR CONSTANTEMENTE A EXCELÊNCIA.

NO VÔLEI COMO NA VIDA

ASSUMIR RESPONSABILIDADES E TENTAR EXTRAIR LIÇÕES DAS DERROTAS PARA NÃO REPETIR OS ERROS.

O VERDADEIRO LÍDER DEVE SE MANTER SEMPRE ATENTO AOS SEUS COLABORADORES.

(Saber quando deve incentivar-los mais, desafiar-los menos ou não pressioná-los em determinada fase.)

TENTAR EVITAR AS ARMADILHAS DO SUCESSO.

(Não entre em processo de acomodação, não seja complacente. O fundamental não é ser bom, mas estar bem preparado.)

TER CONSCIÊNCIA COLETIVA EXIGE DESPRENDIMENTO, SOLIDARIEDADE, COMPANHEIRISMO E ESPÍRITO DE EQUIPE.

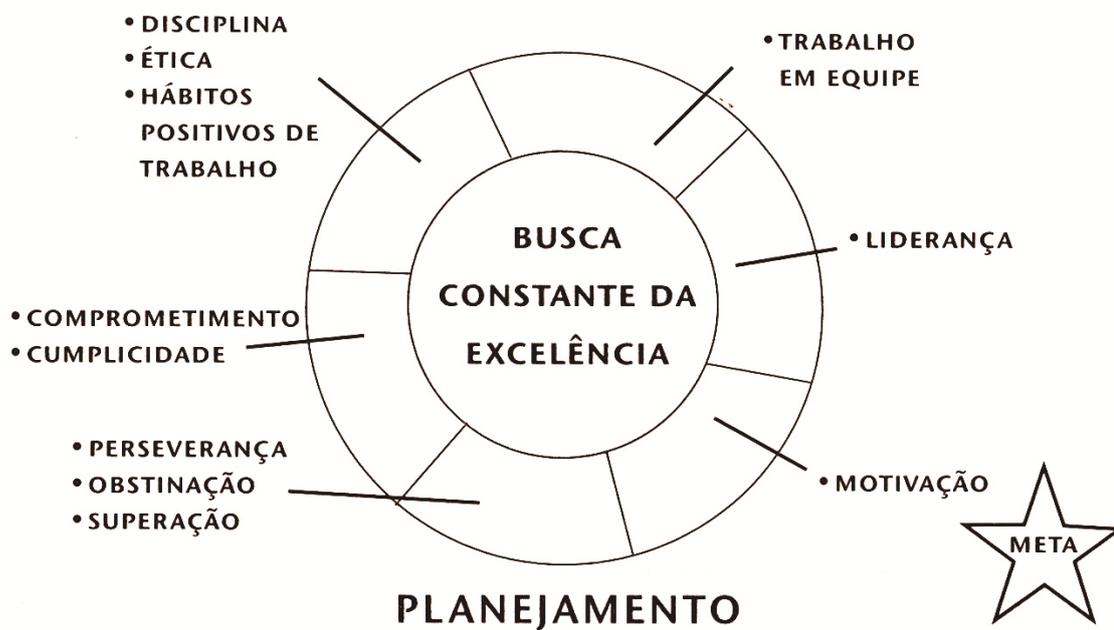
UMA EQUIPE NEM SEMPRE É FORMADA PELOS MELHORES, MAIS CAPAZES, MAS SIM PELOS COLABORADORES CERTOS.

UMA EQUIPE VENCEDORA TEM SEMPRE BONS RESERVAS.

(A competição sadia é um elemento motivacional.)

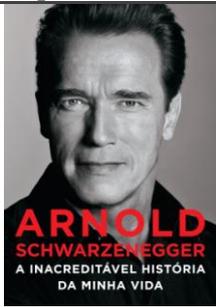
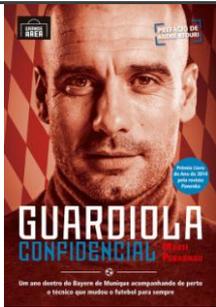
TER SENSO DE URGÊNCIA.

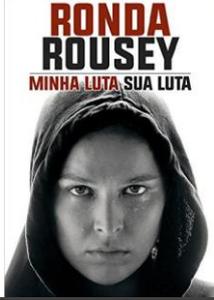
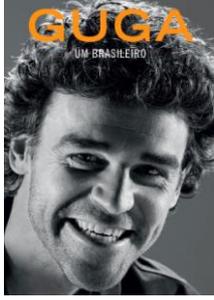
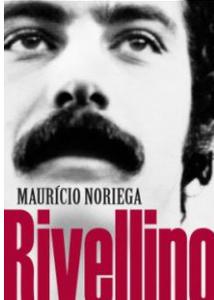
(Realizar cada tarefa como se fosse a mais importante. Jogar cada ponto como se fosse o decisivo.)

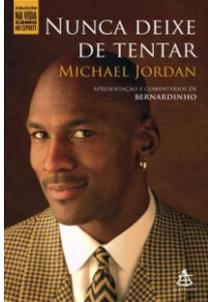
ANEXO C – Roda da Excelência¹³²

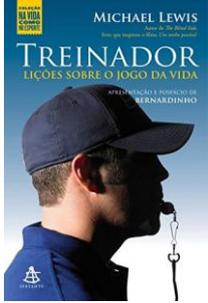
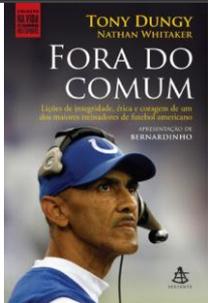
¹³² A figura da Roda da Excelência foi retirada da autobiografia de Bernardinho. BERNARDINHO (Bernardo Rocha de Rezende). **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 110.

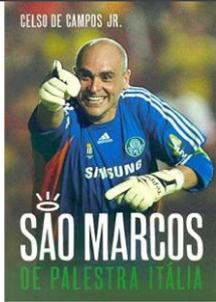
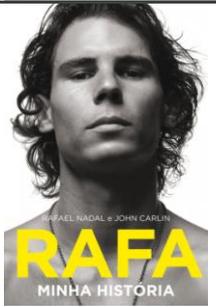
**ANEXO D – Lista das biografias mais vendidas na seção “esporte e lazer” da loja
Amazon**

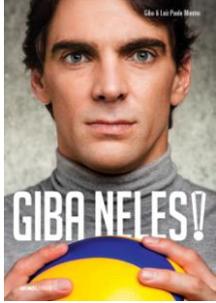
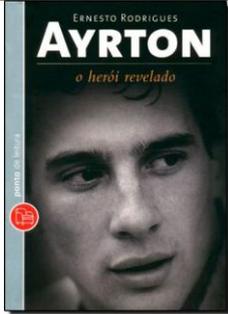
Nº	Título	Resumo	Capa
01	Arnold Schwarzenegger: a inacreditável história da minha vida	<p>Esta é a primeira vez que Arnold conta a história completa de sua vida, em suas próprias palavras. Você vai se surpreender com os bastidores de todos esses acontecimentos.</p> <p>Em 1947, quando nasceu, a fome assolava sua pequena cidade natal, na zona rural da Áustria. Filho de um rígido policial, desde pequeno ele sonhava em ir para os Estados Unidos e se tornar campeão de fisiculturismo e astro de cinema.</p> <p>Aos 18 anos, fugiu do exército para participar de sua primeira competição internacional e conquistou o título de campeão juvenil do Mister Europa, na Alemanha.</p> <p>Aos 21 anos, estava morando em Los Angeles e já havia sido coroado Mister Universo.</p> <p>Em 5 anos, aprendeu inglês e se tornou o maior fisiculturista de todos os tempos.</p> <p>Em 10 anos, já possuía diploma universitário e havia acumulado uma fortuna graças a seus negócios nos setores de construção civil, imóveis e fisiculturismo.</p> <p>Em 20 anos, tornou-se um dos maiores heróis de filmes de ação do mundo. Com a determinação e a ousadia que lhe renderam fama no esporte, consagrou-se também como astro de cinema.</p> <p>Trinta e seis anos depois de chegar aos Estados Unidos, elegeu-se governador da Califórnia, a sétima maior economia do mundo.</p> <p>Foi casado por mais de 20 anos com a jornalista Maria Shriver – sobrinha do ex-presidente John Fitzgerald Kennedy –, com quem teve quatro filhos. Em 2011, quando veio à tona seu caso extraconjugal com uma empregada, o casal se separou, mas ele tentou a todo o custo manter sua família unida.</p>	
02	Guardiola: confidencial	<p>O desafio de decifrar a personalidade de Pep Guardiola sempre pareceu tão complexo quanto o de conceber, à distância e sem acesso direto, de que forma trabalha o técnico que deu ao Barcelona os melhores anos de sua história.</p> <p>O jornalista Martí Perarnau, no entanto, obteve do próprio Guardiola permissão para entrar nos vestiários do Bayern de Munique, seguir de perto todos os seus passos e relatar os detalhes de uma temporada inteira do catalão no comando do clube bávaro. E tirou o máximo proveito da ocasião. Seu exaustivo trabalho de campo delineou os traços de um personagem tão genial quanto atormentado, apaixonado pelo futebol, mas, ao mesmo tempo, incapaz de desfrutar totalmente das vitórias por culpa de sua obsessiva busca pela perfeição.</p> <p>O autor mergulhou fundo também nas ideias e conceitos de jogo fundamentais para o técnico, desfazendo ao longo da obra uma série de clichês que rodeiam a figura de Pep. Enfim, valendo-se do acesso sem precedentes aos meandros de um dos</p>	

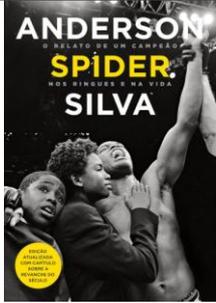
		maiores clubes do mundo, e atento a tudo o que acontecia diante de seus olhos, Perarnau indagou, refletiu e contextualizou para escrever, com conhecimento de causa, sobre o técnico de futebol mais bem-sucedido dos últimos anos.	
03	Ronda Rousey: minha luta, sua luta	A biografia oficial de Ronda Rousey, maior lutadora de MMA da história! Campeã invicta no UFC, conta toda sua tortuosa trajetória até se tornar uma vencedora! Ronda Rousey é um dos maiores ícones esportivos do momento. Vencedora de dois Espys (o Oscar do esporte), desbancado personalidades como Serena Williams e Floyd Mayweather.	
04	Guga: um brasileiro	É em junho de 1997 que Gustavo Kuerten inicia a maior virada de sua vida. O palco é Roland Garros, o torneio de tênis mais charmoso do mundo. Como personagem inicialmente coadjuvante e depois protagonista, o desconhecido cabeludo, surfista e boa-praça iria abalar as tradições do esporte refinado e entrar para a história mundial do tênis e do esporte brasileiro. Mas sua trajetória brilhante rumo ao topo do ranking tem início muito antes, quando ainda era criança em Florianópolis, onde seria preparado pela família, pelas tragédias e por um treinador que esteve ao seu lado em todos os grandes momentos. Em um relato absolutamente sincero, empolgante e emocionante, Guga revela através de seus sentimentos as passagens mais marcantes de sua vida. Ele descreve as memórias de sua infância e adolescência com o mesmo estilo modesto e divertido que o caracteriza como jogador. A forte base familiar, a inspiração no pai, a admiração pelo irmão tenista, o apoio irrestrito da mãe, a paixão pelo irmão caçula e a confiança inabalável do treinador são peças fundamentais em sua história, a base que o levou a superar a falta de incentivo, a descrença em si mesmo e os adversários mais temidos de sua época. Essa jornada sem igual, passando pelos torneios juvenis e profissionais, o tricampeonato de Roland Garros, a chegada ao topo do ranking mundial, entre outras conquistas, é contada a partir da visão única do menino que nasceu para ser campeão e cativou o coração de todos os brasileiros.	
05	Rivellino	Rivellino, a Patada Atômica, o campeão do mundo pela seleção brasileira de 1970. Ídolo de ontem e das novas gerações – de torcedores e de jogadores. Como não lembrar seus dribles e a potência daquela canhota? Conhecido até hoje como Reizinho do Parque – por suas proezas como atleta do Corinthians –, Rivellino brilhou também do outro lado da ponte aérea: até hoje é considerado o maior jogador da história do Fluminense. Conhecedor profundo de futebol, o jornalista Maurício Noriega nos conta a vida e a carreira de um dos maiores jogadores do futebol brasileiro. Os fãs descobrirão os bastidores da vida do Roberto e	

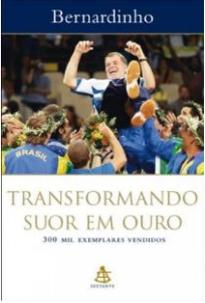
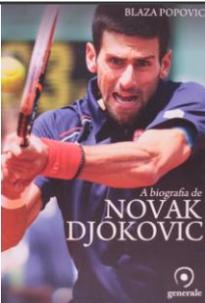
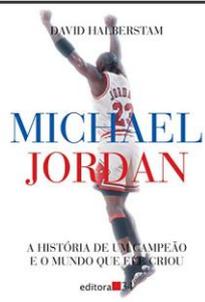
		saberão como o menino que saiu da várzea de São Paulo se transformou no grande Rivellino, destaque até na maior seleção de todos os tempos. O livro é recheado de fotos de diversas épocas e pontuado por depoimentos da família, do próprio Rivellino e de outras grandes estrelas do futebol, como Pelé, Neto, Zico, Tostão, Beckenbauer e Platini, em entrevistas exclusivas.	
06	Nunca deixe de tentar: Michael Jordan	<p>Este é o primeiro título da coleção <i>Na Vida Como no Esporte</i>, que revela os princípios nos quais grandes atletas e treinadores pautaram suas trajetórias e mostra como esses valores transcendem o universo esportivo e podem ser aplicados à vida pessoal e profissional. Organizada pelo técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, Bernardinho, a série abre com o depoimento de Michael Jordan sobre sua busca pela excelência e os fundamentos que nortearam sua brilhante carreira.</p> <p>De forma simples e direta, Jordan ressalta a importância de fixar metas, manter o foco e não se deixar paralisar pelo medo, e conta como sempre encarou o fracasso como combustível para novas tentativas.</p> <p>O comprometimento, a determinação, o espírito de equipe, a capacidade de liderança e a extrema dedicação do jogador à prática dos fundamentos são analisados, ponto a ponto, por Bernardinho ao longo do livro.</p> <p><i>Nunca deixe de tentar</i> vai servir de inspiração para todos aqueles que desejam atingir seus objetivos e realizar seus sonhos, sem se intimidar com a pressão permanente por resultados em um mundo cada vez mais competitivo.</p>	
07	Jogando para vencer: a filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos	<p>John Wooden é conhecido como o treinador que levou o time de basquetebol da UCLA a 88 vitórias consecutivas e à conquista de 10 campeonatos nacionais, sete deles em sequência. Mas o que poucos sabem é que o homem que obteve esses resultados impressionantes nunca acreditou que o placar seria a medida de seu sucesso.</p> <p>Para Wooden, sucesso é “a paz de espírito proveniente da consciência de que você fez o maior esforço possível para se tornar o melhor dentro do seu potencial”. Colocar essa ideia em prática foi seu diferencial. Ao fazer com que seus times buscassem algo além de vencer, ele na verdade os transformou em vencedores.</p> <p><i>Jogando para vencer</i>, terceiro título da coleção <i>Na Vida Como no Esporte</i>, organizada pelo técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, Bernardinho, apresenta a filosofia de John Wooden e sua Pirâmide do Sucesso. Ao longo do livro, o treinador brasileiro conta como foi influenciado pelos princípios de Wooden e aprofunda as questões mais importantes abordadas por ele. Nas palavras de Wooden e nos depoimentos daqueles que fizeram parte de sua história, vemos o homem que priorizou o caráter, o bom senso e a retidão, se dedicou ao trabalho, à família e aos</p>	

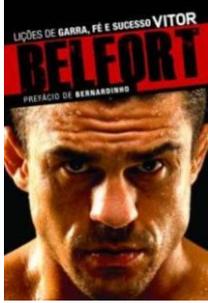
		<p>fundamentos do basquete e se tornou referência no esporte e na vida.</p> <p>Mais do que uma obra sobre um grande nome do esporte, <i>Jogando para vencer</i> é a transposição para o papel da sabedoria de um homem que optou por ser íntegro em todos os aspectos da vida.</p>	
08	Treinador: lições sobre o jogo da vida.	<p>Alguns professores têm o dom raro de entrar na mente de uma criança. Michael Lewis teve um professor como esses: o Treinador Fitz.</p> <p>Lewis era um adolescente confuso que não levava os estudos a sério nem tinha aptidão para os esportes, até que o temido Fitz apareceu em seu caminho para transformá-lo por completo.</p> <p>As lições de autoconfiança, determinação, disciplina, trabalho em equipe e humildade que aprendeu no campo de beisebol ajudaram a moldar seu caráter e a dar sentido à sua vida.</p> <p>Passados 30 anos, Michael Lewis, agora um renomado jornalista, volta à antiga escola para tentar compreender um paradoxo. Enquanto ele e outros ex-alunos querem batizar um estádio com o nome de Fitz, a nova geração de pais e alunos rejeita seu estilo exigente e o técnico vive o momento mais difícil da carreira, pois não consegue motivar seu time e corre o risco de perder o emprego.</p> <p>Em <i>Treinador</i>, Lewis alterna histórias curiosas de seu passado como aspirante a atleta com o relato do cenário atual enfrentado por seu antigo mentor. Ele descreve com sensibilidade a complexa relação entre o Treinador Fitz e seus comandados e chama atenção para o excesso de interferência dos pais, o que impede que os filhos aprendam a lidar com as cobranças e amadureçam.</p> <p>Este é o segundo volume da coleção <i>Na vida como no esporte</i>, que revela os princípios pelos quais grandes atletas e treinadores pautaram suas trajetórias e é organizada pelo técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, Bernardinho. Pais, professores, treinadores, líderes, jovens atletas e todos aqueles que buscam a excelência no que fazem encontrarão neste livro exemplos inspiradores e sobretudo uma ótima leitura.</p>	
09	Fora do comum: Lições de integridade, ética e coragem de um dos maiores treinadores de futebol americano.	<p>No meio esportivo, o nome Tony Dungy é sempre associado a caráter e integridade. Reconhecido como um dos mais importantes técnicos de futebol americano, ele construiu uma carreira brilhante pautada em princípios sólidos – como comprometimento, ética e humildade – e, apesar do sucesso, jamais se afastou de seu caminho.</p> <p>São esses valores fundamentais tanto na vida quanto no esporte que o autor apresenta em <i>Fora do comum</i>, quarto livro da série organizada pelo técnico da seleção masculina de voleibol Bernardinho.</p> <p>Por acreditar que os jovens estão carentes de bons exemplos e orientação, Dungy escreveu um livro que traz conceitos sobre caráter, disciplina e integridade, com o objetivo de formar não apenas grandes atletas, mas grandes homens.</p>	

		<p>Contando passagens de sua trajetória, ele apresenta o método inspirador que utiliza para liderar seus jogadores e guiá-los para encontrar o sucesso no campo e fora dele.</p> <p>Apesar da preocupação constante com a ética e a humildade, Dungy é um campeão de recordes e acumulou diversos prêmios ao longo de sua carreira: foi o primeiro técnico negro a ganhar o Super Bowl; o treinador com mais aparições consecutivas nas finais, levando 8 de suas 10 equipes a disputar o título; e um dos três únicos atletas a ganhar o campeonato como jogador e técnico.</p> <p>Discutindo assuntos como a importância da educação na formação dos atletas, o perigo das drogas, do álcool e da fama, o papel da família e a necessidade de cultivar a espiritualidade, ele demonstra, por meio de histórias reais, a forte influência que treinadores, pais e líderes exercem nas pessoas.</p> <p>Este livro vai fazer você refletir sobre o caminho que está seguindo, as escolhas que fez e o tipo de sucesso que vem buscando. Ser fora do comum não é ser diferente: é tentar se tornar cada vez melhor.</p>	
<p>10</p>	<p>São Marcos: de Palestra Itália</p>	<p>Celso de Campos Jr. busca recontar a trajetória do homem do interior que chegou ao Palmeiras com a fama de ter sido trocado por 12 pares de chuteiras e foi titular da Seleção Brasileira pentacampeã na Copa de 2002, deixando o futebol em 2012. Como pano de fundo dessa carreira peculiar, a obra descortina a própria trajetória do Palmeiras.</p>	
<p>11</p>	<p>Rafa: minha história</p>	<p>Você nunca verá uma partida de tênis sendo narrada com tanta emoção e tantos detalhes: a adrenalina, o controle da mente, a preparação física, os últimos minutos antes da final de Wimbledon em 2008, considerada por John McEnroe “a melhor de todos os tempos”. Assim Rafael Nadal abre este empolgante livro de memórias.</p> <p>Em <i>Rafa</i>, o leitor é transportado da casa em que o tenista nasceu, na ilha de Maiorca, na Espanha, para as quadras onde são disputados os mais importantes torneios de tênis do mundo. Intenso e revelador, ele oferece um vislumbre de tudo o que está por trás da carreira de um dos ícones do esporte atual.</p> <p>Você vai conhecer os medos, obsessões, manias e fraquezas do menino que foi treinado desde pequeno pelo tio severo e vai saber como o objetivo de se tornar campeão transformou esse jovem em um exemplo de disciplina e perseverança.</p> <p>Escrito em parceria com o aclamado jornalista John Carlin, este livro oferece dois olhares distintos sobre o mesmo personagem: um introspectivo, emocional e autocrítico; o outro, objetivo, descontraído e analítico. Duas visões diferentes de um mesmo homem espirituoso e comprometido</p>	

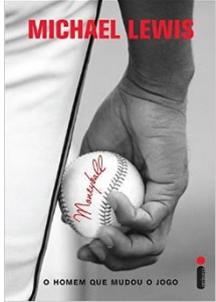
		com a vitória tanto dentro quanto fora das quadras. Rafa revela um esportista obstinado, um homem ético e um ser humano profundamente ligado à família e às suas raízes. Um exemplo raro na arena esportiva – um vencedor que pode ser definido pela dedicação, pelo talento e pela humildade.	
12	Giba neles!	Giba, maior jogador da história do vôlei brasileiro e um dos melhores do mundo, tem uma trajetória incrível fora das quadras também. Sem medo de se expor, o ídolo conta sua história repleta de momentos de superação, como a leucemia aos quatro meses de idade; de encontros fascinantes e de polêmicas, como o doping na Itália, a conturbada derrota no Mundial de 2010 e as razões da turbulenta e repentina saída do levantador Ricardinho. Em parceria com o jornalista Luiz Paulo Montes, Giba apresenta um panorama corajoso, bem-humorado e instigante do esporte em que o Brasil atingiu a hegemonia absoluta, o voleibol.	
13	Gabriel Medina	“Se fiquei surpreso ao ver Medina conquistar o título mundial aos 20 anos? Não. Pela primeira vez desde que o vi surfando com 15 anos, eu não me surpreendi. Essa vitória já era esperada. Foi resultado de muito trabalho e determinação na busca de um sonho, consequência natural de raro talento e enorme paixão.” – Kelly Slater “Pai, eu quero ser campeão mundial.” Tudo o que o menino de Maresias sonhara aos 11 anos, quando o surfe se tornou sua missão de vida, virou realidade com a conquista épica nos tubos de Pipeline, no Havaí, em 2014. Jesus tatuado no braço, Gabriel Medina, aos 20 anos, se transformou no primeiro campeão mundial de surfe do Brasil, um fenômeno num esporte até então dominado por americanos e australianos. Para superar as adversidades, o caçara de origem humilde apostou no trabalho duro e no apoio da família. Com o incentivo do padrasto e treinador e a fé inabalável da mãe, foi alçando voos cada vez mais altos. Destemido como Garrincha, competitivo e obstinado como Ayrton Senna, carismático como Guga, Gabriel Medina forjou um estilo próprio que o converteu numa máquina de vencer. Este livro narra a trajetória do garoto prodígio que destronou velhas lendas do surfe e hoje é ídolo mundial.	
14	Ayrton: o herói revelado	Esta biografia tem como objetivo deixar o leitor mais próximo, mais íntimo e um pouco mais capaz de decifrar Ayrton Senna – seu sorriso, sua tristeza, e o inesquecível impacto que provocou em nossas vidas. O livro do jornalista Ernesto Rodrigues emociona e surpreende ao revelar episódios desconhecidos da vida pessoal e profissional do tricampeão mundial de Fórmula 1. Concebido, produzido e escrito na delicada e emocionante fronteira entre o Ayrton e o Senna, a pessoa e o esportista, o homem e a celebridade; a biografia procura desvendar enigmas, mas também ultrapassar o mito criado em torno do piloto,	

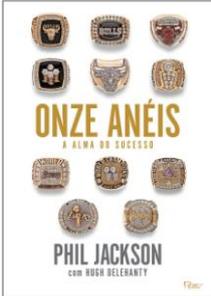
		<p>traçando um retrato mais profundo de Ayrton Senna como homem, filho, namorado e amigo – com suas virtudes e defeitos, seus segredos e manias, suas alegrias e frustrações. Fruto de minucioso trabalho de pesquisa e mais de 200 entrevistas, Ernesto Rodrigues narra cada etapa da vitoriosa carreira de Senna e traz revelações inéditas sobre as dificuldades e os momentos de superação, as amizades e intrigas, a solidão e os amores da vida deste ícone do povo brasileiro.</p>	
15	Alex: a biografia.	<p>Alex foi ídolo do Coritiba, do Palmeiras, do Cruzeiro e do Fenerbahçe, da Turquia. É um dos craques que não jogaram uma Copa do Mundo. Uma razão é que competia com Ronaldinho, Rivaldo e Kaká, que se tornaram os melhores do mundo. Outra é que muitos não compreenderam a grandiosidade de seu talento. Alex, diferentemente do jogador que estava sempre com a bola, tentando uma jogada, muitas vezes, errada e impossível, esperava o momento certo para brilhar, assim como os grandes pintores impressionistas iam para os campos abertos, à espera do brilho ideal da luz para fazer suas obras geniais. Alex era muito técnico, minimalista. Em poucos lances e com poucos movimentos, decidia a partida. Não tinha excessos nem firulas. Mesmo sendo um meia armador, de passes espetaculares, fez também muitos gols, mais de quatrocentos, muitos belíssimos, magistrais. Alex, dentro e fora de campo, foi um atleta inteligente, lúcido, que falava o que pensava e que pensava antes de fazer. É um dos líderes do Bom Senso FC, que luta para melhorar o futebol brasileiro. Alex é um dos grandes da história do futebol. “O que a memória amou se tornou eterno” (Adélia Prado)</p>	
16	Anderson Spider Silva: O relato de um campeão nos ringues e na vida	<p>O esporte brasileiro não conhecia um ídolo internacional da envergadura de Anderson Silva desde os tempos de Ayrton Senna e Gustavo Kuerten. Dono de um carisma único, o Aranha foge ao estereótipo do lutador truculento e falastrão. É tranquilo e infalível como Bruce Lee. Suave como um monge budista, é capaz de produzir os nocautes mais espetaculares do UFC e, minutos depois, se curvar em reverência aos adversários. Impávido como Muhammad Ali, não dispensa máscaras nem cremes faciais. Intimida os adversários com o olhar e acolhe os fãs com delicadeza. A voz é de quem sussurra um segredo no ouvido. Por falar em segredos, aqui estão todos eles. Em depoimento ao jornalista Eduardo Ohata, Anderson Silva mostra que a vida pode ser tão perigosa quanto um grande combate. É impossível não reverenciar o ídolo que nocauteou o destino e se tornou um campeão nos ringues e na vida.</p>	

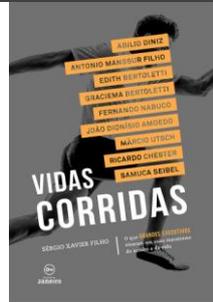
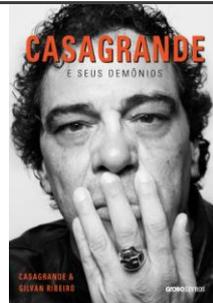
17	Transformando suor em ouro	<p>Obstinado, persistente, perfeccionista e motivador, Bernardinho se tornou o maior técnico de vôlei da história do Brasil – e um dos grandes treinadores do esporte coletivo em todo o mundo. <i>Transformando suor em ouro</i> é a história de Bernardinho contada por ele mesmo, desde os tempos de jogador até a consagração como técnico com o ouro olímpico. Mais do que relatar uma epopeia esportiva emocionante, o livro apresenta facetas desconhecidas do treinador ao mostrar em detalhes como Bernardinho burilou o método que batizou de Roda da Excelência.</p> <p>O treinador da seleção brasileira masculina de vôlei revela-se um grande estudioso, um leitor atento dos mestres, tanto do esporte quanto da administração, como John Wooden, Winston Churchill e James Hunter. Retira deles o que cada um tem de melhor e, nas quadras, testa esses ensinamentos, incorporando alguns, descartando outros, adaptando muitos. Bernardinho revela por inteiro o “segredo” que fez dele um dos palestrantes mais requisitados por grandes empresas em busca de um diferencial competitivo no mundo dos negócios.</p>	
18	A biografia de Novak Djokovic	<p>A vida de Novak Djokovic é uma verdadeira saga e um exemplo inspirador para praticantes e amantes de esportes em geral e do tênis, de todas as idades. Nascido e crescido na Sérvia, país que em anos recentes esteve envolvido em guerras, conflitos étnico-religiosos e crises político-econômicas, Djoko, como é carinhosamente chamado pelos fãs, possui uma trajetória de superação de obstáculos, extrema força de vontade e resiliência. Mas por que Djokovic se tornou um campeão? Quais desafios ele enfrentou para alcançar o topo do ranking mundial? Como pensa e age? Quais os seus valores e crenças? Afinal, quem é Novak Djokovic, dentro e fora das quadras? O livro traz respostas a todas essas perguntas ao contar a sua vida desde quando segurou uma raquete na infância, passando por sua adolescência e participação nos primeiros torneios internacionais, até a sua ascensão e permanência no topo do ranking mundial do tênis. Pela primeira vez, os bastidores da carreira e vida particular desse ídolo são revelados. Uma leitura emocionante, divertida e surpreendente!</p>	
19	Michael Jordan	<p>“Michael Jordan é melhor jogando basquete do que qualquer outra pessoa fazendo qualquer outra coisa.” Escrita por David Halberstam, o célebre jornalista norte-americano ganhador do Prêmio Pulitzer, esta biografia traça a trajetória completa do maior jogador de basquete de todos os tempos, dos primeiros arremessos na garagem de casa até os dois tricampeonatos da NBA com o Chicago Bulls nos anos 90. Mas, além disso, o livro mostra como a indústria e a mídia se desenvolveram na época, junto com Jordan, para criar um novo mundo do consumo e do entretenimento – e como um jovem atleta, com sua incrível determinação de vencer, tornou-se um verdadeiro mito do esporte.</p>	

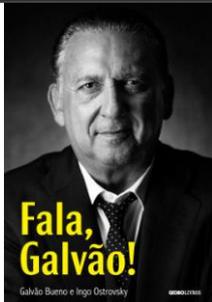
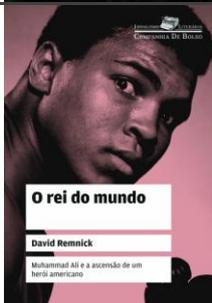
20	Vitor Belfort: lições de garra, fé e sucesso	<p>Um novo desafio, este bem diferente das arenas onde costuma empolgar multidões, Vitor deixa de lado as luvas para colocar nas páginas de seu primeiro livro as lições de vida que aprendeu dentro e fora do octógono.</p> <p>No livro Vitor fala de experiências marcantes, o caso da conquista do título de campeão do UFC em 2004, mesmo ano em que recebeu a notícia devastadora sobre o sequestro de sua irmã no Brasil, que nunca foi encontrada. A conversão à fé cristã e o casamento com a ex-modelo e apresentadora Joana Belfort, com quem teve três filhos (Davi, Vitória e Kyara), também são temas de suas reflexões.</p> <p>Apesar de a obra ser baseada na vida do atleta, o livro não é uma biografia. Vitor dá ao texto um caráter motivacional, com o objetivo de ajudar os leitores a entender que, se a vida é repleta de lutas, é sempre possível encontrar o caminho para a vitória, e que esse trajeto passa por valores muito mais elevados que o cinturão dourado.</p> <p>Vitor conta os princípios que o norteiam, as estratégias que desenvolveu nas lutas da vida e como se tornou um exemplo de vitória no octógono e nos negócios.</p>	
21 ¹³³	Sirva para vencer : a dieta sem glúten para a excelência física e mental	<p>Em 2011, Novak Djokovic foi o maior jogador de tênis de todos os tempos em uma única temporada: ele ganhou dez títulos, três Grand Slams e 43 matches consecutivos. Notavelmente, menos de dois anos antes, este campeão mal podia completar um torneio. Como um jogador, atormentado por dores, respirando com dificuldade e sofrendo lesões em quadra de repente se tornou o número 1 no ranking mundial? A resposta é surpreendente: ele mudou sua dieta. Em <i>Sirva para vencer</i>, Djokovic relembra como sobreviveu aos bombardeios em Belgrado, na Sérvia, e sua trajetória passando de uma infância devastada pela guerra até o topo do reconhecimento no tênis. Ele então revela a dieta que transformou sua saúde e o alavancou ao auge. Djokovic amava e desejava pães e massas, especialmente as pizzas feitas no restaurante da sua família, porém seu corpo não processava o trigo. Ao eliminar o glúten (a proteína encontrada no trigo), ele se sentiu melhor, mais leve, com o raciocínio ágil e mais rápido. Enquanto ele continuou a pesquisar e refinar sua dieta, seus problemas de saúde desapareceram, perdeu os quilos extras e a melhora da sua saúde física e de seu foco mental permitiram que alcançasse seus dois sonhos de infância: vencer Wimbledon e se tornar o jogador de tênis número um do mundo. Agora Djokovic criou um projeto para refazer seu corpo e sua vida em apenas catorze dias. Com menus semanais, dicas de alimentação para uma melhor digestão e receitas gostosas e fáceis de preparar, você estará em um ótimo caminho para se aprimorar. Djokovic também apresenta dicas para</p>	

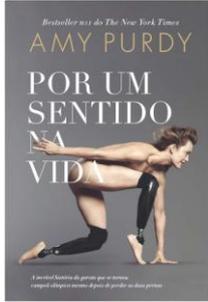
¹³³ 18º em Livros/Saúde e Família/Dietas e Emagrecimento/Dietas.

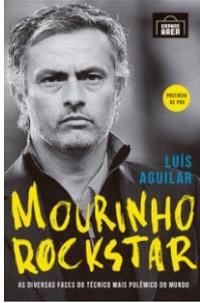
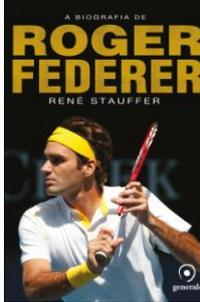
		<p>eliminar o estresse e exercícios simples para fazer você se movimentar, os mesmos que ele faz antes de cada jogo. Você não precisa ser um super-atleta para começar a viver e se sentir melhor. Com <i>Sirva para vencer</i>, a sua versão aprimorada, mais forte e saudável está a apenas duas semanas de distância.</p> <p>Idade Mínima Recomendada: 18 Anos Idade Máxima Recomendada: 60 Anos</p>	
22	Moneyball: o homem que mudou o Jogo	<p>O mundo dos esportes leva à loucura milhares de fãs que acompanham de perto cada partida, aflitos com as possibilidades criadas pelo acaso. Mas um homem se recusou a aceitar a suposta aleatoriedade de uma das maiores paixões dos americanos: o beisebol. Como gerente geral de um dos times de menor orçamento da grande liga, Billy Beane impôs uma gestão mais racional, uma nova perspectiva sobre o beisebol, e usou um alto conhecimento em matemática para determinar o modo de jogar e selecionar os atletas contratados pela equipe. <i>Moneyball</i> é a saga em busca do segredo do sucesso do Oakland Athletics sob seu comando.</p> <p>Numa narrativa repleta de personagens fascinantes e questionamentos inteligentes, Michael Lewis mostra a luta de um administrador para levar seu empreendimento à máxima performance pelo menor custo, e impor racionalidade num universo dominado por favorecimentos, desperdício e vícios. É a história de superação de um time medíocre e a biografia de um homem que se destacou num dos negócios mais ferozes e competitivos dos Estados Unidos.</p>	
23	Vampeta: memórias do velho Vamp	<p>Este é um livro de histórias – e que histórias! Uma porção de causos narrados por um dos maiores gozadores do futebol brasileiro: Marcos André Batista Santos, o Vampeta. Na hora de contar tudo o que rolou (e ainda rola) nos bastidores do mundo da bola, esse baiano gente boa, que virou ídolo principalmente do Corinthians entre os vários clubes que defendeu, não economiza palavras nem bom humor. As <i>Memórias do velho Vamp</i> falam de muita tiração de sarro, citam guerras de ego e baladas envolvendo outros personagens. Gente como Ronaldo Fenômeno, Romário, Vanderlei Luxemburgo e Marcelinho Carioca. O próprio Vampeta, que um dia resolveu posar nu para uma revista gay e, em 2002, deu cambalhotas bêbado na rampa do Palácio do Planalto para comemorar o pentacampeonato mundial conquistado pela Seleção Brasileira, faz questão de convidar: “Tem histórias pra caramba aqui, e as pessoas gostam de escutar. São coisas boas, que fazem sorrir. Espero que vocês também gostem”.</p>	

24	Onze anéis: a alma do sucesso	<p>O anel de campeão é o símbolo máximo da NBA. Na liga norte-americana de basquete, a conquista do anel representa chegar ao topo de um dos espaços mais competitivos do mundo. E um homem pode dizer que é o maior vitorioso da história da NBA: Phil Jackson. Toda essa trajetória é narrada agora no livro <i>Onze anéis: alma do sucesso</i>, que documenta como Jackson construiu times inesquecíveis (Chicago Bulls dos anos 90 e Los Angeles Lakers dos anos 2000), liderou mitos do basquete como Michael Jordan ou Kobe Bryant e construiu sua carreira no esporte como um técnico vencedor e um líder metódico, conquistando inacreditáveis 11 anéis de campeão. É bem verdade que Phil pode gabar-se de, na verdade, ter conquistado 13 anéis, já que vencera outros dois como jogador dos New York Knicks nos anos 70. Contando com a colaboração do jornalista e escritor Hugh Delehanty, que já o acompanhara no best-seller <i>Cestas sagradas</i>, que ganha reimpressões sucessivas desde que foi publicado pela Rocco, em 2001, Phil Jackson constrói um guia perfeito para quem se interessa pela arte de liderar grupos de trabalho, mostrando como a gestão do esporte é um bom resumo do comportamento humano em um ambiente competitivo e dinâmico. Phil destaca a importância do chamado “momento presente”, técnica de focar na tarefa a ser realizada, que descobriu enquanto estudava a meditação budista e que trouxe resultados práticos para o cotidiano de seus comandados, como o aumento do poder de concentração e a capacidade de tomar decisões rápidas em situações de profunda tensão. Ao comparar estágios de equipes de trabalho aos estágios de organizações tribais, o autor demonstra como é fundamental entender a importância do conjunto, que só é vitorioso quando os integrantes superam o processo de autoafirmação e se entregam à realização coletiva de um objetivo maior.</p>	
25	Circuito de mentiras: ascensão e queda de Lance Armstrong	<p>Juliet Macur, premiada repórter do New York Times, acompanhou durante quase dez anos a incrível trajetória de Lance Armstrong. O ciclista, que em 2006 atingiu o recorde de vitórias no exigente Tour de France, com sete títulos consecutivos, transformou-se num dos maiores párias da história esportiva após denúncias de que ele recorria ao doping para competir. Com a reputação em ruínas, abandonado pelos antigos patrocinadores e acusado de articular um grande esquema de uso de drogas para aumentar o desempenho, ele contou pessoalmente a Macur sua própria versão do caso. E a autora foi além: conversou com colegas de equipe e parentes de Armstrong e reuniu relatos de centenas de testemunhas para revelar a dimensão do escândalo que transformou o ciclismo mundial. É o furo mais impactante veio do homem que por um tempo foi o mentor de Lance e um de seus maiores amigos: J. T. Neal. Em seus últimos anos</p>	

		de vida, antes de sucumbir ao câncer, Neal deixou mais de vinte horas de gravações, em que registrou boa parte de sua experiência ao lado de Lance Armstrong, incluindo detalhes sobre o consumo de substâncias ilegais e a prática rotineira de doping.	
26	Vidas corridas	<i>Vidas corridas</i> são histórias inspiradoras, captadas e traduzidas pela habilidade e sensibilidade literária do Sérgio Xavier Filho, ele mesmo um maratonista. São relatos de nove profissionais extremamente bem-sucedidos, exemplos de empreendedorismo e de carreiras conduzidas com distinção. Pessoas que, um dia, de alguma maneira, perceberam que poderiam extrair da maratona lições e conclusões que iam muito além de vestir o traje apropriado e correr um par de horas.	
27	Casagrande e seus demônios	<p>“Demônios à solta” não são mera figura de linguagem. Eles aparecem logo no título do primeiro capítulo do livro <i>Casagrande e seus demônios</i>, tratando daqueles fantasmas que rondam a vida de uma pessoa em desequilíbrio físico e emocional. Os “demônios” ilustram bem a reviravolta na vida de Walter Casagrande Júnior, que foi de ídolo do esporte a viciado em cocaína e heroína. Casão, ex-jogador do Corinthians, querido da torcida, integrante da Democracia Corintiana junto com Sócrates, e comentarista da TV Globo, expõe sem firulas ao jornalista Gilvan Ribeiro, coautor do livro, todo o seu declínio e restabelecimento.</p> <p>Ricamente ilustrado, com um caderno recheado de fotos, a publicação tem apresentação de Antônio Prata, que se declara um admirador de Casagrande, e prefácio de Marcelo Rubens Paiva, amigo de sempre, que endossa a hipótese de que tantas coisas boas, e outras tantas ruins, que permearam a vida do ex-jogador dariam um bom roteiro para um livro. “Casão faz questão de contar o inferno que viveu quando era viciado em drogas e sua internação, pois para ele é fundamental passar adiante a experiência, dividir as dores da dependência e alertar para os perigos de um vício frenético, sem preconceitos, desvios ou mentiras. A verdade ajuda a sanidade”.</p> <p>Na publicação, Casagrande faz revelações inéditas como, por exemplo, o doping que sofreu quando jogava na Europa. Mas foi na Europa que, em quatro situações, Casagrande foi obrigado a se dopar pelo clube em que jogava. Tomou uma injeção de Pervitin no músculo. “Isso realmente melhorava o desempenho, o jogador não desistia em nenhuma bola. Cansaço? Esquece... se fosse preciso, dava para jogar três partidas seguidas”, conta. No entanto, o jogador era radicalmente contra o doping e se negou a continuar fazendo uso da droga. Foram oito anos na Europa, até ele voltar a atuar no Brasil.</p> <p>Mas <i>Casagrande e seus demônios</i>, como a carreira do próprio jogador, vai bem além das drogas. Fã de rock – especialmente de Janis Joplin e AC/DC –, é amigo de roqueiros nacionais, como Rita Lee, a</p>	

		<p>quem dedicou o “Gol Rita Lee”, no segundo jogo do Corinthians pelo Campeonato Paulista de 1982, contra o São Paulo. “O Casagrande foi o jogador e é o comentarista mais rock ‘n’ roll da história do futebol brasileiro”, diz o publicitário Washington Olivetto na quarta capa do livro. Ao comentar que o lado roqueiro fez com que muitos jovens se identificassem com o atacante corintiano, Olivetto diz que Casagrande “é o precursor de um personagem que começou a se materializar fortemente na Europa a partir do Ronaldo Fenômeno. É o que eu chamo de futpopbolista, cruzamento de jogador de bola com ídolo do pop”. Gilvan Ribeiro, que é amigo antigo de Casagrande, diz que a revolução na vida do craque “é uma história sem fim”. E que o ex-jogador “colhe os louros do nocaute sensacional sobre as drogas”, mas que ele precisa estar sempre alerta para não voltar a ter uma recaída. No último capítulo, “Casão por ele mesmo”, o ídolo rememora sua turma de amigos de adolescência, a Turma do Veneno, fala com emoção sobre a conquista do mundial do Corinthians no Japão – e sobre seu papel de torcedor durante a transmissão pela TV –, conta sobre seus fracassos amorosos – “O término de um relacionamento é um tipo de morte, em que a vida em comum deixa de existir” –, discorre sobre seu dia a dia no apartamento em que mora sozinho pela primeira vez, e afirma que ninguém deve ficar no “meio-termo”, todo mundo tem de viver por completo. Como ele mesmo faz.</p>	
28	Fala, Galvão!	<p>Galvão Bueno conta suas melhores histórias com Pelé, Ayrton Senna, Ronaldo e outros grandes atletas brasileiros, comenta polêmicas do esporte e revela segredos dos bastidores que só um ícone da televisão poderia saber. A história do esporte brasileiro se confunde com a trajetória do narrador. Vai que é suuuua, Galvão!</p>	
29	O rei do mundo	<p>Na noite de 1964, quando Muhammad Ali (ainda Cassius Clay) subiu ao ringue com Sonny Liston, ele era tido como um sujeito irritante, um sujeito que se movimentava e falava demais. Seis <i>rounds</i> mais tarde, Ali não era apenas o mais novo campeão mundial dos pesos pesados – era “um novo tipo de negro”, como ele mesmo se denominou. <i>O rei do mundo</i> reconstitui a trajetória desse lutador que ajudou a transformar a política racial, a cultura popular e a noção de heroísmo dos norte-americanos. Repleto de detalhes saborosos e fotos reveladoras, <i>O rei do mundo</i> mostra Muhammad Ali como uma invenção de si mesmo: desde o menino Cassius e sua infância em Louisville até os treinos obsessivos e a mudança de nome e de religião. Ao descrever as principais lutas de Ali, David Remnick conseguiu capturar o espírito predominante da época que marcou a grande transformação da mentalidade americana,</p>	

		<p>emabalada pela ascensão política dos negros, por conflitos morais e pela disseminação de organizações como a Nação do Islã e a Máfia. Recusando-se a assumir qualquer papel exemplar ou corresponder a expectativas, Muhammad Ali marcou uma das décadas mais intensas do século XX – um tempo em que a vida se constituía de enfrentamentos duros, dentro e fora do ringue.</p>	
30	Por um sentido na vida	<p>Se sua vida fosse um livro e você, o autor, como gostaria que a sua história terminasse?</p> <p>Em <i>Por um sentido na vida</i>, Amy demonstra que é possível permanecer forte após uma tragédia e divide uma série de princípios espirituais que mostram nosso potencial infinito de crescimento. Uma mulher notável – e uma joia de livro.” – Deepak Chopra</p> <p>“Amy Purdy é muito mais do que uma campeã olímpica. Ela é uma pioneira e um exemplo de força. Suas memórias são muito honestas e bem escritas, e me encorajam tanto quanto sua presença.” – Elizabeth Gilbert, autora de <i>Comer, rezar, amar</i></p> <p>“Amy Purdy é a verdadeira definição do que significa desafiar as adversidades. Fiquei impressionado com sua determinação, coragem e graciosidade. Tão fenomenais quanto a mulher que as escreveu, suas memórias são um presente que deve ser lido, relido e dividido com quem você ama.” – Derek Hough, autor de <i>Taking the Lead</i></p> <p>Em <i>Por um sentido na vida</i>, Amy divide com fãs e leitores de todo o mundo sua jornada, uma prova da força de vontade que reside dentro de cada um de nós e do poder que todos temos de sonhar mais alto, quebrar paradigmas e reescrever nossas histórias. Com a certeza de que o mundo espiritual lhe deu uma segunda chance para que ela pudesse usar sua trajetória para inspirar os outros, em suas memórias Amy nos incentiva a aproveitar a vida ao máximo e jamais duvidar de que somos capazes de muito mais do que jamais imaginamos.</p> <p>Sobre o autor: Amy Purdy é uma das maiores atletas paraolímpicas de snowboard do mundo e ficou famosa nos Estados Unidos ao chegar na final do reality show de dança <i>Dancing with the Stars</i>. Tricampeã da copa do mundo de para-snowboard e vencedora da medalha de bronze em snowboard adaptado das Paraolimpíadas de 2014, ela é a fundadora da Adaptive Action Sports, uma organização sem fins lucrativos que ajuda jovens e veteranos de guerra a superar suas deficiências físicas por meio da prática de esportes. Ela também dá palestras motivacionais e já participou das conferências internacionais TEDx e Pop Tech. Além disso, Amy trabalha como atriz, modelo, dançarina, estilista e porta-voz de produtos.</p>	

31	Mourinho Rockstar: as diversas faces do técnico mais polêmico do mundo	<p>“A atitude desafiante, as declarações polêmicas, a inteligência impertinente, e, sobretudo, a atitude provocadora que demonstra no banco e nas coletivas de imprensa foram alguns dos motivos pelos quais Mourinho acabou protagonizando a nossa última capa do ano.” Editorial da Revista Rolling Stone, versão espanhola, em dezembro de 2011.</p> <p>O novo lançamento da editora Grande Área, <i>Mourinho Rockstar</i> é uma coleção de grandes momentos da vida do técnico, que não deixa também de lançar luzes sobre seus maiores fracassos. Constrói-se apoiado em polêmicas, desavenças, grandes conquistas e episódios inesquecíveis para combinar os altos e baixos no temperamento do português com a sina de vitórias que parece sempre acompanhá-lo. Afinal, Mourinho pode ser o rebelde estampado na capa da revista Rolling Stone, um espírito rock’n’roll que invadiu o mundo do futebol, mas é também, e inegavelmente, um anti-herói muito bem-sucedido. Entre os personagens retratados no livro, encontram-se os grandes protagonistas do futebol mundial: Guardiola, Ibrahimovic, sir Alex Ferguson, Balotelli, Arrigo Sacchi, Cristiano Ronaldo. Muitos deles dividiram o vestiário com o técnico português e todos têm uma história para contar. As diversas faces desse personagem complexo convivem nas páginas da obra, e tentar harmonizá-las enquanto passava a limpo a carreira do Special One foi o desafio que o autor, o também português Luís Aguilar, enfrentou com categoria.</p>	
32	Lendas do futebol: histórias ligeiras de grandes ídolos	<p>Este livro eleva o futebol ao pleno equilíbrio entre a paixão e o ser. Mitos, heróis, ídolos, mas acima de tudo homens comuns com sentimentos e delírios. De forma sintética, esta obra tenta demonstrar homens cujos feitos os elevaram ao <i>status</i> de lendas.</p>	
33	A biografia de Roger Federer	<p>“Federer é algo mágico, que nunca pensei ser possível existir. É uma pessoa completamente fora dos padrões. Federer chegou a um patamar de excelência jamais visto no tênis, comparável apenas a Michael Jordan, Tiger Woods, Pelé e outros pouquíssimos mortais.” – Da apresentação à edição brasileira, de Thomaz Koch.</p> <p>Roger Federer já conquistou inúmeros torneios internacionais, dentre eles 16 Grand Slams. Um dos maiores tenistas da história, Federer é um jogador completo como poucas vezes se viu, destacando-se pelo seu elevado nível técnico, pela sua preparação mental e física quase perfeitas e por uma postura exemplar como atleta.</p> <p>Mas por que e como Federer se tornou um campeão? Quais desafios ele superou para chegar ao topo do ranking mundial? Como pensa e age? Quais os seus valores e crenças? Afinal, quem é</p>	

		<p>Roger Federer, dentro e fora das quadras? Repleto de curiosidades e detalhes até então desconhecidos do público sobre a vida de Roger Federer, este livro é surpreendente, divertido e apaixonante. Praticantes e amantes de esportes em geral e do tênis, de todas as idades, irão se emocionar, se inspirar e aprender com a saga de uma pessoa extraordinária.</p>	
34	Meninos de ouro: nove americanos e sua busca épica pela vitória nas Olimpíadas de Hitler	<p>MAIS DE 70 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO <i>THE NEW YORK TIMES</i></p> <p>É durante a Grande Depressão que começa esta irresistível história de superação e esperança: a emocionante trajetória de nove jovens humildes do Oeste dos Estados Unidos que deram ao mundo, nas Olimpíadas de 1936, uma autêntica demonstração de coragem.</p> <p>Neste livro fascinante, Daniel James Brown refaz os passos da equipe da Universidade de Washington na década de 1930, que deixou sua marca na história do remo. Ele começa descrevendo a luta dos filhos de trabalhadores braçais contra as exigências físicas, técnicas e psicológicas do esporte e seu empenho para derrotar as equipes das universidades de elite. No centro da narrativa está Joe Rantz, um adolescente sem perspectivas que rema para encontrar seu lugar no mundo. Atormentado por demônios pessoais, uma desoladora história familiar e as limitações da pobreza, Joe vê o barco de calouros de Washington como sua única chance de continuar na universidade.</p> <p>A equipe é montada por um treinador enigmático e determinado, com a ajuda de um excêntrico e visionário construtor de barcos de corrida. Mas é o inquebrantável compromisso mútuo dos rapazes que faz deles um time vencedor. Ao obter a tão sonhada vaga olímpica, eles se veem diante de seu maior desafio: disputar a medalha de ouro nas “Olimpíadas Nazistas” de Berlim, em 1936, diante do olhar vigilante de Hitler.</p> <p>Com base nos diários dos remadores e nas lembranças do sonho compartilhado, Brown criou esta obra notável – retrato de uma época, celebração de uma incrível conquista esportiva e crônica da extraordinária jornada pessoal de um jovem atleta americano.</p>	
35	A arte da guerra: cinco anos na Fórmula 1	<p><i>A arte da guerra: cinco anos na Fórmula 1</i> é o primeiro relato contemporâneo a partir de dentro da Fórmula 1 e a primeira a ser apresentada na forma de um livro em quadrinhos.</p> <p>Em seu prefácio ao livro, Max Mosley, ex-presidente do organismo que rege o desporto escreve: “Este relato da vida de Adam nos bastidores da Fórmula 1 está escrito com poucos comentários, para deixar que a própria história fale por si. Este é o primeiro relato deste tipo no esporte. Ele fascinará aqueles que acompanham de perto a Fórmula 1, mas talvez também seja igualmente interessante para aqueles que estudam o comportamento e as relações humanas”.</p>	

		<p>O autor, Adam Parr, veio de fora do desporto para gerenciar uma das equipes com maior presença e mais querida da Fórmula 1: a Williams, encontrando a equipe em grandes dificuldades, tanto dentro como fora da pista, Parr definiu uma estratégia para recuperar e a implementou ao longo dos cinco anos seguintes.</p> <p>Esses foram anos extraordinários. O esporte alargou-se de 17 para 20 corridas, adicionando eventos em Cingapura, Espanha, Abu Dhabi, Coreia e Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a maioria das equipes mudou de mãos uma vez que os maiores fabricantes de carros se retiraram em resposta à crise financeira. Entretanto, a Williams diversificou seus negócios, melhorou fortemente suas finanças e se tornou a primeira a converter-se em uma empresa pública.</p> <p>A peça final do quebra-cabeça foi voltar na frente da grelha, o que aconteceu apenas seis semanas após Parr ter deixado a Presidência.</p> <p>Os documentos de Parr tanto têm sucesso como falham com a honestidade cruel e descrevem a intensa concorrência dentro e fora das pistas o que fazem da Fórmula 1 um esporte tão extraordinário.</p>	
--	--	--	--